

PEABIRU-PR

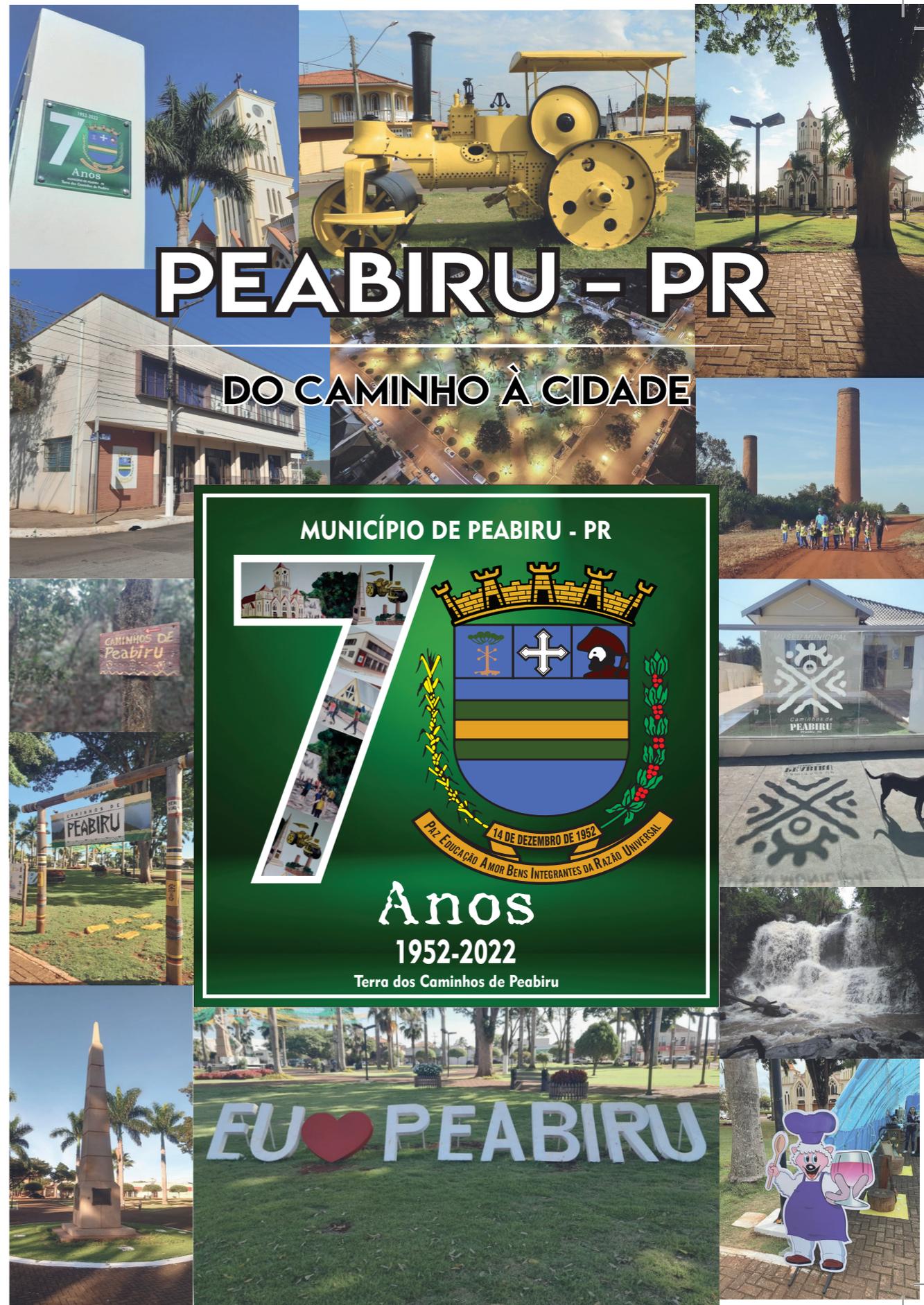
70

Anos

PREFEITURA MUNICIPAL DE PEABIRU-PR
GESTÃO 2020-2024



PEABIRU - PR DO CAMINHO À CIDADE



PREFEITURA MUNICIPAL DE PEABIRU-PR
GESTÃO 2020-2024

JULIO CEZAR FRARE
PREFEITO MUNICIPAL

BRUNO MELO
VICE PREFEITO

ARLÉTO ROCHA
HISTORIADOR RESPONSÁVEL

WASHINGTON LUIZ HENRIQUE DA SILVA
HISTORIADOR COLABORADOR

JULIANO STEPH SCARABEL
COLABORADOR

VICTORIA WIESEHFOER
PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO

PEABIRU, ESTADO DO PARANÁ, OUT/2022

PREFEITURA MUNICIPAL DE PEABIRU-PR. **Peabiru 70 anos:** do caminho a cidade. Org. ROCHA, Arléto; DA SILVA, Washington Luiz Henrique. 2022

Capa: Símbolo criado por Arléto Pereira Rocha e Juliano Steph Scarabel, com desenhos de Lourival dos Santos, estabelecido pelo Decreto n.º 75 de 02 de agosto de 2022, como símbolo comemorativo oficial aos 70 Anos de Emancipação Política do Município de Peabiru-Pr.

SUMÁRIO

PEABIRU-PR: 70 ANOS	5
QUEM ÉS TU, PEABIRU?.....	6
ENTREVISTA A PEABIRU	8
1. O MUNDO EM 1952.....	11
2. O VERÃO DE 52.....	17
3. ANTES DA CIDADE, OS CAMINHOS DE PEABIRU	21
4. O SERTÃO E A TERRA: DE 1900 A 1940	7
5. A LEI E A FÉ: PEABIRU SE TORNA UM LUGAR OFICIAL, DÉCADA DE 1940.....	5
6. NASCE UMA ESTRELA: PEABIRU, 1952	41
7. DÉCADA DE 1960: PEABIRU, CAPITAL DO PARANÁ.....	57
8. UM DIA DE CULTURA NOS ANOS 60	71
9. DÉCADA DE 1970: DO CAFÉ AO TRI: PEABIRU, 35 MIL HABITANTES	93
10. ENTIDADES DE SERVIÇOS SEM FINS LUCRATIVOS	99
11. ANOS 80: O ÊXODO RURAL E O DESTAQUE NOS ESPORTES.....	111
12. ANOS 90: GANHAMOS UM HINO E UMA FESTA	123
13. ANOS 2000: PEABIRU NO NOVO MILÊNIO, OUTROS CARNAVAIS	145
14. OS CAMINHOS DE PEABIRU COMO IDENTIDADE DA CIDADE.....	157
15. FORMAÇÃO DE NOSSA GENTE.....	165
16. INÍCIO DE NOSSA HISTÓRIA POLÍTICA	193
17. PEABIRU: OS PREFEITOS E VEREADORES NAS LESGISLATURAS	200
DADOS GERAIS DE PEABIRU-PR	271
ORGANIZADORES DA OBRA.....	283
REFERÊNCIAS.....	284

EXPOSIÇÃO

PEABIRU 70 ANOS

1952-2022



Família de Lazaro Emidio, início dos anos 1900



1900

1930



A Floresta aos poucos dando lugar a cidade

PEABIRU-PR: 70 ANOS

No fim do ano em 14 de Dezembro, Peabiru faz 70 anos.

Há milhares de anos já tinha gente andando por aqui pelos Caminhos cujo nome Peabiru, a batiza.

Índigenas, Portugueses, Espanhóis, Jesuítas, Bandeirantes, Tropeiros, Caboclos e a partir de 1900 os colonizadores modernos.

Em 1942, a planta urbana de Peabiru é traçada: em poucos anos, em 1952 já é um dos Municípios mais promissores do Paraná.

E um dos maiores em território: Umuarama, Cianorte, divisa com Guaira e Marialva, até as barrancas do Rio Paraná, tudo é Peabiru.

Imigrantes e Migrantes chegavam de todo canto: a madeira, hortelã, rami, o algodão e o café.

Pelo café, Peabiru em 1970 tinha quase 40 mil habitantes, maioria morando nas fazendas.

Em julho de 1975, a Geada Negra forçou a troca do café pelas lavouras temporárias: soja, milho, trigo

Chegamos a 1980 com metade da população de 10 anos antes: as colônias nas fazendas se esvaziaram.

Década de 1990 a menor população da história, cerca de 13 mil.

Anos 2000, Peabiru recebe os assentamentos agrários e junto com a fuga da violência das cidades grandes, população aumenta.

Hoje, com 14 mil habitantes Peabiru, como toda cidade deste porte, tem suas dificuldades e luta para ser sempre melhor.

A Perspectiva da Ferrovia cruzando a cidade, o Turismo com os Caminhos de Peabiru, o Polo Odontológico, agricultura forte, Parque Industrial e a educação para o futuro esboçam sempre para uma Peabiru melhor. Trabalhamos para isso.

E sua maior riqueza, é seu Povo, sua gente, que não para, não desiste, vai adiante, sempre, “pois para eles Peabiru não é uma cidade grande, mas é grande, no nosso Coração”.

Parabéns, Peabiru, “A Mais Linda do Sul”, 70 anos.

Município de Peabiru,
Gestão de 2020 a 2024

QUEM ÉS TU, PEABIRU?

O Município de Peabiru, emancipado em 14 de dezembro de 1952, situa-se na Mesorregião Centro-Occidental do Estado do Paraná, local por onde passava o milenar Caminhos do Peabiru. Em 2020, segundo estimativa do IBGE tinha uma população de 14.007 habitantes, destes, 80,81% estão na área urbana e 19,19% na área rural.



Situa-se numa região polarizada pela cidade de Campo Mourão, regionalizada pela COMCAM-Comunidade dos Municípios da Região de Campo Mourão, caracterizada pela produção agrícola e de pecuária.

“Peabiru”, na língua indígena tupi-guarani ***Peya Beyu***, significa: ‘Pe’(caminho), ‘abiru’(gramado amassado), “Caminho Gramado Amassado”, ou seja, o famoso “Caminhos de Peabiru”.

Possui uma área de 469,495 km² representando 0,1773% do estado do Paraná, 0,06275 da região da COMCAM e 0,00425 de todo território brasileiro. Localiza-se a uma latitude 23°54’46” sul de uma longitude 52°20’34” oeste, estando a uma altitude de 524 metros acima do nível do mar, no terceiro planalto paranaense.

Peabiru foi elevado a Município pela lei estadual n.º 790, de 14 de novembro de 1951, desmembrado dos municípios de Foz de Iguaçu e Campo Mourão, constituindo mais 3 distritos: Peabiru, Araruna e Engenheiro Beltrão. Instalou-se o Município em 14 de dezembro de 1952.

Pela Lei Estadual n.º 253, de 26 de novembro de 1954, desmembrou-se do município de Peabiru, o distrito de Araruna e Engenheiro Beltrão.

Como Comarca, instalada pela Lei Estadual n.º 1452, de 14 de dezembro de 1953. A Comarca de Peabiru abrangia vasta área da região Noroeste do Paraná. Depois ficou com Terra Boa e Araruna e hoje a Comarca engloba Peabiru e Araruna.

ENTREVISTA A PEABIRU¹

Repórter: És tu o Caminho Gramado Amassado?

Peabiru: Sim, mas de nome batizado: Peabiru.

Repórter: És também Caminho do Sertão?

Peabiru: Sim, embora haja contestação.

Repórter: E este Caminho, para onde vai?

Peabiru: Não sei, pergunte a meu pai.

Repórter: É aquele que vai lá?

Peabiru: Sim, seu nome é Paraná

Repórter: E este Paraná? Tem muitos rebentos?

Peabiru: Se não me engano, quase quatrocentos.

Repórter: Todos seus irmãos?

Peabiru: Todos, pois desta extensão,

Herdaram de mim, seu pedaço de chão.

Repórter: E este tal de Brasil?

Peabiru: Meu avô, que embora forte anda sem brio.

Repórter: Por quê?

Peabiru: Por que mesmo rico vive de bolso vazio.

Repórter: Como assim?

Peabiru: Exploração dos gringos, que até levaram para si a Serra do Navio.

Repórter: E sua riqueza, qual é?

1. Poema escrito por Arléto Rocha, membro da Academia Mourãoense de Letras e Centro de Letras do Paraná.

Peabiru: Fosse o Café. Mas não é.

É a soja de exportação, que faz do bóia fria,
o miserável da região.

Repórter: E quanto a sua história? O seu passado?

Peabiru: Pelo homem fui desbravado, e por outros explorado
Poucas as árvores que não sucumbiram ao machado.

Repórter: E os seus rios?

Peabiru: Pouca pesca, o do Campo, o da Várzea, o Arural
de mata ciliar pouco resta, um triste mal...

Repórter: Então, o que há de bom em tu?

Peabiru: Ora, a minha gente, riqueza, que faz de mim, Peabiru.

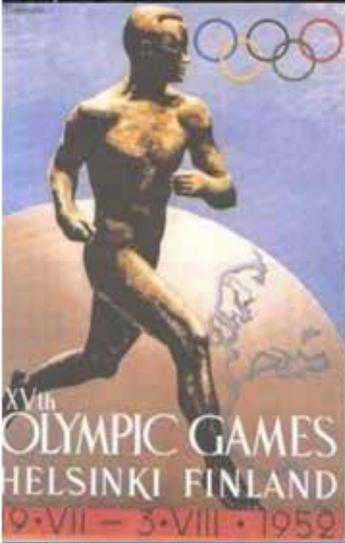
Repórter: Para encerrar, o que vai ser quando crescer?

Peabiru: Já sou grande, embora pareça não sê-lo.

Sou grande no coração deste povo

Deste povo pé vermelho.

1952 - 2022



1952



1. O MUNDO EM 1952

Nem Pelé, nem Messi, Maradona, nem CR7. A maioria nem era nascido. No ano bissexto de 1952 quando Peabiru virou cidade o melhor jogador de futebol do mundo era Ferenc Puskas, da Hungria. Foi nesse ano, após a derrota dois anos antes no Maracanã, o *Maracanaço* para o Uruguai na final da copa de 1950 que a Seleção Brasileira passou usar a camisa amarela. E as camisas nem tinham número as costas.

Em 1952, a seleção brasileira de futebol não tinha nenhum título mundial. Só foi em 1958 que chegou o primeiro título do país, quando o evento foi sediado na Suécia.

A população mundial era de 2,5 bilhões de pessoas, de acordo com a ONU. Em 15 de novembro de 2022, a população global deverá atingir 8 bilhões.

Estreava em 1952 o longa de Cecil B. DeMille “O Maior Espetáculo da Terra”, que foi o filme mais popular do ano. O filme, que arrecadou mais de US\$ 36 milhões nas bilheteiras, conta a história e a trajetória de artistas do circo “Ringling Brothers and Barnum & Bailey”.

Segundo uma classificação da revista americana Billboard, a música instrumental do compositor norte-americano Leroy Anderson “Blue Tango” alcançou o topo das paradas de 1952.

A moeda oficial do Brasil era o Cruzeiro (Cr\$), vigente de 1942 até 1967.

Durante os 70 anos de Peabiru, o Brasil mudou de moeda 7 vezes, para Cruzeiro Novo (NCr\$) em 1967, voltando para o Cruzeiro (Cr\$) em 1970, passando para o Cruzado (Cz\$) em 1986, Cruzado Novo (NCz\$) em 1989, Cruzeiro (Cr\$) em 1990, Cruzeiro Real (CR\$) em 1993 e finalmente o Real em 1994.

Na manhã de 6 de fevereiro de 1952, aos 25 anos de idade, Elizabeth Alexandra Mary se tornou a rainha Elizabeth II após o anúncio da morte do seu pai, o rei George VI. Na época, ela estava no Quênia, em uma viagem de férias acompanhada do príncipe Philip. A coroação da jovem rainha só aconteceu um ano depois, em junho de 1953, mas foi exatamente naquela manhã de fevereiro que a princesa «Lilibet», como era carinhosamente

chamada, se tornou rainha. Curiosamente no ano de 2022, aos 70 anos de reinado, a Rainha falecera.

O presidente do Brasil era Getúlio Vargas, que assumiu o governo do país por meio do voto popular em 1951. Bento Munhoz da Rocha Neto era o governador do estado do Paraná, governando até 1955.

O Presidente dos Estados Unidos, Harry Truman.

Winston Churchill era o premiê britânico. Foi Churchill que liderou a Grã-Bretanha na vitória da Segunda Guerra Mundial.

A expectativa de vida dos recém-nascidos era superior a 60 anos na Europa, América do Norte, Oceania, Japão e alguns países da América do Sul. No Brasil, a média estava em torno de 50 anos.

Jonas Salk testa a primeira vacina contra poliomielite, o DNA é fotografado pela primeira vez. As bases para chegar a lua são estabelecidas pela NASA.

Em 1952 o SuperMan nascera, ou melhor o ator Christopher Reeve, famoso pelo papel. O criador do vídeo game, o japonês Shigeru Miyamoto também nasce como também o campeão mundial o fórmula 1 Nelson Piquet. Sítio do Pica Pau Amarelo e Repórter Esso estreiam no rádio.

O Aeroporto do Galeão é inaugurado, Fulgêncio Batista toma o poder em Cuba e acontece a primeira reunião geral da ONU em Nova York. Morrem a argentina Evita Peron e o cantor Francisco Alves.

As 5 Músicas mais populares no Brasil em 1952 eram:

- 1.** Lata D'Água – Marlene
- 2.** Ninguém Me Ama – Nora Ney
- 3.** Alguém Como Tu – Dick Farney
- 4.** Kalu – Dalva de Oliveira
- 5.** Me Deixa em Paz – Linda Batista

No Rio de Janeiro em 1952, o Vasco fora campeão carioca, o Coritiba no Paraná, em São Paulo, o Corinthians.

No esporte, as Olimpíadas de 1952 foram disputadas em Helsinque, na Finlândia, cujo pôster oficial dos Jogos trazia a imagem do maior atleta olímpico finlandês de todos os tempos, Paavo Nurmi, correndo, esculpida em bronze.

Neste ano a melhor seleção de futebol do mundo era a seleção húngara liderada pelo melhor jogador do mundo Ferenc Puskas, que conquistou o título olímpico e continuaria maravilhando o mundo até perder a final da Copa do Mundo para a Alemanha dois anos depois, em 1954 na Suíça.

A Hungria, um país com apenas dez milhões de habitantes, conseguiu a extraordinária façanha de ganhar 45 medalhas nestes Jogos de Helsinque 1952, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e da URSS.

Nestes mesmos jogos Olímpicos, o tcheco Emil Zatopek conseguiu uma façanha jamais igualada, ao vencer as provas dos 5.000m, 10.000 m e a Maratona numa mesma Olimpíada, somando um total de quatro medalhas de ouro no atletismo com a conquistada em Londres nos Jogos anteriores.

Helsinque registrou a presença em Jogos Olímpicos, pela primeira vez, da União Soviética, que, por reflexo da Guerra Fria então existente, instalou-se numa vila olímpica separada.

Foi nestes Jogos de 1952 também que um brasileiro inventou a chamada “volta olímpica” após uma grande conquista.

Trinta e dois anos após a estreia do Brasil nas Olimpíadas em Antuérpia 1920 e da conquista de até então sua única medalha de ouro olímpica, o saltador paulista Adhemar Ferreira da Silva conquista em 1952 nesta Olimpíada sua primeira vitória no salto triplo e o segunda medalha de ouro do país, quebrando o recorde olímpico e mundial três vezes no processo.

Extasiados com a performance daquele gigante negro desconhecido de um país longínquo, os torcedores finlandeses aplaudiam e gritavam entusiasticamente seu nome por todo o estádio, instando-o a estar com eles.

Vagarosamente então Adhemar começou a andar pela pista sorrindo e agradecendo os frenéticos aplausos. Cada vez mais incentivado a seguir em frente pela massa que o chamava e queria vê-o de perto, Adhemar começou a trotar ao mesmo tempo em que acenava para a multidão e assim foi trotando em volta de todo o estádio olímpico.

Inconscientemente, o campeão brasileiro criava ali a chamada volta olímpica, que nos anos seguintes e até nossos dias passaria a ser usada comumente pelos campeões de todos os esportes para saudar o público após suas vitórias.

Nestas olimpíadas o Brasil teve sua primeira participação no futebol. A Seleção Brasileira de Futebol tinha Mauro, Carlos Alberto, Waldir, Zózimo, Édson e Adésio, Milton, Humberto Tozzi, Larry, Vavá e Jansen. A medalha de ouro que só chegaria em 2016, nos Jogos do Rio de Janeiro.

Neste ano foram lançadas as bases para o homem chegar a Lua.

Mas em 1952, o mundo queria chegar a Peabiru.

BRASÃO DE PEABIRU-PR



1952 - 2022

EXPOSIÇÃO

PEABIRU 70 ANOS



Os Indigenas Xetá
comendo mel.
Ao fundo, assando
um macaco nas
Terra de Peabiru-PR

até
1900



Estrada entre
Peabiru-Campo
Mourão, sobre
os Caminhos
de Peabiru-Pr



2. O VERÃO DE 52

Peabiru nascera num domingo de sol.

No segundo dia de vida do município em 1952, Silvino escolhera a melhor camisa de botões e mangas curtas pois era verão de dezembro, quase natal. A calça de tergal alinhada dispensara o paletó. Cabelos lisamente penteados, bigode aparado, olhos sempre fixos. A segunda-feira tinha a novidade de não só começar a semana mas de começar uma cidade.

Na casa em madeira, cujos barrados não eram de tinta, mas vermelhas da terra respingada das chuvas, colocara uma pequena mesa em madeira, uma máquina de escrever Remington, cadeira e abrira britanicamente as 8 horas a porta como quisesse falar ao mundo: “Bem-vindo a Prefeitura Municipal de Peabiru, estado do Paraná. Estamos aqui.

A casa que até então abrigava o rádio amador motivo de quase sangue com o povo de Campo Mourão que queriam levar para lá a força o aparelho, mas não conseguira, tinha o Rádio Telegrafista do exército Silvino Lopes de Oliveira como o primeiro prefeito da cidade.

Da porta da prefeitura em madeira dava de frente a futura praça por agora campo de futebol que aos domingos o poeirão levantava nas pelejas entre o Operário e o Comercial. Quando vinha time de Campo Mourão, o pau quebrava, briga. Trinta o Oito na cinta, só assim para o juiz apitar as partidas, se bem que a torcida também andava toda “calçada”, mas ao final, nenhum tiro era dado. Na esquina, a mercearia de Seu Ricieri Bassi.

Em volta do campo, a torcida. Teve um dia que um desavisado não prestou atenção justo naquele momento do chute, levou uma senhora bolada na cara que as pernas levantaram corpo espatifado no chão. “Quem foi o cabra que me bateu?”, Rosto avermelhado da bolada de couro duro, poeira vermelha na roupa, chapéu lá longe, três-oitão na mão. O jogo parou, avisaram que foi uma bolada, que era perigoso ficar atrás do gol e até hoje não se sabe quem chutou a bola.

Ao lado direito um pouco à frente da prefeitura ficava a igreja em madeira do austero Padre Aluísio Jacobi construída em 1948. A igreja quando entra-

va balançava todo assoalho e altar. Até que o Padre trouxera da Alemanha planta semigótica da atual igreja matriz. Na construção ao acabar a missa, havia avisos costumeiros, mas ele ordenava: “Todo mundo ajudar a carregar pedras para jogar nas valetas do alicerce” iam mulheres, homens e crianças cada um com a pedra da sua idade. As montanhas de areia, para a argamassa dos tijolos era parque de diversões das crianças. Foi nela que o criancote futuro professor Espedito Ferreira levou uma estilingada de bolinha de gude no lombo “Sai daí moleque, vai espalhar a areia”. O padre além do sermão afiado tinha a mira certa. Seu Hammerer que tinha o caminhão mais novo da cidade, fora designada por livre e espontânea pressão a baldear os tijolos da olaria para a igreja. A igreja construída seguia um Sistema Estrutural de Superfície Ativa, funcionando como os arcos, um amparando o outro arco, “empurrando” em contra força que levava ao equilíbrio, vencendo nas cúpulas, os vãos maiores. Ficou linda. Foi até 1978 para terminá-la.

À esquerda, hoje Casa da Cultura Professor Nely Pinheiro, a escola pública de Peabiru que depois passaria a Escola Rui Barbosa que daria origem ao hoje Colégio Estadual Olavo Bilac. O chão era encerado, vermelho. Um ano depois, em 1953, também teríamos Fórum ali, Peabiru era comarca que abrigaria Umuarama, Cianorte, até as barrancas do Rio Paraná. Todas contendas eram julgadas aqui, e presos vinham pra frágil cadeia em madeira do Cabo Cordeiro na esquina da hoje Av. Curitiba com Av. Vila Rica.

A Avenida Lapa que passava em frente à prefeitura, pois nem o Dr. Didio Boscardin Bello havia chegado de Jandaia do Sul para montar seu consultório, as casas em madeira se enfileiravam construídas por empreiteira, até a Av. Raposo Tavares.

A saudosa Professora Aide de Barros, filha de José Maria de Barros tinha uns cinco anos de idade, em 1950, quando saíram de Ibiporã-Pr. Pensou ela que estava saindo a passeio, pois, não via nada, como ela disse sorrindo “criança só dorme”. Chegaram a Peabiru. Seu Jose Maria de Barros já tinha vindo para o Sertãozinho em 1946. Do Rio Ivaí até o Rio Dezenove era o Sertãozinho. Veio para esta região procurando onde morar e ficou na dúvida se escolhia Peabiru ou Campo Mourão. Não gostou de Campo Mourão que era só descampado com pés de Gabirovas, deserto, um cerrado só.

Seu João Torres Sobrinho disse que “Peabiru naquela época era dez vezes melhor que Campo Mourão. Tinha gente que trabalhava de noite à luz de lamparina, fazendo a armação da casa para mudar. Batiam martelo noite e dia, não tinha hora, qualquer hora da noite ouvia o bater do martelo. As serrarias vendendo madeiras para cá e mandando para fora”.

Quando buscara família, lá em Ibiporã, José Maria de Barros passara a balsa do Rio Iváí e a pequena Aíde, só viu que chegou a de noite, como fome e sede, num lugar que não era bonito, olhando de cima do caminhão aquelas casas pareciam mais terra do que casa. Peabiru parecia de Faroeste.

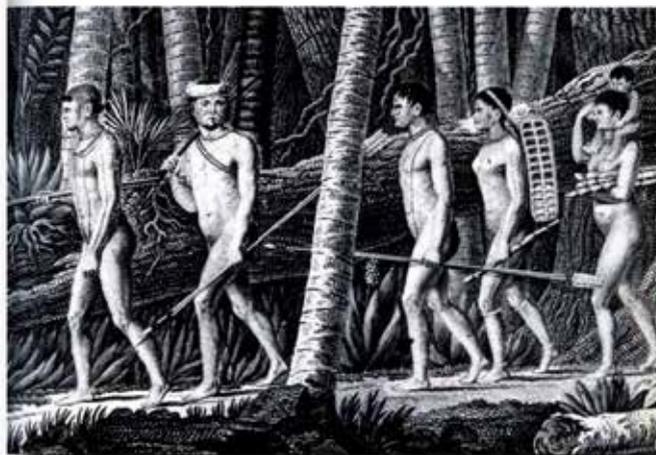
Peabiru acabava de nascer logo após a segunda guerra mundial, espremida entre a Colonização da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, ao norte; pela Madeireira Colonizadora Rio Paraná-MARIPÀ a oeste; e pela colonização da Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná – SINOP, ao sul e noroeste, esta região levou o governo a intensificar o mecanismo estatal para povoar Peabiru. Era preciso atrair os povos, para a área que outrora pelo Tratado de Tordesilhas, fora da Espanha e pelo ímpeto de Solano Lopes seria outrora, do Paraguai.

Peabiru era um formigueiro de gente, com ruas largas que persistem até hoje. A colonização vinda de Londrina para Maringá, até o fim da picada, se estenderia a Peabiru, embora sem companhia colonizadora por trás, pois para chegar aqui, não precisava de abrir a mata, já havia caminhos prontos, os Caminhos de Peabiru.

EXPOSIÇÃO

PEABIRU 70 ANOS

PEABIRU



Cruzando a cidade a qual batiza, os caminhos usados por Guarani, Xeta, Kaingang, Jesuitas, bandeirantes, novos colonizadores.

até 1900

Mapa de integração dos Caminhos de Peabiru no Paraná.



CAMINHOS DE PEABIRU ROTA PRINCIPAL E CONEXÕES

CAMINHOS DE PEABIRU NO PARANÁ



3. ANTES DA CIDADE, OS CAMINHOS DE PEABIRU

Peabiru já foi mar, gelo e deserto. Isso há milhões de anos.

Por meio de sucessivos terremotos, este deserto foi coberto por camadas empilhadas de lava vulcânica no mesozoico, cerca de 200 milhões anos atrás, que endureceram e se transformaram em rocha (basalto), a qual com vento, chuva e sol, erodiram, formando nossa terra vermelha.

Os italianos tempos depois ao virem aquela terra escura, disseram “*Terra Rossa*”, rossa em italiano “vermelha” que foi traduzida livremente por Terra Roxa. Nesta terra os indígenas transitaram, formando os lendários Caminhos de Peabiru: *Guarani, Kaigang, Xetá, Paiagua* e até os Incas. Deixaram trilhas e nestas trilhas, espanhóis, portugueses, jesuítas e bandeirantes (cruéis) se infiltraram por aqui.

Estes caminhos que cortavam a cidade de Peabiru, foram apagados pela agricultura, pastagens e urbanização. Os rios, em suas margens, devido a lei de proteção no âmbito das matas ciliares ainda são os depositários mais fiéis das marcas indígenas em tempos pretéritos.

O Professor de História Espedito Ferreira ressalta que no Município de Peabiru, nas proximidades da Mata do Eurico, em um córrego que desagua no Ribeirão da Lagoa, havia indígenas no começo do século passado que saíam dali e andavam cerca de 10 quilômetros passando pelo Rio do Campo até chegarem a margem esquerda do Rio Mourão, um rio maior que desagua dali a cerca de 30 quilômetros no rio Ivaí. Por ser um rio maior iam até lá para pescarem peixes maiores. Seu Borba me disse que os indígenas na volta trocavam peixes por melado de cana com os sertanejos. Muitas vezes os sertanejos não queriam pegar os peixes, mas os indígenas faziam questão da troca, para depois seguirem caminho de volta.

Evidencia aí a existência de moradores antes da colonização que desabilita a teoria estatal do vazio demográfico que precisava ser povoado, além, claro da presença do indígena. Por outro lado evidencia-se a existência de um caminho, pois para fazer este deslocamento nos interflúvios dos rios

era necessário uma rota.

O Professor de História Tarcísio Donatti relata que em uma área na divisa entre os municípios de Peabiru e Campo Mourão na qual funciona uma olaria, a “Olaria dos Alemães” da família, Behrendsen havia uma lagoa com uma água diferenciada e uma espécie de argila. Neste local, para extração da argila, na qual o lago desapareceu foram encontrados diversos artefatos líticos tais como machadinhas, mó de pilão, e cerâmicas como jarros entre outros. Tais artefatos se desconhecem o fim que foi dado, mas indicam que na margem daquele rio, o Ribeirão da Lagoa, no qual o lago se formou era ponto de fixação dos indígenas. Este mesmo Ribeirão cortando em sentido leste (Campo Mourão - Peabiru) abriga outros indícios da presença indígena na região haja vista que a argila tem uma qualidade diferenciada, como coesão e elasticidade propiciam a arte ceramista, tanto que a cerca de 3 quilômetros desta primeira olaria, outra olaria fora construída, mostrando aí uma certa apropriação da percepção indígena pelo colonizador no tocante a qualidade da argila.

Outra evidência da existência dos Caminhos de Peabiru se dá na fala sobre o “Paraná Espanhol” da arqueóloga do Museu Paranaense de Curitiba Cláudia Parellada, durante o I Encontro Paranaense Sobre os Caminhos de Peabiru – EPCP (2016).

Segundo a pesquisadora, a cidade espanhola de Vila Rica do Espírito Santo, hoje a cidade de Fênix/PR conecta-se com propriedade a existência dos Caminhos de Peabiru. Vila Rica do Espírito Santo no século XVI era uma cidade maior que Paranaguá e estabelecendo-se *a posteriori* como a principal cidade do estado no século XVII. Para a arqueóloga, desta feita para a existência de uma cidade neste tamanho era necessário um nível de comunicação material e imaterial em um volume considerável e tal comunicação só seria possível por meio de vias de comunicação, ou seja, o Caminho de Peabiru, caminho pelo qual se realizava o transporte, os contatos, as notícias. Tais fatos atestam não só a importância dos Caminhos de Peabiru mas por si só atestam a passagem deste nestas terras.

Na literatura foi no ano de 1639, que o Padre Jesuíta Antônio Ruiz de Montoya na obra “História da Conquista do Paraguai: Rio da Prata e Tucumam”, faz menção a um caminho com oito palmos de largura que corria pelas terras do Brasil. Não o denomina como “Caminho de Peabiru”. O nome Peabiru

provavelmente é um nome não indígena cuja terminologia aportuguesada é oriunda do falar dos índios Guarani do possível termo Peyabeyú, que na língua Guarani tem o significado de “Caminho Gramado Amassado”.

Possivelmente os Caminhos de Peabiru configuravam-se como trilhas transcontinentais que ligavam o Oceano Pacífico ao Oceano Atlântico caracterizadas por certa profundidade e seu revestimento superficial por gramíneas.

Cortavam a América do Sul Brasil perfazendo cerca de 3.000 quilômetros de trilha de oceano a oceano, entretanto repleto de trilhas no interior do continente em diversa direções.

Segundo Barros e Colavite “Algumas características o diferenciavam de outros caminhos, ao longo de seu percurso apresentava aproximadamente 08 (oito) palmos de largura, o equivalente a 1,40 metros (um metro e quarenta centímetros) e 0,40 metros (quarenta centímetros) de profundidade, sendo todo o percurso coberto por uma espécie de gramínea que não permitia que arbustos, ervas daninhas e árvores crescessem em seu curso evitando também a erosão, já que era intensamente utilizado. (BARROS E COLAVITE, 2009, p. 87).

E como esta grama era plantada no caminho?

Ao andar na mata, os indígenas protegiam as pernas com couros, envolvendo a canela contra picadas de cobras. Ao sair de manhã de uma área com gramas, estas com o orvalho colavam as sementes no couro. Lá adiante, com o sol alto, o couro molhado de orvalho secava, e as sementes caíam, replantando a grama pelo caminho.

Também havia áreas alagadiças, que eram sinalizadas por estacas, outras sinalizadas por calçamentos rústicos.

Para se locomoverem, os indígenas percorriam estas terras por caminhos, os quais seriam a “via de acesso ao interior do continente [...], rota pré-colombiana, que cortava o território paranaense [...] estendendo ao rio Paraná, atravessando os rios Tibagi, Ivaí e Piquiri, prosseguindo até o Peru e a costa do pacífico” (AGUILAR, 2002, p. 87).

Segundo Bond (2004) este provável caminho levava os indígenas Guarani

a “Terra Sem Mal” ou ao “*Yvy Marã e’y*”, permeando toda a sua vida material e espiritual. No Paraguai o caminho aparece com outros nomes, como: Peavijú, Peavirú e Tape Avirú, significando, “Caminho Batido”, “Caminho Pisado” e “Caminho Amassado”. Esta rede de diversos caminhos, serviram de meio de inserção de colonizadores europeus, jesuítas e bandeirantes pelas terras do Paraná. Dentre estes está a passagem do espanhol Alvar Nuñez Cabeza de Vaca.

Sabe-se que na área do médio Rio Ivaí e Rio Piquiri situada outrora no território do Guayrá², abriga informações históricas e arqueológicas sobre a ocupação indígena, configurando-se regiões de alta densidade de sítios arqueológicos.

A Vila Rica do Espírito Santo hoje em Fênix-PR, primeiramente foi em Nova Cantu-PR. Numa grande mudança, pelos Caminhos de Peabiru, mudou-se para a confluência do Rio Ivaí com Rio Corumbataí, passando pelo salto do Boi Coto e parte da cidade de Peabiru-PR.

Silvestre Duarte (2017) narra que este caminho passava pelo Barreiro das Frutas (Campo Mourão), Água Fria, Campina do Teodoro e Quilômetro 20 para atravessar a atual cidade de Fênix, Parque Estadual de Vila Rica e ganhar travessia na balsa para Jandaia do Sul na Corredeira da Pedra ao lado das ruínas de Vila Rica do Espírito Santo. Naquele tempo levavam os porcos tocando a cavalo até o Rio Ivaí, para pegar balsa e serem entregues em Maringá.

Depois esta rota serviu para escoar a produção de hortelã (*mentha sativa*) que depois de derrubada a mata, a terra rica em matéria orgânica era propícia ao Hortelã. Porém, como diziam os antigos “a hortelã “comia” a terra, por esgotar rapidamente seus nutrientes.

Silvestre Duarte (2017) nos diz que esta trilha era depois aparada com enxadões para passagem dos cavalos e carroções. Foi em 1952 por iniciativa

2. Guayrá foi uma grande região geográfica no Brasil meridional em grande parte coincidente com o atual estado do Paraná, que fazia parte do Império Espanhol como um território pertencente ao governo do Rio da Prata e Paraguai, até divisão em 1617, data em que foi incluída no governo do Paraguai, e foi inicialmente chamada de Gobernación del Guayrá. A palavra Guayrá vem do nome de um cacique da região chamado Guayrá ou Guayracá.

do vereador Eurides Ovídio Pereira (PR) que buscou um trator Caterpillar D7 de Curitiba e abriu de vez o caminho, que passava pelo Rio do Campo em Campo Mourão-PR, Rio da Várzea ou Mourão na área da Fazenda Souza Leão e chegava a Quinta do Sol terminando no Rio Ivaí, o qual era atravessado pela Corredeira da Barra e ganhando o norte do Paraná.

Quando Vila Rica do Espírito Santo fora atacada pelo bandeirante Raposo Tavares, muitos indígenas fugiram para as montanhas da região de Silviolândia e Salto do Boi Coto.

EXPOSIÇÃO

PEABIRU 70 ANOS



Família Padilha em sua casa entre Peabiru e Campo Mourão.

1930



Estrada sobre os Caminhos de Peabiru entre Peabiru e Campo Mourão



1952 - 2022

4. O SERTÃO E A TERRA: DE 1900 A 1940

A SAGA DOS PEREIRAS NOS CAMPOS DO MOURÃO

Era tudo mato. E olha, que mato exuberante!

No início de 1900, a região de Peabiru recebia o “homem branco” para moradia definitiva. Conforme escreve Silvestre Duarte em sua obra “Campo Mourão: da Saga dos Pereiras ao Eldorado Paraná -1897-1963”, os Pereiras depois da morte do pai numa briga por roça, saíram de Santa Cruz do Rio Pardo-SP em 1897 para tentarem a vida no Paraná.

Já no Paraná, no verão chuvoso do início do ano de 1903 Joaquim Pereira deixara a família em Pitanga-PR e partira da Serra de Pitanga junto com seu filho Ovídeo Pereira e dos amigos Herculano e Joaquim Moreira para irem atrás de uma campina, um campo aberto naturalmente no meio da mata fechada.

No picadão viajaram cerca de 100 quilômetros em dois dias até chegarem numa encruzilhada que o chão mais batido ia para o norte, para o rumo do Rio Corumbataí. Estavam próximos do grande cerrado aberto da futura Campo Mourão. Mas não sabiam.

Montaram acampamento, para descansarem e protegerem das chuvas e explorar a área em torno para ver se achavam o local planejado.

Na exploração, cruzaram um vale no qual encontraram um rio volumoso e cheio que serpenteava as terras vermelhas dali. Ao longe já avistaram as várzeas todas inundadas pelo rio de correnteza forte, nas imediações do hoje Barreiro das Frutas e Aldeia Indígena Guarani Tupã Vera’i, na divisa com Peabiru-Pr.

E batizara: Rio da Vargem.

Que queria dizer Rio da Várzea, pela inundação das águas sobre a várzea.

Este mesmo rio em 1934, o Rio da Várzea passaria a ser chamado de Rio Mourão, quando o Geógrafo Alemão Reinhard Maack descobrira que ele desaguava no Rio Ivaí acima do Salto das Bananeiras, não no Rio Corumbataí, como dizia os mapas mais antigos. E em homenagem ao donatário destas terras, Governador da Província de São Paulo Dom Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, que por sinal, nunca estivera por aqui, foi rebatizado como Rio Mourão. Mas na fala simples do povo, ficou Rio da Várzea. E até hoje usa-se este nome.

José Luiz Pereira e os filhos Ovídeo e Antônio bateram toda a área em volta. Faziam 53 dias desde que saíram de Pitanga, ainda sem sucesso e já estavam para retornar. Acompanharam o Rio do Campo a sua direita. Foi quando José percebeu uma diferença de plantas, uma transição de vegetação e ouviu o pio de uma Perdiz. A Perdiz só vive onde tem cerrado e faz ninho no chão.

Pereira, cismado com a coincidência, mandou o filho Pedro Ovídeo subir na árvore para ver onde estavam:

– Clareou tudo meu Pai!

Era a clareira. Os futuros campos do Sr. Mourão, o Cerrado que daria centro ao futuro lugar a cidade de Campo Mourão. Ovídeo subiu na árvore na parte alta, mais ou menos atrás da hoje UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná bem onde está a Vila Guarujá, comunidade rural entre a margem direita do Rio do Campo e a estrada velha do Roncador.

Pularam feito crianças abraçados na mata, deram tiros para cima, rabisca-ram a facção as cascas de palmito para sinalizarem. Chovia muito aquele começo de ano do verão de 1903.

Reconheceram a área de cerrado, que ia entre a saída para Peabiru, imediações do Parque de Exposições e do aeroporto de Campo Mourão até lá adiante no Lar Paraná, beira do Rio do Campo, quase 6 km de vegetação relicta do cerrado, em plena mata fechada de araucárias, perobas, pau d’alho. Plantaram uma roça de milho e voltaram buscar a mudança e resto da família para ali ficarem. (SILVESTRE DUARTE, 217, p.p. 38-39)

Campo Mourão nascia.

O RIO 119 E O SERTÃOZINHO

Aqui os novos colonizadores encontraram muitas trilhas feitas, vestígios dos Caminhos de Peabiru.

Uma delas vinha lá da hoje Fazenda Campo Bandeira, a margem do contorno rodoviário de Campo Mourão, passava pelo atual aeroporto e após o viaduto, ao lado do Campus da Faculdade Integrado, acompanhava a rodovia Peabiru – Campo Mourão e poucos metros adiante entrava na estrada a esquerda (sentido Peabiru) que dava ao Haras, sobre a ponte do Rio 119.

Em tempo 119 é o número de quilômetros que o agrimensor Edmundo Mercer usava para medidas: do Marco Zero, o Salto Ubá no Rio Ivaí entre hoje Manoel Ribas e Cândido Abreu até ali entre Peabiru e Campo Mourão, dava 119 quilômetros.

Nesta área do Rio 119 e Rio do Campo, havia muitos “toldos” pequenas aldeias do Índios Caingangue. Como Coelho Junior descreveu era uma terra rios límpidos (como o Rio do Campo), muitos riachos correndo sobre as pedras afloradas, com Buritis (palmeiras), pinheiros e plantas arbustivas. Hoje as águas são avermelhadas, pois a terra de plantação é levada ao rio quando chove.

Segundo Sinclair Pozza Casemiro³ todos os caminhos antigos desembocavam na área do Rio 119, onde as famílias Pereira, Viana e outras, em 1901, primeiras moradoras, construíram o Sertãozinho. Nas terras de Tomiko fundos do rio 119, ainda há marcas de um antigo caminho que ela conheceu pelos nomes de Caminho dos Índios, Caminho de Peabiru e também Caminho dos Porcos.

A Professora Sinclair Pozza Casemiro escreve que Laurindo Borges aprendeu a escrever as primeiras letras em folhas de bananeira como cadernos e veio a tornar-se, quando adulto, o primeiro cartorário de Campo Mourão.

3. CASEMIRO, Sinclair P.- Quarta Peregrinação no Caminho de Peabiru da COMCAM Micro Região 12 do Paraná - 20, 21 e 22 de abril de 2006 - Roteiro e Relatório. In: IV SIMPÓSIO SOBRE O CAMINHO DE PEABIRU NA COMCAM. MICRO-REGIÃO 12 DO PARANÁ. Editora Soepal, Campo Mourão-PR, 2006, p.68.

Desta comunidade nada restou. Pedro Joint afirmou que um “carreirozinho” que existe e ainda está visível, ladeando o asfalto, chegando ao rio 119, à margem esquerda de quem vai a Maringá, é ainda o antigo Caminho”.

Hoje vindo pela rodovia direção a Peabiru, passando a ponte do Rio 119 e outra nascente (hoje uma grande represa) no alto da subida a direita, lá está a área onde se construiu cartório, escola e igreja: o chamado “Sertãozinho”.

Seguindo esta mesma estrada em terra hoje passa-se pelo Haras Peabiru, antigo campo da Samambaia, Olaria dos Alemães, Cerâmica Peabiru, parte detrás do Pesque e Pague do Bellini, Rio do Jeca, antigo Pinheiro ou Zona do Baixo Meretrício e chega-se a hoje Peabiru pelo Bar do Baiano Macaco na Rua Afonso Dias Bastos: Caminhos de Peabiru.

Segundo Silvestre Duarte (2017) em 1916 o casal Dona Felisbina Theodoro Pereira e Bento Gonçalves Proença, que chegaram a Campo Mourão em 1909, fizeram uma promessa que se Bento Proença onde recuperasse a visão que havia perdido, ergueriam uma cruz em madeira, um Cruzeiro.

E quando passavam por um trecho do outro lado do Rio 119, ele recuperou a visão. Ergueram uma grande cruz, e ali deu as bases para a criação do Jardim Santa Cruz em Campo Mourão.

Sinclair Pozza Casemiro também relata que Pedro Joint e os irmãos Joaquim e João Viana estavam nesta primeira comunidade, que depois seguiu o atual Jardim Santa Cruz, que já floresceu com escola, cartório, venda, igreja em construções rústicas com madeiras da época, sem beneficiamento.

Logo, pode se dizer que Campo Mourão começou no Rio 119, foi ao Jardim Santa Cruz cuja capela era a matriz até a construção da Catedral São José Campo Mourão em 1943.

O SERTÃOZINHO MUDA-SE PARA CÁ

Em 25 de março de 1935, o Sertãozinho mudava-se para a futura Peabiru.

Hoje, Distrito de Engenheiro Beltrão 20 quilômetros adiante da primeira Sertãozinho no Rio 119.

Foi uma leva de moradores que procuravam novas terras para plantarem. A margem do Rio Claro, hoje a margem da Rodovia entre Peabiru e Engenheiro Beltrão, a Sertãozinho se estabelecia.

O Sertãozinho começou a intensificar seu povoamento a partir de 1940/1941, com a vinda das famílias de José Silvério, Manoel Andrade, José Rios, Américo Pereira Pinto, Francisco Lazaro Moraes (Lazinho), João Xavier Padilha, O Coronel Padilha e seu filhos Norberto, Antônio, João Maria e Antenor, Também, por Lindolfo da Cruz, João Muller, Stanislaw Teodoro Dutra, Waldomiro Pstuski (Bicurte), João Francisco, Manoel Francisco, José Maria do Nascimento, Antônio Manoel do Padro, Conceição Caldeira, Sebastião Caldeira, Bernardino Dutra Pereira, Alfredo Aranha, Cândida de Nascimento (Dona Candinha), Maria Francisca de Jesus (Maria Inácia), Eduardo Galeski, Narciso Simão, Vinicius Vecchi, Alfredo Ferreira, Armindo Sartorelli, José Couto Costa, Emídio Bueno Domingos Camargo Ribas, Ernesto Mateus e João Mateus Tavares, Américo Pereira Pinto, Pedro Luiz Pereira, Alfredo Aranha, João Xavier, Joaquim Viana Pereira, Eduardo Galesky, Ambrósio Senger, João Muller, Cláudio Silveira Pinto, João Pedro Senger, Sebastião Inácio de Faria, Eugênio Alves, Alberto Pereira, Joaquim Antonio Bueno, Dalvino Batista Guimarães, José Bueno, Pedro Justino de Oliveira, Alfredo Ferreira, Toufic Said Sati, Francisco Sultowsky dos Santos, Goro Notoya, Família Albuquerque, Romeu Trenzani, Julio Regis, João Matheus, Ladislau Floutka, José Alves de Melo, Armindo Sartorelli, José Custódio da Silva, Genésio Marino, Francisco Peixoto Lacerda Werneck, Juvenal Portela, Vadico Barbosa, Waldemar Rothe, Narciso Simão, Braz Rodrigues da Costa, Abilho Postali, Nicolay Maconhon, entre outros.

Estes, segundo Sinclair Pozza Casemiro, logo se fizeram conhecer como “gente do Sertãozinho” e, por serem pessoas de prestígio, acabaram por influenciar na denominação local.

Grande parte já estava por aqui, em outras áreas como, Joaquim Viana que veio para cá em 1905 na Colônia Mourão e Francisco Lázaro Emídio de Moraes (Lazinho Emídio) que chegou à região em 1911 com os irmãos Sebastião Inácio e José Maria e o cunhado Bernardino Dutra Pereira.

MORADORES NA MATA DO EURICO E RIO CLARO

A Mata do Eurico é uma reserva de floresta particular entrecortada por uma antiga estrada rural distante cerca de três quilômetros do centro do Município de Peabiru e nove quilômetros do centro do município de Campo Mourão.

Eurico vem de Eurico Humming, nascido em Campinas-SP em 1914, falecido em Peabiru-PR em 2002. Esta área de reserva florestal fora mantida por ele e hoje é preservada pelo seu filho, o agricultor e ex-delegado da polícia civil Nelson Max Humming nascido em Londrina.

Seu Eurico Humming chegou a área em 1959 e batizou a Fazenda como Santa Margarida. Trabalhou com a pecuária até 1997 e depois partiu para a agricultura. Eurico Humming falava fluentemente alemão, era tradutor e foi o primeiro enfermeiro da cidade de Paranavaí-PR. A “Mata do Eurico” em Peabiru-PR leva seu nome até hoje.

E foi ali, nesta área, que obviamente não se resumia à área de hoje, era muito, muito maior, que a história de Peabiru, tem sua vida inicial.

Foi na Revolução de 1924, quando vieram rumores que revolucionistas de 24 chegariam a região, Lazinho e família soltaram os animais e viveram morar nas terras de Peabiru, pois soubera por um índio que havia uma região rica em águas, o hoje Mata do Eurico e Rio Claro. Vieram para cá.

Segundo Silvestre Duarte (2017, p. 143) “o grupo permaneceu escondido em barrancas na beira do Rio Claro até o fim da revolução, E esposa de Lazinho, Francisca Silvério de Moraes, que estava grávida, não pode esperar-

-deu à luz a uma criança no acampamento, Ana, a segunda filha de Chica, foi batizada por Maria Inácia, que fez o parto.

Ressalta a família, que Lazinho vinha caçar catetos no hoje centro de Peabiru, por ser região mais alta. Os Boriças, mais tarde, diziam que área boa de caçar era onde está o atual Colégio Estadual 14 de Dezembro. Uma região de drenagem que recebia águas das partes mais altas, como um pântano. Tanto que as casas sentido Baiano Macaco, todas tinham pequenas pontes para os moradores saírem de casa e alcançarem a rua. Uma ponte particular para cada.

Neste alagado, os animais vinham beber água e logo era ponto de caça, usado pelos índios e não à toa margeando a atual Avenida 14 de Dezembro, rota dos Caminhos de Peabiru em direção a Campo Mourão. Dona Rosa de Seu Lazinho diz que um dia voltando da novena a noite, criança ainda, deu de cara com uma enorme onça sobre a árvore. Estava cevada, para comer as criações. Um susto.

Nas terras da Futura Peabiru, pontos outros do município já havia famílias morando, como Dona Candinha entre tantos, espalhados pela região do "Mato do Eurico", Rio do Campo e Venda Branca. Mangueiras de troncos grossos (que não é uma árvore da região) indicavam que ali já estavam há muito tempo, com pequenas lavouras e criação de suínos.

Seu Pedro Alves, filho de Dona Candinha disse que a "mãe falava que meu pai e Tio Eugênio levavam "porco tocado" para ser vendido lá em Guarapuava. Saía de Peabiru com os porcos e se ficasse algum perdido, não precisava ir atrás, daqui a pouco ele acompanhava, pois não tinha para onde ir, batia de atrás do vestígio dos outros. Chegavam ao meio do mato, dormiam, e os porcos dormiam atrás. Saía daqui para vender os porcos e comprar açúcar e sal, que era o que eles mais compravam. A cidade maior mais perto era Guarapuava, que era o lugar de comércio.

1952 - 2022

EXPOSIÇÃO

PEABIRU 70 ANOS



PEABIRU, em 1952 era a maior cidade do Paraná em território. Em segundo Campo Mourão, 3º Guarapuava, 4º Pitanga

1930/1940



A madeira deu lugar a Hortelã depois ao rami, algodão, café, soja, milho e trigo.



5. A LEI E A FÉ: PEABIRU SE TORNA UM LUGAR OFICIAL, DÉCADA DE 1940

Lá fora a Segunda Guerra Mundial estourava.

Pouco se sabia aqui nos sertões, sequer rádio amadores tinha, quanto mais rádios. Nada se sabia ao certo do mundo.

O Engenheiro Sady Silva de tanto ouvir falar dos Caminhos de Peabiru e de ver as picadas na mata quando fez o estudo para a nova povoação entre o Primeiro Sertãozinho (no Rio 119) e o segundo Sertãozinho (onde hoje está, em Engenheiro Beltrão) batizou o novo núcleo de: Peabiru.

Há de se lembrar, que em 1943, o presidente Getúlio Vargas criou o Território do Iguaçu, que abocanhava parte de Santa Catarina, Mato Grosso do Sul e Paraná. O objetivo era ocupar diretamente regiões fronteiriças de reduzida densidade demográfica, com poucas cidades e baixa presença do poder público. Mas no fundo, sendo área de fronteira, era ponto estratégico aos Aliados na Segunda Guerra, além de que havia paraguaios, argentinos, ingleses, franceses, todos morando por aqui. Hora ou outra alguém poderia requerer a região. A se situar, Peabiru em 1943 era chão e mato. A área estava ameaçada. Assim o Território do Iguaçu (que durou apenas 3 anos) desmembrou parte da região de Guarapuava, que do Estado do Paraná abrangia as proximidades do Rio Ivaí, Piquiri e Paraná com a futura Peabiru no meio.

Um pouco antes, entre 1940 e 1941, o Interventor Federal Manoel Ribas já havia distribuído “posses” de terras por meio do Departamento de Geografia, Terras e Colonização do Estado do Paraná. Assim o Doutor Sady Silva, Chefe da 5ª Inspeção de terras, do Departamento de Geografia, Terras e Colonização do Estado do Paraná iniciou perto da Colônia Mourão, esta pequena vila.

Olhando a trilha dos índios, que serviu a espanhóis, portugueses, jesuítas, bandeirantes e outros homens brancos como caminho, batizou a nova

área com o verbete Tupi-Guarani, *Peabeyu*, que entre vários significados, quer dizer “caminho gramado amassado, caminho de ida e volta do sertão”.

Peabiru acabava de nascer Logo após a segunda guerra mundial, espremida entre a Colonização da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, ao norte; pela Madeireira Colonizadora Rio Paraná-MARIPÀ a oeste; e pela colonização da Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná – SINOP, ao sul e noroeste, nesta região que levou o governo a intensificar o mecanismo estatal para povoar Peabiru. Era preciso atrair os povos, para a área que outrora pelo Tratado de Tordesilhas, fora da Espanha e pelo ímpeto de Solano Lopez seria outrora, do Paraguai.

Em 1946, eis as nomeações estatais para a organização da cidade: Ernesto e João Matheus coordenados por Júlio Regis na abertura do sítio urbano; Cezinando Ribas, Guarda-florestal e Administrador da Colônia, auxiliado por Júlio e Osvaldo Carneiro; Silvino Lopes de Oliveira, como Sargento radiotelegrafista da Força Pública do Estado e o Dr. Daniel Portella, médico.

Em 1947 quando Sady Silva percebeu que o novo povoado estava estabelecido, voltou a Curitiba, deixando-o em seu lugar frente à Inspetoria de Terras, o Pracinha Genésio Marino nascido em Paranaguá-PR, filho de Alexandrina e Guilherme Marino. Genésio era casado com Paulina Thiorne e teve os filhos Marlene Maria e José Mauro, conhecido como “Maurinho”, bom jogador de futebol. Genésio lutou na Segunda Guerra Mundial, pela FEB-Força Expedicionária Brasileira, em Monte Castelo e Montese na Itália, sendo condecorado por “atos de bravura e heroísmo defendendo a pátria”. No lugar de Sady ficou até 1974, nesse meio tempo foi suplente de delegado por 6 anos e delegado por 4 anos.

Em 06 de janeiro de 1.948, no local indicado por Cezinando Ribas, Claudio Silveira Pinto instalou o “Cruzeiro”, símbolo do cristianismo e naquele tempo indicava o início do povoado, sob os olhos do Padre Aloisio Jacobi (Aluísio Giacobbe), Missionário da Congregação do Verbo Divino.

Peabiru tinha Lei, e tinha Fé. Aspectos que designavam como oficial, uma nova localidade.



1942 - Local onde hoje se encontra a Prefeitura de Peabiru.
Na fotografia: família Albuquerque, Rômulo Trenzani e Cláudio Silveira Pinto.



1943 - Chegada do primeiro automóvel.



PEABIRU, 1948: Área da Praça Central. Foto tirada em expedição oficial.
Exuberância da Floresta Ombrófila Mista como pano de fundo.
(Acervo: Prof. Bigarella/Prof. Edson Yokoo).



**Família Jungues
chega a Peabiru**



DÉCADA DE
1940



**Primeira Missa na Propriedade dos
Boritz, rezada pelo Padre Aluizio Jacob**

**Com os
mesmos
70 anos
de Peabiru-Pr
a Igreja
Luterana**



**A Banda da
Igreja
Assembleia
de Deus**



A CONSTRUÇÃO DA PRIMEIRA IGREJA

A grande Cruz em madeira do Cruzeiro fora fincada no meio da atual Praça, onde está o obelisco. Fincado o Cruzeiro em 06 de janeiro de 1948 era hora de construir a Igreja do povoado. Montou-se a “Comissão Pró-Construção da Igreja Católica” formada por Conceição Caldeira, Juvenal Portela, Valdemar Portela, Deamiro Portela, Narciso Simão, Vadico Barbosa, Braz Rodrigues Costa, entre outros.

Qual o local?

Escolheram cerca de 50 metros a esquerda do Cruzeiro, no local hoje que está vazio e serve de estacionamento da paróquia, entre a atual igreja católica e o Colégio São José, frente ao Salão Paroquial.

Mãos à obra, serraram as madeiras, a comunidade ajudou e seis meses depois, em 24 de junho de 1948 era inaugurada e rezada a primeira missa no quadro urbano da cidade, de forma oficial pelo Padre Aloisio Jacobi que já estava na região desde o início da década de 1940, atendendo a região em seu cavalo ou jipe, desde Pitanga até o Sertãozinho (ia até o Rio Ivaí).

Peabiru tinha sua capela.

Mas antes da inauguração na missa oficial na nova igreja, o Padre Aluisio já havia rezado de fato a primeira missa em Peabiru, na Chácara dos Boriça (Boritzza) a beira do Rio Agrião (altura do Posto Policial da Balança na BR sentido Maringá, a esquerda).

Antes também Padre Aluísio construíra a Igreja de Campo Mourão, e anos depois construiria as Igrejas de Engenheiro Beltrão e Barbosa Ferraz.

6. NASCE UMA ESTRELA: PEABIRU, 1952

Peabiru estava famosa no Brasil inteiro no início daqueles anos 50.

Famílias que tinham vindo para o Brasil fugidas da Guerra na Europa e Ásia chegavam pelo Porto de Santos, pelo Rio Grande do Sul e Santa Catarina e logo ouviam falar de um lugar de terra fértil, vermelha, de muitas águias e madeira.

De todos cantos brasileiros, brasileiros e imigrantes afluíam.

Peabiru era um formigueiro.

No ano de 1945, o patrimônio de Peabiru contava com grande número de estabelecimentos comerciais, serrarias, posto de gasolina, farmácias e já fazia por merecer sua elevação no distrito administrativo.

Segundo a Revista Peabiru, de 1979, eis os primeiros de Peabiru em cada área: Posto de Gasolina: José Maria de Barros; Serraria: Santa Maria Gava e Filhos; Dormitório: do Manoel Mendes; Alfaiate: Noé Ramalho; Alfaiataria: Abilho Postali; Farmacêutico: Waldemar Rothe; Farmácia instalada: Santa Gema de Rogi Miguel Jorge que trabalhava com seus irmãos Aniz e Jofre; Padre: Aluízio Jacoby ou na pronúncia original, Aloísio Giaccobbe que celebrou a 1º missa em 24/06/1948; Médico: Dr. Daniel Portella; Ferreiro: Nicolay (Nicolau) Macohon; Vereadora: Elza Sartorelli; Auto Elétrica: José Limberg; Banco: Banco Mercantil Industrial do Paraná-Bamerindus com o primeiro gerente Hildebrando Camargo; Hotel: Hotel Peabiru do Governo do estado; Hotel Particular: da Família Konstansky; Delegado: Alcides Piniheiro de Souza; Diretora de Grupo Escolar: Nalim Duarte; Professores: Eolina Carneiro, Nenê Farias, Jurinda Portella e Nilce Simão; Balsa do Rio Ivai: Waldomiro Bicurt; Juiz: Jorge Andrigueto.

O sucesso da iniciativa foi tamanho que sem ser distrito da Colônia Mourão, em 1951 passou à categoria de município autônomo, sem que houvesse passado por Distrito, no dia 14 de novembro de 1951, pela Lei Estadual n.º 790. e a Comarca em 1953. Fomos até as barrancas do Rio Paraná. As pen-

dengas judiciais de todo o noroeste do Paraná eram resolvidas por aqui. Contava nos anos sessenta com cerca de 30 mil habitantes.

A CHEGADA DAS FAMÍLIAS

Av. Vila Rica sem asfalto, aquele “poeirão” que não se via nada, era chão.

Seu João Torrres Sobrinho diz que “Peabiru naquela época era dez vezes melhor que Campo Mourão. Tinha gente que trabalhava de noite à luz de lamparina, fazendo a armação da casa para mudar. Batiam martelo noite e dia, não tinha hora, qualquer hora da noite ouvia o bater do martelo. As serrarias vendendo madeiras para cá e mandando para fora.”

Segundo Aristides Bittencourt, para chegar em Peabiru, “Parávamos somente para beber água, comer alguma coisa, e era assim. Nós chegamos ao Rio Ivaí e atravessamos na balsa. Foi quando eu fui buscar a mudança que estavam fazendo uma pontezinha de madeira no Ivaí. Fizeram um metro só longe da água, a primeira enchente que deu a carregou embora (risos). Quando eu passei a minha mudança na pontezinha eles estavam acabando de roçar a beira, a saída para cá.”

Quando foram iniciados os trabalhos de demarcação dos lotes urbanos e rurais, foi grande o fluxo de compradores dos mais distantes pontos do país.

A rodoviária em madeira bem onde hoje está a praça central na Avenida Raposo Tavares recebia gente de todo canto. Aide de Barros, filha de José Maria de Barros, relata que quando chegou a Peabiru tinha cinco anos de idade, e “de repente saímos de Ibiporã. Pensei que estava saindo a passeio, pois, não vi nada, criança só dorme. Chegamos a Peabiru. Descobri então que o pai em 1946 veio para o Sertãozinho. Do Rio Ivaí até o Rio Dezenove era o Sertãozinho. Veio para esta região procurando onde morar. Mudamos para em cá em 1950. Ele esteve por aqui em 1946. Aí ele ficou em dúvida se escolhia Peabiru ou Campo Mourão”

A saudosa professora esposa do professor Toniquinho continua ressaltan-

do como Peabiru estava à frente de Campo Mourão. Aide relata que “meu pai, José Maria de Barros não gostou de Campo Mourão que era só des-campado com pés de Gabirovas, um deserto, um cerrado só. Eu não fiquei sabendo de nada. Sei que cheguei a um lugar que não era bonito, de noite, com fome, sede. Aquelas casas pareciam mais terra do que casa e meu pai já tinha arrumado tudo. Mandou os três filhos na frente. O Nelson era rapaz de 14 anos, já para trabalhar no posto de combustível, pois o posto já estava aqui desde 1949, parecia de Faroeste, onde hoje é frente do prédio do Ceconello (esquina da Raposo Tavares com Rua João Pereira dos Santos) e depois destruiu o postinho e construiu outro posto, o qual é o prédio que foi a Vesbalar”.

Seu Pedro Alves filho de Dona Candinha lembra-que “as casas da cidade de Peabiru eram cobertas de tabuinhas, cercadas de ripão, tirada do mato mesmo. O chão era chão mesmo, daí pegava estrume de vaca e passava e ficava durinho o piso. Nossa casa era deste jeito: fogão a lenha, no rumo da porta onde colocava um pau de 5 ou 6 metros e daí ia empurrando, pois era um fogão feito de terra e com dois buracos para pôr a panela. ”

Walter Campanelli que veio de Mirandópolis, noroeste do Estado de São Paulo após servir o exército veio visitar sua irmã junto com seus pais em 1951, a irmã Caccilda Tezelli e ela insistiu para ele ficar aqui.

Segundo Walter “Eram cinco mulheres e somente eu de homem nos filhos, pois nossa família eram em doze pessoas, mas seis morreram novo. Quando meu pai voltou lá em Mirandópolis, vindo daqui de Peabiru, contou a história de Peabiru, que estava em grande progresso. Naquela época, Peabiru tinha 35 mil habitantes, era a época do café, e meu pai se entusiasmou com isso, com aquele grande movimento. Tinha tanta gente, tínhamos aqui seis hotéis. Tinha o Hotel São Luiz, o Restaurante do Verdadeiro, que era freguês de nosso açougue. Hotel do Manelão. Do Seu Luiz Coimbra, lá embaixo, o Hotel Coimbra, que tinha as filhas todas professoras. Tinha o Hotel Central na esquina, que era do Seu Arlindo. Hotel do Norte da Dona Leocádia. Dormitório Peabiru, do Afonso Dias Bastos. Dormitório Monte Azul do Cirilo Macedo (pai do futuro Deputado Federal, Osvaldo Macedo) ”.

O movimento que Peabiru entusiasmou tanto o pai de Walter, que ele insistiu:

– Vamos para lá, filho?

– Não pai, não vou não. (Era muito apegado a mãe!)

Mas o convenceram a vir. Walter chegou de vez a Peabiru-Pr em 05 de maio de 1952 e demorou três dias para chegar aqui. “Pegava o ônibus em Valparaíso-SP, ia até Presidente Prudente na divisa com o Paraná. Daí pegava outro ônibus para chegar a Maringá. Dormia em Maringá e noutro dia chegava a Peabiru, tudo chão, sem asfalto. Quando chovia você tinha que empurrar o ônibus. Cheguei a Peabiru. Conheci o Augustinho Vecchi, foi o primeiro amigo que tive aqui. Ele trabalhava com o tio dele, o Vinício Vecchi, da Casa Catarinense. Gostei de Peabiru”.

O taxista João Miranda tinha um fusca e um Jeep que eram táxi, antes de ter o bar na Av. Curitiba, onde também fora proprietário do Hotel Miranda, pois a terra vermelha de Peabiru, com poucos asfaltos, para ser taxi tinha que ser veículo que passasse pelos atoleiros e barros das estradas urbanas e rurais: o Jeep era o veículo ideal para isso.

João quando a chegou em Peabiru dormia ao relento no meio das roças de café. Peabiru era terra de chão batido, os postes eram de madeira, havia poucos comércios naquela época. Havia o comércio do Júlio Bassi, as Casas Princesas onde hoje está instalado a Loja Peabiru Móveis na Av. Raposo Tavares; havia a Casa Rosa que ficava no meio da quadra do Bar Vera. João foi taxista durante muitos anos.

Já Seu Manoel da Purificação nos diz que quando chegou em Peabiru ainda não funcionava a Serraria dos Bananas lá embaixo, dos Arambul Maldonado: o pai Vicente Arambul Maldonado, o Osvaldo, o João, o Toninho, o Raul, Maria, Gurina e o caçula, falecido José.

Seu Manezinho sublinha que “o apelido “Banana” veio num jogo de futebol, que não sei qual foi o primeiro deles a ser apelidado. Aí ficou. O Toni, o João e Osvaldo jogavam no time da cidade. O Osvaldo era goleiro, o Toni e o João eram no meio campo, bom de bola eles. Naquela época não tinha diversão: era futebol, cinema e algum baile no sábado. Não tinha televisão. Rádio nem todo mundo tinha. Poucos tinham. Quando cheguei aqui era rádio daquelas pilhas grandes, enorme, de 90 volts. Ninguém tinha, pois o rádio custava muito caro. A luz era a motor, apagava às 10 horas”.

João Torres Sobrinho ainda lembra da história de José Izabel, contada por ele mesmo pois tinham muita amizade. José uma vez foi a Maringá com seu Ford 1947. Choveu muito e na volta, na saída de Maringá, encheu o tanque com bastante gasolina para chegar a Peabiru. A estrada era de chão. Chegando na descida do Mamão (próximo a Floresta-PR), quase acabando a descida, a enxurrada fez uma valeta na estrada, atravessada. Ele entrou devagar e depois não saiu mais. O carro encalhou.

Com o tanque cheio, começou a vazar gasolina.

O problema é que a gasolina vazando dali do carro misturava com a água da enxurrada e seguia até cair numa valeta lá embaixo, no fim da descida. Ele tinha um carona e o cara aquele dia riscou um fósforo para acender o cigarro e jogou o palito lá embaixo, na valeta, onde a água estava caindo com gasolina. O fogo pegou na valeta e veio de volta como num rastro de pólvora: só deu tempo de tirar o revólver e os documentos do porta luva. Queimou o carro.

Há também o relato dos Senger que saíram de Concordia, Santa Catarina em 1950 e viajaram por sete dias de caminhão, dormindo na estrada, indo por estradas fechadas e pontes perigosas até chegaram a jovem Peabiru. Aqui, Seu Olavo Senger ajudou na construção da primeira Igreja Luterana e na obra da Igreja Católica. Carmem Senger relata que “Peabiru era tudo mato. Primeiro fomos morar no sítio do avô. Não sei bem, fomos morar lá perto do Rio Saltinho. Depois viemos para a cidade”.

Ela relata que foram sete dias de viagem de Santa Catarina até aqui no Peabiru em estrada de chão, passando pela região de Pitanga, uma estrada estreita e muito perigosa, principalmente em pontes de tábua. Na viagem de noite acampavam para dormir e no outro dia seguiam viagem. Era muito mato e perigoso. Tinha aqueles homens com facão na cintura. Quando saíram de Santa Catarina trouxeram bastante mantimentos para comer na viagem. Quando o pão acabou encontraram uma casa que tinha aqueles fornos de barro e pediram se podiam fazer pão. Como ela diz “Os donos consentiram, a mãe e a tia fizeram o pão. O pai e tios fizeram uma fogueira no pátio ficaram tocando violão e cantando música sertaneja. Foram dormir no outro dia arrumaram as trocas para seguir viagem”.

Mas quando foram pegar o saco com o pão, cadê o pão? Roubaram tudo.

Saíram sem o pão ficaram com fome até encontrar um boteco para comprar pão. “Quando anoitecia acampavam na beira de estrada ou um terreno para dormir. Mas estavam contentes felizes apesar dos perigos, era muito frio, foi naquela época que deu aquela geadada brava.”

1953: PEABIRU COMO COMARCA

A Comarca se estabelecia na designação do Primeiro Juiz de Direito Jorge Andrighetto e Dr. Alceu Mendes da Silva como primeiro promotor público. Em breve Eolina de Paula Xavier, escritã engrossaria o caldo da Justiça Oficial local.

A Comarca de Peabiru abrangia vasta região do Paraná, Umuarama, Cianorte, Rondon até as barrancas do Rio Paraná. Com o tempo, foi desmembrando e hoje responde por Peabiru e Araruna. Anos depois, ainda vem pessoas tratarem de assuntos imobiliários em Peabiru, devido a extensão da Comarca outrora.

Todavia, era necessário abrigar de forma mais confortável os juizes que por aqui passavam. Para tal foi construído no início de 1956 a casa em alvenaria, residência, em estilo colonial, que assim serviu até 2007 como casa dos juizes. A última Juíza de Direito a morar na foi a Meritíssima Dra. Diocélia da Graça Mesquita Fávaro, hoje aposentada. A partir de 2007, a casa passou a ser sede do Museu Municipais Caminhos de Peabiru.

A questão dos registros de nascimentos e óbitos mostra de forma objetiva o estabelecimento da Comarca.

A primeira pessoa registrada em Peabiru foi Marta Gonçalves Lopes, nascida em 7 de maio de 1954, meses depois da criação da comarca de Peabiru, criada em 14 de dezembro de 1953, pela Lei nº 1.542. Ela visitou recentemente o Museu Caminhos de Peabiru, acompanhada do esposo, Joel de Souza Vilela, e atualmente morando em Cuiabá, Mato Grosso.

Quanto aos óbitos, faz necessário observar o estabelecimento dos cemitérios oficiais em Peabiru.

O Primeiro, provavelmente criado após 1942 quando já se tinha um número considerável de pessoas por aqui e o segundo, o atual cemitério na Rua Maria Helena Bassi perto do Conjunto Verdes Campos.

Não há registro de cemitérios nas comunidades rurais e sabe-se que lá atrás, no sertão, os falecidos eram enterrados na mata.

O primeiro Cemitério Municipal funcionava no alto da Estrada da Laranjeira, hoje, cerca de 1 km a frente do Aterro Sanitário, no plano e alto, entre o Córrego do Agrião e Rio Claro. Descendo um pouco em direção ao Córrego do Agrião na propriedade dos Boritza, fora rezada a Primeira Missa em 1948, talvez por isso o Cemitério fosse perto. Também, a antiga estrada da Laranjeira era uma das poucas ligações, talvez a única, ao Distrito do Sertãozinho e contato com o mundo afora. Cemitério ao lado da estrada principal.

Segundo relatos, até 1970 havia catacumbas e cruzeiros, embora já fechado.

Ao lado do cemitério começou a funcionar o Aeroporto de Peabiru, chamado de Campo de Aviação, devido ser num ponto alto e plano da cidade. Relatos dizem que o aeroporto funcionou até os anos 70 (mas carece de confirmações). Dizem que foi dinamitado, para evitar a entrada de armas na região, tempo de grilagem de terra e muitas mortes.

A inauguração do Cemitério atual não se sabe a data ao certo (se você souber, nos fale). Segundo algumas fontes pode ter sido em 1954, com a criação da Comarca, uma vez que o primeiro sepultamento registrado em Peabiru data de 22 de agosto de 1954, da pequena Regina Célia Soares, que falecera aos 1 mês e 23 dias de vida em casa vitimada pela. Pneumonia. Veja a Cronologia:

14 DE DEZEMBRO DE 1953 - Peabiru passou a Comarca em pela Lei Estadual n.º 1.542, ou seja, um ano depois de ser município.

23 DE NOVEMBRO DE 1953⁴- Morre Ricardo de Souza Rocha, de 66 anos, marido de Albertina de Souza Rocha e pai de Joana, Sebastião e João (16 anos) sendo enterrado em Roncador-PR

16 DE AGOSTO DE 1954 – Nesta data, oito meses depois da morte, Ricardo

4. Agradecer ao Servidor da Prefeitura de Peabiru Idinelson Fernandes e o Cartório de Registro Civil de Peabiru-Pr pelo auxílio nas informações.

fora o primeiro falecido a ser registrado na Comarca de Peabiru. Por que fora registrado quase um ano depois de morrer, não se sabe! O segundo óbito registrado em Peabiru-PR foi de João Bognar. enterrado em Maringá.

22 DE AGOSTO DE 1954 - Primeiro sepultamento registrado em Peabiru, da criança REGINA CÉLIA SOARES, filha de José Soares e Josefina Soares, que vieram do Sitio Bananas em Guarapuava, e segundo laudo do Dr. Didio Boscardini Bello, a pequena criança falecera em casa, de pneumonia (agosto, inverno e tempo seco).

EXPOSIÇÃO

PEABIRU 70 ANOS



A Avenida Raposo Tavares



DÉCADA DE
1950

1952-2022



Jorge Laos de Andrade e a riqueza agrícola de Peabiru-Pr

OS SORVETES DOS COUTO COSTA

Se Pedro Alves conta nos que “Trazia leite para uma sorveteria que tinha na esquina do turco, e vendia uns leites picados por aí. Depois na esquina do Bar do Gordo tinha a sorveteria do Zé Couto (esquina da Av. Vila Rica com Av. Raposo Tavares), onde levei leite por muito tempo. Nós acabávamos brigando por causa dos meninos dele, que gostavam de andar no meu cavalo. Eu apeava para entregar o leite e eles montavam no meu cavalo (risos), o Mauro, o Milton, o Aldo. Eles gostavam de andar no meu cavalo”

Era a Sorveteria São José, prédio tijolos assentado no barro de terra vermelha.

AS IGREJAS EM PEABIRU-PR

Seu Manezinho da Purificação, o Professor Manezinho Alfaiate relata que chegou em Peabiru em 1954 e não era crente. Converteu-se dois anos depois em 1956 na Igreja Assembleia de Deus.

Em 1956 tinha as Igrejas Assembleia de Deus, Igreja Batista, Adventista, Luterana e Católica.

Anos em A igreja Luterana também faz 70 anos em 2022.

O Pastor da Assembleia de Deus da época era um presbítero chamado Leovegildo Candido da Silveira o qual foi pastor de 1945 a 1958. Ele dirigia a Igreja Assembleia na região de Peabiru, pois naquele tempo era difícil o acesso aqui. Quando chovia era só de jipe e olhe lá.

Professor Manezinho diz que “a igreja, segundo meus parentes contaram, era perto da atual Farmácia Globo, na Av. Curitiba hoje. Segundo meus parentes informaram ali funcionou a Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Depois funcionou onde era a Igreja Batista. Posteriormente venderam para ser a Igreja Batista e depois estabeleceu onde é até hoje”.

Ressaltamos também o Papel das Igrejas Adventistas, Congregação Cristã do Brasil, Só o Senhor é Deus e Casa Espírita Allan Kardec na história não só espiritual e Peabiru, mas também na nossa história material contribuindo para nosso crescimento e desenvolvimento como município.

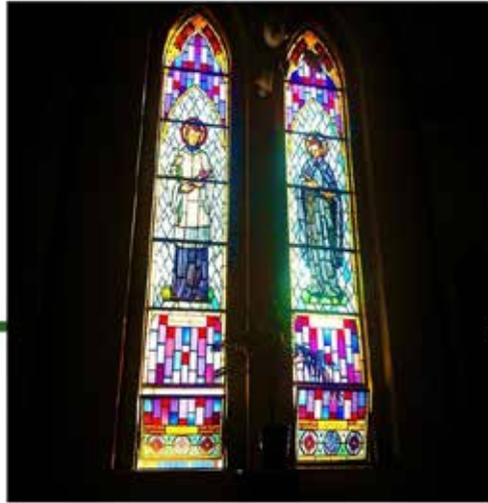
Quanto a Igreja Luterana que este ano faz 70 anos, como a cidade, Carmem Senger relembra que estudou o primário na Escola Evangélica Luterana Trindade, e depois fez o ginásio e comércio. Relata que foi batizada na Igreja Luterana e tirou a primeira comunhão com o Pastor Rubens Bekquer. O primeiro pastor e professor Arno Chelp, depois veio professor Guido e Eduardo não lembro o sobrenome por último foi pastor, Nicolau Norman. A escola luterana era bem organizada no começo da aula antes de entrar os alunos faziam fila na porta, uma de meninos, outra de meninas. Entrava primeiro uma fila depois outra cada um sentava na sua carteira. Aí o professor entrava e todos de pé oração o (Pai nosso). No final da aula a gente cantava um hino religioso. Tinha disciplina os alunos tinham que obedecer os professores seus mestres assim como obedeciam os pais senão ganhava uma boa lição. Professor usava cantar muito o Hino Nacional com os alunos tínhamos muito respeito pelo Hino Nacional. Segundo Lauro Rogge, "os cultos da igreja luterana eram em uma igreja de madeira, antes se fazia na Casa Princesa.

A CONSTRUÇÃO DA IGREJA EM ALVENARIA: CARTÃO POSTAL

Tal movimento e desenvolvimento de Peabiru, 5 anos depois da construção da igreja em madeira, Peabiru foi levada a Paroquia São João Batista em 02 de fevereiro de 1953.

Naquele tempo há relatos que o Padre Aluísio Jacobi enviou carta ao Papa Pio XII perguntando o que fazer para que as sucessivas chuvas de pedras (granizo) parassem de castigar Peabiru. O Papa escreveu:

"Façam uma obra difícil de terminar, uma obra grandiosa".



DÉCADA DE
1960

A CONSTRUÇÃO FOI DE 1956 A 1978. POR SEREM CAROS, OS VITRAIS FORAM DOADOS POR FAMILIAS DA CIDADE. A CADA VITRAL, AO PÉ, O NOME DA FAMILIA.

FOTO: ARLÉTO ROCHA

Assim, pouco tempo depois, quando o padre fora passar férias na casa paterna na Europa trouxera de lá planta arquitetônica semigótica para a nova igreja.

Padre Aluísio, visionário, encampou a ideia de que era hora de construir uma nova igreja, muito maior, em tijolos.

O projeto audacioso começara em 24 de junho de 1956.

Mãos à obra, fizeram as grandes valetas dos alicerces da imponente igreja.

Todo domingo, quando terminava a missa na igreja em madeira, nos avisos finais, o Padre Aluísio convocava todos os fiéis, homens e mulheres a ajudarem carregar pedras para jogar nas valetas da fundação da igreja. O Seu Hammerer, com seu caminhão novinho, era convocado a trazer os tijolos das olarias.

Com um estilingue de bolinhas de gude, segundo relatos do Professor Espedito Ferreira, Padre Aluísio espantava os moleques que teimavam a brincar e espalhar os montes de areia em volta da construção. De mira certa nunca errava o lombo da molecada, doía muito. O padre era bravo.

Aos poucos, com o Mestre de Obras Sr. Carlos Koch a igreja era erguida. O teto, que demorara oito meses para ser construído seguia um Sistema Estrutural de Superfície Ativa, funcionando como os arcos, um amparando o outro arco, “empurrando” em contra força que levava ao equilíbrio, vencendo nas cúpulas, os vãos maiores.

Segundo Ivo Koch “há na parede da igreja uma pequena caixa de metal, na qual o padre Aluísio pediu para serventes, pedreiros e todos envolvidos depositarem cartas, fotos, moedas como uma “cúpula do tempo”. Em Engenheiro Beltrão, tal caixa fora retirada a cerca de 10 anos. Em Peabiru, a caixa, permanece lá há mais de 60 anos. Curiosidade total.

Os vitrais por serem caros e de fino acabamento, foram patrocinados pelas famílias da cidade.

Seu Antônio Frare, o Tônico, vidraceiro relata que “foi eu quem instalou os vitrais na Igreja de Peabiru. O Padre Aluísio Jacobi quis que pintássemos as estruturas metálicas, todas de zarcão e tinha que ficar da cor da lata, ele era exigente. Os vitrais eram difíceis de mexer, pois era pedaços de cacos sobre, talvez uma massa de chumbo. Foi um trabalho grande. E por serem caros, cada família patrocinou um vitral.”

Foi na arquitetura gótica esse elemento decorativo passou a encantar o mundo. “Banhados pela luz e pela cor, imprimem ao espaço arquitetural uma atmosfera mística, propositalmente reflexiva, condutora entre o real e o divino”, explica Suely Cisneiros, professora do departamento de Teoria da Arte da Universidade Federal de Pernambuco.

As esculturas do Escultor Austríaco radicado em Peabiru José Moser e seu sobrinho Conrado Moser embelezam o templo. Os sinos em bronze vieram do Rio Grande do Sul e os relógios funcionaram até a década de 1980.

A Congregação do Verbo Divino do Padre Aluísio Jacobi coordenou a paróquia de desde 1948 a 1979. Sucederam Aluísio, os padres Carlos Nitzko, Francisco Worger, Guilherme Mat, Guilherme Warnhoven, Angelo Bortolini, Francisco Kumer, Carlos Alberto do Amaral, Alberto Werner, Antonio Koreman, Viane Felix Rodrigues Perdomo.

Em 29 de julho de 1979 em missa celebrada pelo Padre Antonio Kleta, a Congregação do Verbo Divino encerrou suas atividades, um ano após a

igreja estar terminada pois em 1978, após 22 anos de construção, a igreja ficara pronta (1956 a 1978). Da década de 1980 em diante, saudoso Professor Luiz Bassi anunciava no serviço de som os avisos da cidade, as notas de falecimento e o Hino do São Paulo Futebol Clube quando campeão.

Em tempo Padre Aluísio Jacobi nasceu em 7 de novembro de 1904 e faleceu aos 69 anos em 17 de agosto de 1974, e está enterrado no cemitério municipal de Engenheiro Beltrão-PR. Foi Pároco de Peabiru de 1948 a 1963.

EXPOSIÇÃO

PEABIRU 70 ANOS



Onça abatida a margem do Rio Claro na Fazenda Tres Mourões. Na foto Galeano e Galhardo Dias Aranha, Volmar Armando Mathes, o Duca e Oswaldo Macedo que seria Deputado Federal.

DÉCADA DE
1950

1952-2022



Delegacia em Madeira sob o comando do Cabo Cordeiro (ao centro). João Cordeiro da Silva faleceu em 1988.



O Colégio Estadual Olavo Bilac foi criado em 1952 como "Escola Pública de Peabiru". Em 1953, Casa Escolar; Em 1954, Grupo Escolar de Peabiru; 1955, Escola Rui Barbosa; em 1960 Grupo Escolar Felipe Silveira Bittencourt. Houve incorporações, como a Escola Normal (1958); a Escola Reordenada Padre Antonio Vieira; e 1960 Colégio Comercial Estadual Roberto Simonsen.

AS ESCOLAS EM PEABIRU NOS ANOS 1950

Ao sair do mimeógrafo para a carteira dos alunos, o cheiro de álcool fazia as crianças levarem a prova ao rosto. Cheiro da infância.

Visto que a população de Peabiru estava crescendo, vindo gente de todo lado, logo era necessário toda uma estrutura para que a cidade seguisse seu ritmo de crescimento. Entre estas estruturas, as escolas. A esposa do médico Daniel Portella, Jorinda Santos, era uma das primeiras professoras do município.

A primeira escola de Peabiru foi a Escola Pública de Peabiru fundada em 1952 onde hoje está à Casa da Cultura Nely Pinheiro, depois se passou a chamar “Casa Escolar de Peabiru” em 1953; “Escola Rui Barbosa” em 1955; “Grupo Escolar Felipe Silveira Bitencourt de Peabiru” em 1960, já em prédio próprio e depois “Escola Felipe Silveira Bittencourt” em 1977. Agregou-se o 2º grau em 1958, com o nome “Escola Normal Colegial Estadual Olavo Bilac” e para que os alunos aplicassem os estágios, criou-se a “Escola de Aplicação Nuno Souza e Silva”, onde funciona a Escola Municipal Paulo Freire hoje. Também se criou o “Colégio Comercial Estadual Roberto Simonsen” em 1960, o qual depois se uniu a Escola Normal para se tornar em 1978 “Escola Reordenada de 2º Grau Padre Antônio Vieira”. Enfim, em 1980 todas estas escolas se transformaram no hoje conhecido Colégio Estadual Olavo Bilac, e hoje Colégio Estadual Cívico Militar Olavo Bilac.

Carmem Senger relata que estudou o primário na escola Evangélica Luterana Trindade, que também foi uma das primeiras da cidade e ela ressalta que fez o primário e depois fez o ginásio e o comércio. “Naquela época era primário, segundo grau e terceiro grau. Era a Escola Evangélica Luterana Trindade, Ginásio Estadual Olavo Bilac. O “comércio” (equivalente ao segundo grau) foi naquela escola pra baixo da prefeitura não lembro o nome (Emílio de Menezes) ”.

E continua, “lembro-me do Professor Luizinho Bassi de Matemática; do Professor Tonicinho Bassi de Língua Portuguesa; a Professora Elza Sar-

torelli Ferreira de Geografia, Professora Rose Andrade, Música; o Professor José Bardini de matemática; Bazanini, de História Política; o Dario Mariot não lembro a matéria; o Flávio Mariot não lembro a matéria; o Professor José Ferreira foi professor de Francês”.

Já Colégio Estadual 14 de Dezembro começou a funcionar em 1954 com o nome “Ginásio Municipal de Peabiru” com turmas de 5º a 8º séries, sendo mantido pela Prefeitura Municipal. Era um prédio em madeira, localizado na esquina entre a Av. Raposo Tavares e a Rua João Pereira dos Santos. Em 1956 ela estadualizou-se.

De 1960 a 1976 ocupou o prédio do Grupo Escolar Felipe Silveira Bittencourt. Em 1976 ganhou prédio novo, na quadra da antiga serraria dos Alemães, local onde hoje está estabelecido. Nesta serraria os montes de pó de serra chegavam à altura de um poste de luz.

Ao longo do tempo, devido à grande população rural Peabiru tinha 40 escolas nas zonas rurais. Com a geada de 1975 e êxodo rural, mudança dos moradores das fazendas de café para Mato Grosso, Rondônia, favelas das grandes cidades, as escolas foram diminuindo. Através do programa dos Governos Federais em privilegiarem o transporte escolar para as cidades para não manterem as escolas, muitas vezes até mutlisseriadas na zona rural. Entre outras escolas havia no Distrito de Silviolândia a Escola Estadual Rio da Várzea, Escola Municipal Anchieta, Cassimiro de Abreu, Aranha, Raposo Tavares, Elias Abrahão, Nilo Peçanha, etc.

DÉCADA DE

PEABIRU 70 ANOS

1952-2022



A.C.E.R.P.

1960



**A ELEGÂNCIA
DOS ANOS 60**



7. DÉCADA DE 1960: PEABIRU, CAPITAL DO PARANÁ

O rapaz, depois de um dia de trabalho, pega sua bicicleta, num bairro qualquer de Campo Mourão ou de Peabiru e diz à esposa:

– Amor, vou dar uma volta em frente ao Palácio do Governo do Estado e volto a tempo para o jantar!

Por mais estranha que pareça esta cena hoje, ela poderia ter sido real. Para ir a capital não atravessaríamos 500 quilômetros de planícies e planaltos, não sofreríamos seis, sete horas de ônibus até chegar a Curitiba. A capital seria aqui.

Brasília havia sido inaugurada a poucos, e a ideia de se construir uma capital do zero não era totalmente absurda (aqui não seria totalmente do zero, haja visto que a Peabiru e Campo Mourão já eram municípios estabelecidos).

Em São Paulo essa ideia também é antiga. Em 1980, o então governador Paulo Maluf sugeriu mudar a capital para Piratininga. Em 2008 um Deputado Estadual de São Paulo sugeriu que Bauru fosse a capital de São Paulo, pela centralidade geográfica desta cidade.

Centralidade essa que contava a favor de Peabiru e Campo Mourão: a posição privilegiada, quase ao centro do Paraná, e a distância de pouco mais de dez quilômetros entre as cidades, além de possuir um dos maiores entroncamentos rodoviário da América do Sul. E historicamente sabemos que que essa história de mudança de capital fora coisa muito comum no Brasil. A capital do Brasil, de Salvador, mudou-se para o Rio de Janeiro e depois, Brasília. Nada de tão novo assim.

Talvez se assim fosse não haveria tantos “*Paraná*s” como hoje existe, diminuiríamos essa identidade “*curitibista*” quase que imposta ao estado por inteiro. Administrativamente haveria um melhor fluxo de acesso das cida-

des a esta capital. O *“leite quente”* e a *“vina”* seriam o *“leite quente”* e a *“sal-sicha”* de todo o dia. Também o Oeste e Sudoeste não receberiam tanta influência cultural gaúcha e catarinense, refletida por exemplo no futebol, com paranaenses torcedores do Internacional, do Grêmio e de times de São Paulo e Rio. Estabeleceríamos uma identidade cultural paranaense de fato.

Defensor da ideia, o mourãoense Francisco Irineu Brzezinsky levou a público em 1975 um trabalho que defendia a cidade de campo Mourão como capital do Estado devido, além da centralidade, as saídas de estradas para todos os lados (resquícios dos Caminhos de Peabiru) e o relevo pouco acidentado. Ressalta o autor que não foi à toa que a Espanha transferiu no século XVII, a Vila Rica do Espírito Santo para esta região, apontada por eles como a Capital da Província Del Guaira ou do Paraguai, como queiram.

A grande dúvida seria qual nome se dar a esta capital. Usar-se-ia Peabiru ou Campo Mourão, ou com grande força da imaginação e criatividade, uma junção dos nomes das duas cidades em incontáveis opções.

Assim como o nome, a ideia restringiu-se a somente a este campo: ao campo da imaginação. Sofreu pesadas objeções frente as forças políticas e econômicas as quais trataram de deixar a ideia morrer no papel. E assim, moradores de Peabiru e Campo Mourão, continuamos a sermos interior. Com muito orgulho, diga-se de passagem.

Fica no ar a pergunta, de como tanta riqueza, progresso e promessa de esplendor estagnaram-se no tempo. Campo Mourão tornou-se umas das cidades mais importantes do estado e Peabiru resignou-se ao silêncio de suas ruas largas e de pouco movimento.

O BAR DO BAIANO DOS MACACOS

Elvino era um rapaz que veio de pau de arara da Bahia ao Rio de Janeiro, assistiu a final da Copa de 50 no Maracanã, foi sócio do Corinthians, ajudou construir Brasília, morou no Pantanal, criou macacos, saía sozinho do Paraná para assistir o Corinthians onde fosse, que para não morrer assistiu um

jogo do Corinthians na torcida rival, um homem folclórico que era atração dos comícios em tempos de política pelo futebol que inventava numa narração que os candidatos eram os jogadores e de mascate chegou a Peabiru dos anos 50, naquela manhã de 23 de outubro de 1959 e construiu história no estabelecimento comercial que hoje é o mais antigo de Peabiru em atividade, um dos mais antigos da região.

Elvino Pereira Rocha nasceu na zona rural do norte da Bahia próximo a Alagoinhas e Feira de Santana onde trabalhava como tropeiro. Quando veio para o Paraná, recebeu pelo o adjetivo pátrio, "BAIANO" por ser baiano de nascimento, de Biringinga, Distrito de Serrinha-BA, em 25 de junho de 1917 e faleceu em Peabiru-Pr em 1999. "MACACOS" pela inusitada paixão: criar macacos. Com o tempo, o "dos" desapareceu-se no linguajar do povo e ficou a forma reduzida, "BAIANO MACACO": descendente dos indígenas, portugueses e africanos, filho de Francisco Pereira Rocha e Marta de Jesus Rocha.

No final dos anos de 1940 migrou para o sul da Bahia e se estabeleceu como comerciante, no município de Ilhéus. Na segunda metade da década de 1940, pegou um pau de arara (caminhão que servia de ônibus) e mudou-se para o Rio de Janeiro, trabalhando na Siderúrgica de Volta Redonda por dois anos. Adorava futebol, tanto que nos dias de folga ia para os estádios. No Estádio São Januário, do Vasco, viu o Brasil ser campeão Sul-americano de 1949 com o time do Heleno de Freitas num tempo que as camisas nem número tinham nas costas.

Estava entre os 200 mil torcedores no Maracanã na tragédia da Final da Copa de 1950, fato que evitava falar. Doeu demais aquela derrota para o Uruguai de Ghiglia em 1950. Ele assistiu todos jogos do Brasil na Copa, mas aquela derrota mexeu com o país inteiro. Diante disso e da comoção nacional, resolveu mudar para São Paulo, onde trabalhou como cobrador de bonde por 5 anos.

Em São Paulo, descobriu sua nova e eterna paixão: o S. C. Corinthians Paulista, clube o qual se tornou sócio e assíduo torcedor nos jogos do Pacaembu e Parque São Jorge. Ele estava no Pacaembu no título do IV Centenário de São Paulo em 1954, naquele timaço do Corinthians com Luizinho, Cláudio, Baltazar.

Alguns anos depois, assim que Juscelino Kubistchek, o JK, assumiu a presidência do Brasil e começou a construir Brasília-DF, de São Paulo ele foi ser Candango trabalhando na construção de Brasília. Depois desceu ao pantanal em Corumbá-MS e em seguida veio ao interior de São Paulo na vida de mascate nas roças de algodão e café.

Naqueles anos 50, os objetos plásticos, espelinhos, pentes, não eram tão fáceis de encontrar como hoje. Lembro dele dizer que nas roças de café e algodão do interior de São Paulo, ele chegava nas fazendas como boia fria para viver no alojamento, pois Mascates, o fazendeiro proibia.

Naquele sistema de colônia, as famílias trabalhavam e compravam os alimentos no Armazém do dono da fazenda, que era o fazendeiro. Mas a conta sempre era adulterada, ou seja, trabalhava-se a semana inteira para pagar, mas a família sempre estava devendo, uma espécie de semiescravidão. Como mascate pegaria o dinheiro que iria ser gasto no armazém.

Trabalhava normalzinho, como boia fria, morando no alojamento dos peões. Colhia algodão, trabalhava no café a semana inteira e chegava no sábado dia de pagamento, abria as malas cheio de bugigangas e vendia tudo e ia para outra fazenda mais longe. Começou haver muito assalto seguido de morte a mascates na região Sul de São Paulo e região de Londrina. Na pujante Londrina dos anos 50, onde escutou que uma cidade era o eldorado de todos: Peabiru. Era hora de fincar raiz.

Peabiru era um formigueiro de gente de todo canto, segundo ele. Cruzou a balsa do Rio Ivaí, chegando a tão falada Peabiru na manhã de 23 de outubro de 1959, desceu na praça central recém inaugurada. Gostou da jovem cidade e fixou residência.

Na primeira noite dormiu no mato, no meio do capinzal, onde hoje está o estádio de futebol Ulisses França, pois se perdeu na noite sem iluminação. Se localizou de madrugada pelos sons das serras nas serrarias, que tinham muitas. Dias depois, já estabelecido lembro-me que ele falava que estava jantando no Restaurante Vera, para depois ir assistir filme no Cine São Jorge, cinema que ficava onde hoje está a Loja MM. Da janela, ele via a igreja em madeira do outro lado da quadra. De repente, parou um Jeep ao lado da janela que ele estava. Detalhe: motorista ficou dentro e não desligou o motor. Da igreja ele viu vindo correndo uma noiva de branco com buquê

na mão, véu ao vento, correndo por entre os canteiros de flores e grama da Praça recém inaugurada. Atrás dela um monte de gente, padre, mulheres, todos em trajes de missa de domingo. Ela entrou no Jeep do rapaz e sumiu. Fugiu do casamento.

Assim que chegou, tocou um salão de baile descendo a Rua de baixo, hoje Rua Afonso Dias Bastos, onde o conhecido “Futrica” (Francisco Nabarro) e família moravam. Pouco tempo depois comprou o bar onde é até hoje, na esquina da quadra acima, na Rua José Maria de Barros com Rua Afonso Dias Bastos.

O bar atual já existia. Era uma casa em madeira que outrora fora do comerciante Orlando Xavier Haesbaert (1913-1962), pai da Edina Simionato, cujo estabelecimento chamava-se Armazém São Pedro, de 1953, no qual Orlando comercializava secos e molhados e material para construção (Orlando montou um comércio em Campo Mourão e depois o vendeu a alguns portugueses que deram origem ao futuro Supermercado Carreira). O Armazém que vendia cordas, fumo, erva mate passou para Zé da Dinah, depois Chico Guaiaca para futuramente ser do Baiano Macaco, o qual passou o nome para Bar Santa Helena.

Só depois de um curto tempo ele começou a criar macacos, como atração, pois o Bar era movimentado ponto de ônibus, pois ao lado, na continuidade da hoje Rua Afonso Dias Bastos, era a estrada de chão que ligava Peabiru e Campo Mourão, (não havia a BR) e que alguns indícios apontam como um dos ramais da milenar trilha, os Caminhos do Peabiru. E daí veio o nome “BAIANO” (dos) “MACACOS”.

Teve um macaco na década de 1980 que escapou, e fez uma bagunça enorme na cidade. Roubava linguiça, derrubava roupas no varal das casas, mordida aqueles que tentavam pegar. Lembro que meu pai montou um “esquadrão de homens” para capturá-lo. Não conseguiram. Teve que vir um pessoal especializado de Curitiba. Mas não foi fácil. Até que ele subiu na torre da Subestação da Copel, levou um choque e caiu. Não morreu e foi capturado. A cidade dormiu aliviada. Parte da linhagem dos macacos está na Mata da Fazenda Três Mourões, cujo pai mantinha uma troca constante com a veterinária de lá.

Casou-se com Nelci Lopes Paiva e teve quatro filhos: Alvino, Sergio, Celso e

Arléto. Nelci nasceu em Arapoti-PR, filha de Maria de Oliveira Paiva, irmã de Luiz Janeiro, Deosdete, Ari e Adão. Ela faleceu de câncer aos 38 anos em 1987.

O bar era referência na cidade. Frente à geada negra de 1975, o café e a riqueza da cidade foram minguando. Mas neste mesmo ano, construiu o prédio de alvenaria no mesmo lugar do prédio de madeira, revestindo um bar por dentro do outro, tanto que o telhado de hoje é o mesmo do final da década de 1940. Nesse tempo da soja, milho, o bar virou ponto dos boias-frias, reunindo toda madrugada, centenas de trabalhadores à espera do caminhão para irem colher algodão, quebrar milho, colher café, capinar soja, etc. E tornou-se um representante popular da região em torno do bar.

Embora muitos tentaram, não gostava da ideia de ser candidato, tanto que nunca foi. Ajudava os doentes atrás de médicos e remédios, era voz de reivindicações populares frente às autoridades, e quando morria alguém, cedia o lampião, os bancos do bar e a pinga para os velórios, isso a qualquer hora da madrugada. Muitas foram as vezes dele ir a prefeitura, pegar uma requisição com o prefeito e ir ao almoxarifado esperar os carpinteiros fazerem o caixão na marcenaria da prefeitura. Ia o Baiano Macaco na frente, atravessando a praça central com o caixão nas costas e os filhos carregando a tampa.

Gostava de política, mas nunca quis ser candidato, mesmo por tantos que foram os pedidos. Subia aos palanques nos comícios e irradiava, como um locutor de futebol em rádio AM, um jogo entre os candidatos. O candidato que apoiava sempre marcava o gol da vitória. Na hora do gol, a multidão vibrava como num estádio de futebol. O povo ia às vezes mais para ver esta “partida” do que os próprios candidatos.

Mesmo a distância, continuou sócio do Corinthians, e assistiu no estádio todas as finais, de 1959 a 1995. A maior aventura se deu em 1976, na final do Campeonato Brasileiro contra o Internacional gaúcho. Partiu sozinho para Porto Alegre. Horas antes da final, almoçava em uma churrascaria, quando se entrosou com uma caravana de paulistas corintianos. Ganhou a viagem de volta no ônibus deles. Mas, estes corintianos arrumaram confusão e bateram em alguns torcedores do Inter, em menor número na churrascaria. Baiano Macaco não participou da confusão e deixou todo mundo ir embo-

ra para depois ir. Indo para o estádio sozinho, deu de cara com uma multidão de gaúchos, com pedras e paus nas mãos:

– Olhe lá, tchê! Lá está um paulista FDP que surrou nossos irmãos colorados!

Ele tentou explicar que era baiano, morava no Paraná e que não participou da confusão. Não deu tempo, só o tempo de sair correndo pelas ruas porto-alegrenses com a turba atrás. Deu de cara com o Estádio Gigante do Beira Rio já cheio. Assim, comprou dos camelôs uma camisa, boné e bandeira do Inter. Teve que assistir o jogo na torcida rival. O Corinthians perdeu o jogo e o título, e na carona ganha no ônibus de corintianos tristes, ainda ouviu do motorista:

-Quem não tem bandeira do Inter aí, compre uma e coloque para fora da janela até saímos da cidade! Não quero que apedrejem meu ônibus! Saídos de Porto Alegre, jogaram todas as bandeiras foras.

Um ano depois ele teve a alegria de ver o gol do Basílio ao vivo, no Morumbi, que deu o título ao Corinthians, 23 anos depois do último. Estava lá no Morumbi em 1977, no memorável gol de Basílio. Também estive na final de 1990 no 1º título brasileiro, no Corinthians de Neto e Tupãzinho.

PEABIRU MAIOR QUE CAMPO MOURÃO

Logo após o término da Segunda Guerra Mundial, Peabiru era o sonho do progresso de muitos brasileiros: o eldorado dos aventureiros e das famílias. Peabiru foi desmembrado de Campo Mourão. Por estas bandas, como dito, já havia colonizadores desde 1903 e antes da década de 1940 a área entre o Rio 119 e o Rio Ivaí fora batizada como Sertãozinho. Peabiru dentro desta área.

Em 1941, o interventor Manuel Ribas, para povoar o estado, doou terras aos colonizadores: nascia Peabiru, um novo patrimônio. Derrubados os cedros, perobas, pinheiros, demarcaram-se os lotes urbanos e rurais: começava aí a corrida pela terra fértil, a “ corrida para o oeste” paranaense. De todos os

lados vinham gente para estas terras vermelhas outrora habitadas pelos índios Guarani e Kaingangue: mineiros, paulistas, gaúchos, catarinenses, nordestinos e também famílias descendentes de africanos, japoneses, alemães, italianos, espanhóis, libaneses e portugueses.

Com tanta gente chegando, em 1945, o patrimônio de Peabiru tinha um comércio melhor que Campo Mourão, com serrarias, postos, farmácias, bancos. A Coletoria Estadual e Federal era aqui. Resultado: elevou-se em 1951 a município autônomo, sem que houvesse passado por Distrito. Pela riqueza do café, o Instituto Brasileiro do Café-IBC, escolheu Peabiru para se instalar.

Campo Mourão resumia-se a poucas casas cobertas de tabuinhas, rodeadas de guabiobas e cerrado, um deserto. Segundo relatos, Peabiru já chegava a quase 20 mil habitantes na década de 1950. Um progresso só.

As ruas largas que a cidade conserva até hoje são testemunhas deste tempo. Casas sendo erguidas, aeroporto recebendo muitos pousos, dezenas de serrarias. Ouvia-se o barulho das serras dia e noite. Tanto que o rádio amador de comunicação com o resto do mundo ficava em Peabiru, aos cuidados do Sargento, radiotelegrafista do estado, Silvino Lopes (que se tornaria o primeiro prefeito).

No início daqueles anos de 1950, alguns moradores de Campo Mourão vieram tomar o aparelho a bala para leva-lo a Campo Mourão. Os peabiruenses cercaram o prédio em madeira (local onde hoje está a prefeitura) e impediram o “sequestro” do aparelho. Quase houve sangue.

Na eleição para prefeito de Campo Mourão, em 1951, mesmo maior, Peabiru ainda era comarca de Campo Mourão, e o médico Daniel Portela (prefeito de Campo Mourão de 1951-1955) residia em Peabiru. Tanto que muitos peabiruenses votaram em Daniel pensando estarem votando para prefeito de Peabiru.

Aos fins de semana o centro de Peabiru era um “formigueiro” humano. Muita gente o dia inteiro. Quando os caminhões das fazendas traziam o povo para fazer compras nas mercearias de secos e molhados, tinham que se aguardar na fila para chegar sua vez de comprar. Uma multidão de gente.

Cleuza Bittencourt narra que em 1968 tinha “ a borracharia do meu pai,

Pedro Borracheiro, no Posto São José do Vecco Sbardelatti (depois no local em frente, na esquina da Av. Raposo Tavares com Rua João Pereira dos Santos, hoje do Bar do Nardo e provisoriamente a lanchonete Maresia, foi construído a “Vesbalar Comercio de Moveis”: “VE” de Vecco, “SBA” de Sbardelatti e “LAR” em referência a lar, casa). Onde está a Maresia hoje de forma provisória era o lavador de carros do posto. A casa ao lado, ele que construiu sozinho com nossa ajuda carregando tijolos e minha mãe batendo massa.”

DO ACIDENTE AOS NOMES DAS RUAS

Casemiro Radominski dirigia sua Kombi quando viu um pneu na beira da estrada.

Deu a volta, e no meio da estrada, vinha um ônibus bem velho do Expresso Maringá. O poeirão não deixava ver nada. O ônibus bateu no meio e arrastou a Kombi por cerca 50 metros.

Apenas uma pessoa, das cinco sobreviveram. O farmacêutico João Dantas.

No ano de 1961 ia-se para Campo Mourão depois de passar o Bar do Baiano Macaco, a Zona do Pinheirinho, Cerâmica Peabiru pela estrada de chão. Cruzava-se a atual pista ao atravessar a ponte do Rio 119 e ia para o lado direito ao Jardim Santa Cruz e a esquerda ao hoje área do aeroporto de Campo Mourão.

Nesta estrada, na altura do hoje aeroporto de Campo Mourão, o acidente ocorrido em 17 de fevereiro de 1961.

Volmar Armando Mathes, o Duca, lembra-se que estava no Bar do Cazuzá, e chegou o jovem de 18 anos Cagin (Cajo) filho do Coletor Modesto Saldanha. Eram muito amigos e disse:

– Ô Duca, nós vamos para Campo Mourão depois do almoço, você quer ir com nós?

O Aroldo Carneiro que estava junto disse:

– É capaz de eu ir... Mas não vou não...vai Duca, no meu lugar?

– Não sei, vou ver. Vou almoçar primeiro.

"Mas então o Cagin saiu e eu fui em casa, almocei e voltei.

Dona Dercilia disse que eles tinham acabado de sair e estavam abastecendo no Posto do Zé de Melo. Fui até o posto e eles já tinha ido naquele instante, foram embora, não tinha mais ninguém. Cheguei atrasado."

"Depois soube do acidente. Morreram três de Ourinhos-SP, o Hildeberto Lutchenberg, Cassemiro Radominsky, Modesto Saldanha, que era coletor e o Cagin (ou Cajo, de 18 anos) morreu no Hospital. Só sobrou o João Dantas, Farmacêutico.", relata Duca. Alguns dizem que Cassemiro possa ter tido um mal súbito, e ao ultrapassar o ônibus virara o volante para a pista em frente ao ônibus, que batera em cheio neles.

Da vida, Cassemiro Radominski, Hildeberto Luchtenberg e Modesto Saldanha passaram a nome de ruas.

AS "RODOVIÁRIAS" DE PEABIRU-PR

– Vamos à rodoviária, assistir à novela Irmãos Coragem!

Na verdade a TV da Rodoviária era a única na redondeza. Sérgio Rocha fala que foi com seu pai, Baiano Macaco que o levara para assistir a final da Copa de 1974 neste bar. O point, da tela que era um utensílio de luxo na época. Noutros dias a novela Irmãos Coragem preto e branco a muitos olhos num dos poucos televisores da cidade.

Também, andar de ônibus nos anos de 1950 era uma aventura. Não havia estradas pavimentadas, e nossa terra rica em argila colava nos pneus quando chovia de forma insistente.

Nos dias de sol, o poeirão levantava, causa de muitos acidentes.



Rodoviária da Década de 1960⁵

O primeiro Terminal Rodoviário de Peabiru-Pr fora um edifício simples em madeira, com abertura no meio, coberto de telhas de barro onde hoje está a Praça Eleutério Galdino de Andrade, na Avenida Raposo Tavares. Há de saber que naqueles anos de 1950, Umuarama e Cianorte pertenciam a Peabiru e influenciava os distritos, visto ver na construção da Rodoviária de Umuarama) réplica do edifício de Peabiru. Umuarama só se tornou município em 1960.

O farmacêutico seu Filadelfo Ruis Alves lembra que havia um homem bem magro que vendia pipoca na rodoviária, “o caboclo tinha um ciúme danado da pipoqueira de vidro dele. Ele não podia ver nossa bola de capotão amarrada com um cordão de couro! Nós começávamos a jogar e ele corria atrás, com medo de acertarmos a vitrine dele. Teve um dia que correndo atrás de nós, pisou na bola, caiu de costas e disse bravo:

–Vou cortar esta bola!

–Não, num corta não!

5. Na planta baixa de João Carlos Klein e Designer Gráfico de Renato Domansky

Pois um dia o fia da mãe cortou aquele couro com barbante, mas não cortou a bola!

Com o crescimento da cidade e construção da praça, o terminal mudou-se para Av. São João, futura Merceria Nossa Senhora Aparecida de Ricieri Bassi e atual Banco Bradesco.

Depois, havia um ponto de ônibus no Bar do Paraíba, futuro Bar Hagazão e depois Pizzaria Simonelli, na Av. Raposo Tavares com Rua Narciso Simão.

Lembrando que a rodovia em terra para Campo Mourão e Maringá passava pela Avenida Raposo Tavares entrando pelo "Trevinho". O Bar do Baiano Macaco era o último ponto de ônibus antes de Campo Mourão na antiga estrada rotas dos Caminhos de Peabiru. Isso até 1969 quando a Rodovia Peabiru Campo Mourão foi inaugurada.

No meio dos anos de 1960, construiu-se o Terminal Rodoviário em alvenaria atrás da atual Estação Rodoviária. Tinha um pavimento superior com "jardim europeu" no meio.

Claudinei Nabarrete relata que "meu avô, Jonas Bonifacio Teixeira veio de Minas Gerais para o Paraná sozinho, primeiro, atrás do "Ouro Verde", o café. Veio para Borrazópolis-PR e depois foi trabalhar numa fazenda divisa com Quinta do Sol como meeiro. Chegou em Peabiru em 1965. Foi trabalhar em uma fazenda em lavoura de Hortelã. Depois que conseguiu juntar uma reserva, trouxe a família para a cidade. Conversou com o prefeito Dr. Lari para participar de uma concorrência pública e conseguiu montar um bar no segundo andar da Estação Rodoviária de Peabiru. A antiga rodoviária era atrás da atual, construída na década de 1960 e demolida na década de 1970 por problemas na fundação. Com dois andares, tinha até chafariz e só sobrou a escadaria ao lado do atual ponto de táxi e seus alicerces que rodeiam a pracinha atrás da rodoviária. Era um movimento enorme na rodoviária (Peabiru com quase 30 mil habitantes). Os jovens da época que iam estudar na faculdade de Campo Mourão paravam ali para comer um lanche".

Nabarrete complementa que "tinha poucas televisões em Peabiru. A televisão era uma grande atração. Em 1974, além dos jogos da Copa do Mundo na Alemanha, tinha uma novela de muito sucesso "Os Irmãos Coragem": o

bar no horário da novela lotava. As pessoas iam ao bar para assistir a novela. Meu tio José, já falecido, também teve um bar na Avenida Raposo Tavares (onde atualmente é a lanchonete do Dudi's, antigo correios). O Bar Ipiranga, muito tradicional naquela época. Em 1987, o avô Jonas do Bar da Rodoviária nos deixou. ”.

Era interessante que pela marquise, ao alto, você via os tetos do ônibus entrando debaixo da rodoviária. Era uma obra muito bonita.

Porém, por problemas estruturais na fundação ela foi demolida, na verdade o belo Jardim Europeu ao centro dela, absorveu tanta água das chuvas que afetou a fundação. No último bar que ainda existia lá, no jogo de sinuca as bolas teimavam a rolaem sozinhas devido ao declive. As portas em grade já não fechavam direito, paredes trincadas, toda a tubulação comprometida.

Foi aí que fora demolida. O Prefeito Jorge da Silva Pinto que assumira a prefeitura em 1977 demolira e iniciara a construção da nova.

Até então a rodoviária passaria a funcionar ao lado, na Av. 14 de Dezembro, futuro lugar da Padaria do Joel Gonzaga, da Mercearia da Mirian e Cesar Estrada, Bar do Naé.

O atual Terminal Rodoviário Prefeito Jorge da Silva Pinto foi inaugurado na gestão deste prefeito em dezembro de 1979, por isso leva seu nome.

Na foto reconstituída, o Engenheiro Civil João Carlos Klein fez a planta baixa da antiga rodoviária. Renato Domanski, Designer, a partir da planta, levantou o terminal como era. Houve análise das janelas e do telhado que hoje cobrem a garagem a atual prefeitura municipal.

EXPOSIÇÃO**PEABIRU 70 ANOS****OS MAGNOS**

Primeiro
conjunto
musical do
Peabiru-PR
Espedito Ferreira
Zenaidio Pereira
Valdete Rodrigues
Carlos Figueiredo
João dos Santos
Braguinha
Janete

1960

o Escultor
Austriaco
em Peabiru
José Moser
e a Casa
da Sereia



8. UM DIA DE CULTURA NOS ANOS 60

No dia de Sexta Feira Santa era sagrado a tarde assistir a Paixão de Cristo no Cine São Jorge de Peabiru, prédio em madeira, na Avenida Raposo Tavares.

Faziam filas para entrar. O filme tinha lá suas quatro horas de duração e muita gente até hoje nunca assistiu o final. Viam Jesus sofrer o martírio, mas não ressuscitar, pois tinham que pegar o caminhão de volta a fazenda. Peabiru, era um formigueiro de gente vindo da zona rural nesse dia santo.

Em vez em quando a roda de fita travava e escolhiam os homens mais fortes da fila para ajeitarem a bobina.

Professor Luizinho Bassi nos conta que “a história do cinema começou com a Família Simão, um cineminha em madeira, pequeno, era uma casinha. Capuano e Marcon eram donos do outro cinema, o Cine São Jorge. Depois o Idimão Simão comprou o Cine São Jorge e foi aí que entrei de vez no serviço de som, pois eu brincava com um negócio de futebol, fazendo propaganda dos jogos na rua, naqueles alto falantes de corneta limitada. Então o Idimão comprou o Cine São Jorge e me falou:

– “Ô Luiz, preciso de alguém para divulgar os filmes! Pega o alto falante, arruma umas firmas aí que rendera um troco! Você e a namorada não vão pagar para assistirem os filmes!”

E o Professor Luizinho continua: “Convivi muitos anos com ele, o Idimão. Depois do Cine São Jorge ele construiu o novo cinema em 1966, o Cine Vera, o primeiro cinema em alvenaria na região. Aqui na época o cinema era melhor que o de Campo Mourão. Depois Campo Mourão fez um cine teatro grande por lá.”

Professor José Bardini Neto nos diz que “havia dois cinemas: o Cine Vera e o Cine São Jorge (Cine Vera, cujo proprietário era Idimão Simão; e, Cine São Jorge, da Família Capuano e Marcon, posteriormente vendido para Idimão Simão). Ambos os cinemas recebiam grandes plateias em busca de diversão. Aos domingos eram três sessões, sempre com a casa cheia. Na Sexta

Feira Santa a “Paixão de Cristo” era um dos maiores sucessos de público da época. Depois da geada, o café entrou em declínio e muita gente saiu da cidade. Caiu o público e as pessoas perderam o costume de ir ao cinema. Um dos cinemas foi vendido e outro com o passar do tempo encerrou suas atividades”.

O Cine Vera funcionou até 1988, tocado pelo Darlan Simão, por vezes com o mudinho eletricitista como porteiro. José Pompílio Braga, o Braguinha, lembra que namorou muito no escurinho do Cine Vera e “sempre de olho no Mudinho, que a três por dois tirava a gente pra fora. Não podia beijinho ou abraço!”.

Dos gols do Canal 100 a aquela tela cheia do documento de censura do tempo militar a expectativa era grande quando se entrava pelo balcão em madeira envernizada do cinema. No intervalo, um pausa para comprar a pipoca dentro do cinema, com Grapette e Crush na própria garrafa.

Seu Antonio Frare, o Tônico, fala que um dia foi no Cine São Jorge que tinha tela grande Cinescope, e o Cine Vera era menor, de 16 mm, entrou, e deixou a bicicleta no lado de fora. Assistiu o filme e foi embora. No outro dia, lembrou da bicicleta. Correu lá, e estava, no mesmo lugar.

Seu Antonio Gancedo relata que quando chegou o Canal Coroados Londrina, Canal Tibagi Apucarana e Canal Cultura Maringá, os Cinemas da nossa região caminharam para o fim. Anos 1990 para 2000 os vídeos-cassetes, depois dos DVDs, filmes no You Tube, canais pagos para filmes, muitos “roubando sinal” pela “skypeta” e a era dos *mainstreaming*, como Netflix decretaram o fim dos cinemas.

Entre lembranças, Zaquel Muniz ia criança com sua mãe Dona Nita Muniz fazer a limpeza no Cine Vera. Renato Marinho lembra que “O Cine Vera, eu me lembro da camionete Willis cor azul, que o Idimão Simão tinha e uma bicicleta cargueira que era do cinema. No para choque desta camionete estava escrito “Fazenda olho d’agua”.

O palco do cinema também era local dos festivais de dublagem, bem como uma vez teve um teatro para maiores. Para os jovens a aventura era conseguir entrar nas sessões de filmes proibidos. Menores de 18 anos rondavam as bilheterias, e muitas vezes conseguiam entrar. Noutro dia, na escola, o

assunto era em outra fala.

Sergio Rocha lembra da sessão de cinema gratuita que o então candidato a prefeito, João Luiz Werneck, em 1982, pagou para todas as crianças assistirem o desenho da “Turma da Monica” e “Os Trapalhões”.

A CASA DA SEREIA: JOSÉ MOSER

Professora Aide e Professor Toniquinho estavam em Brasília-DF. Quando voltaram, para pegar o carro estacionado, alguém olhava para a placa do carro KL:

–Vocês são abençoados e não sabem?

–Por que? O casal perguntou, instigados.

–Porque em Peabiru mora o maior escultor de arte religiosa do Mundo: José Moser.

Indo para o Campo do Espanhol jogar bola ou até a Bica do Saltinho, mudávamos o caminho só para ver a Sereia a beira da rodovia para Maringá, local onde hoje funciona o Posto Diamante.

O cercado do alpendre eram peixes esculpidos e o corrimão da escada dois outros animais (cachorros?).

Obra de José Moser, um dos maiores escultores de Arte Sacra do mundo, que nasceu em 15 de fevereiro de 1910 em Tierboch, Wichenau na Áustria. Filho de Pedro Moser, fora casado com Maria Moser tendo a filha Hildgard. Escultor, estudou a arte na Alemanha. Veio para o Brasil de Viena em 16/04/1935, para Treze Tílias-SC. De lá, chegou a Peabiru em outubro de 1950.

Suas imagens esculpidas ornamentam diversas igrejas no Brasil. Seu sobrinho, Conrado Moser seguiu os passos do tio, como escultor.

A rua da casa, de Rua Ibituva passou a Avenida Peabiru (Lei 10/1962) e depois para Rua Jose Moser em 1970 (Lei n.º 03/1970), por onde passa a Ro-

dovia BR 158 (Maringá a Campo Mourão). Amigos da família, o saudoso casal de Professores Toniquinho (Antonio Bassi) e Aide de Barros relataram que adoravam cozinhar juntos, sempre fazendo receitas novas.

O Cristo Morto e o Cristo Crucificado, ambos esculpidos em madeira foram encomendados pelo Padre alemão Aloisio Jacob para a parede do altar da Igreja São João Batista de Peabiru, além do rosto de Cristo no púlpito da Igreja Evangélica Luterana Trindade de Peabiru.

Ao ser desmanchada a casa, as obras foram levadas a Campo Mourão, por sua filha Hildegard. A sereia fora queimada anos depois.

Zelinda Gonçalves relata que “lembro como se fosse hoje da Casa da Sereia, pois morávamos em frente, íamos buscar maravalha, lascas de madeira que José Moser descartava, usávamos para o fogão a lenha e Hildegard sempre nos presenteava com bolo”.

Jose Moser, segundo a saudosa Professora Aide, certo dia caiu do telhado e bateu a cabeça no lugar de tirar barros dos sapatos a porta da casa. Sofreu um grave ferimento. Levado a Rolândia-Pr para tratamento, não resistiu e veio a falecer em 23 de setembro de 1968. Está sepultado no cemitério de Peabiru-Pr e vivo na nossa memória.

ACERP + CLUBE DOS ALEMÃES = PUC

A camisa verde da A.C.E.R.P - Associação Cultural, Esportiva e Recreativa de Peabiru era temida pelos adversários nos anos de 1960. Um timaço.

O campo ao lado do Colégio Estadual Olavo Bilac frente a Biblioteca Cidadã Professor Antonio Bassi era cercado por tábuas largas sem frestas. Da rua, não se via nada. O gramado ia além.

A bola em couro puro, as golas em “V”, a chuteira pesada de um tempo leve de futebol romântico.

Mas também tínhamos um primeiro um time que não tinha nome, o time de Peabiru, com o campo na atual praça. Também o Operário do Dario Mu-

nin. O Comercial era de molecada. Depois formaram o União que eram os Bananas. Depois que veio a ACERP.

O campo da ACERP surgiu justamente com a construção da sede social, perto da atual Câmara de Vereadores.

Com a cidade crescendo a praça central já não seria o local adequado para um campo de Futebol, nem para os circos. Logo, da praça mudou-se para a quadra em frente, atravessando a Av. São João.

Porém, começaram a lotear esta quadra, lotear o centro e o Dr. Souza Sobrinho, que era Presidente da ACERP naquele tempo, pediu a quadra lá onde hoje é o PUC, na Rua Narciso Simão, e doaram a quadra para a ACERP.

Walter Campanelli lembra que “nosso campo de futebol era onde é a praça central hoje. Nós tínhamos dois times aqui, o Operário do Dario Munin, lá da Serraria e a ACERP. A família do Dário Munin morava em Campo Mourão. Tinha o clube da ACERP, 25 de Julho dos alemães. Naquele tempo a ACERP tinha um grande time de futebol. Fomos convidados para jogar contra um time do Rio de Janeiro, em Londrina. Tomamos de 14 a 0 (risos). Londrina naquela época não tinha time, e a ACERP tinha um timaço. Chamaram o Olaria do Rio de Janeiro, tomaram 14 gols. O Dr. Alceu era goleiro, tomou 8 gols e saiu. Neste tempo eu fui 12 anos presidente da ACERP. Nosso clube era lá embaixo, onde o Professor Walter mora, ao lado da Câmara de Vereadores hoje. Trouxemos atrações como o Rui Rei, Cassino de Sevilha, cada orquestra que a turma ficava boba.”

Professor Jose Bardini sublinha que “daquela época duas coisas marcaram Peabiru. Uma foi o futebol. Tínhamos dois grandes times de futebol, a ACERP (Associação Cultural, Esportiva, Recreativa Peabiruense) e o Operário, atração principal nos domingos, principalmente quando jogavam os dois, pois a torcida era acirrada e normalmente acabava o jogo com algumas agressões leves. Outra partida disputada com garra era quando jogava Peabiru (ACERP) x Campo Mourão. Este jogo quase sempre terminava em briga. O campo ficava praticamente lotado de torcedores. A segunda era o Cinema. Havia dois cinemas: o Cine Vera e o Cine São Jorge.”

Ao Clube 25 de Julho, o Clube do Alemães como era conhecido, Darcy Klein foi um dos fundadores. Funcionou onde era o Centro Social Urbano

do Município e Escola Paulo Freire. Na verdade o prédio do refeitório da Escola Paulo Freire era o local do jogo de bolão do clube.

Em 1.972 houve uma fusão entre o Clube 25 de Julho e a ACERP (Associação Cultural, Esportiva, Recreativa Peabiruense), originando o PUC (Peabiru União Clube).

– "Lembro-me do bolão do Clube 25 de Julho."

Seu Armando Rogge era vizinho do clube e lembra que "era o Darcy Klein que fazia a coisa andar no bolão. Ele que marcava os jogos, era um divertimento. Jogavam no clube o Artur Horbach, José Youngs, Zé Rosa, Ivo Denig, Miro Freitag (Alfaiate), Bruno Eitelwein, Nilo Juchem, Nelson Wulf, Carly Ritter. Onde tem o PUC hoje tinha o campo da ACERP, a turma jogava futebol. O clube da ACERP era onde mora o Prof. Walter. Pelo fundo o povo saía na praça, tinha uma escola que depois foi demolida, tudo de madeira, ficava um 54 vazio na quadra. Era a sede social.

Em 1.972 houve uma fusão entre o Clube 25 de Julho e a ACERP (Associação Cultural, Esportiva, Recreativa Peabiruense), originando o P.U.C (Peabiru União Clube). Até a década de 1970, os carnavais eram restritos ao salão da ACERP, clube social de então. Dos anos de 1970 ate fim dos anos de 1990 a festa ocorria no Peabiru União Clube-PUC. A partir de 2002 o Carnaval deixou os salões fechados para ganhar de vez as ruas.

O FUTEBOL DE OUTRORA

Subiam todos no caminhão desde o 10 craque até o perna de pau. O mesmo caminhão levava pras festas enterros e comícios. Iam dois times: o Aspirante que eram dos jogadores "menos habilidosos" e o Titular, com a elite do time. Vez ou outra tinha o "Sebera", que vinha da palavra "sebo" que eram os reservas dos reservas dos reservas. Jogadores e torcida iam juntos, sem falar nas crianças, namoradas, esposas e o bêbado, que já subia chumbado.

Na ida já rolava cachaça. Segurando na borda da carroceria ou na corrente do meio, passasse perto de uma mulher bonita se estivessem indo rápido

alguns assoviavam, o motorista chiava, mas sempre com respeito. Fosse torneio, tinha o troféu de chegada, “corre motorista”.

Uniforme era só a camisa. Os campos entre grama, terra e as vacas que tinha que tocar. Traves troncos de eucalipto e a rede segura por pregos. Alambrado eram árvores e juiz escolhido na hora, as vezes de calça, bota e 3 oitão na cinta.

Na volta, beber o garrafão de vinho da garantia do jogo, já de noite o vento no rosto, sem pensar em perigo, o bêbado da ida dormindo. Rolava uma sertaneja na voz do cantor que puxava Fio de Cabelo. Todos cantavam.

Tomar banho ver o Fantástico, dormir e começar a semana. Próximo domingo tinha mais: as 13h frente do bar pra pegar o caminhão.

OS CAMPOS DE FUTEBOL

Quanto ao campo de futebol oficial, em 1978 Jorge da Silva Pinto inaugurou o Estádio Municipal Ulisses França, que fora massagista da ACERP, numa partida amistosa contra o Coritiba Futebol Clube. Em 1982, inaugurou o Ginásio de Esportes Professor Ari da Silva, Professor de educação física que estudou na faculdade com Pelé e morreu jovem.

Havia vários outros campos de terra batida, como o Campo da Caixa D’Água (onde hoje está a APAE), o Campo do Espanhol (entre o cemitério e rodovia a Maringá), o Trave Azul perto do Baiano Macaco e o “Campão” abaixo do Bar do Baiano Macaco, a beirão do Córrego Faxinalzinho e antiga Farinheira. Neste Campão foram feitas várias terraplenagens para fazer o estádio municipal, mas a grama não vingou devido a lixiviação do solo. Aí mudou para o local de hoje, saída para Silviolândia.

Além dos campos na zona rural, este era o local dos torneios embates entre o Estrelinha, Flamengoinho, Palmeirinha, Samambaia, São José, Posto Atlantic, entre outros times.

A TV NA PRAÇA E O MEXICANO DE BICICLETA

A professora Genésia Chagas lembra da saga que era para assistir uma simples novela. Segundo ela "Era muita gente, na época de festas ali no jardim, não dava pra andar, vinham aqueles caminhões de fazenda, e você ficava perdido, e depois de 1972 e 1973 era intransitável até 11 h da noite. A primeira televisão foi no Bar Vera. Depois logo em seguida o Prefeito colocou uma no Jardim, no Obelisco. A primeira novela foi "Os irmãos Coragem".

"A gente saía da escola e ficava ali vendo o Tarcísio Meira. Aquilo fervia de gente em volta. Fizeram um suporte de madeira, uma caixa e cobriram. Um dos Bassis, Seu Orlando Bassi, que cuidava do jardim, era responsável por ligar a televisão. A televisão ficava virada para lado da igreja e funcionava somente à noite. Ligava e o povo ficava lá no meio da praça. Lembro-me uma vez que veio um rapaz andar de bicicleta, ele, um mexicano, ficou três dias e três noites andando em volta do obelisco. Estas são as lembranças que a gente tem. Recordo-me que quando jovem a gente brincava muito".

Este mexicano, em 1962, foi Carlos Garcia Zacateca pedalou 3 dias e 3 noites sem descer da bicicleta na Praça Central. A Família Barros cedeu a bicicleta, substituída por outra cedida por Laércio e Fernando Soares.

Lembra-também que nas festas, no pátio da igreja de madeira, tinha uma casinha para fazer leilões e quem gritava o preço do frango, do bolo, do refrigerante, da quermesse era Sr. Venício Vecchi.

OS MAGNOS E A MÚSICA PEABIRUENSE DOS ANOS 1960

-Com vocês, no palco do Cine Vera de Peabiru, "Os Magnos"!!!!

A voz do Professor Luizinho Bassi anunciava pela primeira vez a apresenta-

ção da Banda no show dos calouros promovido pela escola Felipe Silveira de Bittencourt em novembro de 1967.

No final dos anos 1960, “Os Magnos” surgiam como os grandes baluartes da música local tocando os Baile do Hawai, na ACERP, nas cidades vizinhas, em tudo: Valdete Rodrigues, Espedito Ferreira, Janete Miranda, Carlos Figueiredo, Zenaidio Mello e João Santos. Braguinha participava da banda as vezes. Com guitarras construídas artesanalmente e uniformes confeccionados pelo Seu Manoel Figueiredo, o grupo fora apresentado a primeira vez a cidade. Marcou época.

O Professor Edgar Dias Loureiro relembra também que formou uma banda, em Peabiru “Os Midas” que tinha ele, o Baianinho do Naé, Cido que era irmão do Ferramenta e do Assis, o Laércio que era locutor do Cinema e o João Torquato.

Edgar relata que tocou shows com a Nalva Aguiar, Tonico e Tinoco, Sergio Reis, Carmem Silva, Rock e Ringo, Marcelo Costa, Milionário e José Rico, Industrial e Fazendeiro e “toquei na Banda Explosão 2000. Nesta banda sempre estávamos na TV Moreno de Campo Grande-MS. Toquei em vários programas de TV. Sempre estava no Programa Mario Vendramel em Curitiba (Programa Mario Vendramel esteve no ar de 1969 a 1992 na TV Paranaense Canal 12, e TV Iguaçu – Canal 4. Pelas semelhanças, ficou conhecido como o “Chacrinha do Paraná”. Faleceu no ano 2000).

Tocaram até para o Presidente.

Edgar lembra: “Tocava no Grupo The Brothers, de Campo Mourão e fomos tocar para o Presidente Alfredo Stroessner, do Paraguai durante um almoço (Stroessner foi Presidente do Paraguai de 1954 a 1989). Era um Cassino que ele era dono. Foi legal. Tocamos várias vezes para ele e nos Cassinos dele.”

O Grupo Red Fox também marcou seu tempo.

Já nos anos 70 aos 90 o Fiapo de Manga do Professor Billy e Genésio, ao Studio 3 Disco Mix no PUC animavam a cidade. Sem contar nos bailinhos das casas de outrora, que chamavam de “Brincadeira”, quando no máximo rolava umas caipirinhas, com os mais velhos sentados, olhado em paz a diversão.

Teve um tempo das vitrolas tocadas a pilha Ray-o-Vac com os discos de Vinis.

Na ACERP os grandes bailes até com o Cassino de Sevilha, uma grande orquestra.

Nas fazendas e comunidades as festas com um baile gaúcho nos salões até o dia amanhecer, sempre com um torneio de futebol no domingo.

Havia as touradas nos circos, que hora ou outra traziam cantores para a noite. O Circo do Linguíça, no Campo da Paraíba ou Caixa d'Água trazia um menino cantando "Camponesa, o linda camponesa, camponesa do Meu Coração..."

Na praça central no aniversário da cidade atrações nacionais no palco em madeira entre a Av. Raposo Tavares e Av. Dr. Didio Boscardini Bello, desde Marcelo Costa, Nalva Aguiar, Sergio Reis, Trio Parada Dura, Dalvan até grupos que faziam sucesso por aí como Jet Sound Brasil e Banda Metrópole.

DAVI AMARAL E A CAMA SOLITÁRIA

Quem nas décadas de 1970 e 80 não cantou "hoje está fazendo um ano que você se foi..meuu bem, 365 noites que você não vem..." não viveu em Peabiru: "Cama Solitária" foi hit nacional regravado por Paula de Paula, Lourenço e Lourival entre outros.

Davi Amaral, o Serenata, nascido em Ibiporã-Pr em 05 de setembro de 1951 começou a aprender violão com o Professor Espedito, por volta de 1974, 1975, com um violão fiado que comprou dele e como Davi disse "deu um trabalho para pagar (risos), mas paguei. Aí comecei a aprender, surgiu a ideia de compor alguma coisa. Nasceu a música "quem nasceu para ser tatu, morre cavucando" (cantando), depois começou surgir as músicas e foi surgindo e até hoje."

Viraram parceiros de música, junto com o Zenaidio Pereira Melo, como "Folhas Secas", "Nossa Casinha", "Você Disse Adeus" .

O seu grande sucesso foi “Cama Solitária”, gravada com grandes cantores do Brasil como Paula de Paula, Lourenço e Lourival, a dupla universitária Rud e Robson, Banda Terceira Dimensão lá no Rio Grande do Sul.

Segundo Davi Amaral, ele a escreveu em 1976, e acabou o último refrão dentro da Escola Emílio de Menezes estudando contabilidade, “eu criei o verso lá “hoje está fazendo um ano que você se foi, meu bem” (cantando) e aí que eu encaixei “365 noites que você, não vem” (cantando), foi lá, na escola, na sala de aula e falei alto...” TERMINEI A MÚSICA!” e o Professor estava dando aula e eu não estava nem aí para o professor, acabei reprovando aquele ano (risos)”.

Davi fez uma temporada de shows, mas era muito difícil, não tinha estrutura, como ele assinala “Pra você ter uma ideia a casa que eu morava com meu pai nem tinha energia elétrica, não era cercada. Você lembra que eu trabalhava de boia fria, cansei de pegar o caminhão lá em frente ao Baiano Macaco. Mas foi legal, minha infância, graças a Deus foi legal. Até escrevi uma música...que o refrão diz assim mais ou menos “Peabiru, Caminho do Sertão, Peabiru do meu Coração. E eu gravei o long Play (LP de vinil) “tenho vontade de pular de sua janela” (cantando) aí surgiu várias músicas e vendi bastante naquele tempo de long play e foi divertido, aí não tinha patrocinador para gravar mais aí fiquei sem gravar. Agora hoje em dia ficou mais fácil os estúdios, você pode fazer trabalho independente, pôr na internet.”

VOCÊ CORTOU OS CABELOS NA BARBEARIA DE SEU ALTINO?

Quando jovem Seu Altino veio da Bahia a Peabiru e construiu sua família por aqui pautado por uma trajetória de responsabilidade em 40 anos de trabalho cortando cabelos e cuidando da beleza dos clientes na sua Barbearia. E hoje na jovialidade de seus 90 anos de idade, entrevistamos Seu Altino na companhia de seu Filho Rui da Silva que aqui falam desta caminhada. Sua jornada mescla-se com a jornada da própria cidade. Altino é um Personagem da História de Peabiru.

SEU ALTINO, ONDE O SENHOR NASCEU?

Eu nasci em 28 de outubro de 1929 em Macaúbas, cidade bem no coração da Bahia a cerca de 600 quilômetros de Salvador. Fui batizado pelos meus pais José Raimundo de Souza e Francisca Maria de Jesus como Altino José de Souza. Tive três irmãos, Antônio Jose da Silva, Luiz de Souza Fagundes e Maria Cândida de Jesus, esta já falecida.

QUANDO O SENHOR CHEGOU A PEABIRU-PR?

Quando eu cheguei em Peabiru, no Paraná em 1952 eu tinha de 22 para 23 anos de idade, Era o primeiro ano de Peabiru que tinha acabado de virar município.

E AQUI CONSTRUIU SUA HISTÓRIA?

Sim, Nesse mesmo ano de 1952 que cheguei casei me com Dona Maria da Rocha Brandão. Deste matrimônio tive 4 filhos, Cláudio, José Oildes, Nilo e Eunice. Em 1973 já separado, casei me com Guilhermina da Silva Fidelís, que faleceu aos 80 anos em 16 de junho de 2016 (in memorian). Deste novo matrimônio tive 2 filhos, Rui e o Altino Filho.

EM PEABIRU-PR MONTOU SUA BARBEARIA, COMO FOI ESTA HISTÓRIA?

Abri minha barbearia em 1964 na Avenida Vila Rica em frente ao Bar do João Japonês (Família Kushano, perto do trevo da Maria Fumaça). Depois mudei a barbearia na Avenida Curitiba do lado da Bicletaria do Mané. Em seguida mudei a barbearia para a Rua Cassemiro Radominski ao lado da Antiga Telepar (hoje a Barbearia do Marcio, frente a Torre de telefonia). E depois de 40 anos como barbeiro em Peabiru encerrei a atividade em 2004 ali na Barbearia da Avenida Cassemiro Radominski.

NESSA JORNADA A FAMÍLIA CRESCEU?

Sim, dos seis filhos tive 8 netos e 2 bisnetos. Os netos Pedro, Ulisses, Paula, André, Kaique, Felipe e Guilherme e os Bisnetos Davi e Lorenzo.

RUI, QUE MAIS TE MARCA COMO FILHO, DA HISTÓRIA DE SEU PAI?

Sem dúvida nenhuma ficou o legado do gosto e do prazer que ele sentia na prática de sua profissão. Marca, a mim e a família o seu o amor pelo trabalho, a honestidade, o caráter e o respeito nesse longo tempo de 40 anos de Barbearia em Peabiru.

AS COMUNIDADES RURAIS POR QUE VENDA BRANCA?

Quando o mapa de Peabiru fora definido tal como hoje, já na década de 1960, contávamos com dezenas de comunidades rurais: São Roque, São Pedro, Guanabara, Placa União, Venda Branca, Santa Lúcia, Bangu, Venda 4 / Lambari, Fuganti, São Judas, Distrito de Silviolândia, Colônia Mineira/Paulista, São Jorge, Santa Clara, São José, Nove/Faz. Boa Esperança e as mais recentes Vila Rural, Assentamento Monte Alto, Assentamento Marajó e Assentamento Santa Rita, além do Acampamento Canãa ainda não legalizado.

Na Venda Branca Seu Otavio Vonsowsky diz quando chegou a Peabiru, encontrou seus primos e foi procurar serviço em Campo Mourão. Chegou num domingo num hotel que tinha a placa: "Alugam-se bicicletas". Pousou no hotel em Campo Mourão. "Era poeira, não tinha uma casa sequer de alvenaria. Nenhum um palmo de asfalto. A primeira casa de alvenaria era o Museu, em frente à antiga estação rodoviária, no centro de Campo Mourão. Era uma casa aqui, outra lá, era pura saúva. Onde é o Colégio Vicentinos Santa Cruz hoje era pura saúva", relata Otávio.

O dono do Posto era um polaco, alto, norte-americano. Foi lá encher o pneu, ele simpatizou-se com Otavio e ofereceu serviço. Em 15 dias era gerente. Trabalhou um tempo, sempre economizando, não tomava café, sorvete, nada. "Vim aqui para fazer o pé de meia e assim ia fazer" pensava Otavio.

Certo dia conheceu um tal de Demétrio Guizun, que não era parente, mas era parente de um conterrâneo de Otávio em Mallet, um vizinho, da mesma idade. Este vizinho derrubou dois alqueires de mato na foice e machado sozinho e plantou café. Mas quando o café estava grandinho ele disse:

–Você me dá serviço no posto para mim? Estou cansado de trabalhar na roça!

E ele trabalhou um tempo com o Otávio, "pois era gerente e eu contratava os funcionários. Então o Demétrio que era parente deste funcionário no posto e morava aqui em baixo do Rio Claro, assim que passa a ponte, do lado direito, foi no posto e nos convidou para irmos a casa dele. Pegou um ônibus e fui."

Conversaram sobre café, terras. O Demétrio era picareta de terra. Andava com os bolsos cheios de dinheiro. Ele que fez toda a força para pôr a venda aqui.

Aí na casa dele acabou a cerveja, ele disse para irem à vendinha por aqui. Tinha uma vendinha pequeninha na futura Venda Branca, uns 200 metros para baixo da venda de Otávio:

–Me dá uma cerveja?

–Não tem, acabou!

–Me dá um refrigerante?

–Não tem, acabou!

Mas estava cheio de gente a venda, lotada. Disso ele falou, o Demétrio:

–Por que vocês estão trabalhando no posto de gasolina? Coloca um comércio aqui. Eu conheço toda esta região, tem muita gente, vai dar dinheiro.

Então Otávio olhou para alto da estrada que era mato em pé e falou, em tom da brincadeira:

–Pergunte de quem é. Se venderem um pedacinho de terra de 50m por 50m, eu compro ali no alto da estrada e coloco uma vendinha lá!

Neste tempo da conversa veio o ônibus, mas Demétrio como era picareta, levou a sério: Perguntou ao povo em volta de quem era aquele terreno. Disseram que era do tal de Simeão Valentin de Melo (pai do futuro comerciante Adão Rodrigues de Melo, que trabalhou nas Casas Pernambucanas e fundou a Loja Mirvan), que morava aqui no fundo da terra mesmo. E perguntou se ele queria vender um pedaço de terra para se pôr uma vendinha. Disse ele que se fosse uma vendinha boa ele vendia, pois precisava sempre de machado, foice, grampo, martelo, enxada, carne seca, isso, aquilo, e aqui não tem nada.

Vendeu por três contos. Pagou.

E avisou-me, que havia comprado e pago o pedaço de terra.

Otávio mandou então derrubar o mato. Sapecaram o mato, mas deu uma chuvarada no mês de abril.

Demétrio arranhou um carroção, ferramenta, traçador, serrote, ferramenta de carpinteiro e tudo. Um mês e construíram a casa.

E já começaram a vender. Antes de cobrir, já estavam vendendo doce, cigarro. Estava cheio de gente em volta, criançada, tudo. Então foi feito um porão, pois naquele tempo não tinha luz elétrica, um buraco no fundo e jogou 3 ou 4 sacos de sal e depois areia.

Aquilo umedeceu e gelava a cerveja lá.

E então veio o batismo da localidade, Venda Branca:

“Não tinha o nome Venda Branca. O nome não fui eu que coloquei. Foi o povo que batizou assim. Depois que construímos a venda de madeira, eu comprei cal e pintei de branco toda ela e as portas, janelas de verde. De Campo Mourão até Cruzeiro do Oeste, não tinha nenhuma Venda Branca na beira da estrada. Foi o povo que assim a batizou. Até nos tíquetes dos ônibus era Venda Branca”, relata Otávio.

Otávio começou a vender de tudo, galinha, ovos. Às vezes chegava à noite e as pessoas batiam palma, de madrugada, que morreu alguém, que nasceu alguém e precisava de vela, pinga, e outras coisas. Em seguida começou a comprar milho, feijão, depois começou o algodão e depois fui comprando

os lotes em volta, até ter formar as terras da Venda Branca.

Na Venda Branca morava os Barcos, os Baginis, Bruno Ferro, Joani Nunes, o Orides Machado, os Guizuns, (o Demétrio e o Miguel e o velho Guizun). Tinha a fazenda com o nome Pito-Aceso, todos da raça negra, o Joaquim Emídio (o Lazinho), o pai dele e mais três irmãos dele, o Zeca, Joaquim e outros.

Esta estrada que passa em frente à Venda Branca era muito movimentada, ela ligava Peabiru a Araruna, não tinha a rodovia asfaltada. Dobrava, passava na Ponte do Rio Claro e saía no traçado de hoje da rodovia asfaltada. Venda Branca era um ponto de ônibus.

Dois anos depois era eleição para prefeito (1956) Otavio era candidato a vereador do candidato a prefeito de 1956, o Jorge Laos de Andrade (Otávio exerceu o mandato de vereador no mês 12 de 1956, e, do mês 09 ao mês 12 de 1958).

Segundo Otávio, quanto a soja, as terras de samambaia do cerrado de Campo Mourão, cheias de saúvas, ninguém queria, nem de graça. Comprava terra de café barato. Aí em 1970, apareceram uns gaúchos e plantaram soja ao lado da atual Santa Casa. E a turma dava risada.

–Mas ele vai plantar neste cerrado, nem capim não nasce!

Plantaram e deu soja. Daí todo mundo começou a plantar soja.

DE PEABIRU A NOVA CANTU, DE BICICLETA

A Professora Araci recorda seu pai Raul de Souza que nasceu em Itajubi-SP e de sua mãe Tereza Ferreira de Souza, a qual nasceu em Monte Alto-MG e vieram para o Paraná com a família na década de 1940, se conheceram em Florestópolis, ele trabalhava como auxiliar de carpinteiro na construção da Usina de Cana de Açúcar e também na colonização do Paraná com a construção de ranchos de lascas de palmito na cidade de Porecatu. Casaram-

-se e em 1948 e vieram para Peabiru onde compraram 5 alqueires de terra onde hoje faz parte da Fazenda Santa Clara.

Moravam em rancho de palmito neste lugar. Tiveram os dois primeiros filhos Adair e Alice (in memoriam). Neste sítio cultivavam café, arroz, milho, feijão e criavam porcos e galinhas. "Quando surgiu uma oportunidade de ter mais terras, vendeu o sítio e comprou uma casa em Peabiru para que os filhos pudessem estudar e ele, meu pai Raul, pegou uma posse de terra de 20 alqueires em Nova Cantu", lembra Araci.

Araci relata que "a mãe e nós ficamos em Peabiru. Meu pai Raul ia de bicicleta mais de 150 quilômetros em estrada de chão até Nova Cantu e voltava no fim de semana. Minha mãe Tereza ficava na cidade e a família foi crescendo. Nasceu mais cinco filhos, Aristeu (in memoriam), Araci, Airton, Aloisio e Ângela. Ao todos sete filhos. Nossa casa na cidade de Peabiru era de quatro cômodos de chão e coberta de tabuinhas. Ficava na Av. Vila Rica, e a casa só foi derrubada quando o Nino Freitag construiu o prédio para sua loja de moveis ali ao lado da Farmácia Globo. Foi ali que os últimos quatro filhos nasceram e cresceram."

UMA ESTRADA FEITA NA UNIÃO

Osmar Pedro de Carvalho, chegou na Peabiru dos anos 60 somente com a roupa do corpo, um burro e uma bicicleta e a coragem de trabalhar. Fez ele mesmo um rancho de Palmito para a mulher e suas duas filhas e trabalhando muito comprou uma venda e ali teve mais filhos, adquiriu terras, e fez parte da história da Comunidade Placa União.

Assim falava seu Osmar que tinha uma estrada lá que foi feita a picareta, num mutirão de várias pessoas, que em união fizeram a estrada. E tinha uma Placa da estrada feita pela união. E por fim ficou Placa União, Comunidade Rural de Peabiru-PR, cuja padroeira é Santa Terezinha do Menino Jesus.

"Sim. Meu pai veio de Leopoldina (Cornélio Procópio-PR) para Placa União em 1962, já casado com minha mãe Adeline e já com minhas duas irmãs, Ma-

rilza e Marilda. Foi um lutador, um guerreiro, contava muitas histórias. De Leopoldina pra cá ele chegou na Placa União com um burro e uma bicicleta. Sofreram muito, tinha a derrubada da Mata. Fez um rancho de palmito e nesse rancho nasceu a Marlene em 1963. Em 1964 fez uma casa em madeira. E do tempo que meu pai chegou já estava por aqui o Ângelo Primo Grecco e família", descreve seu filho, Márcio.

Osmar Pedro de Carvalho e Adeline Imbério de Carvalho tiveram 5 filhos e comprou a venda em 1965, de João Miranda ou Antonio Denizio.

Trabalhava de Boia Fria nas roças vizinhas e a mãe cuidava da Venda durante o dia. A tardezinha ele chegava da roça e ia para o balcão, deixava a venda aberta até as 11 horas da noite para acordar as 3h da madrugada para matar porco e deixar pronto para vender no outro dia. E vendia tudo, rápido. "Com aquela venda ele chegou aonde chegou", diz seu filho.

"E aos poucos e com muito trabalho foi comprando os pedaços de chão. Foi em 1971 que ele comprou o primeiro lote de terra de café. Comprou um trator Massey Ferguson 65 X e destocou para plantar soja. Naquele começo da soja na região, seu Jofre Miguel Jorge, Nivando Simionato e os Pinesso já plantavam soja. Muito tempo depois, meu pai no ano de 1989 começou a mexer com gado de leite, isso até 2004, quando vendeu o gado.

Até que em 1975, entregou a Venda para João Imbério e se dedicou exclusivamente a lavoura, que tocou a venda até 1987.

As famílias da Placa União participavam das Festas de Louvor a Santa Terezinha. Antigamente não tinha baile. Era a missa e depois a Festa. Depois veio os bailes sábado à noite e quermesse num só dia. A Placa União tinha seu campo, e tinha os torneios envolvendo Guanabara, São Roque, São Paulo, São Pedro e mais. "Havia a Professora Dalva Aleixo Imberio que dava aula para nós na Escola Isolada Raposo Tavares. A Dalva é minha tia. Em 1979, fazia catequese com a Professora Ivone Pereira Berthi. Fiz minha primeira comunhão lá na igreja em 16 de novembro de 1980. Na infância e juventude eram muitos amigos os Rossa, Dassistre, Grecco, a Trevisan, os Pereiras."

Marcio Adão, filho de Osmar lembra que "em 1974 veio uma Missão da Igreja para a Placa União. E fizeram um buraco para fincar o pé do cruzeiro. Era muito pesado e teve que juntar muita gente para pôr no buraco. Se o Cru-

zeiro soltasse podia atingir as muitas pessoas da comunidade em volta. Um perigo. Enquanto o monte de homens agarrado ao tronco do cruzeiro para pôr no buraco o Padre ia rezando e a multidão junto. Quando finalmente encaixou, o povo aplaudiu muito, foi uma festa. ”

E Marcio completa “Meu pai era um lutador assim como os tios Jaci Pedro de Carvalho, Taxista, e José Pedro Aleixo, que faleceu este ano de 2020, o Manoel Pedro Aleixo e Sebastião Pedro Aleixo que era pai do Urano e tinha uma oficina de arma de fogo na saída pra Araruna. Todos lutadores”.

Já João Miranda chegara a Peabiru nos anos de 1950, dormira ao relento em meio aos pés de cafés, votara na primeira eleição para prefeito da cidade, casara-se com Maria, construíram família com os dois filhos, trabalharam muito. Foi comerciante, taxista com seu Fusca e Jeep nas estradas e ruas de terra vermelha de cidade.

De Terra Boa foi para o Sítio Santo Inácio na Guanabara e depois mudou-se para a Comunidade da Placa União. João comprou meio alqueire de terra lado de cá, e o construiu uma casa do lado de lá, no sítio do Chico Sales.

João montou um bar, no lado do Chico Salles.

Maria, esposa de João Miranda lembra que “De lá, o João comprou meio alqueire de terra e pegou aquela casa que estava do lado de lá, desmontou e montou do lado de cá, “olha esse homem trabalhou, faz dó”. Construiu a casa de tábuas de novo, fez a venda, colocou campo de bocha, campo de bola, aonde faziam baile. Sim. Acho que não sei quem fez o forno pra mim de lenha, forno de barro e tijolo, grande assim, não sei se era coberto ou descoberto, não lembro mais. Eu comprava frango das pessoas do sítio, olha, nós matávamos, depenava, limpava tudo e depois temperava, acho que eu enchia por dentro o frango de farofa, naquele forno assávamos e depois ele fazia o baile. ”

Já Maria Inácia Pereira irmã de Lazinho Emídio de Moraes chegara grávida ao Paraná vinda de Xavantes divisa de São Paulo. A comitiva chegara na região no dia de São Roque em 16 de agosto de 2011 e depois fora para área da atual Comunidade São Roque, hoje na divisa entre Peabiru e Araruna, outrora chamada de Barreirinha. Possivelmente, a data de chegada, perpetuara a comunidade até os dias de hoje.

Outra parte dos Pereiras, comandando por Pedro Ovídeo Pereira, vieram morar nas margens do Rio Cachoerinha, Comunidade da Placa União em Peabiru por volta de 1930. Pedro Ovídio Pereira morreu de febre intermitente em 17 de Janeiro de 1935, com 58 anos.

Ismael casou-se com Ana Maria Pereira e tiveram seis filhos: José Ovídio Pereira, João Maria Pereira (meu pai), Sebastião Ovídio Pereira, Argemiro Ovídio Pereira, Maria de Lourdes Escaldelai e Antonio Ovídio Pereira. João Maria Pereira foi a segunda criança do casal, pai da escritora e fotógrafa Gessiane Pereira.

Na Comunidade Nossa Senhora Aparecida a venda era do seu Germano. Depois o Antônio Roque comprou. Anos depois Júlio Bicesto adquiriu a venda que dava o nome ao lugar: GUANABARA.

A vizinhança do sítio ia assistir a novela “Irmãos Coragem”, na casa seu Amélio, o único que tinha televisão naquela época.

A Família Bicesto veio da Calábria, Itália em 1908 para Tabatinga-SP cidade onde o patriarca da família faleceu. Em Peabiru tocaram na Comunidade Guanabara, a Venda da Comunidade.

João Batista Freitas lembra também que tinha o “Vanirido também conhecido por Burro Branco e jogava muito na zaga. Também tinha o Carlinhos Hernandes goleiro, o Oscar centroavante filho do Velho Tato; Zinho, de apelido Galinha também filho do Velho Tato. Nilson de apelido Gabirova (in memorian). Eu era moleque tinha uns dez anos mas me lembro bem desta época”.

O time da Guanabara Futebol Clube inaugurou uniforme doado pelo então vereador de Peabiru Sr. Amélio Bueno, em Julho de 1983 com Aristides Gualberto Técnico, Alcides Pazian, Paulo André Avanço e José Durães de Souza, Nilson Pedrezini, Daio (que também foi goleiro da Guanabara), Cloves e José Carlos, Nei do Orilio, Alcides Palma, Jorge Hernández, Carlos Hernández, Cabana e Pedro Roque e Nilson Bel.

Nos anos 50 eram: João Hernandes, Antônio Carlos, Odair, Paulo Palma, Oscar Orsi, Miguel Imbério, Alcides Palma. Zinho Orsi, Maé dos Santos, Vanirido Bicesto (Burro Branco), Maia dos Santos, Oscar Palma.

A Fuganti, comunidade esquerda do Rio Claro na divisa com Araruna, recebeu este nome segundo Seu Gasparotto, do uniforme de futebol que compraram, em Maringá, cujo patrocínio escrito na camisa de lá era “Casa Fuganti”: aí ficou.

COLÔNIA MINEIRA

Conforme relata o ex Vereador José Durães de Souza, “na zona rural, Seu Pedro de Souza, adquiriu uma propriedade as beiras do Rio Lagoa, da Família do José Silvério. Era uma propriedade de 42 alqueires, sendo 21 em nome do Patriarca José Luiz de Souza e os outros 21 alqueires ficaram para o filho mais velho Orozimbo Luiz de Souza. Esta localidade mais tarde foi denominada de “Colônia Mineira” devido a sua colonização ter sido feita por esta Família de Mineiros que foram chegando aos poucos e se instalando nesta localidade. Primeiro vieram Pedro Luiz de Souza e seu irmão Orozimbo Luiz de Souza com a Família. Havia muitas caças e pescas e muita fartura de águas. Os que tinham algumas coisas de sobras trocavam com por outros produtos dos vizinhos. Compravam-se poucas coisas na cidade. Na cidade eu vinha pouco, só para vender com minha mãe, no Mercado Otani, principalmente agrião. A diversão de todos era eventualmente os bailes e aos domingos o jogo de futebol. E lembro-me que nadávamos no Rio Lagoa aos fundos do campo de bola e que às vezes ficávamos cheio de pó de serra vindo da Serraria do Vasco, na beira da estrada do Saltinho.”

Durães continua “ por sugestão dos Missionários dos Capuchinhos no ano de 1970, uniu-se então a Capela Nossa Senhora Aparecida da Água do Mandaguari com a Capela de São Sebastião da Colônia Mineira nesta última. Foi então que houve a necessidade de se construir uma capela maior, a qual existe até hoje. Nesta união houve um consenso em quase tudo. Menos no nome do Padroeiro da Comunidade. Depois de muitos desentendimentos, pois não se conseguia o consenso, resolveu-se que ficariam os dois Padroeiros, como assim até hoje está. Assim, no dia 20 de janeiro celebra-se o Padroeiro São Sebastião e no dia 12 de outubro celebra-se o dia da Padroeira Nossa Senhora Aparecida. Já a história da primeira “Escola da Colônia Mineira”.

EXPOSIÇÃO

PEABIRU 70 ANOS

1952-2022



1976



Em 1976 na Inauguração do Colégio Estadual 14 de Dezembro. Ao fundo Professor Walter da Silva Roque, com as mãos para tras Prefeito Antonio Basso. Lado oposto Deputado Antonio Ueno.

9. DÉCADA DE 1970: DO CAFÉ AO TRI: PEABIRU, 35 MIL HABITANTES.

Dos 90 milhões em ação éramos 35 mil. Gente pra todo lado, a maioria nas fazendas de café. O tri mundial da Copa do México era assistido em Peabiru na tv instalada bem no meio da praça central. Segundo Claudinei Nabarrete, “tinha poucas televisões em Peabiru. A televisão era uma grande atração. Em 1970, além dos jogos da Copa do Mundo no México, tinha uma novela de muito sucesso “Os Irmãos Coragem”: o bar no horário da novela lotava. As pessoas iam ao bar para assistir a novela. Meu tio José, já falecido, também teve um bar na Avenida Raposo Tavares (onde atualmente é a lanchonete do Dudi’s, antigo Correios). O Bar Ipiranga, muito tradicional naquela época. Em 1987, o avô Jonas do Bar da Rodoviária nos deixou.” Do primeiro ciclo econômico das madeiras derrubadas e cortadas pelas serrarias, veio o Hortelã (menta sativa) usada para fazer óleos para cosméticos até combustível de avião, que necessitava de terra rica em material orgânica, como a deixada após derrubada a mata.

Mas a Hortelã como dizia o povo “comia’ a terra, pois a esgotava rapidamente. Em seguida veio o Rami, que de suas fibras faz-se cordas e tecidos como o sisal e os cânhamos. Foi numa dessas máquinas que “Farofa” que fora árbitro de futebol perdera o braço nas bandas da fazenda São Jorge.

Em seguida o algodão, depois o café, e após a geada de 1975, as lavouras temporárias de milho, trigo e soja.

A GEADA NEGRA DE 1975

A manhã gelada, de 18 de julho de 1975 marcaria o Paraná econômica e socialmente, a geografia e a cultura do estado do Paraná.

A Geada Negra dizimou as lavouras cafeeiras do Paraná, então o maior produtor brasileiro. Os 850 milhões de pés ficaram reduzidos a zero, uma verdadeira tragédia acima do “paralelo 24”, ponto em que, pensava-se, as temperaturas polares nunca chegariam.

Ao acordar de manhã muito fria, viam-se as gramas esbranquiçadas, mas o cafezal ao redor da casa ainda verdes. Com passar das horas, sol subindo no céu limpo de inverno, as folhas foram adquirindo tonalidade marrom. “Coisa horrível, ver a lavoura que nos sustentava por muitos anos sendo queimado e destruído em algumas horas”, lembra um morador.

Diferente da Geada Branca (mais comum, na qual “queima” somente as folhas) a Geada Negra congela a seiva e mata o caule, tronco e folhas. Os cafezais deram lugar a soja e milho. Milhares de Paranaenses foram embora das fazendas para Rondônia, Mato Grosso e favela das grandes cidades. Peabiru perdeu mais da metade da população: de cerca de 34 mil habitantes em 1977 caiu para 16 mil em 1980. Eis que surge o “boia Fria” e a concentração de terras. Podia se recuperar os Cafezais? Sim. Mas o Governo usou de pretexto para entrada de insumos, maquinários, a soja. Houvera outras geadas em 1955, 1969 e 1972 e o café se recuperara.

O COLÉGIO ESTADUAL 14 DE DEZEMBRO

– Um caminhão para quem remover essa montanha de pó de serra.

Esta era a proposta da Serraria do Alemães, dos Hubner a Serraria na baixada da hoje Rua Urbano Carrero. Mas nem precisou, pois em 1976 sob o Governo estadual Jayme Canet Jr, iniciaram e inauguraram a nova escola estadual da cidade:

O Colégio Estadual 14 de Dezembro começou a funcionar em 1954 78 com o nome “Ginásio Municipal de Peabiru” com turmas de 5º a 8º séries, sendo mantido pela Prefeitura Municipal. Era um prédio em madeira, localizado na esquina entre a Av. Raposo Tavares e a Rua João Pereira dos Santos. Em 1956 ela estadualizou-se. De 1960 a 1977 ocupou o prédio do Grupo Escolar Felipe Silveira Bittencourt. Em 1977 ganhou prédio novo, na quadra da antiga serraria dos Alemães, local onde hoje está estabelecido.

NOSSO BRASÃO

Como um time de futebol, temos nosso escudo, o qual reconhecemos de longe.

Para Peabiru havia um brasão inicial com coroa de vila com dois ramos: um de algodão e outro de café, com as bandeiras do Paraná e de Peabiru ao Centro. Em 1972, o historiador de Campo Mourão, Nelson Bittencourt do Prado, elaborou um amplo estudo para a criação do brasão. Este estudo foi aprovado pela Câmara de Vereadores por meio de projeto de lei, que foi sancionado como Lei Municipal n.º 4 de 1972 pelo então prefeito, Lary Calixto Razzolini.

Todavia ainda há erros de heráldica, como a coroa em dourada, aplicada somente a capitais e ausência do elemento indígena a ele. No futuro há emanações para as devidas correções.



MARIA HELENA BASSI: TRÁGICO ACIDENTE

Maria Helena Bassi era filha de Guilherme e Maria Bassi. Nasceu em 24 de julho de 1954. Faleceu aos 18 anos. Estudante, seguia em 25 de junho de 1973 de Kombi a Maringá, onde na subida logo após a passagem da ponte do Rio Ivaí aconteceu um grave acidente. A morte de Maria Helena chocou a cidade.

Baiano Macaco, sempre brincava quando a encontrava na loja de calçados de seu pai Guilherme Bassi, ao lado da Igreja Católica:

– Menina, você tem que deixar de ser São Paulina.

Desde então a Rua Apucarana passou a se chamar RUA MARIA HELENA BASSI.

Naquela segunda feira nublada e fria o trágico acidente.

A jovem Maria Helena Bassi tinha um salão de beleza ao lado da loja do pai. No dia do acidente, ela, a tia e o namorado da tia que dirigia a Kombi foram levar um secador de cabelo para arrumar em Maringá, secador daqueles grandes que se sentava embaixo e colocava a cabeça para secar. Na subida do mamão, após a ponte, a colisão com o caminhão. Maria faleceu, a tia quebrou as pernas e o rapaz nada sofreu. Maria Helena começou a ser velada no andar de cima da Casa Santo Antônio de seu pai ao lado da Igreja Católica. Mas como era muita gente visitando, o chão começou a tremer e por segurança transferiram o velório para o Salão Paroquial. Maria Helena Bassi fora enterrada de noiva, vestido todo branco.

Ana Paula Bassi relata que “na batida ela nada sofreu. O problema foi que a porta do carro se abriu e ela caiu pra fora. Foi atropelada por um caminhão q passava na hora. Outro aparte, só a nível de curiosidade, ela namorava o Rubens Bueno.”

Florinda Bassi lembra que “ela era uma pessoa muito humana, preocupada com todos, tem um fato entre tantos outros. Em uma ocasião tinha um senhor bêbado caído na calçada em frente a loja deles com as calças

caída expondo suas partes íntimas, as pessoas que passavam riam ou se escandalizavam, a Maria Helena na falta de um cinto pegou uma cordinha levantou a calça do senhor e prendeu compondo suas vestimentas. Gostava muito de crianças, conversava com todos, era alegre, contava piadas. O Alexandre meu filho era bebê quando ela faleceu ele tinha 5 meses, era comum ela o pegar e levar até seu salão, morávamos perto.”

EXPOSIÇÃO



PEABIRU 70 ANOS

**Maria Helena Bassi
que aos 18 anos
em 1973 nos deixou.
Hoje, a rua com
seu nome,
é a lembrança.**



1970



A Juventude de Peabiru nos anos 70

1952-2022

EXPOSIÇÃO

PEABIRU 70 ANOS



**Av. Raposo
Tavares
em 1975**



1952-2022



"Paquera na Avenida" nas tardes de domingos dos anos 80.

10. ENTIDADES DE SERVIÇOS SEM FINS LUCRATIVOS

A REDE FEMININA DE COMBATE AO CÂNCER foi fundada em 6 de julho de 2001 pela Rede Feminina Paranaense de Combate ao Câncer, da qual é parte integrante em Peabiru. É uma associação civil sem fins lucrativos ou econômico, sem finalidade política ou religiosa regida por estatuto próprio e Regimento Interno. Sua Diretoria é conclamada por meio de Assembleia. Assim sendo:

PRESIDENTE	MANDATO
Ilga Klein Gafuri	2001 a 2005
Venilda Figur Ruppenthal	2006 a 2011
Luísa Sanna Ramos	2012 a 2015
Maria Elena Ferreira	2013 a 2016
Marcia Aparecida Ribeiro Bonetti	2020 a 2021
Selma Adriana Kusmiak Guilherme	2020 a 2023

A Rede trabalha na assistência às pessoas mais carentes em tratamento ao câncer, bem como trabalha na prevenção e todas suas ações vêm de promoções próprias e doações.

O ROTARY CLUB DE PEABIRU foi criado em 22 de abril de 2015 tendo como presidentes:

- 1.** Paulo Rodler
- 2.** José Antônio das Mercer
- 3.** Hélio Scarabel Júnior
- 4.** Eliezer Maurício de Souza
- 5.** Alessandra Belline
- 6.** Gerson Galick
- 7.** Ivanete Simonelli
- 8.** Vilma Aparecida Scarabel
- 9.** Teófila Pricila Klepa Rodrigues

O LIONS CLUBE DE PEABIRU figura como um dos 50 clubes pioneiros do Brasil, consta que o Lions Clube de Peabiru foi o 46º fundado no Brasil no dia 7 de agosto de 1955, tendo como padrinho o Lions Clube de Maringá, cujo padrinho físico foi o CL. Aristino Flausino Teixeira de Almeida.

Desativado e refundado por duas vezes. Em 1970, este clube de serviço foi novamente fundado. Desta vez pelo ex CL Domingos Garcia Dias recém chegado de Nova Esperança trouxe a ideia de aqui fundar um Lions Clube. Na época foi convidado o Lions Clube de Campo Mourão para a apadrinhar o novo clube.

A primeira reunião festiva aconteceu no restaurante Porteira Rio Grande. O primeiro presidente foi o CL. Ney Rebello Guimarães que segurou a presidência durante o ano leonístico de 1970/1971.

Porém, com o passar do tempo, começaram as deserções e o clube foi morrendo aos poucos, e o CL pastor Nicolay Newmann não teve forças para terminar seu mandato. O Lions Clube adormeceu novamente no princípio de 1972.

O Lions Clube de Peabiru renasceu pela 3ª vez em 28 abril de 1982, apadrinhado pelo congênere de Terra Boa, pertencente ao distrito L-21 (hoje LD-6) cujo governador na época era o CL. George El Haouli de Cambé e teve

como padrinhos físicos os CC. LL João Paulo da Cruz e João Atílio Mariano.

A primeira diretoria foi empossada pelo governador do distrito e teve sua gestão entre 28 de abril de 1982 a 30 de junho de 1983 sendo seu primeiro presidente o CL Nazarei Ozieranski.

Possui sede própria cujo nome é “Toca do Leão CL. Lydio dos Santos Cabreira” e se firmou como um grande clube. Dos 32 CC.LL que fundaram o clube em 1982 apenas 2 ainda se encontram participando ativamente, são eles os CC.LL Oscar Leopoldo Klein e João Carlos Klein.

No ano leonístico de 1997/1998 foi fundado o Leo Clube de Peabiru, e após um breve período inativo voltou a ser reativado, no ano leonístico de 2005/2006 que infelizmente acabou por ser desativado novamente. (Texto pesquisado pela CL. Maria Luiza e CL Laertes S. S. Cabreira).

PRESIDENTES	GESTÃO
Nazarei Ozieranski	1982/1983
Miguel Leonardo Espínola Montania	1983/1984
Miguel Leonardo Espínola Montania	1984/1985
Oscar Leopoldo Klein	1985/1986
Lydio dos Santos Gonçalves Cabreira	1986/1987
Alceu Venâncio	1987/1988
Gilmar Roberto Alvares	1988/1989
Ariovaldo José Tolomeotti	1989/1990
Mário Benevenuto Chicarelli	1990/1991
Laertes Santos Souza Cabreira	1991/1992
Mário Benevenuto Chicarelli	1992/1993
José Candido Mendes	1993/1994
Leonildo Simonelli	1994/1995
Luiz Carlos Bertipalha	1995/1996

Armando Olavo Rogge	1996/1997
João Carlos Klein	1997/1998
João Noel de Oliveira	1998/1999
Luciano de Souza Cabreira	1999/2000
Laertes Santos Souza Cabreira	2000/2001
Emerson Carlos Simonelli	2001/2002
João Noel de Oliveira	2002/2003
Juventino Carrara	2003/2004
Maria Aparecida Bassi	2004/2005
Gilson Brás Bassetto	2005/2006
Odilon Alves dos Santos	2006/2007
Oswaldecir Cavalheri	2007/2008
Maria José do Nascimento	2008/2009
Aldir Bilmayer	2009/2010
Maria de Lourdes Bassi Alves Tonete	2010/2011
Gilson Brás Bassetto	2011/2012
Gilson Brás Bassetto	2012/2013
João Noel de Oliveira	2013/2014
João Noel de Oliveira	2014/2015
Carlos Dias Sabará	2015/2016
Odilon Alves dos Santos	2016/2017
Odilon Alves dos Santos	2017/2018
Gilson Brás Basseto	2018/2019
Leonício Pereira Lopes	2019/2020
Anderson Carlos P. Montagnini	2020/2021
Anderson Carlos P. Montagnini	2021/2022
Luiz Carlos Avanço	2022/2023

A LOJA MAÇÔNICA CAMINHO DO PEABIRU foi criada em 02/08/2014 em Peabiru-PR, teve como Veneráveis:

Veneráveis da ARLS Caminho do Peabiru, nº 4343	
Aparecido Ravazzi	2014/2015;
Gilberto Leandro Peron	jun-2015/mai-2017;
Luís Carlos Negri	jun-2017/mai-2019;
Sergio Aparecido Izelli	jun-2019/mai-2021;
Miguel Luiz Santana	jun2021 até o momento

A LOJA MAÇÔNICA RUI BARBOSA foi criada em 19 de junho de 1958, com as esposas dos membros da Loja, instalando, 19 de agosto de 1979, a “Fraternidade Acácia Peabiruense”.

VENERÁVEL⁶	GESTÃO	PRESIDENTE ACÁCIA (a partir de 1979)
Arnaldo M. de Carvalho	Gestão 1958 a 1959	
João Rodrigues Dantas	Gestão 1959 a 1960	
Petrônio Ferreira Sarmento	Gestão 1960 a 1962	
Arnaldo M. de Carvalho	Gestão 1962 a 1964	
Getúlio Pereira Salerno	Gestão 1964 a 1966	
Vicente Erasmo Duarte	Gestão 1966 a 1967	
Lydio dos Santos Cabreira	Gestão 1967 a 1968	

6. Revista Jubileu de Ouro da Loja Maçônica Rui Barbosa n.º 16 , Or. Peabiru-PR, 2008

Cleuzer Araújo	Gestão 1968 a 1970	
Lydio dos Santos Cabreira	Gestão 1970 a 1971	
Idimão Simão	Gestão 1971 a 1972	
Leonesto Emílio Eitelwein	Gestão 1972 a 1973	
Lydio dos Santos Cabreira	Gestão 1973 a 1974	
José Bardini Netto	Gestão 1974 a 1975	
Idimão Simão	Gestão 1975 a 1976	
Jurceu Sakuma	Gestão 1976 a 1977	
Roggi Miguel Jorge	Gestão 1977 a 1979	
Francisco Marinho dos Santos	Gestão 1979 a 1980	Maria Parecida Faria dos Santos
Cleuzer Araújo	Gestão 1980 a 1981	Clara Andrade Miranda Araújo
José Bardini Neto	Gestão 1981 a 1982	Neuza Antonia Bassi Bardini
Alcides Pazian	Gestão 1982 a 1983	Maria Antonia Mantovani Pazian
Cleuzer Araújo	Gestão 1982 a 1984	Clara Andrade Miranda Araújo
Hitler dos Santos	Gestão 1984 a 1986	Solange de Paula P. dos Santos
Mauro Antonio Foristieri	Gestão 1986 a 1988	Edemeia Maria Mariza L. Foristieri
José Marcos G. Lopes	Gestão 1988 a 1990	Luzia de Fatima Correa Lopes
Wilson Jardim de Carvalho	Gestão 1990 a 1992	Idalnelia Ap. Mantovani Carvalho

Edward Bernardi Junior	Gestão 1992 a 1994	
José Marcos G. Lopes	Gestão 1992 a 1994	Luzia de Fatima Correa Lopes
Paulo Schweratner	Gestão 1996 a 1998	Sonia Silva Schweratner
Rui Ruiz Alves	Gestão 1998 a 2000	Cristina Aparecida Palma
Paulo Sérgio Rezende	Gestão 2000 a 2002	Lucia do Rosário Modesto Ramos Rezende
Werrington Balassa Lopes	Gestão 2002 a 2004	Neusa Maria Almeida Lopes
Antonio Luiz Teixeira da Silva	Gestão 2004 a 2006	Monica Silveira Teixeira da Silva
José Carlos Correa dos Santos	Gestão 2006 a 2008	Cleusmarina da Silva Santos
Edson Rogério Paris	Gestão 2008 a 2010	Cleuza do Nascimento Paris
Silvio Rogério de Lima	Gestão 2010 a 2012	Jeovana Cristina de Lima
Lincoln Mitsuo Tomiyama	Gestão 2012 a 2014	Emília Tomiyama
Júlio Cezar Frare	Gestão 2014 a 2016	Izabel Cristina de Aguiar Frare
Robson Badoco	Gestão 2016 a 2018	Rosana Valarini Badoco
Luciano de Souza Cabreira	Gestão 2018 a 2020	Cleonice Lazaretti Cabreira
Paulo Roberto Nicioli	Gestão 2020 a 2022	Waldirene Nicioli
Alexandre Pelizzari	Gestão 2023 a 2024	Vanessa Zambon Valerio Pelizzari

O “CAPÍTULO DA ORDEM DEMOLAY” de Peabiru veio da instalação da Ordem De Molay no estado do Paraná. Getúlio Pereira Sales funda e instala em Campo Mourão em 31 de maio de 1986 o primeiro Capítulo da Ordem DeMolay no estado do Paraná, o Capítulo n.º 28. Em Peabiru, foi instalado a 20 de junho de 1987, o “Capítulo da Ordem DeMolay Peabiru - n.º 60” reunindo a juventude Maçon, patrocinada pela Augusta e Respeitável Loja Maçônica Rui Barbosa nº 16.

Os Mestres Conselheiros dirigem o Capítulo local sob a supervisão de um Presidente do Conselho Consultivo da Loja Rui Barbosa, que assim foram desde 1987:

Gestão	Ano	Mestres Conselheiros	Presidente do Conselho Consultivo
1. ^a	1987	Cesar Bardini	José Bardini Neto
2. ^a	1988	Cesar (Baiano)	José Bardini Neto
3. ^a	1988	Nasser Hasan	José Bardini Neto
4. ^a	1989	Nasser Hassan	José Bardini Neto
5. ^a	1989	Claudemir dos Santos	João Marcos Gonçalves Lopes
6. ^a	1990	Gilberto Leandro Peron	
7. ^a	1990	Nelson Akinori Ogata	
8. ^a	1991	Nelson Akinori Ogata	
9. ^a	1991	Fabiano Cavalheri	Antonio Aparecido Gomes
10. ^a	1992	Anderson Aleixo	Antonio Aparecido Gomes
11. ^a	1992	Mario Chicarelli	Antonio Aparecido Gomes

12. ^a	1993	Gilberto Leandro Peron	
13. ^a	1993	Gilberto Leandro Peron	
14. ^a	1994	Anderson Aleixo	
15. ^a	1994	Alessandro Peron	
16. ^a	1996	José Marcos Lopes Junior	Sérgio Izelli
17. ^a	1997	Edimar Iori	João Marcos Gonçalves Lopes
18. ^a	1998	Edimar Iori	Sérgio Izelli
19. ^a	1999	Cléo Camilotto	
20. ^a	2000	Cléo Camilotto	
21. ^a	2001	Wagner Koriyama	Werrington Lopes
22. ^a	2002	Wagner Koriyama	Werrington Lopes
23. ^a	2003	Danilo Sebastião Ferreira	José Carlos "Kromoset"
24. ^a	2004	Mauricio de Paula	João Batista de Paula
25. ^a	2005	Fabiano da Silva	Edson Paris
26. ^a	2006	Danilo Scarabel	
27. ^a	2007	Lucas Manoel Prudêncio de Brito	Edimar Iori
28. ^a	2008	Deivid Junior	Edimar Iori

29. ^a	2009	Lucas Cabreira	
30. ^a	2010	Murilo Menck	Aislan Calazado
31. ^a	2010	Tiago Dalaroza	Aislan Calazado
32. ^a	2011	Renan Cristiano	Aislan Calazado
33. ^a	2011	Douglas Grigoli	Aislan Calazado
34. ^a	2012	Johan Georg	Julio Frare
35. ^a	2012	Arthur Cunha	Julio Frare
36. ^a	2013	Douglas Grigoli	Julio Frare
37. ^a	2013	Luis Milton Brito	Julio Frare
38. ^a	2014	Luis Milton Brito	Robson Badoco
39. ^a	2014	Ivan Junior	Robson Badoco
40. ^a	2015	Paulo Henrique Fernandes	Robson Badoco
41. ^a	2015	Alexandre Nunes	Robson Badoco
42. ^a	2016	Vitor Marques	Gilberto Costa
43. ^a	2016	Matheus Galdino	Gilberto Costa
44. ^a	2017	Edson Miyake Junior	Gilberto Costa

45. ^a	2017	Mateus Brito	Gilberto Costa
46. ^a	2018	Pedro Paulette	Lucas Brito
47. ^a	2018	Gabriel Pante	Lucas Brito
48. ^a	2019	Matheus Palma	Lucas Brito
49. ^a	2020	Felipe Galo	Lucas Brito
50. ^a	2020	João Pedro Nascimento	Rodrigo Dala Rosa
51. ^a	2021	Antonio Simonelli	Rodrigo Dala Rosa
52. ^a	2021	Vitor Trevisan	Rodrigo Dala Rosa
53. ^a	2022	Vitor Trevisan	Gilberto Costa
54. ^a	2022	Kildere Carvalho	Gilberto Costa

1952-2022

DÉCADA DE 1980

PEABIRU 70 ANOS



Peabiru também é Penta: de 1986 a 1990 o time de Basquete Feminino comandado pelo Prof. Ademir Billy Basso era imbatível no Paraná.



A Família Ogata no Xadrez conquistou títulos brasileiros e representou Peabiru em diversos mundiais na Europa.



Campeão Amador de Futebol de 1987



11. ANOS 80: O ÊXODO RURAL E O DESTAQUE NOS ESPORTES

Entramos nos anos 80 com uma queda brutal na população, conforme observa-se no quadro abaixo:

TABELA 2: DESOCUPAÇÃO POPULACIONAL DE PEABIRU-PR

PERÍODO	GRUPO SOCIAL	EVENTO DE SAÍDA	DESTINO
1975 até final da década de 1980: de 34.971 habitantes em 1977 para 16.966 em 1980	Trabalhadores rurais com residência fixa na zona rural	Revolução verde; Geada negra de 1975; Troca de Lavoura Permanente (café) Por lavouras temporárias (soja, milho trigo) Nascimento do trabalhador volante (bóia fria)	MATO GROSSO DO SUL, MATO GROSSO, RONDÔNIA CIDADES GRANDES DE SÃO PAULO E CURITIBA (instalação em favelas)

Fonte: Arleto Rocha

Peabiru de cerca de 34.971 habitantes em 1977 perdeu 18.005 habitantes em 3 anos, caindo para 16.966 habitantes em 1980. Uma queda brutal. Moradores da Zona rural, devido a troca da lavoura permanente, principalmente o café pelas lavouras temporárias, soja, milho, trigo, e excluídos do modo de produção agrícola se dirigiram ao estado do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Rondônia. Outra leva foi para os grandes centros urbanos, principalmente São Paulo e Curitiba, no qual engrossaram as fileiras das sub moradias, as favelas.

AULAS NO PINHEIRINHO: A ZONA DO BAIXO MERETRÍCIO DE PEABIRU

Em 1983, a Professora Virma Bassi Frare, mãe do hoje Prefeito Júlio Frare (2017-2024) foi incumbida pelo Prefeito de então, Nelson Proença a alfabetizar as prostitutas. Na verdade, Virma foi a única que se prontificou para tal empenho. Eram pessoas simples, e o projeto teve seu sucesso por quase dois anos, além da experiência de vida da professora Virma. Segundo Virma “até pouco tempo, encontrava meninas da época que me agradeciam por saber escrever o nome. “

A Zona do Baixo Meretrício em Campo Mourão começou nos 50 na Avenida Goioerê e se entendeu até a Rua Jorge Walter, dos dois lados. Na década de 1960 estabeleceu-se na Rua Santa Catarina sentido Perimetral Tancredo Neves.

Em 1954, o Prefeito de Campo Mourão que morava em Peabiru, o médico Daniel Portella (irmão de Juvenal Portela) recebeu requerimento da Câmara para mudar o nome da Rua Santa Catarina pois a zona naquela rua era afrontosa a santa, conforme escritos de Osvaldo Broza.

Anos depois a zona foi mudada para direção da atual Santa Casa de Campo Mourão a “Zona do Samambaial”, pois o local era cheio desta planta.

Mas esta “zona” teve seu declínio com abertura da “Boite América”, em Peabiru, entre Peabiru e Campo Mourão, mesmo prédio que funciona hoje o Restaurante do Gaúcho ao lado da Fazenda Graciosa.

A Boate da “Lucrécia”, o nome da dona, ali logo após a subida do rio 119 era um point mais requintado, e, mais caro.

Então quem não queria ou não tinha dinheiro para gastar, ia mais adiante em direção a Peabiru na: “Zona do Pinheirinho” na Zona do Baixo Meretrício, vindo de Campo Mourão, chegando em Peabiru.

Chegou-se a 400 mulheres na pequena cidade ao alto do morro, com casas dos dois lados, intenso trânsito, principalmente ao cair da noite.

Funcionavam as casas “Baila Comigo”, “Chega Mais”, “007”, o espetinho do “Churrasqueiro”, os meninos vendendo pão e sorvete durante o dia.

Lembro-me que o Jesse Pintor fora chamado por Fatiminha mulher da Zona, para pintar dezenas de estrelas no teto do seu quarto de trabalho. Jesse pintara, recebera, e antes de ir, o porquê das estrelas coloridas no teto:

–“Pra eu contar!”. A função que para Fatiminha era: terminar logo!

Nelci, mãe de Arléto Rocha, lavava roupa e costurava para as mulheres da zona.

Chegavam sempre de táxi, cheirosas, bem vestidas e bonitas. Cigarro Continental ou Arizona entre os dedos de unhas pintadas e bem cuidadas.

Antes dos carros, dos táxis, as prostitutas andavam pela cidade em charretes, puxada a cavalos. Charrete com capota aberta era mulher de família, charretes de capota fechada eram elas.

Teve a história da jovem meretriz que se apaixonou por um cliente, e desiludida, desapareceu do Pinheirinho. Quinze dias depois Pernambuco, o João Golo, que era espécie de serviçal e eunuco da zona, a encontrou dentro do poço, morta.

Marca de uma época, geralmente os rapazes eram levados, por vezes por alguém da família (irmão, tio) ou amigos para terem a primeira experiência sexual na zona do baixo meretrício. Antropologicamente, um ritual de passagem, hoje em desuso, de que o rapaz transformaria se em homem.

Marcio Souza relata que “no meu tempo de Peabiru (1953/59) as meretrizes eram reconhecidas por virem de charrete para o centro da cidade, fazer compras, etc. As “senhoras casadas” e as “moças de família” jamais usavam a charrete como meio de transporte. “Filho de Charreteira” era um xingamento. Já Aroldo Santos relata que “os táxis das meninas eram as charretes, muito coloridas e só as mais ricas iam de jipe 4 portas ou a Aero Willys. Devido as estradas de chão, o barro quando chovia, Jipe era melhor veículo para Táxi.”

Cilso Santos Aparecido lembra que “eu vendia sorvete lá e cobrava o dobro dos sorvetes. Vendia escondido pois era de menor, ai quando cheguei em

Curitiba perguntava pros amigos: – Onde você mora? Como em Curitiba tem o Bairro do Pinherinho, respondiam: – No Pinherinho. Aí eu não aguentava, ria. Como disse eu ia escondido pois tinha um amigo de maior que me encontrava e ajudava levar carrinho. O Léo do Bar, Sorveteria Cremone na Av. Vila Rica assustava: – “Já vendeu tudo! Era proibido ir na zona.”

Polícia pegasse de menor na zona, problema sério. Alguns jovens já crescidos, mas ainda menores de idade as vezes iam escondidos dos pais. Para estes era uma aventura, perigosa por sinal.

Sob um olhar comportamental de um tempo, sociologicamente falando, muitos homens dividiam entre a mulher da sala (esposa) e iam a ZBM para a mulher do quarto (a meretriz). A mulher de casa, para procriação e a mulher da zona para o prazer.

Outra regra comportamental, cruel por sinal, era quando a moça “se perdia”, ou seja, antes do casamento os namorados iam “além”. Era desonra e vergonha para a família, que para salvar a honra entregava a moça para a função na Zona do Baixo Meretrício.

Rosane Dos Reis Chicarelli escreve que “Tenho uma amiga que amo de paixão, é professora e foi incumbida de alfabetizá-las. Mas depois de muitos anos, muitas mulheres daí foram morrendo e as que ficaram não tinham familiares (se tinham não comentavam, talvez por vergonha). No ano de 1990 eu trabalhava no Colégio São José e chegou uma zeladora que foi moradora de lá na época boa e me disse que tinha uma delas que estava com problema no coração, mas ela já não morava mais lá tinham fechado o comércio. Aí num domingo de muita chuva esta zeladora foi até minha casa e disse que ela estava muito mal, peguei o carro e com muita mentira e jogo de cintura consegui interná-la na Policlínica em Campo Mourão (era o sonho dela este tratamento) passei a tarde inteira em função dela. Mas a felicidade dela me fazia feliz também. Cheguei em casa às 20 horas e fui fazer um café. De repente o telefone toca dizendo que ela tinha falecido. Me deu uma crise de riso que não conseguia controlar (de nervosa) só falei pro Mário (Chicarelli): “A senhorinha morreu!” E ele me disse: “Nossa, agora que ela estava feliz por estar sendo cuidada por cardiologista”. Como eu fiquei responsável por ela lá vai eu cuidar do funeral fui até o Vinícius Bittencourt (in memória) da funerária. E contei o ocorrido e disse agora é com você, e ele me disse e quem vai pagar? Eu falei: “Deus”. E como meu amigo era uma

pessoa de um coração enorme fez o funeral dela. (Terezinha in memória).”

Um outro dado: a primeira Zona do Baixo Meretrício fora na quadra ao lado do Conjunto 66, perto da Horta do Honda. Com o crescimento da cidade era necessário tirar a zona do centro urbano e o espaço na saída para Campo Mourão fora doado, por um uma “boa alma”, estrategicamente em seu caminho para casa, no alto do Pinheirinho. Conforme relata a Professora Selinda Silva Rodrigues “Ficava perto a Serraria Lisa, cujo montes de serragem era o divertimento da meninada. Subíamos lá para ver as mulheres em sua rotina mas a polícia corria atrás, e é claro: ficava-se escondido nas pilhas de madeiras enormes, colocadas para secar. De Alguns nobres cidadãos, lembro-me bem do que faziam com essas mulheres: rostos cortados com Gillete, as mais perversas formas de tratamento que uma mulher poderia receber. Enfim, a Serraria queimou e as atividades foram transferidas para o Pinheirinho. Ainda tem aqui em Peabiru, uma família que o pai foi charreteiro. Meu tio Joaquim (falecido recentemente), tinha um bar onde até hoje minha mãe mora com meu irmão, e este fornecia algumas coisas para esta clientela.”

Selma Lima lembra que “A mais famosa das mulheres do Pinheirinho era tal Paraguaia. Ela viajava muito com os ricos empresários. Não desmerecendo ninguém, mas as roupas que usavam antigamente eram bem mais comportadas do que as roupas que as madames usam hoje em dia. Eram mulheres finas elegantes quando iam a cidade de charrete ou de taxi.”

A Professora Araci De Souza Rosa diz que “Lembro bem dessas mulheres quando passavam na rua de charrete todas muito bem arrumadas e maquiadas”.

Já a Professora Graça Lopes Pedrezini pontua muito bem que “todas elas eram cadastradas e tinham que passar periodicamente pelo Posto de Saúde. Caso não comparecessem, o Médico ia até lá.”

A Zona do Baixo Meretrício entrou em declínio com o avanço da AIDS e doenças sexualmente transmissíveis nos anos de 1980 e não chegou aos anos 90.

Hoje, a rua em mão dupla ainda existe na entrada de Peabiru, e muitos pelo Brasil afora lembram do Pinheirinho, uma das maiores Zonas do Paraná, parte dos 70 anos da História de Peabiru-PR.

O XADREZ DOS OGATA

Nos anos 1980 a Família Ogata mantinha uma escolinha de xadrez, de onde saíram campeões brasileiros, como Edson Akio Ogata, Nancy Ogata e Nelson Akinore que representaram o Brasil nos mundiais na Noruega e na Áustria. Seu Wenceslaw Macowski (Vasco) tinha um tabuleiro onde inspirou os jogos de xadrez dos Ogatas.

Seu Takeaki Ogata, nascido no Japão, aos 18 anos veio para o Brasil em São Paulo onde se casou com a nissei Francisca. Depois veio para Peabiru, trabalhar na lavoura e no comércio.

Takeaki aprendeu jogar xadrez com um amigo e falava que o jogo de xadrez era igual o Schigui, o jogo japonês, o que facilitou a assimilação para jogar xadrez.

Em 1982, auxiliado pela Prefeitura Municipal de Peabiru-Pr criou a escola Clube do Xadrez em Peabiru-Pr.

Desta escola saíram 6 campeões estaduais, além dos títulos nacionais de Edson Akio Ogata e Nelson Akinori.

Edson Akio Ogata foi tri campeão paranaense na categoria juvenil em 1986 foi campeão brasileiro, ano que representou o Brasil no Campeonato Mundial em Gausdal, na Noruega, ficando em 45º lugar.

Nelson Akinori Ogata disputou seu primeiro campeonato em 1983 e em 1985 foi campeão paranaense infantil e campeão do 2º Torneio Aberto de Peabiru e 3º lugar no Campeonato Brasileiro no Torneio Aberto infantil em Paranaguá. Akinori foi campeão paranaense e brasileiro de cadetes em 1988 e disputou o campeonato Mundial em Innsbruck na Áustria, do qual ficou em 14º lugar entre 44 países.

Nancy Ogata começou a disputar competições em 1985, aos 13 anos, quando foi tri campeã paranaense feminino, campeã no torneio aberto de Peabiru.

Da mesma escola, o jovem Eduardo Miguel Farias Espínola, filho do Dr. Miguel Leonardo Espínola Montania e Dra. Maria Izabel Farias Espínola foi

campeão paranaense infantil em 1987.

No Futebol Peabiru foi campeão amador de 1987 da liga de Campo Mourão, com o técnico Alcides da Palma, sob o comando de Getúlio Francisco. Em 1986 foi Campeão dos Jogos Escolares do Paraná em Umuarama com o técnico Jose Lourival Guerra e 4º lugar dos Jogos Escolares do Paraná fase final em Paraiso do Norte em 1991 com o Técnico Antônio Gatto Filho.

JATOBÁ E O CORINTHIANS

Ele fez parte da reação corintiana no Campeonato Paulista de 87 e chegou a atuar até na antiga Iugoslávia, em plena Guerra Civil. Hoje, Carlos Roberto Jatobá, o Jatobá, é empresário em Curitiba (PR) e trabalha com transferência de jogadores para o exterior. Jatobá vive entre a bela capital paranaense e o “Velho Continente”.

Nascido no dia 2 de janeiro de 1963, em Peabiru (PR), Jatobá foi um zagueiro que se destacava pela raça. Começou a se destacar na equipe Pinheiros (que depois se uniu ao Colorado e formou o Paraná Clube).

No segundo semestre de 1986, Jatobá foi contratado para defender o Corinthians. À época, o alvinegro reformulava o elenco. Além de Jatobá, outros jogadores pouco badalados desembarcaram no Parque São Jorge, entre eles Wilson Mano e Edevaldo (ambos ex-XV de Jaú), Marco Antônio (ex-Ferroviária) e Catanoce (ex-América de Rio Preto).

Atuações regulares e os gols de cabeça, principalmente após escanteios cobrados por João Paulo e Jorginho, fizeram com que o zagueiro se tornasse titular da zaga corintiana em 1987. A sua ausência na primeira partida das finais do Paulista, no Morumbi, foi sentida. O São Paulo venceu a partida por 2 a 1. Mauro e Edevaldo foram bastante criticados. Jatobá não jogou porque estava suspenso.

Antes da disputa do Brasileirão, Jatobá foi negociado com o futebol iugoslavo. Com a camisa corintiana, entre 1986 e 1987, o quarto-zagueiro realizou 53 partidas (24 vitórias, 19 empates e 10 derrotas) e marcou 7 gols. Jogou

no Grêmio de Maringá de 1982 a 1984; Pinheiros (1984 a 1986); Corinthians (de 1986 a 1987); Atlético Goianiense (1989); Coritiba (1989); América Mineiro (1990); Spartak Subotica (1991); Lokeren (1991) Catanduvense (1991); Botafogo SP (1992 a 1994) e encerrou a carreira em 1994 no Atlético Paranaense.

Da família, Marcia Jatobá, hoje Técnica da Seleção Brasileira Feminina Sub 20, jogou dois mundiais e as olimpíadas de Sidnei 2000 pela seleção brasileira principal.

EXPOSIÇÃO



PEABIRU 70 ANOS

"Chove Sobre Minha Infância" tem como pano de fundo a cidade de sua infância e juventude, Peabiru: a renomada obra, do escritor Miguel Sanches Neto.

1952-2022



1980/1990

Do futebol das ruas de terra de Peabiru ao Corinthians de 1987: Jatobá.



DESTAQUES PEABIRUENSES NO ESPORTE PELO MUNDO

Tivemos outros atletas no futebol profissional como o meio campo Chiquinho Garrido que jogou no Sport de Campo Mourão e Goioerê na década de 1990; o atacante Marcello Peabiru que da ADAP Campo Mourão jogou no Santos em 2003, depois passou pelo Guarani e Coritiba; o goleiro Douglas “Pastor” Ruppenthal que foi goleiro do Atlético Goianiense.

No Tae-kwon-do Mateus Glatz foi em 2020 medalhista de Ouro no Tae-kwon-do no Pan-americano da Costa Rica e Bicampeão da Copa do Brasil.

Já no esporte Paraolímpico, David Jhones em São Paulo -SP foi Campeão Brasileiro de Parataekwondo de 2021 e disputou o mundial da modalidade em Istambul na Turquia.

A jovem Barbara Pospisil representou Peabiru no lançamento de dardo em 2009 pela Seleção Brasileira de Atletismo, além de ganhar medalha no Campeonato Brasileiro Caixa de Menores. Bárbara também liderou em 2010 o Ranking nacional da categoria. Na categoria mirim (até 15 anos) também foram medalhistas a Peabiruense Noélia Cristina no lançamento do dardo.

Noélia Cristina Rodrigues, ganhou três medalhas nos 2º Jogos Pan Americanos Escolares, que aconteceu na Guatemala em 2012, nas modalidades arremesso de peso, lançamento do disco e lançamento do dardo, conquistando duas medalhas de bronze e uma de prata no lançamento de dardo, que é a modalidade pela qual disputou no Campeonato Brasileiro do mesmo ano ficando com o segundo lugar.

Já a Peabiruense Isadora Fiorini sagrou se Campeã Brasileira Interclubes de Lançamento de Dardo sub-16 de 2022 no campeonato promovido pela CBA (Confederação Brasileira de Atletismo) em Timbó-SC. E detalhe: Isadora sendo sub 13. Isadora representando a equipe FECAM / ASSERCAM de Campo Mourão-PR atingiu a marca de 35m30cm, quase um metro a mais que a segunda colocada.

BASQUETE PENTA CAMPEÃO PARANAENSE

Em 1982, foi inaugurado o Ginásio de Esportes Ari da Silva, sob o trabalho do Diretor de Esportes Daniel Boti Bandeira, no mandato do Prefeito Jorge da Silva Pinto. A área escolhida ao lado da canchinha descoberta, onde as placas de concreto eram vedadas por piche, sob os cuidados do Seu Pacheco. Memoráveis campeonatos foram ali disputados, até o Corinthians viera jogar ali. A morte de Ricardo Souto Cardia, jogando futebol na quadrinha, foram um dos episódios que marcaram o local.

Deste tempo, a era de ouro do Basquete e do Esporte de Peabiru-PR, comandado pelo Professor Ademir Billy Basso: Peabiru foi Pentacampeão Paranaense Escolar de Basquetebol.

Billy chegou em Peabiru em 1965 vindo de Uraí-PR, atuando como técnico das equipes de basquete de Peabiru de 1985 a 1990. Foi técnico da Seleção Paranaense de Basquetebol Feminino, participando dos Jogos Escolares Brasileiros, Jogos Sul Americanos Estudantis.

Venceu de forma sequencial por Peabiru os Jogos Escolares do Paraná em 1986, 1987, 1988, 1989, 1990. Foi vice-campeão dos Jogos da Juventude em 1991 em Maringá e com muitas atletas peabiruenses integrando a Seleção Paranaense por vários anos. Com ele, as meninas de Peabiru no basquete foram 8 vezes campeão paranaense de basquete e com Billy e algumas atletas de Peabiru, foram Campeãs Brasileiras dos Jogos Escolares e Sul Americano de Basquete em 1994 na Argentina.

SPORT CLUBE PEABIRU DO CÉU

É a memória, a História Afetiva é real. Nossas saudades.

Claro, há jogadores e craques que foram, que podem ter ficado de fora.

Na memória, estes, que no feito deste quadro, fizeram hora ou outra, emergirem lembranças e até, lágrimas.

Hoje, tem jogo no céu, e quem vencerá, serão nossas boas lembranças.



1952-2022

95 031-53

ANEXO II
DO PROJETO DE LEI Nº 212/95

"HINO A PEABIRU"

Ass. EDUARDO STELLI

1 TROMPETE

2 TROMPETE

3 TROMPETE

1 TROMBONE

2 TROMBONE

3 TROMBONE

TROMPA

BOMBARDINO

TUBA

CAIXA

PRATO

BUMBO



1995

Partitura do Hino de Peabiru, composto por Espedito Ferreira e estabelecido pela Lei Municipal n.º 212/95 de 23 de novembro de 1995.

12. ANOS 90: GANHAMOS UM HINO E UMA FESTA

Podemos estar no lugar que for, basta ouvirmos os primeiros acordes do Hino Nacional Brasileiro e de forma automática, espontânea começamos a cantarolar “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas”. É envolvente, tácito, involuntário!

Este é o papel de um hino, de estreitar a relação afetiva de quem o ouve com o lugar que vive, bem mais que escutá-lo com os ouvidos, mas senti-lo com o espírito, com a alma.

A história do Hino de Peabiru se entrelaça com a história do Professor Espedito Ferreira, Professor José Bardini Neto e Priscila Salles.

José Bardini Neto, foi a pessoa que amparou e conduziu a ideia de estabelecer o Hino nos anos 90; Espedito Ferreira, a pessoa quem escreveu a letra e com inspiração deu a melodia; e a Priscilla Salles representa a voz feminina ao Hino de Peabiru.

Um, deu as condições e a legalidade; outro, a forma e canção; e outra a voz, o corpo, o coração.

No mandato do Prefeito Jorge da Silva Pinto fins dos anos 70, início dos 80, Professor José Bardini Neto, então da Inspetoria Regional, recebeu a letra e ouviu Espedito Ferreira cantar para ele um Hino a Peabiru. Bardini ficou encantado, mas sem os meios ainda para tornar aquela canção em hino a cidade, guardou para si a letra e principalmente, a ideia.

Passados cerca de 15 anos, em 1993, com assunção de João Carlos Klein como Prefeito da cidade, Professor Bardini fora chamado para ser Secretário de Educação do Município. Tinha agora, os meios para tirar da gaveta a letra e a ideia. Professor José Bardini Neto comprou a ideia. E foi mais longe, amparou e conduziu o intento, principalmente na parte legal para tal.

Neste ínterim, em 1997 chega a Peabiru a família de Seu Donizete Mazzinghy e de Dona Waldinea Oliveira Sales. Com eles, os filhos. E entre os filhos a jovem Priscila Salles. Ela lá com seus 14 para 15 anos foi logo estudar

no Colégio Estadual Olavo Bilac. Comunicativa, talentosa, logo começou a se destacar, cantando e tocando sua Harpa. Foi quando o Professor Espedito a convidou para gravar a primeira versão do Hino a Peabiru junto com outros jovens, sendo ela, Priscila, a voz feminina do Peabiru.

A cidade, pela primeira vez tinha seu hino, criado pela Lei Municipal n.º 212 de 23 de novembro de 1995. Na festa de aniversário da cidade, daquele ano, o hino fora executado pela primeira vez em praça pública, na Avenida Raposo Tavares. O então saudoso Secretário de Estado da Educação e Deputado Federal Elias Abrahão⁷, ouvira o hino, e ficara maravilhado.

Ao Hino de Peabiru, Suzana, irmã de Priscila, disse que foi uma alegria muito grande para a família quando receberam o CD com a voz dela. Por onde passava, Priscila contava este fato com muita alegria, orgulho e honra por ter feito parte deste marco da história de Peabiru.

Um legado, de uma artista, de uma harpista que antes de completar seus 34 anos de vida nos deixou em outubro de 2017. Além do hino, Priscila teve a homenagem póstuma de sua família quando em 15 de maio de 2018, Seu Donizete Mazzinghy, Dona Waldinea Oliveira Sales, seus pais e sua irmã Suzana Sales e seu cunhado Gilmar Caetano Tomáz doaram a Harpa Paraguaiá ao Museu Caminhos de Peabiru.

Estava imortalizada de vez na História a trajetória de Priscila. Contudo, quase um ano depois desta doação, em 2019 Seu Donizete pai de Priscila também nos deixou. A eles, o legado da construção de nosso Hino, o Hino da cidade o Hino a Peabiru.

7. Deputado Federal - 1995-1996, PR, PMDB- Pastor, Igreja Presbiteriana Central, Curitiba, PR, 1972-; Professor, Sociedade Educacional Positivo, Curitiba, PR, 1973-1990. Secretário Municipal do Meio Ambiente, Curitiba, PR, 1986-1988; Coordenador do Meio Ambiente da Secretaria de Desenvolvimento Urbano do Estado do Paraná, 1989-1990; Secretário de Educação do Estado do Paraná, 1991-1994. Faleceu em 18/09/1996.

HINO DE PEABIRU-PR

(bis)

Peabiru, Peabiru, Terra amada varonil
Peabiru, oh! Minha terra
Pedacinho do Brasil.

O amor aqui impera
E o trabalho nos conduz
A um pedestal de glória
Por um caminho de Luz.

Liberdade no horizonte
No céu um formoso azul
Terras férteis. Rios fontes

És uma estrela no sul.

Estrilho (bis) Peabiru, Peabiru,
Terra amada varonil
Peabiru, oh! Minha terra
Pedacinho do Brasil.

Teu nome emoção encerra
És caminho do sertão
És meu berço, minha terra.
És a minha inspiração.

Laboriosa e hospitaleira
Destemida e varonil
É a gente desta terra
Também filhos do Brasil.

EXPOSIÇÃO

PEABIRU 70 ANOS

EXPOSIÇÃO CAMINHOS DE PEABIRU

"DO CAMINHO A CIDADE"

LOURIVAL DOS SANTOS



Do Caminho a Cidade, Peabiru da igreja em estilo neogótico elevada do Padre Alceio Jerôz; da Obraza do Sívrio Lopes e Escultora; do Maria Fátima; da serei Tompão; da Elvira Peabiru; da primeira prefeitura em homenagem da Honeste do Paraná; dos Tribos; de sua gente; dos Caminhos de Peabiru.

Na arte de
Lourival dos Santos
a Peabiru de hoje



2022



A festa que dos
anos 90 para cá,
cresceu e
e inseriu-se na Cultura
e turismo local

FESTA DO CARNEIRO AO VINHO

Todo terceiro domingo de agosto é lei. Acontece a Festa do Carneiro ao Molho de Vinho.

Criado pela Lei n.º 188 de 20 de março de 1995, o Prato Típico “Carneiro ao Molho de Vinho”, é uma festa que cresceu muito ao longo dos anos.

Algumas fontes relatam que este prato era consumido por antigos tropeiros em Peabiru nas décadas de 1930 e 40. Nas longas viagens tropeando o gado, traziam carne de ovelha para e no lugar da água, que às vezes não encontravam, cozinhavam no vinho.

Em Peabiru-PR Seu Wenceslau Macowski (Vasco) preparava e servia o prato para amigos. Muitos faziam o prato de diversas maneiras, como o Vasco Macowsky, Marcilio Lazarin (Sabiá), Armado Rogge, David Gonçalves entre outros. Nos anos 90 resolveu-se unificar a receita.

Foi em 1993 que criou-se uma comissão para estabelecer uma festa do prato típico da cidade. Muitos pratos foram preparados. E foi escolhido o “Carneiro ao Molho de Vinho”. Primeiro foi Festival do Carneiro ao Vinho em seguida a Festa do Carneiro ao Molho de Vinho. Eis a receita unificada:

INGREDIENTES:

20 kg de carne de carneiro cortados em pedaços pequenos;

5 kg de cebola picada ou batida no liquidificador;

5 kg de tomate batido no liquidificador;

3 ½ kg de batata pré-cozida (amassada);

3 litros de vinho branco do tipo seco;

1 copo (200ml) de azeite de oliva;

3% de sal;

Pimenta-do-reino, cebolinha, salsinha a gosto.

MODO DE PREPARO:

- A carne deve ser preparada na véspera, com sal, pimenta do reino, cheiro verde e 2 litros de vinho. Colocar azeite na panela e refogar a carne, acrescentar 01 litro de vinho;
- Ingredientes: colocar a cebola, depois o tomate, cheiro verde e o vinho. Por último adicionar a batata, para engrossar o caldo;
- Quando a carne estiver macia e o molho consistente, o carneiro estará pronto;
- Servir com arroz branco, pirão de carneiro, purê de batata, salada de almeirão e pão;
- O tempo de cozimento desse prato fica em torno de 2 horas e meia ou três horas, no máximo, sempre usando o vinho a cada 10 minutos, aproximadamente, como tempero. Apesar de tanto vinho, este prato não fica com gosto forte por que o álcool vai evaporando deixando um sabor suave do vinho. Quando a panela estiver borbulhando e o cheiro atraindo cada vez mais visitas para o almoço é sinal de que o carneiro está pronto.

Dica: Coloque sal apenas na carne, não tempere o molho, e acrescente o vinho aos poucos, do início até o fim do preparo do prato. Com o molho (ou caldo) que se formar na panela, você pode fazer um pirão. Separando uma parte desse caldo, basta acrescentar um pouco de pimenta e farinha.

A ERA DOS SHOWMÍCIOS SOBRE OS CAMINHÕES

Os tempos das campanhas para prefeito nas décadas de 1990 foi um marco. Na verdade, era um acontecimento, pois as duplas locais atraíam o público.

Rony e Roney, Cléber e Fernando, Edmilson e Edmar, Luiz Carlos e Carvalho, os Irmãos Klepas, eram figurinhas carimbadas nos comícios.

1952-2022

DÉCADA DE 1990



Roni & Roney

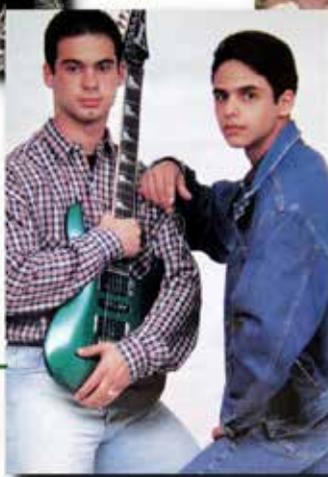


PEABIRU 70 ANOS



**Edmilson
& Edmar**

**Cléber &
Fernando**



Anos 90 foi a era das duplas sertanejas e Peabiru teve duplas talentosas que levaram o nome de Peabiru para o Brasil e Europa.

DA ENXADA PARA OS PALCOS: HISTÓRIA DE RONI & RONEY ⁸

Conheça como dois jovens carpindo na roça formaram uma dupla que marcou época na música de Peabiru. Do cabo da enxada a abertura do show de Gilberto e Gilmar, dos shows nos comícios, da vida no sítio e da cidade pequena aos palcos de São Paulo: esta é a história de Osni e Milton, ou RONI & RONEY, que tinham tudo para chegar aos maiores palcos do Brasil mas uma fatalidade interrompeu o sonho. Na entrevista com Osni de Souza, o Roney da dupla, conheça a história destes personagens da rica cultura de Peabiru e do Paraná.

– COMO VOCÊ CONHECEU O MILTON QUE FORMARIA, NO FUTURO, A DUPLA COM VOCÊ?

Olha, eu e o Milton a gente se conheceu em 1987, nós dois com 17 anos, trabalhando na roça, carpindo, trabalhando na cidade, nos sítios, nas fazendas de Peabiru, nas redondezas carpindo milho, soja. Eu me lembro que a gente morava na Fazenda Panorama do Gilberto Ceconello, Seu Irineu Ceconello, Lôllô. A gente morou muito tempo no sítio, na fazenda deles.

– COMO A MÚSICA ENTRA NESSA HISTÓRIA?

Na roça, carpindo. Um cantava uma música, outro cantava outra, emendava. Às vezes, nos intervalos, do cabo da enxada fazíamos violão e cantávamos as músicas do Chitãozinho e Xororó, por exemplo. Dali foi então que eu perguntei:

– Você canta, rapaz?

– Olha Osni, eu gosto de cantar!

– Também gosto, rapaz, mas só não sei tocar violão.

8. Entrevista concedida ao Historiador Arléto Rocha em 2022.

– Tocar violão, eu toco. Faz assim, vai em casa um dia de tardezinha e a gente canta umas modas, quem sabe dá certo.

Era o ano de 1987 para 1988, tínhamos 17 para 18 anos de idade, foi logo que o Leandro e Leonardo começou a tocar ‘Entre Tapas e Beijos’, “Talismã”. Foi aí que começamos a cantar.

– E AÍ A DUPLA COMEÇOU?

Sim, mas ainda sem nome, não estava batizado RONI & RONEY ainda. Eu ia na casa dele, ele ia na minha, de tardezinha quando chegava da roça. Morava no sítio, ia debaixo desse pé de manga de uma das fotos na casa dele. E as vezes a gente ia ensaiar ali na COHAPAR (Conjunto Nivando Antonio Simionato, ao lado do Estádio Municipal Ulisses França), tinha uma casa lá que era da Associação dos Moradores, de reunião e tinha o Geraldinho que era o inspetor da casa, que cuidava e então deixava a gente ensaiar na casa.

– O MILTON ERA BOM MÚSICO?

Muito bom. Começamos a ensaiar, entrosar as vozes, tudo que aprendi devo a ele. Ele era bom tanto de primeira quanto de segunda voz. Ele passou todos os macetes, tocava violão e tudo. Lembro-me que até o Professor Edgar (Dias Loureiro) deu uma força para nós. Muitas outras pessoas do mundo artístico daquela época em Peabiru ajudaram nós. O Joel Padeiro depois acompanhava nós também nos shows.

– DALI FORAM PARA OS PALCOS?

Aí começamos a participar de Festivais, shows, teve um Festival que participamos no Salão Paroquial, participamos de festivais na praça, no Centro da cidade, sempre em primeiro lugar, as vezes em segundo. Participamos com várias duplas que hoje são famosas como o Adalberto & Adriano que ficamos a frente deles tirando em primeiro lugar na cidade de Jandaia do Sul. Foi assim, uma linda história, a gente começou cantar e foi juntando gente para ver a gente ensaiar

na casinha da COHAPAR, as moças, os rapazes. Fomos convidados a fazer show em Campo Mourão e fomos evoluindo.

– E DE ONDE VEIO O NOME DA DUPLA: RONI & RONEY?

Naquele tempo, você deve lembrar, o pessoal colocava muito aqueles nomes de dupla, “Pingo de Ouro & Prateado”, “Latino & Americano” e assim a gente pensou o primeiro nome da dupla de “NINO & NENO”.

– MAS PELO JEITO, O NOME NÃO AGRADOU?

Não mesmo. “Nossa, está estranho esse nome de vocês aí, esse nome de dupla aí”, os amigos falavam. Aí teve um amigo nosso que chegou (acho que ele está em Curitiba hoje, acho que se chama Luiz) e colocou o nome “Diamante & Colorido” (risos).

– DIAMANTE & COLORIDO TAMBÉM NÃO COLOU?*

Não também (risos). Aí eu falei, “não vai dar certo não” (risos). Resolvemos então nós dois mesmo, pensar e colocar o nome da dupla. Como tínhamos uma dupla em São Paulo muito amiga da gente, “Rudi & Rony”, que faziam shows em São Paulo pensamos então: se lá é “Rudi & Rony”, vamos colocar aqui no Paraná “Roni & Roney”. Inspiramos nesses amigos aí. Roni com “i” e Roney com “y” no final. E colou, pegou, ficamos conhecidos assim.

– QUEM ERA O RONI, QUEM ERA O RONEY?

O “Roni” era o Milton Pinheiro, filho do Américo Pinheiro e Dona Divina, irmão do Zé Carlos, do Xu, Sidnei, estes já falecidos. Irmãos vivos dele são o Francisco, Nelson e o Darci Pinheiro. E o “Roney” era eu Osni de Souza. Meu pai era o Davi de Monteiro de Souza, (1949 a 2004) que faleceu aos 54 anos e minha mãe, a Rosa Nogueira de Souza, (1940 a 2008) que faleceu aos 67 anos. Meu pai Davi tomava umas pingas no Bar do seu pai, Baiano Macaco. O Roni fazia a primeira voz. Mas o pessoal as vezes confundia chamava eu de Roni, ele de Roney, (risos)

mas era legal. Quando vou a Peabiru alguns amigos lembram, inclusive no ano novo fui passar aí em Peabiru-Pr. Estive no show do Alaíde & Alexandre na virada do ano e os amigos diziam, “opa, esse é parceiro do Roni & Roney” (risos).

– QUANDO DUPLA ESTREOU COMO RONI & RONEY?

Foi no ano de 1989, o batismo da dupla Roni & Roney no Ginásio de Esportes (Ari da Silva) aí em Peabiru. Era um show beneficente, participaram Cléber & Fernando, Luiz Carlos & Carvalho, Tica & Tuica, Edmilson & Edmar com o Professor Edgar e nós. Na época entramos pela primeira vez cantando com este nome: RONI & RONEY. Me lembro até a música que cantamos, era a música do Rouxinol & Sabia, uma música muito bonita (começa a cantar) “Eu nunca mais vou te esquecer, Eu nunca mais vou te esquecer, meu amoor...”, essa música me lembro até hoje. Foi nosso batismo nesse show. Era um show para ajudar uma entidade carente, não me lembro se era escola, hospital, era para criança. E nesse dia quem era o apresentador? Era o Professor Luizinho que falava no alto falante da igreja católica. Saudoso Professor Luizinho, que faleceu esses tempos (Luiz Bassi, 1941 a 2019).

– LEMBRO-ME DOS COMÍCIOS COM VOCES CANTANDO, EDMILSON & EDMAR, CLEBER & FERNANDO. COMO FOI ESTE TEMPO?*

Nas fotos dá para ver os tempos das campanhas para prefeito. Em 1992 cantamos na campanha do Nelson Proença com o Dr. Samuel de vice, a gente trabalhou para eles como de fato trabalhamos para todos os outros candidatos a prefeito naquela eleição de 92, trabalhamos para o João Carlos Klein e vice Getúlio Francisco. Também o Jurceu Sakuma, candidato a prefeito, não me lembro do vice (vice era Vicente de Souza). O Studio 3 Disco Mix que acompanhava os comícios com a gente, rapaz novo, nós éramos jovens (risos). Numa das fotos debaixo do pé de manga, o Zé Carlos já falecido, o Xú também falecido, dois irmãos do Milton. O Milton já tinha falecido esta época. Fui aí passear e cantar umas modinhas para relembrar o saudoso.

– E QUANDO RESOLVERAM PARTIR PARA SÃO PAULO?

Foi no final de 1992. Como estava dando certo a dupla, shows, a coisa indo, pensamos em tentar a sorte. Começamos em 1988, chegou 1989, 1990, 1991 e em 1992 foi quando já bem entrosados partimos para São Paulo para tentar a carreira. Viemos para Osasco e São Bernardo dos Campos primeiro.

– COMO FOI SER UMA DUPLA DO PARANÁ EM SÃO PAULO?

Eu e o Roni cantávamos em São Bernardo do Campo, nas redondezas, na cidade de Osasco, na Rádio Difusora de Osasco, abrimos shows como o do Gilberto & Gilmar. Esta foto com a escrita “Brahma” é um bar aqui em Matão-SP no ano de 1992, logo que chegamos aqui e viemos fazer uma estreia aqui, inclusive este na bateria é o Pedro Vaca, que mora aí no Paraná e nunca mais vi ele. A gente tinha muita amizade com o Pedro, ele tocando a bateria para nós. Deu muita gente neste show deste bar da foto. Pedro Vaca pelo que soube quando fui ao Paraná estava nos “Sem-Terras”, não sei aonde fica, mas estava por aí.

– O RONI DEMONSTRAVA ALGUM SINTOMA DE ALGO ERRADO COM A SAUDE? *

Nessa época de São Paulo ele começou a reclamar de algumas dores na cabeça. Tinha até show marcado (suspiro, tristeza). Teve shows que depois ele reclamava. Foi quando um dia ele me disse:

– “Osni, estou sentindo muita dor na minha cabeça cara, vou lá para casa da minha mãe, ficar uns dias para lá depois eu volto pra cá”. Aí eu respondi:

– “Você que sabe. Vai lá então, mas vê se você melhora, toma uns remédios, se cuida.

Não imaginava nada demais. Aqui em São Paulo ele foi no médico também, mas nunca deu nada na cabeça dele sabe, tem que fazer um exame bem profundo para saber o problema. Ele acabou indo para o Paraná e foi.

– ELE VEIO PARA VOLTAR A SÃO PAULO?

Sim. Ele veio para o Paraná com a ideia de voltar. Não imaginava nada. Ele disse que ia só visitar a casa da mãe, os familiares, passar pelo médico, tomar uns remédios e voltar para trás. Tocar a dupla e seguir em frente. Estávamos crescendo como dupla e indo muito bem.

– LEMBRA-SE DA ÚLTIMA VEZ QUE CONVERSOU COM ELE?

Eu me lembro que ele saiu daqui num sábado à tarde, era 1994, para Peabiru, não tinha show aquele fim de semana. Show só oito dias depois. Nossa última conversa na sexta (tristeza) ele falou:

– Semana que vem estou aí.

Na outra semana tínhamos um show grande para nós, no sábado. O show seria no “Picanha na Tabua”, um lugar muito chique aqui na cidade de Matão na época. No domingo também já tinha outro show marcado:

– Nesse dia nesse show do sábado já estarei aqui Osni!

– E NÃO VOLTOU?*

Não. Não chegou (tristeza). Naquele tempo, início dos anos 90 não tinha telefone como hoje. Tinha telefone mas era tudo na fichinha, você tinha que ir na casa do vizinho e chegou na sexta- feira nada do Milton chegar.

– CASA CHEIA, UM DOS MAIORES SHOW DA CARREIRA ATÉ ALI. COMO FEZ?

No sábado fui sozinho tocar no “Picanha na Tábua” na esperança que o Roni chegasse e fosse. Fui tocando o show, eu e o baterista, o Pedro Vaca. Era um show que faríamos em Matão depois voltaríamos para São Paulo, aquela correria. E eu fui sozinho para este show, eu e o Pedro na bateria. Eu na guitarra, cantando vocal e o dono da “Picanha na Tabua” perguntando: “ E aí, cadê o parceiro, não vai chegar?” e ele divulgando ali, a casa cheia.

– O QUE VOCÊ DIZIA?

Na esperança do Roni chegar, e também no palco a gente tem que ter jogo de cintura, eu falava que ele estava a caminho, estava chegando:

– Logo ele chega pessoal, aguenta aí. Daqui a pouco Roni & Roney pra todos vocês!

Fui aguentando sozinho, fazendo a primeira voz, não tão como ele, mas fazia. E acabei aquele show sozinho eu e Pedro Vaca, tinha uns amigos, se não me engano na época até o Voneis, não me lembro bem (pensativo), Voneis estava junto, fazia solo, é verdade, faz muito tempo isso aí.

– E COMO SOUBE QUE O RONI DE FATO, HAVIA MORRIDO?

Depois do show, no sábado, pensei “amanhã, domingo, vou dar uma ligadinha no Paraná para saber o que foi”. Fui na casa da minha vizinha aqui, da pensão em Matão-SP que eu morava e disse: “Vizinha, quero fazer uma ligação para o Paraná”. Ela respondeu que podia fazer. Eu ligava na casa do Mario Scarabel, não sei se você lembra do Mario Scarabel, que tinha uma oficina, que morava ao lado do Roni, da casa da mãe dele.

– *COMO FOI ESTA LIGAÇÃO?

Eu liguei aí o Mario Scarabel me perguntou:

– Alô...Você está ligando para quem?

– Para o Milton, tinha um show marcado aqui em São Paulo, toquei sozinho no sábado, domingo tem outro e ele não ligou, não falou nada. Tem como chamar ele aí pra mim? Preciso falar com ele.

Aí o Mario Scarabel, deu um silêncio curto no telefone, sem falar nada e em seguida, me deu a notícia:

– Olha eu sinto muito mesmo cara, mas... seu parceiro.... Ele já foi enterrado há dois ou três dias atrás, ele veio com essa dor na cabeça de São Paulo e de repente, morreu aqui!

– QUAL FOI SUA REAÇÃO?

Eu disse “Acha, eu não acredito! “. Menino de 24 anos. Sabe quando você demora a acreditar, será que é verdade, ele saiu sorrindo, brincando aqui de São Paulo, não pode, até cantamos umas músicas juntos aqui, ensaiamos uma música nova, a gente ia cantar no show, prontos para gravar nosso disco. E aí foi um baque cara, foi como perder um irmão, pois a gente era como um irmão, todo shows sempre juntos, onde estava um estava outro, então foi uma perda muito grande e até hoje não me esqueço desse parceiro não, ele está com Deus, uma pessoa boa que não bebia, não fumava, que não tinha vício nenhum a não ser tomar água. Tomava uma aguinha ali no show pra frente e não se misturava, acabava o show, nós íamos embora, saía daí ia comer algo e só, mas Deus levou, foi um baque muito grande, foi fácil não.

– COM A MORTE DELE, VOCÊ SEGUIU?

Eu parei com tudo, parei. Nunca mais achei um parceiro bom como ele que dava certo. Cantei com várias duplas aqui mas nunca deu certo quanto a nós dois. Tínhamos um entrosamento, uma parceira, tínhamos um público legal, até fã clube, tudo para dar certo. Compomos algumas músicas para gravar, era difícil gravar aquele tempo, mas íamos tentar. Foi uma linda história. Fico muito grato por você lembrar tudo isso.

– PARA VOCÊ, PARA VIDA, QUE HERANÇA ELE DEIXOU PARA VOCÊ?

É uma boa pergunta Arléto, qual herança ele deixou para mim (emocionado, Osni dá uma pausa... e continua). Foi um aprendizado, uma coisa que nunca esqueço foi ele me ensinar as partituras, ensinar a cantar, tocar violão, nisso eu me espelhei nele, e o que ele passou para mim nesse decorrer de anos eu passei para vários amigos meus que não sabiam tocar um violão assim, as notas que aprendi com o Milton eu passei com meus amigos. Tem um parceiro que eu cantei por 10 anos depois do Milton ele não sabia cantar, sabe, só no banheiro, mas ele era uma coisa curiosa, primeira e segunda

voz eu passei para ele, e tudo veio do Milton, o que ele passou pra mim passei para ele. É uma coisa que me marcou e que trago, uma coisa que passei para frente, de geração em geração, tem meus filhos que não puxaram pra mim para tocar violão, para cantar, pois cada um tem uma arte diferente e o Milton, tudo devo ele. Aprendi a cantar com ele.

– COMO DUPLA, COMO ERAM VOCES NOS BASTIDORES?

As gentes às vezes brigavam discutia por que às vezes (risos) eu estava errado na partitura de voz e ele dizia “Não é assim Osni” e me corrigia. Às vezes eu ficava nervoso, saía, dava uma respirada e voltava, fazia o que ele mandou. Depois ele dizia. “Está vendo Osni, como foi bom a gente discutir, você pegou a coisa certa, vamos fazer a coisa redondinha, bonitinha para o nosso público.” Então era isso aí, as partituras de palco, como subir e ficar no palco e cantar, você se apresentar, tudo me lembro, foi ele que passou isso para mim.

– E O MILTON PINHEIRO, COMO ERA NA VIDA FORA DOS PALCOS?

O Milton era da minha idade de 1970, tínhamos a mesma idade, mas faleceu em 1994 aos 24 anos, infelizmente. Um cara simples, bem comunicativo, simples, uma cara especial, muito gente boa. Não bebia, não fumava, não tinha vícios a não ser a água durante o show. E o aprendizado, o que sei tocar de violão foi com ele, e cantar foi com ele e isso para mim é uma grande honra, uma grande felicidade.

– E O OSNI DE SOUZA, QUE HOJE FAZ 52 ANOS?

Hoje estou aqui em Matão –SP, cidade perto de Araraquara, faz 30 anos que moro aqui. Construí minha família aqui. Eu me lembro de todo este povo de Peabiru, um pessoal querido da cidade e a gente não pode esquecer, sempre guardar boas lembranças. E eu admiro seu trabalho, vejo daqui de Matão-SP seu trabalho nas trilhas Caminhos de Peabiru e quero fazer um dia com vocês aí. E por fim, como a música que estreamos como Roni & Roney, Roni/Milton eu encerro este momento: “Eu nunca mais vou te esquecer, meu amigo.” Obrigado.

A DUPLA EDMILSON & EDMAR E SEU PAI, PROFESSOR EDGAR⁹

Conheça a história do menino que entre uma engraxada e outra tocava cavaquinho e aos 8 anos tocando este mesmo cavaquinho no Restaurante que sua mãe trabalhava encantou uma Banda do Rio de Janeiro a ponto de pedirem para deixar levá-lo embora de vez. A história do Grande Músico que marcou época com os Filhos, a dupla Edmilson & Edmar; figura recorrente no Programa de TV Mario Vendramel de Curitiba; que tocou com Nalva Aguiar, Tonico e Tinoco, Milionário e José Rico, Sérgio Reis e até para um Presidente da República. Edgar Dias Loureiro ou o Professor Edgar formou gerações de músicos no Paraná. Edgar é personagem da História Cultural de Peabiru. Curta a entrevista:

– PROFESSOR EDGAR, VOCÊ VEIO PARA PEABIRU CRIANÇA DE TUDO?

Nasci em Jataizinho, pra frente de Londrina, em 1949 de meus pais Alcides Dias e Eulália Loureiro. Aos 2 meses fui adotado pelos meus pais de criação Manoel Riciel e Antônia. Vim para Peabiru com 2 anos de idade com minha mãe Dona Antonia Paranhos Coelho. Manoel, marido dela faleceu em Londrina, não veio para Peabiru-Pr. Viemos para a Fazenda Saltinho do Arroz, perto da Fazenda São José, indo para Campo Mourão. O administrador lá era o Durvalino Dias da Silva.

– VOCÊ ESTUDOU NA FAZENDA?

Estudei primeiro na Escola da Fazenda São José. Depois vim para o Colégio Estadual Olavo Bilac e 14 de Dezembro depois. Era daquele tempo de trazer os materiais escolares, caderno, tudo no embornal que minha mãe fazia.

9. Entrevista concedida ao Historiador Arleto Rocha em 16 de dezembro de 2020, nas dependências da Casa da Cultura Professor Nely Pinheiro de Peabiru-Pr.

– PROFESSOR, COMO FOI SUA INFÂNCIA?

Minha mãe trabalhava no Restaurante São Jorge, ali ao lado do Hotel do Manelão (hoje onde está a Eletrogás). O “Cazuza” era o dono do restaurante em madeira. Com 8 anos eu já trabalhava de garçom no restaurante ajudando minha mãe. Veio uma Banda de Escola de Samba do Rio de Janeiro tocar aqui no Cinema São Jorge (onde hoje está a Loja MM e Bar do Botinha). Eles vieram almoçar e me viram, tocar cavaquinho. Se encantaram e queriam me levar para o Rio, minha mãe disse “Meu Neguinho ninguém leva!” (risos)

– ENTÃO VOCÊ JÁ TOCAVA DESDE CRIANÇA?

Sim. Eu engraxava quando criança. Engraxava e tocava cavaquinho. Levava a caixa de engraxar no ombro e o cavaquinho junto e tocava quando não estava engraxando.

– PARA DAR AULA DE MÚSICA FOI UM PULO ENTÃO?

Eu dei aula no primeiro Salão Paroquial da Igreja Católica de Peabiru. Dei até aula para o Padre Francisco. Mas também trabalhei na Biblioteca Municipal de Peabiru, trabalhei também no Escritório Mariot como correntista, ministrei aulas de violão no Colégio São José para os alunos participarem nas missas com seus grupos, dei aula de violão no Ginásio de Esportes de Peabiru-Pr. Trabalhei em Campo Mourão na Casa da Cultura atuando como Professor de música, no Conservatório Municipal, para a Academia de Música Sol Maior, na Casa da Música. E hoje trabalho na APAE de Peabiru a 20 anos, como professor de música e instrutor de marcenaria.

– E PELO QUE SEI, DESENVOLVEU MUITOS PROJETOS NA COMUNIDADE TAMBÉM, CERTO?

Sim. Particpei de vários shows beneficentes para ajudar a quem precisava, ensaiava os alunos de todas as escolas, para alguns eventos que os mesmos iriam participar. Fiz recitais de música com meus alunos na Casa da Cultura e no Centro de Eventos, com participa-

ções de circos, teatros e também corais do Conservatório Municipal de Campo Mourão. No CREAS dei aula para crianças de risco, pequenos infratores para tirá-los das ruas, juntamente com o Juizado de Menores, Secretaria Da Mulher, Conselho Tutelar, Policia Militar, Bombeiros e Policia Civil.

– COMO MÚSICO, VOCÊ LEVOU PEABIRU PARA O MUNDO.

Formamos uma banda em Peabiru “Os Midas” que tinha eu, o Baianinho do Naé, Cido que era irmão do Ferramenta e do Assis, o Laércio que era locutor do Cinema e o João Torquato. Toquei shows com a Nalva Aguiar, Tônico e Tinoco, Sergio Reis, Carmem Silva, Rock e Ringo, Marcelo Costa, Milionário e José Rico, Industrial e Fazendeiro. Toquei na Banda Explosão 2000. Nesta banda sempre estávamos na TV Moreno de Campo Grande-MS. Toquei em vários programas de TV. Sempre estava no Programa Mario Vendramel em Curitiba (Programa Mario Vendramel esteve no ar de 1969 a 1992 na TV Paranaense Canal 12, e TV Iguazu – Canal 4. Pelas semelhanças, ficou conhecido como o “Chacrinha do Paraná”. Faleceu no ano 2000). Tocamos até para o Presidente.

– PRESIDENTE DA REPÚBLICA? CONTE-ME ESTA HISTÓRIA!

Tocava no Grupo The Brothers, de Campo Mourão e fomos tocar para o Presidente Alfredo Stroessner, do Paraguai durante um almoço (Stroessner foi Presidente do Paraguai de 1954 a 1989). Era um Cassino que ele era dono. Foi legal. Tocamos várias vezes para ele e nos Cassinos dele.

– ANOS DEPOIS VIERAM SEUS FILHOS: A DUPLA EDMILSON & EDIMAR”.

Sim. Começaram desde criança, na década de 1980 e foram até os anos 90. Os meninos tocaram em vários lugares. Fomos a São Paulo e tocamos em Programas de Tv e Rádio. Me lembro que os meninos tocavam em várias campanhas políticas, para Prefeito como do João Carlos Klein, do candidato Jurceu Sakuma (1992) e também do João

de Bittencourt em 1996. Os comícios lotavam. Era engraçado as vezes nós tocando, os meninos cantando numa quadra e na outra pra baixo outra turma cantando em outro comício. (risos) Os meninos pararam com a dupla em 1996, tocaram de 1980 a 1996 e hoje estão casados, com filhos e meus netos.

CLEBER E FERNANDO

Cleber Augusto Vinhote nasceu em 29 de novembro de 1978 em Campo Mourão, mas fora criado em Peabiru-Pr. Já aos 4 anos de idade, tocou as primeiras notas musicais, só de ouvir seu pai Osmar Vinhote tocar. Fernando Cesar Vinhote segundo filho de Osmar e Ana, aproximou-se da música por meio de seu irmão Cleber que ensinou também aos 4 anos a primeiras notas musicais. Em seguida viria o irmão Gustavo, nascido em 1994, a cantar com eles.

Começaram a cantar ainda crianças na igreja em 1987.

Aos poucos foram naturalmente montando uma dupla sertaneja. Em 1988 Cleber & Fernando fizeram o primeiro show na cidade de Iretama-PR.

A partir daí fizeram shows por todo o Brasil. Em 1999 “Cleber e Fernando” lançaram seu primeiro Álbum intitulado “Nos olhos da madrugada”, com produção de Mauri, irmão da dupla Chitãozinho e Xororó. O disco foi sucesso nacional, chegando a apresentações em Portugal.

No ano de 2001, foram convidados para uma viagem de divulgação do trabalho em Portugal onde ficaram por um mês. Esta ida rendeu o convite para retornarem no ano seguinte, passagem na qual a música “Fui Eu” ficou entre as 5 mais tocadas no país.

Em 2003, lançaram seu segundo disco intitulado “Esse amor”, que rendeu muitas participações em programas de TV, um deles o de Gilberto Barros (Leão), sendo apadrinhados por Chitãozinho e Xororó, o que abriu muitas portas em sua carreira.

Em 2008, a dupla teve um tempo de calma por viver o luto da perda do pai.

Buscando a experiência de confiar em Deus, Cleber, Fernando e Gustavo deram retorno à igreja, afirmando que todo o sucesso não salva o homem, mas Deus sim, Único e Eterno seria sempre a força e sustento de todos os dias.

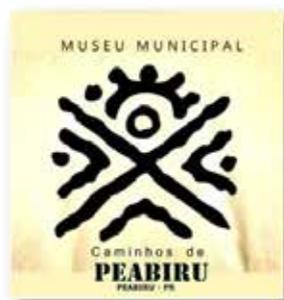
Foi aí então que sentiram o forte chamado à música que evangeliza, fundando por ordem de Deus a banda "Tua Palavra". Lançaram o primeiro disco em 2014 intitulado "Resgata-me", onde trazem toda essa experiência cantada, levando através de seus dons aquilo que Deus quer.



Hunicu's 1º Lugar Carnaval 2004

O Carnaval de Peabiru se consolida como um dos melhores do estado.

Anos
2000



Museu Municipal Caminhos de Peabiru foi criado pela Lei n.º 563 de 6 de março de 2007. O símbolo significa o sol iluminando o cruzamento dos Caminhos de Peabiru

13. ANOS 2000: PEABIRU NO NOVO MILÊNIO, OUTROS CARNAVAIS

Entre as dúvidas se o mundo ia acabar, ou haveria o bug do milênio, chegamos a virado do século e do milênio, com a perspectiva de crescer como cidade e em população.

Uma coisa era certa: nesses anos o Carnaval deixaria os salões fechados para ganhar de vez as ruas.

Até a década de 1970, o carnaval era restrito ao salão da ACERP-Associação Cultural, Esportiva e Recreativa de Peabiru, clube social de então. Dos anos de 1970 até fim dos anos de 1990 a festa ocorria no Peabiru União Clube-PUC e outros ambientes fechados.

Em 2002, neste início de tempos, preocupado com os jovens indo pelas rodovias às cidades vizinhas em busca de diversão, o Prefeito de então Marcos Lopes, por meio do Professor Espedito Ferreira (então Secretário), criaram o Carnaval de Rua de Peabiru, continuado e incrementado pelas outras administrações. Hoje é o maior da região e um dos melhores do Estado. Criaram-se diversos blocos. Os blocos “Hunicu’s” e “Chuta que é Macumba” são os blocos mais antigos do Carnaval de rua de Peabiru.

Juliano Steph Scarabel “Pombo”, um dos fundadores do Carnaval de Rua e organizador relata que “o bloco existe há mais de 20 anos e são muitas alegrias, muitas histórias, muitas amizades, muito companheirismo, muita dedicação.

Parece que foi ontem que no 1º Carnaval de Rua em 2002 entramos na última hora com camisetas feitas às pressas, a Amarela Regata para todos com o enredo “Sambabinladen” e ficamos em Terceiro Lugar. Surgia ali uma história que acredito que ninguém imaginasse que chegasse até os dias de hoje. O Grupo se iniciou com um grupo de amigos que se reunia praticamente todos os fins de semana para se confraternizar e celebrar a vida, e tudo começou em 1999 quando em um churrasco foi decidido o nome do

grupo que escrito de maneira errada para chamar mais a atenção e o significado do nome foi que tudo o que se dizia que um grupo deveria ter nós éramos os "HÚNICU'S", que não tínhamos nada, não tínhamos uniforme, não tínhamos dinheiro, não tínhamos carro, não tinha nada, nada de coisas materiais, mas a amizade e vontade de fazer algo sempre foi muito grande."

Juliano continua "O Bloco começou suas atividades em 2000 no Rodeio "Cowboy de Prata" do Organizador e Saudoso Rudney Bitencourt - O Catarina (in memoriam). De lá para cá essa galera sempre esteve presente nos Rodeios, alguns anos nos 2 eventos, Rodeio e Carnaval, logo depois só nos Carnavais.

A trajetória foi e tem sido incrível, o Bloco em anos de competição foi Tri - Campeão (2003, 2004, 2005) Vice em 2006 e 2014 e Terceiro Lugar em 2002, e é o único Bloco a estar presente em todas as Edições desde o início do Carnaval de Rua em Peabiru. Estive a frente do Bloco durante muitos anos junto com os amigos e amigas fazendo as correrias, a partir de 2014 as queridas e magníficas amigas Gresieli e Patrícia estão à frente do Bloco fazendo com que continue o Bloco da Amizade."

E por fim, finaliza "Eita saudades, esse ano que alugamos um ônibus conversível que trazia a galera da Concentração que ficava na Avenida Raposo Tavares, próximo onde hoje é o Mercado do Machado, e vinha em carreta pelas ruas com vários carros com Som e tocando a música do Bloco até chegar no centro e entrarem nas Barracas grandes fazendo o maior fervo. Era uma das partes do Carnaval que todos ficavam aguardando: A Chegada e A Entrada nas Barracas, eram uma Adrenalina Geral."

O carnaval de Peabiru cresceu e se tornou um dos maiores do estado do Paraná, como em 2018 que chegou a movimentar aproximadamente meio milhão de reais no comércio local. Sempre são 4 dias de carnaval na praça central, no qual se aquece o comércio local, criando mais de 31 empregos indiretos. Na terceira noite de carnaval de 2018, por exemplo, um marco histórico de pessoas reunidas em um carnaval peabiruense, aproximadamente 7.000 pessoas estiveram prestigiando a festa. Segundo o Prefeito Júlio Frare "temos o melhor Carnaval da região e um dos melhores do Paraná e este ano com muito planejamento e trabalho conseguimos realizar um carnaval ainda mais interessante, com novos blocos na avenida, mais segurança e beneficiando nosso comércio."

CAMPEÕES CARNAVAL DE RUA DE PEABIRU:

2002: Os Tiburso

2003: Os Húnicu's

2004: Os Húnicu's

2005: Os Húnicu's

2006: Chuta Que É Macumba

2007: Somente o Bloco CHUTA QUE É MACUMBA confirmou participação para concorrer os outros Blocos só entraram para divertirem.

2008 a 2012 não houve competição.

2013 Pandemia de Dengue

2014: retorno da Competição: Bloco XURUPINGA foi Campeão.

2015 e 2016 sem competição

2017 não teve

2018 a 2020 sem competição

2021 e 2022 Pandemia Covid 19.

Há de ressaltar os méritos dos Blocos: Húnicos, Chuta que é Macumba, Xurupinga, Bartira, Monobrok, Soviéticos, Ta Virado no Giraya, Caminhos de Peabiru, Skema, Os Normais, Os Tibursosos.

A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: O MUSEU CAMINHOS DE PEABIRU

Olhamos para o passado, para entender o presente e nos lançarmos ao futuro. Nisso que o Museu Caminhos de Peabiru fora criado naquele ano de 2007 pela então Prefeito João Carlos Klein. A casa dos juízes construída

em 1956 naquele ano tinha sido devolvida ao município e foi que o Museu Municipal Caminhos de Peabiru foi criado pela Lei n.º 563, de 06 de março de 2.007, na Av. Dr. Didio Boscardim Belo, n.º 977,

Instalou-se em uma casa histórica, a qual por anos serviu de residência aos Juizes de Direito que por aqui trabalhavam. O prédio do Museu Municipal “Caminhos de Peabiru” foi construído em 1956, quando o município tornou-se sede de comarca. A edificação em alvenaria é uma das primeiras da cidade e foi erguida com o apoio da população que doou o material de construção.

Com estilo colonial, a casa serviu de residência para os juizes que atuavam na comarca, até o ano de 2006, quando, por decisão do Tribunal de Contas da União, o prédio foi devolvido para utilização da Prefeitura, visto que já não era mais necessário para esta finalidade. A juíza que residiu por último nesta casa foi Diocélia Fávoro Mesquita.

O Museu teve suas atividades iniciadas em 2008. Em janeiro deste 2015, o prédio foi tombado como patrimônio cultural do município, embasado pela lei de preservação sancionada em janeiro deste ano.

Em 2020 o Museu foi reinaugurado após reforma solicitado pelo então Diretor do Museu Jair Elias do Santos JR, em emenda do Deputado Federal Rubens Bueno, por meio do Ministério Da Cultura do Brasil.

Após meses de reforma foi reinaugurado em 07 de março de 2020, pelo Prefeito Júlio Frare, o qual expressou que “o Museu é um ponto cultural importante que quase fora fechado em outros tempos, e depois de intenso trabalho em ajustes no projeto inicial de reforma pela equipe de engenharia, está à disposição de todos.”

No museu a maioria dos objetos que integram o acervo foram doados pela própria população, e contem peças líticas e de cerâmica datadas de cerca de 5.000 anos, remontando a vivência das paleossociedades e depois das etnias indígenas Guarani e Caingangue na nossa região.

POEMA NO PRATO DA FESTA DO CARNEIRO AO MOLHO DE VINHO

O Evento "Poema no Prato" da Divisão de Cultura da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Peabiru foi premiado como Projeto de sucesso pela Secretaria de Estado da Cultura em 2017, projeto que acontece na Festa do Carneiro ao Molho de Vinho que ocorre todo 3º domingo de agosto.

A ação ganhou corpo desde a ideia da Professora da Rede Municipal Cleonice Lazaretti Cabrera e hoje envolve toda a comunidade não somente os alunos reforçando o sentimento de pertencimento do aluno com sua cidade."



O Poema no Prato, envolve todas as Escolas do Município e o poema escolhido estampa todos os pratos da Festa do Carneiro ao Molho de Vinho.



O QUE É O PROJETO POEMA NO PRATO?

Projeto que une História Local, Geografia, Literatura e a Festa do Prato Típico.

Une-se Cultura, História e Turismo envolvendo crianças, escolas, pais, comunidade e dando mídia ao evento da Festa. O “Poema no Prato” escolhe um poema para ilustrar o prato usado na Festa do Carneiro ao Vinho. Participam alunos de escolas municipais que, antes, passam por oficinas de história, geografia e poesia.

QUEM É O PÚBLICO ALVO?

São feitas oficinas de Geografia e História Local e Oficinas de Poesia com alunos dos 5º anos das Escolas Municipais ministrados pelo Historiador e Geógrafo Arleto Rocha.

COMO FUNCIONA?

Ao final são redigidos poemas de 4 linhas. Passa por uma comissão e é escolhido o Poema que estampará os Pratos da Festa do Carneiro ao Molho de Vinho no 3º domingo de Agosto.

METODOLOGIA

Equipe da Cultura faz as oficinas nas salas de aula previamente agendadas. Usam-se imagens, hino da cidade e vídeos da história local.

PRÊMIO ESTADUAL

O “Projeto Poema no Prato” foi premiado pela SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA como um dos melhores projetos culturais de 2017 no Paraná dentro do “Projetos de Sucesso dos Municípios”.

POEMA VIRA SELO

O Selo do Poema no Prato 2019 foi lançado em 17 de agosto do mesmo ano. Numa parceria dos Correios e Prefeitura Municipal de Peabiru, o selo estampa o Poema que venceu a 7ª Edição do Projeto Poema no Prato da Divisão de Cultura (SECEL).

ANO	POEMA VENCEDOR	ESCOLA MUNICIPAL
2013	Natalia Cardoso	Paulo Freire
2014	Eloisa de Carvalho	Emílio de Menezes
2015	Kauane Chagas de Brito	Emílio de Menezes
2016	Camilly Macedo	Princesa Isabel
2017	Mateus Bonacin	São José
2018	Barbara Regina Bortoti	São José
2019	Mateus Henrique Marinho de Lima	São José
2020/21	Pandemia	-
2022-	Nicola Henrique Ribeiro dos Santos	São José

RANKING DAS ESCOLAS VENCEDORAS

1º	SÃO JOSÉ	TETRA CAMPEÃ	2017-2018-2019-2022
2º	EMILIO DE MENEZES	BI CAMPEÃ	2014-2015
3º	PAULO FREIRE	CAMPEÃ	2013
4º	PRINCESA ISABEL	CAMPEÃ	2016

POEMAS QUE ESTAMPARAM OS PRATOS

1ª Edição Poema no Prato - 2013

“CARNEIRO AO VINHO”

Peabiru,

A cidade do Carneiro Ao Vinho!

O índio amassou o caminho

Que um dia foi floresta,

Hoje é motivo de festa

Festa do Carneiro ao Vinho!

Natalia Cardoso, 4º ano A
Escola Municipal Paulo Freire

2ª Edição Poema no Prato – 2014

“FESTA DO CARNEIRO AO VINHO”

Peabiru,

Abre os braços

com muito carinho

Pra receber a todos

No Carneiro ao Vinho

Eloísa de Carvalho, 5.º série A
Escola Municipal Emilio de Menezes

3º Edição Poema no Prato – 2015

“PRATO ESPECIAL”

Em Agosto acontece
Uma festa especial
Não é Páscoa, Ano Novo,
É o Carneiro ao Vinho
Um prato feito com amor e carinho
Servido no Salão Paroquial!

Kauane Chagas de Brito, 5º ano
Escola Municipal Emílio de Menezes

4º Edição Poema no Prato – 2016

“UM LUGAR DE FESTA”

Peabiru,
Antigamente uma Floresta
Hoje um lugar de Festa!
Festa do Carneiro ao Vinho.

Camilly Thainá de Macedo Monteiro, 5º ano A
Escola Municipal Princesa Isabel

5º Edição Poema no Prato – 2017

“HISTÓRIA DE PEYA BEYU”

Moramos em *Peya Beyu*
Uma cidade da Terra do Sul
Que um dia foi Caminho
Bem-vindo a Peabiru, Terra do Carneiro ao Vinho!

Mateus Antonio Bonacin da Silva- 5º Ano
Escola Municipal São José

6ª Edição Poema no Prato – 2018

“PEABIRU”

A cidade de Peabiru
Tem o caminho mais belo do Sul
Tem um povo repleto de amor e carinho
Que a todos recebem,
Na nossa festa do Carneiro ao Vinho!

Barbara Regina Bortoti, 5.º Ano B
Escola Municipal São José

7ª Edição Poema no Prato – 2019

“PEABIRU”

Peabiru cidade abençoada
Por onde voou a Galha Azul
Terra linda e maravilhosa
És uma estrela no sul

A beleza de uma cidade
Que cresceu em meio ao mato
Hoje sua história pé contada
Em poesia dentro de um prato!

Matheus Henrique Marinho de Lima, 5º ano
Escola Municipal São José

Nos anos de 2020 e 2021, não aconteceu a Festa do Carneiro ao Molho de Vinho, devido a Pandemia SARS Covid-19.

8ª Edição Poema no Prato – 2022

“UMA PEQUENA CIDADE DO SUL: A PEABIRU”

Nossa pequena cidade do sul: a Peabiru

Onde o prato do carneiro ao Vinho é uma diversão

Todos gostam de participar

Dessa festa que é uma tradição!

Nicollas Henrique Ribeiro dos Santos, 5.º ano
Escola Municipal São José

A COMENDA CAMINHOS DE PEABIRU

Criada em 2015 e revisada pelo Decreto N.º 076 de 02 de agosto de 2022, ficou instituída a “Ordem Do Mérito “Caminhos De Peabiru”.

A criação da Comenda Ordem do Mérito Caminhos de Peabiru tem por objetivo reconhecer e nobilitar pessoas que tenham, de qualquer forma, se destacado em sua atuação humanitária, artística, cultural, política, social, científica, ambiental, esportiva, profissional, ou em qualquer outra atividade de interesse público, enaltecendo ou beneficiando o povo de Peabiru.

Em 2015, receberam a Comenda, o ex-prefeito do município, Antônio Élio Zagato; o professor e autor do hino da cidade, Espedito Ferreira; a líder comunitária, Judith Simonelli; o ex-vereador, Manoel da Purificação Figueiredo; o servidor público mais idoso e atuante na prefeitura, Flávio de Lima; o pioneiro, José Pompílio Braga; a servidora pública, Maria do Carmo Santos; Deputado federal Rubens Bueno; a professora Rosa Delconte Ferreira; e o escritor, Zenaidio Pereira Melo e de forma póstuma, o primeiro prefeito de Peabiru Silvino Lopes de Oliveira.

"Em Peabiru todos os caminhos se encontram"



-PREMIO GESTOR PUBLICO PARANÁ 2017 E 2018;



- MAIS DE 20 MIL VISITANTES DE 4 CONTINENTES;
- GERAÇÃO DE TRABALHO, RENDA E SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO;
- HISTORIA, CULTURA, TURISMO, SAÚDE E MEIO AMBIENTE.

familia caminhos de peabiru/guardiões da trilha

 [caminhosdepeabiru](https://www.instagram.com/caminhosdepeabiru)

14. OS CAMINHOS DE PEABIRU COMO IDENTIDADE DA CIDADE

A primeira trilha que marcara no dezembro de 2016 não deu ninguém. Zero Pessoas. Foi a trilha sozinho assim mesmo.

No outro domingo, marcara o mesmo horário; 13h30, frente a Casa da Cultura Professor Nely Pinheiro. Apareceram duas pessoas. Fomos, mesmo assim.

No terceiro domingo, enviando convites no Messenger do Facebook, teve uma surpresa: ninguém apareceu, zero pessoas. Foi assim mesmo, sozinho.

No quarto domingo, 13h30 frente à Casa da Cultura, sol de dezembro, tive-ra uma grande surpresa: 28 pessoas, maioria de Campo Mourão.

No quinto domingo, Arleto Rocha, já em 2017 e Diretor de Cultura assustara: 82 pessoas. Vinte dias depois, 600 pessoas trilhando pelos Caminhos de Peabiru.

Ao vislumbrar Peabiru a um futuro em seus caminhos da caixa sem janelas ecoava o “não vai dar certo”, “o mundo é assim mesmo”, “loucos”.

Aos poucos, pessoas lindas se achegaram e se tornaram uma *Família* nos *Caminhos* que encontravam, tanto *de Peabiru* quanto de fora. Mais pés e roupas cheias de barro. Mais loucos e felizes.

Ao lado dos poucos de outrora uma multidão caminhava.

De repente ouviam-se outras línguas mesmo que bastasse a língua universal da natureza de Deus.

Eram crianças, mulheres, homens, professores, estudantes, a senhorinha, o “tô fora do peso, será que aguento?”. Sempre lindo ver limites sendo quebrados.

Num olhar ajudavam-se crianças com brinquedos, material escolar, famílias com alimentos, roupas, saúde, esperança, fé, amor em si.

Já não olhava sozinho pela janela. Eram muitos.

E neste mundo de possibilidades o Projeto Caminhos de Peabiru: História, Cultura e Turismo estava criado. Levaria em 3 anos cerca de 30 mil visitantes a Peabiru, como inimagináveis visitantes do Japão, Taiwan, Austrália, Espanha, toda América do Sul.

De repente tínhamos uma reportagem da BBC de Londres nos procurando. O Meu Paraná da Rede Globo.

Peabiru, no coração do estado do Paraná, sempre teve uma riqueza inexplorada. De forma alegórica tinha-se um baú na sala de estar repleto de moedas de ouro no qual acostumou-se a tomar como objeto comum e nunca foi aberto. Este baú são os Caminhos de Peabiru, riqueza histórica, cultural, ambiental e turística reprimida e inexplorada até então.

Era um potencial turístico reprimido. E foi por meio Projeto Caminhos de Peabiru: História, Cultura e Turismo, iniciado em 2017, que tudo começou.

Tinha então, já declarado, o intuito de gerar empregos, renda, sentimento de pertencimento e atrair turistas e receitas a cidade. O turismo surge como segmento gerador de perspectivas para o bem-estar da região.

Percebeu-se que aos poucos, progressos a economia local, pois se agregou renda à população, aos restaurantes, panificadoras, postos de gasolina e criaram-se empregos diretos e indiretos em momentos de eventos semanais principalmente na realização de caminhadas sobre trajetos dos Caminhos de Peabiru na modalidade de Acquatrekking.

Passando pelas belezas naturais de Peabiru-Pr como Trilhas e Acqua Trekking's por onde passavam os Caminhos de Peabiru cercado por saltos, cachoeiras, fontes de água limpa, floresta exuberante, rios, correntezas, colinas com visão de vales, na junção com os atrativos artificiais de seu Centro Histórico, Museu Caminhos de Peabiru, Marco Zero dos Caminhos, Igreja Católica em estilo Gótico e Portal do Índio tem-se aí um potencial turístico que se torna um produto e uma marca. Ressalta-se ainda a proximidade com as ruínas Vila Rica de Espírito Santo, cidade espanhola do século XVII

hoje cidade de Fênix-PR. Desta feita o Projeto Caminhos de Peabiru revestiu-se desta verve na qual pela ação do Turismo podem-se gerar novos empregos e renda. Para tal, as ações são contínuas, no desenvolvimento de diversos projetos culturais, buscando formas de fomentos externos, como na ligação do projeto com os programas e ações governamentais.

Eis aí, o sentimento de pertencimento como primeiro passo ao estímulo de produtividade e geração de renda. De uma agricultura excludente, de uma indústria incipiente, o turismo histórico e cultural surge como a via e a melhor via para agregar emprego e renda aos cidadãos da cidade.

Assim, o Projeto Caminhos de Peabiru se fundamentou em três objetivos fundamentais:

- 1.** Gerar trabalho e empregos;
- 2.** Gerar renda na captação de divisas externas; e
- 3.** Solidificar o sentimento de pertencimento dos moradores com sua cidade e com sua história.

Tais objetivos foram e são embasados em quatro etapas que se imiscuem, entrelaçam e se concatenam constantemente sem prazo de início e fim.

- 1. Etapa Histórica:** levantamento histórico da cidade e região e de fundamentos, como artefatos líticos, de cerâmica, da presença pretérita nestas terras e assim traçar por onde passavam os caminhos de Peabiru, suas rotas, suas possibilidades;
- 2. Etapa Cultural:** estabelecer no imaginário da população o nome Caminhos de Peabiru, bem como por meio de ações nas escolas e sociedade levarem o entendimento a todos o que eram os Caminhos de Peabiru;
- 3. Etapa Ambiental:** avaliar impactos ambientais do uso das trilhas bem como promover ações de formação de senso ecológico em desdobramentos de proteção as Mata Ciliares, nascentes, ictiofauna, flora, fauna terrestre e aérea;
- 4. Etapa Turística Econômica:** Momento de exploração da sua

riqueza histórica, cultural e natural para gerar e atrair divisas a cidade, inserido em um plano de marketing e em um plano de capacitação para receber o turista, tal como aulas de inglês básico a taxistas e atendentes de lojas e postos de gasolina. Ressalta-se que estas quatro etapas são concomitantes e não tem fim, se imiscuindo e se engendrando de forma constante e ininterrupta. Também, dentro do projeto foram elencadas as forças e fraquezas da cidade na área de turismo: tendo em base que o turista quer Conhecer, Comer, Comprar e Dormir o qual aqui estabeleço como a fórmula “3CD” que se aplica a cidade de Peabiru nesta configuração atual.

- CONHECER: A cidade tem os atrativos artificiais com uma noite com alguns bares com música ao vivo, ranchos com bailes noturnos, Happy Hour e shows em um local de shows, pesqueiros e parques e atrativos naturais como os Caminhos de Peabiru em suas trilhas e rotas;
- COMER: O município tem duas churrascarias, além sete restaurantes, quatro pizzarias e diversos bares, lanchonetes e estações de fastfood. Falta somente programar no cardápio o servir recorrente do prato típico da cidade, o Carneiro ao Molho de Vinho, oriunda de uma festa anual que ocorre todo terceiro domingo de agosto;
- COMPRAR: Provido de quatro agências bancárias, agência dos Correios e Lotérica como postos bancários, a cidade dá conforto a resolução de óbice financeiros eventuais ao turista. Conta também com cinco postos de gasolina, supermercados, farmácias. O artesanato incipiente busca a sua emergência para divulgação e venda de souvenirs aos visitantes;
- DORMIR: Entre estes quatro pontos a maior fraqueza é a hospedagem. Faltam leitos e leitos de qualidade, pois possui apenas um Hotel com estrutura dos anos de 1960 quando foi inaugurado. Procura-se estimular a criação de Hostels, Campings e Pousadas para abrigar a futura demanda. Desta feita, diante destas premissas e que se conceberam as fraquezas e forças as do turismo em Peabiru-Pr assim expressas de formas mais pontuais no quadro abaixo.

Com o trabalho de ressignificação dos Caminhos de Peabiru no imaginário da População esta riqueza histórica foi incutida nas construções teóricas destas. Já não é algo desconhecido. Economicamente houve o incremento da rede de restaurantes, hotéis, artesanato, comércio local entre tantos outros segmentos. Exemplo a sublinhar neste caso ocorreu na data de 28 de janeiro de 2018, quando 600 caminhantes vieram de cidades do Paraná e São Paulo para fazerem o Acqua Treeking, gerando cerca de 20 mil reais de renda para a cidade em um domingo comum. Em 2017, calculou-se que os Caminhos de Peabiru em Peabiru-Pr foram visitados por cerca de trezentos pessoas por mês, perfazendo um cálculo de cerca de três mil visitantes ao ano em suas trilhas ecológicas e históricas.

Assevera-se também que a perspectiva de futuro foi estimulada com a ideia do turismo, principalmente nos jovens que buscam o primeiro emprego. O comércio mesmo que lentamente se movimenta a esta ação.

Também cabe avaliar paulatinamente o enriquecimento do sentimento de pertencimento do cidadão a sua história e realidade, a qual já é visível em seus sentidos simbólicos. E para fechar os trabalhos em 2017, o Projeto Caminhos de Peabiru foi premiado na Assembleia Legislativa do estado como Prêmio Gestor Público Paraná 2017 e 2018 , pelo Sindicato dos Auditores da receita Estadual. Aclamado como o Projeto de Excelência do Turismo do Paraná em 2017 e 2018.

Com todo este trabalho, com apoio dos voluntários da Família Caminhos de Peabiru que criou o grupo Guardiões da Trilha as trilhas tiveram amplo sucesso. Na questão de renda, foi criado então a Associação do Artesanato e Culinária Caminhos de Peabiru, congregando os artesãos locais.

OS CAMINHOS DE PEABIRU NO PLANALTO CENTRAL E NO GOVERNO DO ESTADO

Em 2017, por meio do Deputado Federal Rubens Bueno, o Projeto Caminhos de Peabiru fora levado a audiência junto com o então Ministro da Cultura Roberto Freire.

Em 2022, o Projeto Caminhos de Peabiru participou como caso de sucesso no Turismo na Comissão de Turismo do Congresso Nacional em Brasília quarta, dia 06/07.

Na Comissão de Turismo do Congresso, o servidor e Historiador Coordenador do Projeto Caminhos de Peabiru, Arleto Rocha explanou a riqueza turística, econômica, cultural e histórica da cidade e visibilidade adquirida com as ações. Estiveram presentes na ocasião o Deputado Federal Rubens Bueno (Cidadania), o Presidente do Poder Legislativo José Valentim Rodrigues - Jarrão (Cidadania), os servidores municipais, integrantes da coordenação do Projeto, Historiador Washington Luiz e Economista Juliano Steph Scarabel.

Um ano antes, em 2021 o Governo do Estado Paraná requisitou o modelo de Peabiru para implantar um projeto em todo o estado. Arleto Rocha fora chamado para traçar o mapa, que virou Lei Estadual em seguida.

Construiu-se um traçado passando por 86 municípios e 29 distritos. Cerca de 1.750 quilômetros de caminhos, unindo o Paraná, de ponta a ponta.

Em 2022, o Governador Ratinho sancionou a Lei n.º 21.046, que tornou os Caminhos de Peabiru Patrimônio de Natureza Cultural, Imaterial Paranaense. Foi utilizado como base o artigo de Arleto Rocha apresentado no Congresso Internacional de História em 2015 na Universidade Estadual de Maringá-UEM, "O Caminho de Peabiru: Implicações em seu Tombamento como Patrimônio Material e Imaterial".

As 86 cidades e os 29 Distritos vieram do trabalho que Arleto Rocha e o Historiador Washington Luiz realizaram ambos servidores da Prefeitura Municipal de Peabiru, cedidos ao Governo do Estado por pedido do então Chefe da Casa Civil Guto Silva.



Arleto Rocha, 2021; Arte: Rubens Barbosa, 2021

EXPOSIÇÃO

PEABIRU 70 ANOS



1952-2022

2022



**Com quase 15 mil habitantes
Não é uma cidade grande, mas é grande no meu coração.**

15. FORMAÇÃO DE NOSSA GENTE¹⁰

O município de Peabiru emancipado politicamente de Campo Mourão-Pr em 14 de dezembro de 1952 situa-se na mesorregião centro ocidental do estado do Paraná no interflúvio do terceiro planalto entre os rios Ivaí e Piquiri. Já teve quase 40.000 habitantes, mas conta hoje com 14.007 (IBGE, 2020) habitantes. Seu nome vem da herança indígena Tupi Guarani cujo significado “Caminho Gramado Amassado” faz referência a rede de trilhas que interligava a América do Sul chamada nos pós descobrimento de “Caminhos de Peabiru”. Com extenso território em sua emancipação política englobava municípios pólos atuais como Umuarama e Cianorte, tendo suas fronteiras chegando as barrancas do Rio Paraná (IBGE, 2010; IPARDES, 2012).

De modo geral Onofre e Serra (2005) apresentam que a colonização da região onde Peabiru se localiza originou-se de dois processos diferentes: um pela frente de expansão, em que as áreas da região foram ocupadas por guarapuavanos para a criação de gado, e outro, a frente pioneira, organizada pelo governo estadual para apropriação “intensiva, regulamentação de posses de terras e desenvolvimento”. Yokoo (2013) fala da Frente Nortista (paulistas e descendentes de imigrantes) e Frente Sulista, via Santa Catarina e Rio Grande do Sul (descendentes de europeus) ocupando a atual área do município de Peabiru-Pr.

Mas ir além desta conceituação, embora importante, é que este trabalho se justifica, em seu ineditismo buscando tornar mais claro quais povos formaram a atual população do município de Peabiru e de onde vieram, porque vieram, em que tempo vieram, transpondo o tempo antes do oficial descobrimento do Brasil em 1500, com uma profundidade maior e mais específica ao município de Peabiru-Pr.

10. Parte do artigo ROCHA, Arléto. Composição Etnico Racial e Movimentos Populacionais do Município de Peabiru, Estado do Paraná. UNICENTRO: Irati, 2021

A área conhecida como Peabiru estava inserida nos anos de 1920, segunda década da povoação de Campo Mourão, no extenso chão chamado de Sertãozinho, entre rios 119 e Ivaí. Em 25 de março de 1935, Joaquim Viana Pereira e Norberto Alcântara Padilha, depois de alargar o picadão de Campo Mourão até ali, se estabeleceram nas cercanias do hoje Distrito de Sertãozinho, a 8 km do centro de Peabiru-Pr. Dificuldades imensas, comiam as vezes somente palmitos. Depois chegaram a área Virgílio Alves de Oliveira e Deolindo Mendes Pereira. (DUARTE, 2017).

Esta área só foi povoada de forma mais intensa nos anos de 1940 e 1941 por meio do Interventor Manoel Ribas que distribuiu posses das terras aos vários colonos através do Departamento de Geografia, Terras e Colonização–DGTC, do Estado do Paraná, área subordinada a 5º Inspeção de Terras sediada em Guarapuava.

Com isso vieram mais agricultores para a área, como José Silvério, Manoel Andrade, José Rios, América Pereira Pinto, Francisco Lazaro de Moraes (Lazinho), João Xavier Padilha (Coronel Padilha) e seus filhos Norberto, Antônio, João Maria e Antenor, Vieram também Lindolfo da Cruz, João Muller, Família Senger, Francisco Teodoro Dutra, Waldomiro Petsuski (Bicuerte), João e Manoel Francisco, Jose Maria do nascimentos, Antônio Manuel do Prado, Conceição Caldeira, Bernardo Dutra Pereira, Alfredo Aranha, Cândida do Nascimento (Dona Candinha) Maria Inácia, Eduardo Galesk, Narciso Simão, Vinicius Vecchi, Alfredo Ferreira, Armindo Sartorelli, Jose Couto Costa, Emídio Bueno, Domingos Camargo Ribas, Ernesto Mateus, João Mateus Tavares, Família Boritza, Família Barros, entre outros. Mas há de ressaltar que a leste do futuro quadro urbano, próximo ao Rio do Campo, já tinha moradores em Peabiru também, como relata o morador Pedro Alves, pois “a minha avó Dona Candinha veio de Pitanga. Ela veio para Peabiru em 1919 com 25 anos de idade porque mataram o marido dela lá em Pitanga numa emboscada de terra. (BASSI et al, 2012, p.11).

Desta feita, o Chefe da 5º Inspeção de Terras, agora com sede em Campo Mourão iniciou as bases do novo patrimônio em 1942 e “após cuidadosos estudos, localizou a área ideal para a formação do novo povoado, que ganhou a denominação Peabiru em homenagem ao lendário caminho indígena que cortava o estado de leste a oeste. Nasceu o Patrimônio de “Peabiru”.

A partir de 1942, no local onde hoje está a praça central de Peabiru-Pr foi iniciada a derrubada da mata e queimadas pelos irmãos Ernesto Mateus e João Mateus Tavares, comandados pelo encarregado Júlio Regis, nomeado Guarda Florestal pelo estado. Como administrador do povoado foi nomeado Cezinando Ribas e da segurança o sargento radiotelegrafista da Força Pública do estado do Paraná Silvino Lopes de Oliveira, que se tornaria o primeiro prefeito entre 1952 e 1955. O sargento Silvino era auxiliado por Júlio e Osvaldo Carneiro. O “Cruzeiro” foi erguido em 1948, por Cláudio Silveira Pinto na construção da Igreja Católica em Madeira ao lado esquerdo da atual Igreja em alvenaria, esta construída em planta arquitetônica semigótica trazida da Alemanha pelo Padre Aluizio Jacobi, de 1953 a 1977. (DUARTE, 2017).

Assim sendo, na Gleba 11 da Colônia Mourão, já em 1942, Cezinando Ribas começou a demarcar os lotes urbanos e rurais, sem empresas colonizadoras como em outras regiões. Nesse momento o fluxo de pessoas vindo de todos os cantos começava a aumentar para se estabelecer no povoado.

A filha do Português Jose Maria de Barros, Aide de Barros, cujos pais vieram de Portugal em 1913 para o interior de São Paulo, relata que “meu pai esteve aqui em 1946. Aí ele ficou em dúvida se escolhia Peabiru ou Campo Mourão. Ele não gostou de Campo Mourão, que era só um descampado com pés de gabiroyas um cerrado, um deserto só”. (BASSI et al, 2012, p. 17). Em 1946 o pequeno patrimônio de Peabiru já tinha Posto de Gasolina (Posto São Jose, do português Jose Maria de Barros) bem como serrarias (dos Gavas, também portugueses), farmácias, casas, estabelecimentos comerciais. João Torres, vindo de Rolândia no norte do Paraná sublinha este desenvolvimento rápido:

Peabiru era o novo eldorado do Paraná, movimento cada vez maior, projetada para ser grande, tanto que hoje ficou deste planejamento suas ruas largas. Peabiru aquela época era dez vezes melhor que Campo Mourão. Tinha gente que trabalhava de noite a luz de lamparina, fazendo armação da casa para mudar. Batiam martelo noite e dia. Não tinha hora, qualquer hora da noite ouvia o bater do martelo. As serrarias vendendo madeiras para cá e mandando para fora. (BASSI et al, 2012, p. 17).

Tal crescimento rápido também é narrado por Walter Campanelli pois “quando meu pai voltou lá em Mirandópolis-SP vindo daqui de Peabiru, contou a história que Peabiru estava em grande progresso. Em 1952 veio pra cá, entusiasmado.” (BASSI et al, 2012, p. 26).

Otávio Vonsowsky vindo de Mallet no sul do Paraná relata que após servir o exército em Foz do Iguaçu disseram-no para ir para o norte do Paraná, região de Campo Mourão, terra do dinheiro. Foi até Peabiru, na qual em 1954 montou uma venda à beira da estrada rural para Araruna-Pr. Pintou-a a cal: era a única venda branca e pintada até Tuneiras do Oeste, que acabou batizando o lugar, hoje conhecido como Comunidade Venda Branca. (BASSI et al, 2012).

Mas o acelerado crescimento e a incessante chegada de famílias, necessitava de ampliação ou até instalação da estrutura básica para os novos municípios. Em 1945 eram 14 casas em madeira construídas. Em 1950 Peabiru já tinha 9.000 habitantes, sendo 4.000 na zona urbana e 5.000 na zona rural. João Torres narra que para vir a Peabiru deixara a esposa em Rolândia pois aqui não tinha nada, nem água encanada. Armando Alvares, o primeiro mecânico relata a dificuldade de chegada até Peabiru-Pr:

Quando cheguei em Peabiru em 1948 viemos de Ibiporã em um caminhão de mudança. Era o Maringá Velho, o Maringá Novo em 1948 já tinha umas casinhas. Ali ficamos uma semana, chovendo, chovia muito. Daqui a São Paulo era só chão, não tinha asfalto em lugar nenhum. No Rio Ivaí era uma balsa e quando se chovia ficava preso por lá. As vezes ficava uma semana esperando para passar a balsa, quando o rio enchia. (BASSI et al, 2012, p. 9)

Vindos de Tubarão, Santa Catarina em 1952, Aristides Bittencourt também pontua a necessidade de estruturação, principalmente de estradas e pontes:

Para vir para cá, em Peabiru, naquele tempo não tinha asfalto, não tinha nada, era estrada de chão. Levamos 5 dias e 4 noites. Os três motoristas revezavam, enquanto um dormia, outro dirigia. Parávamos somente para beber água e comer alguma coisa, era assim [...].

Passamos com a mudança na “pontezinha” de madeira do Rio Ivaí, que a chuva ia levar depois. Saímos às nove horas da manhã de Maringá e chegamos aqui em Peabiru às sete horas da noite. (BASSI et al, 2012, p. 25)

Diante do rápido crescimento e necessitando cuidar da infraestrutura, sem ser Distrito, o Estado passou Peabiru direto a Município por meio da Lei Estadual n.º 790 de 14 de novembro de 1951, emancipando em 14 de dezembro de 1952.

Neste ano 1952, visando melhorar o contato com o Norte do Paraná, e para encurtar esta viagem o Vereador Ovídio Pereira (PR) com um trator D7 vindo de Curitiba alargou a estrada que era Trilha Indígena dos Caminhos de Peabiru e ligava a parte norte a parte oeste da província do antigo Guaíra, antes mantida a força do enxadão. A Estrada hoje conhecida como Estrada do Saltinho é extensão da Avenida Vila Rica de Peabiru, saindo ao lado do estádio Municipal de Futebol Ulisses Franca, passando pelo final da Trilha Eco turística Caminhos de Peabiru, Rio do Campo, Rio da Várzea (Rio Mourão), Assentamento Santa Rita, Fazenda São Jorge, Município de Quinta do Sol, Porteira Preta até acima das ruínas da antiga cidade espanhola Vila Rica do Espírito Santo, hoje município de Fênix-Pr. Ali atravessava de balsa na Corredeira da Barra e atingia, com dezenas de quilômetros a menos, o município de Jandaia do Sul, emancipado de Apucarana também em 1952 (DUARTE, 2017).

Porém este crescimento depois cessou, por questões políticas entre os primeiros prefeitos de Peabiru-Pr e os governadores de então, todos investimentos depois da emancipação em 1952 passou para a cidade ao lado, a 12 km, Campo Mourão, que cresceu mais que Peabiru.

Mas antes desta “ocupação”, recorrente na historiografia oficial, necessário remontar as bases de toda a formação do povo peabiruense, elencando quem passou pelas terras de Peabiru - Pr desde os tempos imemoriais. Para isso de forma geral averiguou-se que o processo de formação do povo de Peabiru-Pr passou por quatro ocupações cronológicas que se conectam. Desta feita, monta-se o quadro esquemático:

TABELA 1: OCUPAÇÃO DA ETNIAS NO MUNICÍPIO DE PEABIRU-PR

MOMENTO	PERÍODO	GRUPOS	ETNIAS	EVENTOS
Ocupação 1	Cerca de 10.000 a. C.	Paleossociedades	Origem Desconhecida	Nômades caçadores e coletores
	Cerca de 1.000 a 1.500 a. C	Indígenas	Guarani, Kaingangue, Xeta, Xokleng	Aquecimento do clima, caçadores coletores, ceramistas.
Ocupação 2	1.500 d. C	Europeus	Portugueses, espanhóis, outros aventureiros europeus	Descobrimto do Brasil Caminhos de Peabiru
			Jesuítas, Bandeirantes	Caminhos de Peabiru, Vila Rica del Espiritu Santo, Guairá, Evangelização, redução; Aprisionamento e genocídio indígena, Conquista de territórios, Transposição da linha de Tordesilhas.
Ocupação 3	1.880 d. C	Aventureiros	Paulistas Mineiros Eslavos Guarapuavanos Indígenas "restantes"	Caminhos de Peabiru, Frente de expansão, Busca de novas terras, Agricultura de subsistência, Pecuária.

Ocupação 4	1940 d. C Imigrante	Europeus	Italianos, Espanhóis, Portugueses, Alemães, Poloneses, Ucranianos, Russos, Tchecos	Chegada pelos portos de Santos, Espírito Santo e região sul, imigrantes e/ou filhos e netos vieram para a região de Peabiru, venda de excedente, capitalismo.
		Asiáticos	Japoneses, Palestinos, Cisjordânia, Sírios, Libaneses, Jordanianos	Refugiados de guerra, Porto de Santos, imigrantes e/ou filhos e netos chegam a Peabiru
	1940 d. C Migrante	Nordeste	Baianos, Pernambucanos, Paraibanos, Sergipanos, Potiguar, Cearenses e Alagoanos	O café dominando o norte do Paraná e logo em seguida, a construção de Brasília, aliada ao crescimento de São Paulo e Rio de Janeiro.
		Norte	Piauienses, Maranhenses	Serviram de escala a Peabiru.
		Sudoeste	Paulistas, Capixabas e Mineiros	Terras baratas no Paraná.
		Centro Oeste	Goianos	Getúlio Vargas busca famílias para ocuparem oeste e sudoeste do Paraná.
		Sul	Gaúchos e Catarinenses; Paranaenses	Vindos do norte do Paraná: Pitanga, Guarapuava, Campos Gerais.

FONTE: DO AUTOR, 2021

O quadro busca demonstrar de forma cronológica todas as ocupações do atual território de Peabiru-Pr. A primeira ocupação remonta a cerca de 10.000 antes do tempo presente com as paleossociedades, conforme achados arqueológicos atestam, provavelmente da Tradição Umbu. Os pesquisadores Annette Laming e Joseph Emperaire, em 1957 encontraram ferramentas indígenas produzidas por paleo-índios no sítio arqueológico José Vieira localizado na margem esquerda do rio Ivaí, no hoje município de Cidade Gaúcha-Pr (LAMING; EMPERAIRE,1970, p. 67). Assim antes das nações indígenas modernas, tais humanos coletavam víveres nas matas de Peabiru e na savana estépica de Campo Mourão, composição da região ecotonal de transição entre a Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila Mista e o Cerrado (YOKOO).

Desta fase, a ponta de flecha em sílex, estimada em cerca de 5.000 anos, encontrada a margem do Rio da Areia, acidentalmente pela moradora Juliana Lepamara, 5 km do atual centro da cidade de Peabiru PR:



FIGURA 01: Ponta de Lança em Sílex encontrada no Rio da Areia, Peabiru-Pr

Foto: Arléto Rocha

Posteriormente adentraram o território do atual município de Peabiru-Pr, os indígenas “modernos” a cerca de 3.500 anos antes do tempo presente por meio de fluxos migratórios sucessivos, vindos da Bacia Amazônica. Compunha estes povos as sociedades indígenas ceramistas Guarani e Kaingang, estabelecendo no oeste paranaense o “Território Tradicional Indígena que: compreende todo o vale do rio Tibagi, do rio Ivaí, a Serra de Apucarana, até os cursos do rio Corumbataí e Mourão” (BELOTTO, 2007, p. 136).

Desta ocupação indígena, Guarani, Kaingangue, Xetá as peças em rocha, toda polida encontrado nas matas ciliares às margens do Rio da Várzea (ou Rio Mourão) e Ribeirão Lagoa, comprovando sua presença nas terras de Peabiru-Pr:



FIGURA 01: Almofariz, Mó de Pilão e Machado de pedra encontrados às margens do Rio da Várzea e Ribeirão Lagoa, Peabiru-Pr

Foto: Arléto Rocha

Desta feita, a ocupação dita indígena pode assinalar ser a última ocupação antes do descobrimento oficial do Brasil em 1500, que corrobora a linha do Professor Doutor da Universidade Estadual de Maringá –UEM, Lucio Tadeu Mota de que “vazio demográfico” no Paraná nunca existira:

A difusão da ideia do “vazio demográfico”, acaba por ignorar a presença indígena no Paraná. Como consequência, a história oficial acaba por suprimir dos seus registros todo o processo relacionado às invasões, a exploração, os conflitos e a resistência indígena. Cria-se o vazio demográfico a ser ocupado pela colonização pioneira. Vazio criado pela expulsão ou eliminação das populações indígenas que, desse modo são colocadas à margem da história (MOTA, 1994, p.15).

Desta feita, presume-se que viviam no “vazio demográfico” do Paraná cerca de 200.000 indígenas confirmados pelos relatos dos próprios viajantes, exploradores, missionários comprovando que “o território era habitado por numerosos, milhares de povos, perfeitamente organizados cultural e politicamente, que mantiveram contatos com os europeus desde o início do século XV”. (PERISSATO, 2009, p. 47-48).

Chegando aos séculos XVI e XVII (ocupação 2 na tabela) houve a ocupação espanhola na região de Peabiru-Pr, na formação da Província Jesuítica do Guairá, governado pelo poder espanhol em Assunção, no Paraguai, “delimitado territorialmente entre os interflúvios dos rios Paraná, Paranapanema, Piquiri, Ivaí e Iguaçu.” (UNESPAR, 2019, p. 11-12).

Após a épica aventura de Aleixo Garcia pelo Paraná, em 1541, D. Álvaro Nunez Cabeza de Vaca indo por terra pelos Caminhos de Peabiru foi de Santa Catarina ao Paraguai, pelo interior do Paraná e pela região de Peabiru-Pr com sua expedição de 250 homens e 26 cavalos andando por quatro meses para chegar ao Paraguai. (CABEZA DE VACA, 1995)

Nesses anos quinhentistas passaram aqui passou também Joahann Ferdinando, os companheiros de Hans Standen, Ulrich Schuridel, Padre Leonardo Nunes, os irmãos Pedro Correia e João Souza, Juan Salazar de Espinosa, Cipriano de Goes, Ruy Dias Melgarezo, Diego Nunes, Braz Cubas e Luiz Martins.

Neste tempo pós descobrimento, iniciaram-se os trabalhos de evangelização dos Guarani em parceria do Governo espanhol com os padres da Companhia de Jesus, Desta parceria construiu-se no noroeste paranaense, duas cidades, a Ciudad Real del Guairá (1557/1631), na margem esquerda do rio Paraná e a Villa Rica del Espíritu Santo (1570/1632), construída a margem do encontro dos do rio Corumbataí e Ivaí com o objetivo de controlar o estratégico Caminho do Peabiru. Nesse mesmo tempo, os bandeirantes luso-brasileiros e mamelucos, ao contrário dos espanhóis, penetraram de Leste para o Oeste. (UNESPAR, 2019).

Terminada esta tentativa de ocupação índio-cristão espanhola na porção ocidental do Paraná dos anos de 1500 ao final de 1.700, dezenas de anos depois, já na passagem dos anos de 1800 para 1900, é iniciada neste final do século XIX e começo do século XX, a terceira ocupação do território de Peabiru-Pr, por sertanejos, caboclos e aventureiros, geralmente formado por paulistas, mineiros, guarapuavanos e eslavos que se juntavam cada um na sua área com os indígenas que aqui “restaram” iniciando a vinda massiva principalmente de paulistas, devido principalmente pela proximidade do Estado com o Paraná.

Como os primeiros a chegarem a se estabelecerem na região cita se neste tempo, José Luiz Pereira, que saíra com a família de Santa Cruz do Rio Pardo-SP em 1897 para se estabelecer no cerrado da futura Campo Mourão em 1903. (DUARTE, 2017; LARA, 2003).

Mas para o povoamento efetivo da região de Peabiru:

Era necessário transpor o isolamento geográfico e das dificuldades para o escoar o excedente produzido nas roças de cana de açúcar (extração do melado), feijão, mandioca, milho, batata doce e da extração de peles de animais para comercialização em Guarapuava, centro urbano mais próximo localizado a mais de 200 quilômetros. A partir de 1903, reinicia-se o gradual povoamento do isolado Campos do Mourão e região florestada de Peabiru cabendo a novos atores sociais: as famílias de camponeses paulistas, mineiros e ucrainos pobres da antiga região colonial Irati e Prudentópolis, que vão se reproduzir socialmente nos terrenos devolutos da fronteira-livre nos interflúvios dos rios Ivaí e Piquiri. Enfim, a disponibilidade dos vastos

terrenos devolutos desabitados; a reforma em 1907, da precária picada entre Pitanga e Campo do Mourão (132 quilômetros), permitindo a passagem dos cargueiros (carros de bois) e tropas de mulas; a redescoberta do descampado “Campo do Mourão” no sertão do Piquiri-Ivaí tornou-se atrativo para os camponeses e suas famílias subsistirem na nova frente de expansão demográfica. (UNESPAR, 2019, p. 17-18)

Neste tempo o território do futuro município de Peabiru ainda era coberto por densas matas e rios com água clara, que ficariam rubras no futuro com o carreamento das margens desguarnecidas de vegetação, esta derubada: a terra vermelha era é carregada para dentro dos rios, e suas águas ficam rubras. Há de se ressaltar nas décadas iniciais dos anos de 1900 a abertura da Estrada Boiadeira que servira como meio de entrada destes povos a região de Peabiru-Pr. (ONOFRE, 2019).

Ainda neste tempo das primeiras décadas do século (1900 a 1930) indígenas Guarani iam das margens do Rio Claro, margeando o Ribeirão Lagoa onde hoje acontece a Trilha Eco Turística Caminhos de Peabiru aos “pés” da hoje Pedreira Santa Helena, passavam pelo encontro do Ribeirão Lagoa com Rio do Campo logo abaixo da Colônia Mineira onde ocorria nos anos de 1990 o evento turístico Enduro a Pé Trilha do Índio e seguiam daí cerca de 7 quilômetros até o Rio da Várzea ou Rio Mourão, que era um rio maior com maiores peixes. Na volta deste trajeto de ida de cerca de 15 quilômetros, buscavam trocar os peixes com os caboclos que morava no mato, por garrafas de melado, extraído da cana de açúcar. Por vezes os sertanejos trocavam o melado só para os indígenas irem e também por sua segurança. (ROCHA, 2020).

A quarta ocupação do território peabiruense, agora definitiva e rápida, se dá os anos de 1940 Esta colonização camponesa, de caráter capitalista, divide-se na chegada de correntes migratórias e imigratórias, e ou descendentes destes. São ocupações quase simultâneas: se a chegada dos europeus (principalmente alemães, italianos, espanhóis, portugueses, poloneses, ucranianos); dos asiáticos (japoneses, libaneses, sírios, cisjordânico, jordaniano e palestinos); dos migrantes do Nordeste (Baianos, pernambucanos,

bucanos, paraibanos, alagoano, sergipanos, potiguar, cearenses, entre outros), da sulistas como Gaúchos e Catarinenses e paranaense; de Capixabas e muitos mineiros do sudeste; em menor número, Goianos do centro oeste; e Maranhenses e Piauiense do Norte. Indígenas já sucumbiram as forças das derrubadas das matas e com exceção dos Xetás, praticamente não coexistiam no território com os recolonizadores da área.

Em entrevista ao filho de Palestinos, nascido em Peabiru, Físico Naser Hassan, este narra que seu pai, Sr. Mahmoud era o único árabe que conhecia sem sotaque e que havia lido Shakespeare aos 18 anos. Entrou no primeiro semestre do curso de Letras em Ramallah, mas por causa da guerra parou os estudos. Veio para o Brasil com a esposa e filha pequena, vendendo meias e com sua simpatia, virou comerciante, formando seus três filhos. Tornou-se dono da Loja Rainha dos Calçados em Peabiru-Pr, a qual até hoje funciona sob comando dos filhos. Seu Mahmoud foi enterrado onde ele nasceu, na Palestina, que era a sua maior vontade. O relato revela que os conflitos étnicos e bélicos também influenciaram na composição étnico racial de Peabiru-Pr:

A Guerra dos Seis dias já completou 53 anos [...] Meus pais e a minha irmã, estas, com 9 meses de vida, chegaram ao Brasil no dia 02 de agosto de 1968: 52 anos de Brasil, com a graça de Deus [...] Como toda família de refugiados, a nossa família também passou por várias dificuldades [...]. Uma família que saiu de um vilarejo da Palestina, chamado Rammum (próximo da cidade de Belém, local onde Jesus Cristo nasceu), desembarcou no Brasil e se instalou em Peabiru-PR há 52 anos [...] Exatamente 9 meses após, em 18 de maio de 1967, iniciava-se a Guerra dos Seis dias (Cisjordânia, Faixa de Gaza, Colinas de Golã-Síria, Monte Sinai-Egito e Jerusalém-Oriental foram anexadas a Israel) e a vida deles se transformariam radicalmente. Graças a Deus, aos parentes e amigos, se instalaram em Peabiru em 1968 e a vida seguiu com deveria seguir. (NASSER HASAN, 2021).



FOTO 3: Família Palestina Abdel Jaber, na foto tirada em Peabiru-Pr no dia 29/12/1972.

FONTE: Nasser Hasan

Observa-se na continuidade do relato, que ao final da década de 1950, Peabiru já tinha recebido os Palestinos, além da difícil vinda e vida inicial como imigrantes no Brasil:

Meus pais se instalaram onde atualmente é a Casa Guri. Meus avós moravam ali. Eu estava com 20 dias. O nosso avô (Hasan Abdel Jaber) pisou pela primeira vez em Peabiru em 1959, juntamente com nosso Tio Muhmmad (ao lado do nosso avô). Eles ficaram, inicialmente em Maringá, mas sempre iam para Peabiru. O nosso pai chegou em Peabiru em 1968. Hoje entendemos e aprendemos quando vemos os refugiados sírios se deslocando para várias partes do mundo. As tristezas deles são muitas vezes respostas àquelas perguntas que ficaram

décadas em nossas mentes. Hoje sei que o melhor lugar do mundo é onde vivo. (NASSER HASAN, 2021).

Além dos imigrantes, neste momento, principalmente a partir dos anos de 1950 houve sobreposição da Frente Nortista (cafeeira) de maior dinamismo econômico que interligou-se com a Frente de Expansão (agricultura colonial e pecuária suína). (UNESPAR, 2019).

Marcando a colonização mineira em Peabiru-Pr, Pedro Luiz de Souza vindo de Minas Gerais de trem a Califórnia, na época distrito de Apucarana, Chegou depois a Peabiru em 1948 e fundou a localidade chamada até hoje de “Colônia Mineira”, a cerca de 5 quilômetros da zona urbana da cidade. Como exemplo da colonização polonesa, João Szczpansky nascido em São Joaquim, distrito da hoje município de Barbosa Ferraz-Pr, morou também em Ourilândia outro distrito deste município. Filho de Cristina Wroblewski Szczepanski e de Romão Szczepanski, esta professora da Escola Isolada do Rio da Várzea em Silviolândia, Distrito de Peabiru-Pr, fora este o local que se estabeleceram por anos.

Da colonização italiana, Adelaide Ganassin relata que sua sogra Apolonia Rossato Ganassin nasceu em Vicenza na Itália em 1917 e vieram de navio fugindo da Guerra para o Brasil, aos 6 anos de idade com os pais e irmãos. Estabeleceram em Coroados - SP onde casou com Júlio Ganassin (filho de italianos) e vieram para Rolândia no Paraná e posteriormente Peabiru no ano de 1957.

Há de ressaltar o trabalho dos safristas da região, os primeiros tropeiros de porcos caipiras. Criavam aqui na região de Peabiru e levavam estes animais por trilhas para venda em Mandaguaçu e/ou em Guarapuava, animais estes transportados abatedouros em Ponta Grossa e Jaguariaíva (Frigorífico Matarazzo) para a extração de carne e da banha para abastecer os centros urbanos do sudeste brasileiro. Esta “fase perdurou até o início da repartição das terras e a colocação dos marcos divisórios das propriedades, ou seja, da colonização oficial e empresarial”. (UNESPAR, 2019, p. 21)

Peabiru estava populoso, com terras férteis e abundantes recursos naturais, principalmente a madeira, e exercia, naqueles anos de 1950 e 1960, grande influência sobre a região, por vezes competindo com Campo Mourão. “Peabiru, a partir da elevação a município em 1951, tornou-se uma loca-

lidade de atração populacional, e viveu duas décadas de grande progresso [...]” (SANTOS et al., 2002, p. 35).

O café representava expressiva fonte de recursos e desenvolvimento para Peabiru, cultura esta transferida com grande força para o Paraná devido as consequências da Crise de 1929 que levou a derrocada muitos cafeicultores paulistas, além de que o solo paulista estava desgastado, as lavouras precisavam de investimentos: o norte do Paraná ali ao lado, fora opção quase natural. (PERISSATO, 2009, p. 47).

Peabiru dos anos de 1950, 1960 chegara aos anos de 1970 pronta para crescer ainda mais. Mas toda uma conjuntura econômica, social, agrícola e climática promoveu partir da geada negra de 16 de julho de 1975, em convergência coma chamada Revolução Verde, um sentido contrário de crescimento: o êxodo rural. Houve perda significativa de habitantes, conforme tabela abaixo:

TABELA 2: DESOCUPAÇÃO POPULACIONAL DE PEABIRU-PR

PERIODO	GRUPO SOCIAL	EVENTO DE SAÍDA	DESTINO
1975 até final da década de 1980: de 34.971 habitantes em 1.977 para 16.966 em 1980	Trabalhadores rurais com residência fixa na zona rural	Revolução verde; Geada negra de 1975; Troca de Lavoura Permanente (café); Por lavouras temporárias (soja, milho trigo); Nascimento do trabalhador volante (bóia fria).	Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia; Cidades grandes de São Paulo e Curitiba (instalação em favelas).

Peabiru de cerca de 34.971 habitantes em 1977 perdeu 18.005 habitantes em 3 anos, caindo para 16.966 habitantes em 1980. Uma queda brutal. Moradores da Zona rural, devido a troca da lavoura permanente, principalmente o café pelas lavouras temporárias, soja, milho, trigo, e excluídos do modo de produção agrícola se dirigiram ao estado do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Rondônia. Outra leva foi para os grandes centros urbanos, principalmente São Paulo e Curitiba, no qual engrossaram as fileiras das sub moradias, as favelas

Todavia, há de ressaltar o que diz Perissato (2009, p. 56) a qual assevera que “a modernização da agricultura não foi de todo um processo ruim, pois sim o desenvolvimento biotecnológico no campo aumentou a produção de gêneros de exportação, reduzindo custos, e aumentando a competitividade no mercado externo”. E por fim a mesma autora sacramenta a infeliz realidade “porém por ser tecnologia vinda de outros países, e imposta bruscamente, o homem do campo simplesmente foi excluído do processo, sem ter um “outro lugar” para ele. (PERRISATO, 2009, p.56)

Logo, aos que ficaram, restou apenas fazerem parte do lado mais excluído do êxodo rural: “trabalhadores volantes” ou os “boias frias”. Na tabela abaixo observa-se o crescimento até 1977 e depois o decréscimo.

TABELA 3: CENSO E OSCILAÇÃO POPULACIONAL DE PEABIRU-PR

CENSO	HABITANTES	AUMENTO/QUEDA	CAUSA
1945 ¹¹	200	-	Abertura oficial das terras
1950 ¹²	9.000	Aumento de 8.700	Início da distribuição dos lotes
1960	18.977	Aumento de 9.977	Algodão, hortelã e café atraem população
1970	24.046	Aumento de 5.069	O café, novas terras
1977	34.971	Aumento de 10.925	Café, milagre econômico
1980	16.966	Aumento de 18.005	Êxodo rural, mecanização da agricultura, concentração de terras
1991	14.161	Queda de 2.805	Êxodo rural, crise econômica no Brasil; Fábricas de automóveis em Curitiba
2000	13.487	Queda de 674	Crise econômica, desemprego
2010	13.624	Aumento de 137	Assentamentos Santa Rita, Marajó e Monte Alto
2020	14.007	Aumento de 383	Acampamento Canaã, refluxo populacional

FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE PEABIRU, 2021; IBGE, 1980; IBGE 2020;

Observando os dados censitários, no final anos 1970 a população de Peabiru, era 60%, maior que a registrada para o ano de 2020. Tal queda brutal de população se deveu, como dito, em grande parte a erradicação do café, mecanização a agricultura, que culminou com o fim do milagre econômico e crise econômica nos anos de 1980, tempos de hiperinflação. Em tem-

11. Dados da Prefeitura Municipal de Peabiru-Pr

12. Dados da Prefeitura Municipal de Peabiru-Pr. De 1960 em diante, dados do IBGE.

pos atuais segundo dados do Ipdades (2012), a economia da maior parte dos municípios do Paraná que padeceram sob o evento do êxodo rural, assim como Peabiru-Pr, ficaram dependentes das atividades agropecuárias. (IBGE, 2010). Ressalta-se também que na década de 1990 com abertura das fábricas de Automóveis em Curitiba-PR, tanto da Renault como da Chrysler, houve fluxo de Peabiru em direção a Curitiba.

Curiosamente foi a questão agraria que fez cidade retomar o crescimento populacional nos anos 2000. A reforma agraria, por meio do Movimento Sem Terra, criou, após tramites legais três assentamentos no município de Peabiru. Observe:

TABELA 4: ASSENTAMENTOS E ACAMPAMENTO DA REFORMA AGRARIA DE PEABIRU-PR

1998	Assentamento Santa Rita	85 Famílias	Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Santa Catarina
1999	Assentamento Marajó	58 Famílias	
2000	Assentamento Monte Alto	50 Famílias	
2010	Acampamento Canaã	30 Famílias	

FORNTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE PEABIRU, 2021

Com os três assentamentos e depois o acampamento, Peabiru-Pr passou de 13.487 habitantes em 2000 para 14.007 em 2020. Aumento de 811 habitantes, aumento este que não se verificava desde 1977.

No Assentamento Santa Rita vivem 85 famílias assentadas em lotes com áreas em torno de 17 ha, das quais 47 se dedicam à produção de leite. (ALVES et al, 2009).

No Assentamento Marajó cujas terras estão também dentro do Município de Quinta do Sol, vivem 58 famílias, e no Assentamento Monte Alto, sobre o traçado dos Caminhos de Peabiru, vivem 50 famílias. Tais assentamentos contribuíram para aumento da população de Peabiru o que influi diretamente no repasse do Fundo de Participação dos Municípios – FPM.

Quanto ao Acampamento Canaã a margem do Rio da Várzea, por não ser legalizado, os dados são mais diluídos, pelo fluxo de idas e vindas dos acampados.

Observa-se que grande parte dos assentados, optaram pelo plantio da soja, muito embora a agroecologia e produção familiar fora sempre o intuito do movimento. Há também relatos de vendas de lotes a terceiros.

Desta feita, chega-se de propósito neste momento, a abordagem da questão da população de descendência africana e indígena. Junto com europeus e asiáticos, os indígenas e africanos são as bases da etnia brasileira, e não pode ser ignorada, nunca. Mas foi.

Foi apagada ao logo do tempo e da história. Tanto que não há sobrenomes herdados tanto dos indígenas como africanos. Porém, os sobrenomes europeus e asiáticos permaneceram e perpetuaram nos nomes das pessoas, caso também de Peabiru-Pr. A tabela abaixo expressa de forma visual a questão. Ei-la:

TABELA 5: INDÍGENAS E AFRICANOS EM PEABIRU-PR

PERÍODO	GRUPO ÉTNICO	EVENTO DE CHEGADA	HERANÇA HISTÓRICO-CULTURAL ESPECÍFICA
Cerca de 1.000 a 1.500 a.C	Indígena	Guarani, em especial com aquecimento da temperatura, chegaram a mesorregião centro ocidental do Paraná, onde se localiza hoje, o município de Peabiru-PR.	Nenhum sobrenome sobreviveu (apagado) O nome da cidade, Peabiru Os Caminhos de Peabiru Termos no Vocabulário geral
1940 d.C Migrante	Africano	Descendentes dos negros escravos, vieram principalmente do estado de São Paulo, Minas Gerais e região Nordeste e Norte do Brasil.	Nenhum sobrenome sobreviveu (apagado) Termos no Vocabulário geral

Nenhum sobrenome sobreviveu, muito embora no vocabulário brasileiro, bem como nos topônimos, a riqueza afro-indígena abunde. O nome de Peabiru, é de origem indígena, bem como os rios Ivaí e Piquiri, entre outros. Mas este apagamento foi proposital, pois mesmo com toda presença de povos indígenas estes foram apagados da história oficial do Paraná, criando entre outras, a ideia do vazio demográfico, que tinha como objetivo legitimar a ocupação de suas terras, sem resistências. (ROCHA). Neste âmbito, há de sublinhar que:

Edmundo Mercer questionou o modo como foram arranjados os direitos de posses. Em terrenos que nunca foram habitados, em zonas remotíssimas. E argumentou: “Cultura e morada na fazenda do Guilherme só a dos Botocudos (Xetá, devido aos adornos nos lábios) No chapadão de Campo Mourão, antes dos paulistas que o habitam

dede 1902, ninguém morou a não ser os caingangues que daí saíram a mais de 30 anos” (MERCER, 1978, p. 73).

Para se ter ideia, alguns toldos dos Kaingang se estabeleciam as margens do Rio 119, hoje divisa entre Peabiru e Campo Mourão, cujos caciques mais conhecidos era o Índio Bandeira e o Jembrê. Desta feita, ainda Mercer (1978) relata na defesa das terras, que a posse dos pretendentes que nas terras nunca tiveram tornava-se injusta, fato que contribuía com o apagamento físico e cultural dos indígenas na região de Peabiru-Pr. Este falso vazio demográfico é também desmentido nos relatos:

Que apenas, quando, o Campo Mourão, era ainda habitado pelos índios Coroados, foi ele visitado pelo Alferes Borges na primeira metade do século passado, e posteriormente pelo comendador Norberto, quando fez sua célebre viagem, por terra, ao Guáira. Depois dele, ninguém mais ali chegou, até que a picada militar de 1902 colocou esses faxinais e campos em comunicação com Guarapuava [...]. Como, pois, existem posses ali? (MERCER, 1978, p. 80).

Há de se frisar também que na Serra do Dourados, próximo a Umuarama, território do município de Peabiru até 1955, empresas colonizadoras dizimaram os Xetás ali presentes na ação genocida da Colonização Semitas Miyamura Ltda em 1940 Companhia Brasileira de Imigração e Colonização-Combrimco (áreas Xetá transformadas em glebas 7,12,15, hoje parte dos municípios de Icaraíma, Douradina e Umuarama) (Duarte, 2017). Mesmo sob os avisos de Souza nenê do Serviço de Proteção ao índio em 1949 que havia Xeta na área e era necessário proteger este território, mesmo sob a ideia do antropólogo José Loureiro Fernandes, Geógrafo Reinhard Maack, do fotógrafo Vladimir Kozák, da UFPR, o Parque Estadual da Serra dos Dourados foi ignorado pelos ex-governadores Moisés Lupion e Adolfo de Oliveira Franco. Assim, Duarte finaliza o genocídio Xeta em terras peabiruenses “o esbulho afetou especialmente crianças, que seguidamente eram roubadas, e meninas e mulheres violentadas sexualmente por jagunços e agrimensores da Cobrimco, como narra a antropóloga Carmen Lúcia da Silva.” (DUARTE, 2017, p. 182)

A existência e posterior extermínio dos indígenas e apagamento de sua história e cultura é atestado pela própria Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná em sua edição comemorativa de 50 anos no Paraná:

A partir de 1628, bandeirantes paulistas, contrário ao domínio espanhol, decidiram destruir tudo quanto fora construído na Província Guairá, o que executaram até 1632. A grande população Guarani, estimada por quase todos historiadores em cerca de 200.000 almas, foi parcialmente dizimada, não só pela violência das lutas travadas, como pelas dificuldades surgidas em sua retirada. Calcula-se em 60.000, o número de indígenas preados pelos paulistas e depois por estes vendidos em regiões do centro e nordeste do Brasil. (COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ, 1975, p. 232).

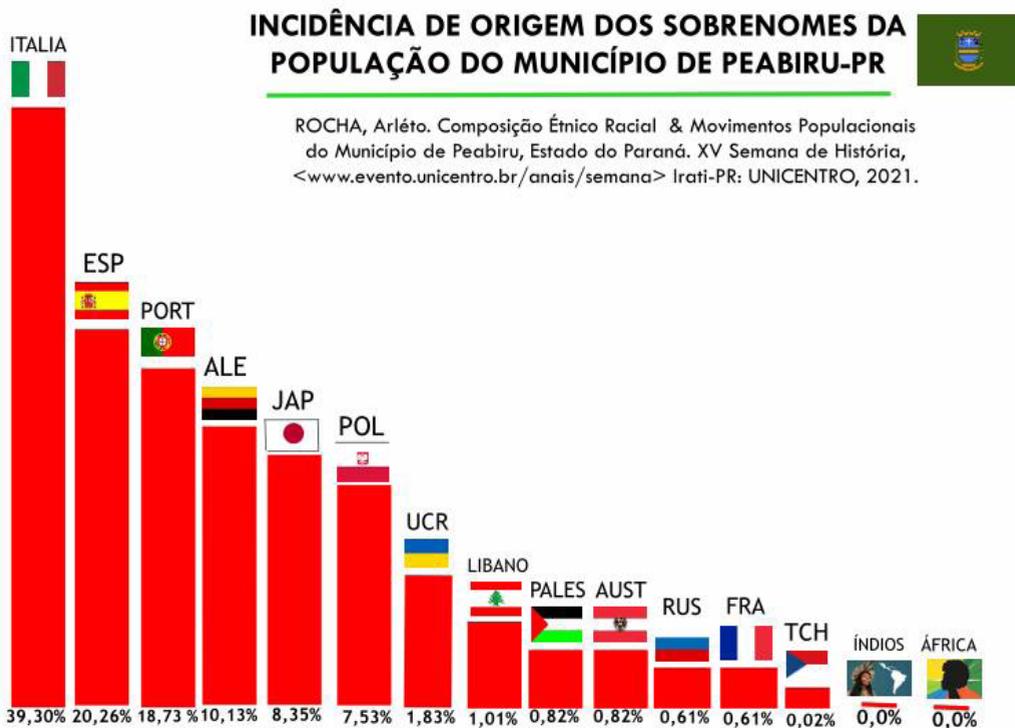
Hoje observa-se sazonalmente, a passagem por período curto, geralmente uma semana de indígenas Kaingang no município de Peabiru-Pr. Geralmente abrigam-se aos fundos do Terminal Rodoviário Prefeito Jorge da Silva Pinto, cozinhando na Praça Silvio de Barros atrás deste mesmo terminal. Nesta praça produzem balaios e outros artefatos, cuja venda é feita na cidade, geralmente pelas crianças, os pais logo atrás. O apelo emocional as crianças, sabem eles, tem grande efeito nas vendas. Quando não, as crianças pedem pequenas quantias de dinheiro. Depois de um tempo, entram num ônibus e seguem para outras cidades.

Em menor frequência, em média a cada dois ou três anos também observa a fixação de dois ou três meses dos Ciganos na cidade.

Devido a cidade manter um seminário da Igreja Católica, e o Instituto Santa Paula da Sagrada Família de Bergamo, há chegada e fixação em média de um a dois anos de muitos italianos pertencentes a igreja.

De acordo o procedimento metodológico, foram pesquisados cerca de 5.000 nomes, nas redes sociais Facebook e Instagram do autor, no cadastro do Imposto Territorial Predial Urbano da Prefeitura Municipal de Peabiru-Pr, no cadastro do Programa Bolsa Família do Governo Federal de famílias beneficiadas em Peabiru-Pr e no Jazigos do Cemitério Municipal de Peabiru-Pr, São João Batista.

Os sobrenomes iguais eram descartados, ficando para pesquisa 546 nomes destes quase 5.000. Destes fez-se a triagem, com sobrenomes italianos sobrepondo aos demais (193 sobrenomes).



Num segundo nível de incidência os sobrenomes Espanhóis e Portugueses, 100 e 92 respectivamente. No terceiro nível os sobrenomes Japoneses (41) e Poloneses (37). Neste momento ressalta a dificuldade de definir a origem dos povos eslavos, devido a flutuação de fronteiras políticas com o tempo. Os Ucrânicos com 9 sobrenomes vêm em um quarto nível que engloba Russos (3), Franceses (3), Libaneses (5), Palestinos (4), Austríacos (4) e Tcheco (1).

Quanto aos sobrenomes Africanos e Indígenas, não foi encontrado nenhuma incidência, atestando o apagamento de sua história e cultura no país, refletido na cidade.

Aos italianos, maior incidência de sobrenomes, destaca a vinda massiva destes ao Brasil e que hoje corresponde a cerca de 30 milhões de descendentes no Brasil (IBGE, 2010), refletindo em Peabiru, tal incidência

Observando a ação de ocupação humana em Peabiru-Pr, de forma geral passa-se pelas paleossociedades há milhares de anos, indígenas, europeus no descobrimento, um hiato de cerca de 150 anos momento de instalação de aventureiros, até chegar aos fins do século XIX com a chegada de migrantes estes voltados num primeiro momento para a pecuária e agricultura de subsistência como feijão, milho, para a início da segunda metade do século XX observar a chegada massiva de migrantes e imigrantes, momento de crescimento urbano, desmatamento da região, distribuição de posses marcando o nascimento de Peabiru como município em uma economia baseada exploração de madeira e café, cujas terras novas e baratas tornavam Peabiru o destino de muitas famílias. A proximidade com Maringá atraiu muitos moradores. Como fato marcante nesta formação populacional, o pico de habitantes com mais de 34.000 habitantes em 1977 e queda vertiginosa três anos depois para cerca de 16.000 habitantes resultado do êxodo rural a partir de 1970 com a mecanização da agricultura, com o advento do soja, milho e trigo, causando brutal concentração e terra, distribuição desigual de rendas, política partidária provinciana decidida pelo poder econômico, fatos que gera e geraram muita pobreza ao município.

Diametralmente oposta a pobreza econômica, Peabiru tem uma riqueza cultural muito grande. Ficaram as marcas desta colonização e recolonização. Quanto a indígenas e africanas, praticamente apagadas, salvo pelos topônimos, nomes de plantas, rios, comidas e no caso africanos, religioso. Peabiru compões uma mistura característica do Brasil como nação, com muitos templos de segmentos religiosos diferentes, como características étnicas marcantes fisicamente, bem como na culinária e nos sotaques, muito caraterísticos até hoje principalmente falas em italianos, alemães, japoneses, nordestinos, gaúchos e mineiros.

Observou-se com o cruzamento dos sobrenomes a predominância de descendência italiana, quase o dobro dos sobrenomes alemães, italianos e espanhóis. Em um segundo bloco os sobrenomes japoneses e povos eslavos, como russos, poloneses e ucranianos. Nordestinos, Mineiros e Gaú-

chos, em vindas internas, predominam, seguidos de catarinenses e paulistas.

Nas manifestações espontâneas via redes sociais após publicações acerca desta pesquisa, observou-se com muitos solicitavam para incluir o sobrenome de sua família, todavia, maioria massiva não sabia responder quando perguntava-se a origem do nome, até mesmo aqueles mais específicos sobrenomes europeus. Quando perguntados, como se percebessem que não sabiam, relatavam que ima procurar. Desta parte, a partir desta amostragem ainda não sistematizada concluiu-se que muitos moradores de Peabiru-Pr não têm ciências de suas raízes, de suas origens familiares, o que reveste de maior importância ainda este trabalho.

Hoje, Peabiru tem sua dinâmica urbana influenciada por Campo Mourão há 12km e Araruna a 14 km, cidades mais industrializadas, produzindo pela ia e vinda diária a estes municípios para trabalhar, constituindo a chamada migração pendular

ESCOLAS RURAIS DÃO LUGAR ÀS ESCOLAS URBANAS

Como o desenvolvimento de todos os municípios, vai crescendo cada vez mais ao decorrer do tempo, várias famílias vieram para cá viver na zona urbana como na rural, o número de crianças em idade escolar foi aumentando, havendo a necessidade de alfabetizá-las. Originou-se de certo modo, várias instituições educacionais com o objetivo de atender essas crianças, sendo então a primeira a “Escola Pública de Peabiru”.

Nas décadas de 50 e 60, auge do cultivo do café na região, havia no município 46 escolas na zona rural e 5 na zona urbana. Atualmente conta com 5 escolas, 4 Centros de Educação Infantil, 1 Escola Especial na zona urbana. Cada escola criada no município de Peabiru surgiu da necessidade de melhor atender a demanda escolar. São elas as instituições escolares:

- COLÉGIO ESTADUAL CIVICO MILITAR OLAVO BILAC – ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO
- COLÉGIO ESTADUAL 14 DE DEZEMBRO – ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO
- ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL MENINO DEUS – APAE (fundada pelo esforço da Professora Virma Frare Bassi e seu esposo Tônico, e depois do Contador Wilson Jardim de Carvalho).
- ESCOLA MUNICIPAL SÃO JOSÉ – EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL
- ESCOLA MUNICIPAL DARCI RIBEIRO – EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL
- ESCOLA MUNICIPAL PAULO FREIRE – EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL
- ESCOLA MUNICIPAL EMILIO DE MENEZES – EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL
- ESCOLA MUNICIPAL PRINCESA ISABEL – EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL
- ESCOLA AGATA (PARTICULAR)
- CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL MÃE DOLORES
- CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL ARCO-IRIS
- CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL SANTA PAULA
- CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL PIONEIRO DARCI KLEIN

1952-2022



PRIMEIRO GOVERNADOR A VISITAR PEABIRU-PR (1954)

**GOVERNADOR DO ESTADO DO PARANÁ BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO
DE TERNO CLARO E CHAPEU. AO CENTRO, DE BRAÇOS CRUZADOS E
LENÇO NO BOLSO, PREFEITO DE PEABIRU SILVINO LOPES DE OLIVEIRA**



16. INÍCIO DE NOSSA HISTÓRIA POLÍTICA

Nossa terra foi governada pelas tribos indígenas, do Guayrá, Paiquerê até a chegada dos europeus, passando pela Província a de Vera e Do Guairá, desde ao comando Espanhol ao Português, as cidades espanholas, a Província de São Paulo, Paraná, ao município de Guarapuava, Pitanga depois Campo Mourão.

Em 1952 era hora de nós mesmo decidirmos nossos rumos políticos.

Assim, após a realização da primeira eleição, foi eleito o primeiro prefeito, Silvino Lopes de Oliveira, que assumiu destinos do município no dia 14 de dezembro de 1952, cuja solenidade de instalação do município contou com a presença da comunidade e autoridades da época. Todavia, na década anterior, muitos políticos que tinham laços estreitos com Peabiru, tiveram gestões no município de Campo Mourão. Vejamos.

MULHERES NA POLÍTICA DE PEABIRU

Em 17 eleições municipais 188 Vereadores ocuparam uma cadeira no Poder Legislativo de Peabiru: apenas 05 mulheres (quase todas Professoras) foram eleitas Vereadoras.

Em 1972, a 1ª mulher eleita foi Elza Sartorelli da ARENA com 356 votos, depois de morar por 20 anos na cidade.

Demorou 10 anos para que tivéssemos outra mulher, isso em 1982: desta vez duas mulheres, Helena Araújo e Professora Odete Mafra. Detalhe: a câmara era de 11 vereadores. Helena C. Araújo pelo PDS teve 282 votos e Odete Mafra (PMDB) teve 248 votos.

Quando abaixou para 09, demoramos 18 anos para eleger outra mulher: Professora Cidália Imakami na primeira eleição do milênio em 2000. Cidália Imakami pelo PSDB foi eleita com 411 votos.

Em 2008, somente 08 anos depois elegemos outra mulher: a Professora Helena Frederico Izelli, eleita pelo PSC com 231 votos.

E de novo somente 08 anos depois, em 2016, uma nova eleita: Rosana Pante.

Em 2016, Maria José do Nascimento foi a Primeira Mulher ser eleita Vice Prefeita de Peabiru.

RELAÇÃO PEABIRU E CAMPO MOURÃO NA POLÍTICA

O primeiro fato, e muito curioso é que Daniel Portella que morava em Peabiru, pouco tempo antes fora votado em Peabiru, para ser prefeito de Campo Mourão, morando em Peabiru, por acharem os peabiruenses que ele seria prefeito de Peabiru, não de Campo Mourão. E ele venceu, como Prefeito de Campo Mourão. Irmão de Juvenal Portella, filho de Osório e Solinda Portella. Paranaense de Campo Largo nasceu a 8 de junho de 1923. Casou-se com Jorinda Santos, a qual foi uma das primeiras professoras do município. Morou em Peabiru, nas imediações onde hoje está o Auto Posto Brambila, na Av. Raposo Tavares. Aidê de Barros, quando menina brincava com as crianças da família Portella. Médico foi eleito vereador em Campo Mourão em 1947 e prefeito de Campo Mourão em 1951, morando aqui em Peabiru, haja vista que Peabiru ainda não era município.

MANDATO DE 1947-1951 EM CAMPO MOURÃO

PREFEITO DANIEL PORTELLA - PSD, nasceu em Campo Largo no dia 8 de junho de 1917, sendo filho de Osório e Solena Portela. Iniciou seus estudos no Grupo Escolar “Macedo Soares” de Campo Largo.

Transferiu-se para Curitiba, onde completou seus estudos no Colégio Paranaense, e formou-se em medicina em 1942. Após formar-se na Faculdade de Medicina do Paraná mudou para Pitanga, onde deu início a sua carreira de médico. Em 1945, já casado com a professora Jorinda Santos Portella, mudou-se para Peabiru.

Em 1947 foi eleito vereador pelo PSD Partido Social Democrático, e posteriormente, Presidente da Câmara Municipal por seus pares.

Foi eleito Prefeito de Campo Mourão em 1951, destacando-se sua administração pela abertura da estrada Campo Mourão-Goioerê. Seu mandato conclui-se em 5 de dezembro de 1955. Foi eleito suplente de deputado estadual em 1954, com 1.885 votos pela UDN, assumindo o cargo em caráter definitivo no transcorrer do mandato.

Em Curitiba, onde voltou a residir, ocupou a Chefia de Gabinete e a Diretoria Geral da Secretaria de Estado da Saúde na década de 1960.

Em 1969 transferiu-se para Guaratuba, onde assumiu a direção da Santa Casa.

Faleceu em 14 de dezembro de 1976, numa cirurgia cardíaca em São Paulo (SP). Em sua homenagem foram denominadas com seu nome uma via pública em Goioerê e outra em Campo Mourão.

MANDATO DE 1951 EM CAMPO MOURÃO

VEREADOR SILVINO LOPES DE OLIVEIRA, o radiotelegrafista do exército assumiu a Prefeitura de Peabiru. Ele nasceu no município de Lapa, interior do Paraná, numa região conhecida como Areia Branca. Filho de Victor Modesto de Oliveira e Julieta Lopes, chegou em Peabiru no dia 2 de setembro de 1946. Na época, o município ainda pertencia a Campo Mourão. Exerceu a função de radiotelegrafista e sua transferência foi motivada por fazer oposição ao governo de Moysés Lupion, quando ainda morava em Curitiba.

Foi um dos fundadores, em 1949, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que no ano seguinte viria compor a coligação que elegeu o médico Daniel Portella para a prefeitura de Campo Mourão. Em 1951 foi eleito vereador por Campo Mourão com 255 votos. Tomou posse em 5 de dezembro de 1951, ocasião em que elegeu-se presidente da Câmara Municipal e em 1952 tornou-se o primeiro Prefeito de Peabiru-PR.

MANDATO DE 1947-1951

VEREADOR VALDOMIRO CILIÃO DE ARAÚJO (PSD), foi agricultor em Peabiru-Pr. Nasceu em 13 de Junho de 1922, em Brejo Santos no Ceará, filho de João e Joaquina Cilião de Araújo. Veio para Apucarana em 1932 e para Campo Mourão em 1945.

Eleito vereador em 1947, foi eleito o primeiro 2º Secretário da Câmara Municipal. Após o término do mandato em 1951, dedicou-se as suas atividades de pecuarista e agrícolas. Era casado com Maria Cilião de Araújo, tendo dois filhos: Valdelice e Valdomiro.

Faleceu em Campo Mourão no dia 9 de dezembro de 1991. Por iniciativa do vereador João Teodoro de Oliveira Sobrinho, em 28 de novembro de 1996, a Rua Canários da Vila Teixeira, passou-se a ser denominada com o nome de “Valdomiro Cilião de Araújo”.

MANDATO DE 1951-1955

VEREADOR CLÁUDIO SILVEIRA PINTO (PR), ativo na política e economia de Peabiru-Pr, Nasceu em 25 de dezembro de 1916, em Morretes (PR). Filho de Benigno e Maria Nunes Pinto. Casado com Égile Perdoncini Pinto, tiveram sete filhos: Marlene, Jurandir, Juarez, Claudete, Cláudia, Márcia e Cláudio Júnior. Trabalhou no ramo madeireiro e foi proprietário da Cimauto, que atuava no comércio de automóveis. Foi eleito vereador em 1951, com 91 votos pelo Partido Republicano. Faleceu em 16 de novembro de 1989, em Curitiba, sendo sepultado em Campo Mourão.

MANDATO DE 1959-1963

VEREADOR LARY CALIXTO RAZZOLINI (PSD), natural de Curitiba, capital do Estado, nasceu em 20 de outubro de 1927, sendo filho de: Celestino Francisco e Mercedes Razzolini. Casado com Izabel Schwab teve três filhos: Francisco César, Paulo Roberto e Mauro Sérgio. Formado em direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná. No ano de 1954 foi nomeado no cargo de Promotor Público, função que exerceu até 1981, atuando nas comarcas de Araruna, Arapongas, Campo Mourão, São Jerônimo da Serra, Francisco Beltrão, São Mateus do Sul, Peabiru e Curitiba.

Foi eleito vereador, em 1959, com 769 votos pelo PSD. Ocupou a presidência da Câmara Municipal por duas vezes. Em 1969 foi eleito prefeito do Município de Peabiru, concluindo seu mandato em 1973. Em 1981 foi nomeado para as funções de Procurador de Justiça em Curitiba. Exerceu também as atividades de Presidente da Associação do Ministério Público e de Corregedor do Ministério Público. Faleceu em 11 de outubro de 1993, em Curitiba.

Mandato de 1963-1969

PREFEITO DE CAMPO MOURÃO AUGUSTINHO VECCHI (PSDC),

foi candidato a Prefeito de Peabiru-PR em 1964. Gaúcho de Lagoa Vermelha (RS) nasceu em 31 de março de 1934, filho de João Vecchi e Amábile Vecchi. Fez o curso primário no Grupo Escolar Duque de Caxias e no Colégio Centenário, respectivamente da cidade de Marcelino Ramos (RS) e o Secundário, concluído no Colégio Diocesano, na cidade de Lagoa Vermelha (RS). Foi gerente das Indústrias Vera Ltda e cerealista. Após terminar seus estudos, fixou residência em Peabiru, vindo a disputar a prefeitura daquele município. Em 1958 transferiu-se Campo Mourão, atuando no setor de comércio e madeireiro.

Foi eleito vereador em 1963, foi eleito presidente da Câmara em 1968. Com a renúncia do prefeito Rosalino Salvadori em 7 de fevereiro de 1968, assumiu o cargo de prefeito de Campo Mourão, mandato que terminou em 31 de janeiro de 1969. Em 1974 foi eleito suplente de deputado estadual, sendo convocado para assumir o cargo em 1976, renunciando o mandato para disputar a prefeitura de Campo Mourão. Eleito prefeito em 15 de novembro de 1976, tomou posse em 1º de fevereiro de 1977, encerrando seu mandato em 31 de janeiro de 1983. Foi presidente da Comcam –Comunidade dos Municípios da Região de Campo Mourão nos períodos de 1977/1978 e 1979. Foi presidente de honra da Associação dos Servidores Municipais de Campo Mourão (Assercam) e Patrão de Honra do Centro de Tradições Gaúchas de Campo Mourão.

Nas eleições municipais de Campo Mourão-PR 1988 foi eleito novamente prefeito de Campo Mourão, cujo mandato iniciou-se em 1º de janeiro de 1989 e expirando-se em 31 de dezembro de 1992. Nas eleições de 1994, foi candidato a deputado federal. Em 2003, foi nomeado Assessor Especial para Assuntos do Interior pelo governador Roberto Requião.

Mandato de 1993-1996

PREFEITO DE CAMPO MOURÃO RUBENS BUENO, nascido em Sertanópolis (PR) em 1948, Rubens Bueno é filho de José Bueno Sobrinho e Maria Aparecida Brustolin Bueno. Casado com Rosemaria Eitelwein Bueno, tem três filhos, Renata Bueno (Ex-vereadora de Curitiba e ex-deputada na Itália.), Ricardo Bueno e Rubens Bueno II e é avô de Maria Júlia, Maitê e Isabela. Professor de formação, já ocupou diversos cargos públicos, entre eles, o de diretor administrativo da Itaipu Binacional e o de presidente da Fundação de Ação Social. Foi candidato a Prefeito de Peabiru-PR em 1976, Secretário Estadual de Justiça, Trabalho e Ação Social (1987-90), deputado estadual (1983-86 e 1987-90), prefeito de Campo Mourão (1993-96) e em 2018 foi eleito para o seu quinto mandato como deputado federal (1991-92, 1999-02, 2011-14, 2015-18 e 2019-22).

17. PEABIRU: OS PREFEITOS E VEREADORES NAS LEGISLATURAS

EXECUTIVO E LEGISLATIVO

PEABIRU 70 ANOS



SILVINO LOPES DE OLIVEIRA
PRIMEIRO PREFEITO DE PEABIRU-PR

1952
1956



**PRESIDENTES
DA CÂMARA:**

**DOMINGO CAMARGO RIBAS
JOSÉ GATTI**



SILVINO LOPES: O PRIMEIRO PREFEITO

1ª LEGISLATURA **1.952/1.956**

DATA DA ELEIÇÃO **1952**

COMPARECERAM **3.285** ELEITORES

CANDIDATOS AO CARGO DE **PREFEITO MUNICIPAL**

CANDIDATOS	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
SILVINO LOPES DE OLIVEIRA	P.R.	1.738	ELEITO
ALCIDES PINHEIRO DE SOUZA			

CANDIDATOS AO CARGO DE **VEREADOR**

CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
DIMINGOS CAMARGO RIBAS	UDN	213	Eleito
ARTUR TEIXEIRA	UDN	159	Eleito
JOSE GATTI	UDN	127	Eleito
JORGE LOPES	PR	204	Eleito
JOAQUIM DE SOUZA FREITAS	PR	182	Eleito
SILVIO DE BARROS	PR	143	Eleito
DEMETRIO CASARIN	PTB	116	Eleito
CONCEIÇÃO ANTONIO SILVA	PTB	111	Eleito
DARIO MUNIN	PSP	108	Eleito

BENEDITO RODRIGUES DA SILVA	Assumi Out/1955	Até Maio/1956	Suplente
IZIDORO PINTO	Assumi Out/1955	Até Nov/1955	Suplente
PEDRO GOMES RAMALHO	Assumi Maio/1956	Até Dez/1956	Suplente

SILVINO LOPES DE OLIVEIRA, o radiotelegrafista do exército assumiu a Prefeitura de Peabiru. Ele nasceu no município de Lapa, interior do Paraná, numa região conhecida como Areia Branca. Filho de Victor Modesto de Oliveira e Julieta Lopes, chegou em Peabiru no dia 2 de setembro de 1946. Na época, o município ainda pertencia a Campo Mourão. Exerceu a função de radiotelegrafista e sua transferência foi motivada por fazer oposição ao governo de Moysés Lupion, quando ainda morava em Curitiba.

Foi um dos fundadores, em 1949, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que no ano seguinte viria compor a coligação que elegeu o médico Daniel Portella para a prefeitura de Campo Mourão. Em 1951 foi eleito vereador por Campo Mourão com 255 votos. Tomou posse em 5 de dezembro de 1951, ocasião em que elegeu-se presidente da Câmara Municipal.

Com a emancipação e instalação de Peabiru, por meio de legislações estaduais, foi eleito o primeiro prefeito do município. Em sua gestão foram erguidas escolas e abertas estradas, que rasgariam o território onde nasceriam cidades pólos do Paraná, como Umuarama e Cianorte.

Com recursos pessoais também viabilizou a compra dos primeiros móveis para o prédio da prefeitura. Construiu a praça central, hoje batizada com o nome do seu sucessor, Eleutério Galdino de Andrade. Na praça foi erguido o Obelisco com placas de bronze que homenageiam as pessoas que ajudaram no processo de criação do município.

Após conduzir a administração do município, elegeu-se suplente de deputado estadual nas eleições de 1954, perfazendo 2.334 votos, o que possibilitou assumir o cargo em substituição ao deputado Dr. Amaury de Oliveira e Silva. No pleito de 1958 foi reeleito deputado estadual pelo PTB. O terceiro mandato, ainda no PTB, aconteceu em 1962 após receber 6.559 votos. Na

Assembleia Legislativa do Estado fez parte das comissões permanentes de Terras, Colonização e Imigração.

Durante a vida pública, Silvino merece destaque por ter sido oposição aos governadores Moysés Lupion e Ney Braga, mantendo-se fiel ao grupo político liderado pelo professor Bento Munhoz da Rocha Neto.

Mudou-se para Guaraqueçaba, no Parque de Superagui, onde disputou a prefeitura daquele município nas eleições municipais de 2000 pelo PPS, sendo considerado o candidato “mais idoso” daquela eleição no Brasil. Faleceu em 18 de setembro de 2002, aos 86 anos, deixando seis filhos: Ilmar, Inolan Antônio, Ivan Luiz, Ilian José e Silvino Júnior.

Assim na Peabiru de Ruas largas, planejada para ser uma das maiores cidades do estado, Silvino Lopes o 1º prefeito de 1952-56 gastava tempo e energia nas obras, estradas, pontes fora da cidade já que Peabiru ia até as barrancas do Rio PR englobando Umuarama, Cianorte, quase Guáira e muito tempo fora, a cidade ficava nas mãos de grupos. Silvino iniciou a construção Obelisco (1957) na praça central para simbolizar a centralidade do extenso município.

Também havia Interesses políticos conflitantes com o Governo eleito do estado, uma vez que Moyses Lupion vencera sem o apoio do prefeito Silvino, que apoiara Bento Munhoz da Rocha Neto. E depois visando tirar força dos deputados de Peabiru (Silvino e Daniel Portella) o governo desmembrou as comarcas que pertenciam a Peabiru, enfraquecendo a cidade regionalmente.

O PRIMEIRO DEPUTADO POR PEABIRU

Silvino Lopes de Oliveira, após ser prefeito de Peabiru, foi eleito Deputado Estadual pelo PTB, em 1958. Nesta mesma eleição o médico Daniel Portella também foi eleito pela UDN. - Lary Calixto Razzolini, antes de ser Prefeito de Peabiru entre 1969 e 1973, foi promotor em Campo Mourão. Trabalhando contra os crimes pela posse de terra, houve um movimento para transferi-lo para outra cidade. Porém, com ajuda das Lojas Maçônicas elegeu-se

Vereador de Campo Mourão, o que o manteve na cidade e ainda com mais poder.

Segundo Aristides Bittencourt “Quando eu cheguei, era a eleição do Silvino Lopes. Fui ao primeiro comício aqui em Peabiru, e fui lá assistir. Peabiru ainda não era município. Eu estava sozinho aqui na época da eleição. Naquela época a coisa era braba, tudo era no tiro. Era na bala. Estava na beira da rua quando aconteceu a morte do Dr. Chede, que era um advogado catarinense, de Florianópolis. Ele não pedia segredo não, falava o que tinha que falar. Estava encostado, com um pé levantado no poste e o cara atirou nele por trás na nuca. Ele só abaixou e caiu. A cidade estava indo bem e a política começou a desandar ali. O barulho mesmo, maior desta cidade, que eu conheci, foi na eleição para prefeito entre o Venício Vechhi e o Silvio de Barros, que ganhou a política. Eram dois candidatos. Fizeram um barulhão danado (em 1964).”

O ASSASSINATO DO DOUTOR CHEDE

Uma morte marcou o início da cidade. Segundo Volmar Armando Mathhes (Duca) “o Dr. Chede era um homem dinâmico, trabalhador, tinha um escritório de advocacia onde é o Menegildo Catafesta hoje, perto do correio, depois virou Alfaiataria do Postali. Mataram o Chede e acabou Peabiru. Até na época ele estava fazendo uma campanha para fazer uma Santa Casa, lá onde hoje é o Ginásio de Esportes. A Santa Casa estava para cobrir, paredes estavam toda pronta só para cobrir. O Chede ia ser o prefeito na próxima, todo mundo falava isso. Dava para entender que ele estava fazendo as vezes do prefeito, que vivia em Curitiba. No caso do Chede é o seguinte, um cara a mando do Silvino pôs umas madeiras dele lá e tirou as da Santa Casa, e depois o Chede foi ao serviço de alto falante e fez uma explanação, que estavam invadindo o terreno dele. Ele disse no alto falante:

–Para benefício do povo, estou terminando a Santa Casa e houve um invasor no terreno nosso e fui obrigado a jogar material deles na rua, [...] Por isso eu chamo esses empregadinhos de prefeitura tudo de “rato de igreja”.

Passado uns dias, o Prefeito Silvino Lopes anunciou na cidade inteira que iria fazer uma explanação de contas na data pública, e que era para o povo comparecer. Ele fez o palanque ali perto, do lado onde era a Estação Rodoviária ali onde hoje é o ponto de táxi na praça. Em cada esquina você via um jagunço com uma 44 debaixo do braço.

O Chede morava no Dormitório Vera, bem em frente ao palanque, onde hoje é a Imobiliária Peabiru. Tinha um poste de madeira bem na frente do dormitório, quase de frente com o palanque que ficava do outro lado da rua, na beira do que é a praça central hoje. O Afonso Lopes disse: -Não desce lá não Chede, que eles vão te matar! -Que matar nada. Tenho medo desta corja não! 48 Ele pegou dois revólveres, colocou na cinta, cobriu com o paletó e colocou 50 balas no coldre, dizem 62, mas tinha umas 50. Ele encheu o bolso de balas e desceu com dois 38 na cinta. Encostou-se ao poste de madeira e ficou. Aí o Sílvio de Oliveira, deu a volta por detrás de todo mundo. Estava eu, o Polaco Pintor, estava seu Alfredo da pipoqueira. O Ludovico em pé. Nós estávamos agachados no barranco, pois era chão e a Av. Raposo Tavares não era asfaltada. Olhei para trás e vi o Sílvio que estava vindo, estava com um paletó cinza. Abriu o paletó e puxou um lenço do bolso, mas dentro do lenço tinha um revólver. Ele encostou o revólver na nuca do Chede e disse:

- Chede!

O Dr. Chede virou um pouco a cabeça e veio o estampido. Chede caiu a nossa frente, no barranco. Eu saí correndo. Mataram o Chede, mataram Peabiru”, segundo relato do pioneiro.

A PRIMEIRA CÂMARA DE VEREADORES DE PEABIRU

Eleitos os Vereadores, instalou-se o Poder Legislativo de Peabiru.

Câmara funcionou ao lado onde hoje é a Farmácia Santa Maria, na Av. Curi-

tiba; depois mudou-se para o andar superior da prefeitura; em seguida para o andar superior do Anexo I e atualmente na sede contemporânea, com o nome de Sede do Poder Legislativo Lauro Rogge, exemplar secretário da Casa de Leis por 40 anos, e em seu interior o Plenário Vereador Jurceu Sakuma.

Deste primeiro mandato o saudoso Lauro Rogge, cujo nome batiza a sede do Poder Legislativo ressalta que foi Henrique Bassi que o levou para ser Secretário da Câmara de Vereadores de Peabiru. O saudoso Lauro relata que “Na Câmara de Vereadores eu era secretário. Foram me procurar no escritório do Darcy. O Henrique Bassi disse que tinha uma reunião e o secretário sumira. Precisavam que alguém fizesse o serviço, então fui lá e nunca mais saí, 46 anos de Câmara. Entrei lá em 1956 e saí em 2002. A reunião da câmara era onde é hoje a farmácia do Mauro (na Av. Curitiba, hoje Farmácia Santa Maria), era uma casa de madeira. Depois mudou para o andar de cima da prefeitura, no mandato do Eleutério (1960), onde funciona hoje a Secretaria Fazenda. Depois se mudou para o Anexo I”.

PREFEITO ELEUTERIO GALDINO DE ANDRADE

1956
1960

2ª LEGISLATURA 14/12/1956 a 15/12/1960

PRESIDENTES DA CÂMARA | **VENÍCIO VECCHI**
GERMANO VILHENA DE ANDRADE

7 Anos

ELEUTERIO: O SEGUNDO PREFEITO ELEITO

ELEIÇÕES REALIZADAS NO MUNICÍPIO DE PEABIRU

2ª LEGISLATURA **1.957/1.960**

DATA DA ELEIÇÃO **1956**

COMPARECERAM **1.996** ELEITORES

CANDIDATOS AO CARGO DE **PREFEITO MUNICIPAL**

CANDIDATOS	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
ELEUTÉRIO G. DE ANDRADE	PSD.UDN.PSP	968	ELEITO
ALCIDES PINHEIRO DE SOUZA	PTB.PDC	601	
JORGE LAOS DE ANDRADE	PST	391	

CANDIDATOS AO CARGO DE **VEREADOR**

CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
VENICIO VECCHI	PSD	158	ELEITO
HENRIQUE BASSI	PSD	86	ELEITO
DARCY KLEIN	PSD	84	ELEITO
GERMANO VILHENA ANDRADE	PSD	83	ELEITO

SILVIO DE BARROS	PR	76	ELEITO
ALCEU VENÂNCIO	PR	75	ELEITO
NIVANDO A. SIMIONATO	PTB	111	ELEITO
OSMÁRIO PEREIRA DA ROSA	PTB	60	ELEITO
JOSÉ GATTI	UDN	60	ELEITO
ISAIAS DANIEL SILVEIRA	UDN	50	ELEITO
ANTONIO MIRANDA FILHO	Assumiu NOV/1957	Até Dez/1957	SUPLENTE
JUCELINO PEREIRA DOS SANTOS	Assumiu Dez/ 1956 e Fev/1958	Até Abr/1958	SUPLENTE
FRANCISCO ARAÚJO CAMARGO	Assumiu Ago/1958	Até Nov/1958	SUPLENTE
PAULO ANDRÉ COSTA	Assumiu Dez/1956	Até Jun/1957	SUPLENTE

ELEUTÉRIO GALDINO DE ANDRADE nasceu 18 de abril de 1.925 na Lapa-PR, filho de Tibúrcio de Andrade e Amélia Steff de Andrade. Chegou a Peabiru em 1.952 como Agricultor e agropecuarista. Foi casado com Aurea Abani Ribeiro de Andrade. Tendo os filhos Rosicler Ribeiro de Andrade a qual casou-se com Galeano Dias Aranha filho de pioneiro José Dias Aranha; o filho Vilson Ribeiro de Andrade, casado com Regina Vilhena, filha de Germano Vilhena de Andrade, que foi advogado em Peabiru e Diretor do HSBC em Curitiba. Vilson formou-se advogado na capital aonde atua, e foi presidente do Coritiba Futebol Clube; e, a filha Aurea Ribeiro de Andrade Occtoni, assistente social atuando também em Curitiba. Faleceu em 17 de junho de 1973, sepultado em Curitiba-Pr.

✓ CARREIRA POLÍTICA

Prefeito de Peabiru -1956 a 1960

Prefeito de Roncador -1961-1964

Prefeito de Peabiru -1965 a 1968

A Praça Central de Peabiru começou a ser construída por Silvino Lopes em 1956 mas terminada e inaugurada por Eleutério em 1957, como “Praça Visconde de Guarapuava”. Em 1977, a praça passou a se chamar Eleutério Galdino de Andrade.

O EDIFÍCIO DA PREFEITURA DE PEABIRU

O Edifício da Prefeitura de Peabiru, em madeira, fora substituído por um prédio de 02 andares na sua gestão. Inaugurado em 1960, foi a primeira prefeitura em alvenaria da Região Noroeste do Paraná. A sala do prefeito ficava no andar de cima, onde hoje funciona a Contabilidade da Prefeitura. No mandato do Prefeito Jorge da Silva Pinto, transferiu-se o Gabinete para o térreo, onde funciona assim até hoje.

Faltando espaço para os trabalhos, o prefeito Jorge da Silva Pinto, mediante execução do Engenheiro Civil Wilson Roberto Basso, inaugurou o Anexo I da Prefeitura, em outubro de 1981. Local que abrigou a Câmara Municipal de Vereadores e hoje abriga a Secretaria Municipal de Educação Cultura, Esporte e Lazer. No mandato de Eleutério começaram as pavimentações asfálticas da cidade.

OBELISCO: SILVINO COMEÇOU, ELEUTERIO INAUGUROU

O Obelisco foi erguido na gestão do prefeito Silvino Lopes de Oliveira (1954/56). Nele consta uma placa de agradecimento do povo de Peabiru pela obra. Em 1957, foi inaugurada a praça Visconde de Guarapuava, na administração do prefeito Eleutério Galdino de Andrade (1956/60). Na década de 1970, com o falecimento de Andrade, a praça pública passou a ter o seu nome. O Obelisco tem 10 metros de altura construído em cimento e revestido por placas de granito, marca o ponto central do Município de Peabiru. Abriga em suas quatro faces placas alusivas ao momento de inauguração e fundação do município.

Segundo os pesquisadores¹³ Brandon Lopes dos Anjos, Lara Pazinato Nascimento e Caio Gabriel Nogueira “o Obelisco é um monumento que, nutrido da intencionalidade de seus criadores, exprime os valores do passado, além de objetivar transmitir a imagem do corpo social para a posteridade. Com sua construção, o espaço em que está inserido se modifica, podendo formar ou reforçar a identidade de Peabiru e de seus habitantes. No entanto, seus valores e significados não são fixos, estáticos, mas se transformam no decorrer do tempo, de acordo com as relações sociais presentes. Isso só é possível porque o indivíduo está inserido na memória coletiva, que concede estrutura à memória individual, que passa a compreender as novas interpretações que o monumento transmite. É provável que um habitante de fora do município não capte seus valores de início, mas, conforme participe da sociedade, passe a perceber o objeto como símbolo de Peabiru.” (p. 247)

13. AS (RES)SIGNIFICAÇÕES DO OBELISCO NA PRAÇA CENTRAL DE PEABIRU, PARANÁ. Revista TEL, Irati, v. 10, n.2, p. 227-249, jul. /dez. 2019-ISSN 2177-6644. Disponível em < www.revistas.uepg.br>. Acesso em 10 out 2022.

EXECUTIVO E LEGISLATIVO

PEABIRU 70 ANOS



SILVIO DE BARROS
PREFEITO



RAIMUNDO A. MELO
VICE PREFEITO



**PRESIDENTE
DA CÂMARA**

**GUILHERME BASSI
VALDIR FREDERICO BAHR**



SILVIO DE BARROS: O PRIMEIRO A TER VICE E SUAS DUAS POSSES COMO PREFEITO

ELEIÇÕES REALIZADAS NO MUNICÍPIO DE PEABIRU

3ª LEGISLATURA **1.961/1.964**

DATA DA ELEIÇÃO **1960**

COMPARECERAM **3.322** ELEITORES

CANDIDATOS AO CARGO DE **PREFEITO MUNICIPAL**

CANDIDATOS	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
SILVIO DE BARROS	PR - PTB	1.727	ELEITO
VINICIO VECCHI	PSD - UND - PSP	1.308	

CANDIDATOS AO CARGO DE **VEREADOR**

CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
GUILHERME BASSI	UDN	164	ELEITO
IZAIAS DANIEL DA SILVEIRA	UDN	122	ELEITO
RENATO ZACARKIN	UDN	116	ELEITO
AGENOR CARDOSO OLIVEIRA	UDN	115	ELEITO
WALDIR FREDERICO BAHR	PSD	349	ELEITO

ALBINO ZINI	PSD	120	ELEITO
ALCEU VENÂNCIO	PTB	179	ELEITO
NIVANDO A. SIMIONATO	PTB	163	ELEITO
FRANCISCO P.V. MENDES	PR	109	ELEITO
ARMANDO ALVARES	PR	99	ELEITO
ALCIDES MARCONATO	07/64	A 12/64	SUPLENTE
ARIOSTI PEREIRA	02/62	A 12/64	SUPLENTE
BERTHOLDO HUBNER	04/61	A 06/62	SUPLENTE
DARCY KLEIN	10/61	A 12/61	SUPLENTE
JOSÉ GATTI	05/64	A 12/64	SUPLENTE
OSMARIO PEREIRA DA ROSA	05/64	A 12/64	SUPLENTE
WENCESLAU MACOWSKY	04/61	A 12 64	SUPLENTE

Em 1960 Sílvio de Barros foi eleito como 3º Prefeito de Peabiru pelo PR-PTB com 1.727votos; Vinício Vecchi do PSD-UDN-PSP teve 1.308 votos.

Duas curiosidades no seu mandato. A primeira, que, minoria na Câmara, Sílvio foi cassado, mas depois reconduzido ao cargo. Teve duas posses em um mandato.

A outra que pela Emenda Constitucional n.º 1964 quase ao final do mandato foi criado o cargo de Vice Prefeito.

Em 1964 pela Emenda Constitucional n.º 06/1964 foi criado o cargo de Vice Prefeito. Os Vereadores se reuniram e elegeram em 17 de março de 1964 como Vice Prefeito Sr. Raimundo A. Melo, conhecido como “Maculam”.

Em seu mandato, as pavimentações ganharam força, tanto que Rolo Compressor tocado a vapor fora trazido a Peabiru na sua gestão.

Em grande festa, desfilou pelas ruas de Peabiru ainda em terra vermelha.

Com ela, iniciou-se a pavimentação em larga escala das Ruas e Avenidas de Peabiru. Antes de inventarem este tipo de Rolo movido a vapor, tais máquinas eram puxadas por tração animal (cavalos). Teve como primeiros condutores o Sr. Benjamin e o Sr. Alcino Bento Mariano. A primeira via a ser asfaltada com auxílio do trabalho do Rolo Compressor a Vapor foi a Av. Raposo Tavares, iniciando na altura do Bazar Juvenil.

SILVINO X ELEUTERIO: TENSÃO NO BAR VERA

Na Eleição de 1964, Eleutério Galdino de Andrade, enquanto Prefeito de Roncador (naquele tempo podia) concorria com Augustinho Vecchi para Prefeito em Peabiru. Augustinho que seria prefeito de Campo Mourão anos depois.

Segundo saudoso Professor Luiz Bassi, aconteceu um fato tenso nesta campanha: “Na campanha para prefeito de 1964, que o Augustinho Vecchi perdeu para o Eleutério, eu estava conversando a noite no banco da praça, bem na esquina e de lá via o Bar Vera aceso com luz, pois a luz apagava às 11 horas, era luz a motor, e o Bar Vera tinha um motor próprio. Era o único lugar que se mantinha iluminado, parecia mariposa, todo mundo ia para o bar, beber, conversar, se encontrar, e eu conversando com um velhinho que era palmeirense doente. Ai o Eleutério passou com a camionete. Eu disse:

– Nossa, tomara que ele não pare!

Poucos minutos antes, tinha acabado um comício na cidade e a toda equipe do Augustinho estavam reunidos ali: o Augustinho, o Silvino Lopes que era Deputado e apoiava o Augustinho, todos estavam no Bar Vera. E o Eleutério passou.

– Graças a Deus, ele virou e foi embora! -Pensei.

Dois minutos depois ele vira a Av. Vila Rica e encosta a camioneta. Desceu, entrou no bar e os seus dois seguranças ficaram, um em cada porta.

-Agora vai morrer todo mundo! -Pensei eu, do banco da praça, olhando.

Um silêncio no bar. O Eleutério desceu, tomou um copo de refresco da Fonte Luminosa, daquele refresco que fica borbulhando no balcão. Andou um pouco e ficou em frente do Silvino Lopes, tudo e todos em silêncio. Limpou os pés, pois aquele tempo era só terra aí. Os dois lados sabiam que bastava uma faísca para a coisa ferver. Saiu e foi embora. Foi uma tensão aquilo, quase que tudo acaba na bala, pois naquele tempo, quase todos andavam armados. 🙏🙏

EXECUTIVO E LEGISLATIVO

PEABIRU 70 ANOS

1952-2022



PREFEITO ELEUTERIO GALDINO DE ANDRADE

VICE PREFEITO HENRIQUE BASSI



4ª LEGISLATURA 15/12/1964 a 31/01/1969

PRESIDENTES DA CÂMARA

RENATO ZACARKIM
OSMARIO PEREIRA DA ROSA

1964
1969



ELEUTERIO EM SEU SEGUNDO MANDATO E HENRIQUE BASSI, PRIMEIRO VICE PREFEITO ELEITO

ELEIÇÕES REALIZADAS NO MUNICÍPIO DE PEABIRU

4ª LEGISLATURA **1.965/1.968**

DATA DA ELEIÇÃO **06/12/1964 LOCAL: CLUBE ACERP**

COMPARECERAM **2.955** ELEITORES

CANDIDATOS AO CARGO DE **PREFEITO MUNICIPAL**

CANDIDATOS	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
ELEUTÉRIO G. DE ANDRADE	U.D.N	1.231	ELEITO
AUGUSTINHO VECCHI	PDC-PTB	1222	
NEY R. GUIMARÃES	PR-PSD	302	
CONSTANTINO A. FIGUEIREDO	PRP	35	

CANDIDATOS AO CARGO DE **VEREADOR**

CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
JONAS BASSI	PDN	150	ELEITO
JOSE CANDIDO MENDES	PDN	110	ELEITO
AGENOR CARDOSO OLIVEIRA	PDN	105	ELEITO
DR. ALCEU VENÂNCIO	PTB	179	ELEITO

ONOFRE CLAUDEMIRO DE ANDRADE	PTB	115	ELEITO
JOSE GATTI	PDC	108	ELEITO
OSVALDO A. MALDONADO	PDC	91	ELEITO
DR. NEY CANZIANI	PSD	164	ELEITO
ARISTI PEREIRA	PSD	105	ELEITO
HATUSHI KURIKI	PSD	84	ELEITO
AGENOR CARDOS DE OLIVEIRA	DE 12/64	A 02/1968	SUPLENTE
CLAUDIO ZANONI	DE 12/1965	A 01/1969	SUPLENTE
JOÃO RESENDE DA SILVA	DE 09/1965	A 01/1969	SUPLENTE
MANOEL DA PURIFICAÇÃO FIGUEIREDO	DE 06/67	A 01/1969	SUPLENTE
NEY JOSÉ CANZIANI	DE 12/1964	A 05/1966	SUPLENTE
OSVALDO ARAMBUL MALDONADO	DE 12/64	A 01/1968	SUPLENTE
OSVALDO CYRIACO PINTO	DE 01/1965	A 01/1969	SUPLENTE
PORFIRIO BRERO	DE 04/65	A 05/1965	SUPLENTE
ONOFRE CLAUDEMIRO DE ANDRADE	DE 12/1964	A 06/1967	SUPLENTE

A eleição de 06/12/1964 elegeu **ELEUTERIO GALDINO DE ANDRADE** (UDN) com 1.231 votos, apenas 09 votos a mais que Augustinho Vecchi (PDC/PTB) com 1.222 votos. Ney R. Guimarães (PR/PSD) teve 302 votos e Constantino A. Figueiredo teve 35 votos. O vice prefeito era eleito a parte e Henrique Bassi da UDN foi eleito com 1.071 votos, seguido de Euclides Teixeira (PTB) com 902 votos; Darcy Klein (PSD) 488 votos e Jair Cheslak (PRP) com 97 votos.

Até as eleições de 1960, não havia o cargo de Vice Prefeito. Em 1964, a Emenda Constitucional n.º 06 criou o cargo de Vice Prefeito e **HENRIQUE BASSI**, foi o primeiro Vice Prefeito eleito pelo voto, e votava-se em separado ao vice. Nascido em 28 de julho de 1925 no Bairro dos Baixotes em Coroados-SP, casou-se em 1946, aos 21 anos, com Aurora Reche Simão, em Glicério-SP. Tiveram cinco filhos: Valdir, José Carlos, Maria Aparecida, Antônio Carlos e Paulo.

Em 1951 vieram para o Paraná para desbravar as novas terras, instalando-se em Peabiru-Pr.

Já no ano seguinte, em 1952, construíram o edifício ainda existente na Avenida São João, em frente a Igreja Católica Matriz, a “Casa Santo Antonio” onde trabalharam por muitos anos em sociedade com os irmãos Henrique Bassi, Paulo Bassi e Guilherme Bassi no ramo de calçados.

Henrique Bassi construiu sua história juntamente com a história de Peabiru deixando como legado, além dos filhos, 13 netos.

O jovem Henrique Bassi, sempre ativo na vida peabiruense, assumiu a cadeira de Vereador ao final da primeira legislatura. Como suplente, assumiu o cargo em novembro de 1955 e foi até o final do mandato em dezembro de 1956, quando na eleição deste ano, foi eleito para a segunda legislatura.

Henrique Bassi (PSD) foi o segundo candidato mais votado do Partido (PSD) e terceiro candidato mais votado no geral, com 86 votos, ficando atrás apenas de Nivando Simionato (PTB) com 111 votos e Vinício Vecchi (PSD) com 158 votos. Lembrando que o voto não era universal nesta época e nem todos votavam.

As eleições para a quarta legislatura aconteceram em 06 de dezembro de 1964, com contagem dos votos nas instalações da Associação Cultural,

Esportiva e Recreativa Peabiru-ACERP. Compareceram para votar 2.955 eleitores. Lembrando que meses antes, em março, o Brasil estava sob a política dos militares, na tomada do poder.

Os candidatos a Vice Prefeito eram votados em separado. Na ocasião Eleutério Galdino de Andrade (UDN) se elegeu pela segunda vez para prefeito, obtendo 1.231 votos. Como Vice Prefeito Henrique Bassi (UDN) obteve 1.071 votos.

Nas eleições da sétima legislatura, em 15 de novembro de 1976 compareceram 7.440 eleitores, na qual Jorge da Silva Pinto (ARENA I) com 2.107 votos foi eleito para prefeito até 1982. Na ocasião Henrique Bassi (ARENA) obteve 201 votos e ficou como primeiro suplente a Câmara de Vereadores.

Henrique Bassi trabalhou transportando madeira de Mato Grosso para Minas Gerais até 1979, quando mudou de ramo, vindo a trabalhar com materiais de construção.

De 1979 até o ano de 2005 a HB Constrular depois Construcia atendeu a população Peabiruense na Rua Cassemiro Radominski, esquina com Juvenal Portela

Amante do esporte e do futebol, Henrique Bassi marcou época com os grandes times que montava nos Campeonatos de Peabiru.

Inúmeras vezes campeões, seja no Futebol de Campo e Futebol de Salão, no Estádio Municipal Ulisses França ou no Ginásio de Esportes Ari da Silva.

Seus times eram sempre a base das seleções amadoras de futebol e futsal.

E com uma particularidade: Henrique Bassi acompanhava tudo de perto, com espírito esportivo e amor ao futebol. Henrique Bassi o qual nos deixou em 05 de Setembro de 2009, aos 84 anos. Está sepultado no Cemitério Municipal São João Batista de Peabiru-Pr e seu nome batiza a Capela Mortuária da Cidade, justamente por que era presença constante nos velórios da cidade, sempre auxiliando as famílias, consolando, e as vezes, trazendo o pão o café.

1952-2022

EXECUTIVO E LEGISLATIVO

PEABIRU 70 ANOS



**PREFEITO LARY CALIXTO
RAZOLINI**



**VICE PREFEITO
GUILHERME BASSI**



**PRESIDENTES
DA CÂMARA**

**ARIOSTI PEREIRA
JONAS BASSI**

1969
1972



LARY: O PROMOTOR PREFEITO

ELEIÇÕES REALIZADAS NO MUNICÍPIO DE PEABIRU

5ª LEGISLATURA **1.969/1.972**

DATA DA ELEIÇÃO **15/11/1968 LOCAL: FÓRUM**

COMPARECERAM **2.955** ELEITORES

CANDIDATOS AO CARGO DE **PREFEITO MUNICIPAL**

CANDIDATOS	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
LARY CALIXTO RAZOLLINI	ARENA	3.686	ELEITO
VOTOS BRANCOS		461	
VOTOS NULOS		37	
TOTAL DE VOTOS		4.184	

CANDIDATOS AO CARGO DE **VICE PREFEITO MUNICIPAL**

GUILHERME BASSI		3.686	
-----------------	--	-------	--

CANDIDATOS AO CARGO DE **VEREADOR**

CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
JOSE CANDIDO MENDES	ARENA	459	ELEITO
JONAS BASSI	ARENA	357	ELEITO
GALIANO DIAS ARANHA	ARENA	270	ELEITO

EMILIO DO NASCIMENTO	ARENA	243	ELEITO
ARIOSTI PEREIRA	ARENA (de 01/1969 a 05/1970)	238	ELEITO
IDIMÃO SIMÃO	ARENA	215	ELEITO
WALTER CAMPANELLI	ARENA	211	ELEITO
HATUSHI KIRIKI	ARENA (de 01/1969 a 07/1972)	208	ELEITO
DR. ALCEU VENÂNCIO	ARENA	202	ELEITO
MARIO CREMA	MDB (de 01/1969 a 10/1971)	238	ELEITO
JOSÉ SILVA	MDB	154	ELEITO
AUGUSTO ÉRCULES	DE 05/1970	A 01/1973	SUPLENTE
EDMUNDO CARLY RITTER	DE 07/1972	A 01/1973	SUPLENTE
EMILIO NASCIMENTO	DE 01/1969	A 06/1969	SUPLENTE
JOÃO REZENDE DA SILVA	06/1969	A 04/1971	SUPLENTE
JORGE LAOS DE ANDRADE	04/1971	A 01/1973	SUPLENTE
JOSÉ DA SILVA	DE 01/1969	A 10/1969	SUPLENTE
MANOEL DA PURIFICAÇÃO FIGUEIREDO	DE 05/1969	A 01/1973	SUPLENTE
NELSON PROENÇA	DE 10/1969	A 01/1973	SUPLENTE

Depois de vereador por Campo Mourão (1960-1963), em 1968, Lary Calixto Razzolini (ARENA) concorreu sozinho pela Prefeitura de Peabiru tendo 3.686 votos (461 votos brancos e 37 nulos.) Guilherme Bassi foi eleito Vice-Prefeito. Lary foi promotor de Justiça de 1954 a 1981 nas Comarcas de Araruva, Arapongas, Campo Mourão, São Jerônimo da Serra, Francisco

Beltrão, São Mateus do Sul, Peabiru e Curitiba.

Natural de Curitiba, capital do Estado, nasceu em 20 de outubro de 1927, sendo filho de: Celestino Francisco e Mercedes Razzolini. Casado com Iza-bel Schwab teve três filhos: Francisco César, Paulo Roberto e Mauro Sérgio. Formado em direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná.

Segundo o farmacêutico Filadelfo Ruis Alves “o **LARY CALIXTO RAZZO-LINI** tinha uma campainha. O gabinete do Prefeito era onde funcionava a Contabilidade da prefeitura, depois o Jorge da Silva Pinto fez o Gabinete aqui embaixo. Uma apitada era para subir água. Duas, era café e na de três, era para subir um lá. Ninguém queria subir, um empurrava para o outro, pois sabia que o homem estava bravo. Lembro-me que naquela época em Peabiru, como médico tinha o Dr. Daniel Portella, que morou onde era o Posto Atlantic (Perto da vidraçaria Imperial). Só que o Dr. Daniel Portella não trabalhava só aqui, trabalhava em Campo Mourão. E na época que ele foi prefeito em Campo Mourão, o Silvino Lopes foi vereador lá em Campo Mourão. Aqui pertencia a Campo Mourão (Guarapuava, Pitanga, Campo Mourão e depois se desmembrou Peabiru). Então emancipou Peabiru e o Silvino Lopes foi o candidato a prefeito e convidou o Alcides Pinheiro para ser candidato a vereador da chapa dele. Alcides Pinheiro não quis e se candidatou a prefeito pelo PTB. O Silvino ganhou. Na outra vez o Alcides Pinheiro se candidatou e perdeu de novo, agora para o Eleutério (1956).”

Por ser promotor de justiça, algumas pessoas ressaltam que Lary organizou as finanças e a parte administrativa e empregatícia da prefeitura.

Segundo o Historiador Jair Elias dos Santos, “em 1972, Nelson Prado foi contratado pelos prefeitos de Campo Mourão e Peabiru, Horácio Amaral e Lary Calixto Razzolini, ambos advogados e amigos de Prado, para corrigir os brasões de duas cidades. Importante destacar que as duas cidades já tinham seus brasões e foram alterados por Prado.”

EXECUTIVO E LEGISLATIVO

PEABIRU 70 ANOS



PREFEITO ANTONIO BASSO



VICE PREFEITO IOSHIO IMAKAMI



**PRESIDENTES DA
CÂMARA**

**ALCEU VENANCIO
WALTER HUGO FREITAG**



ANTONIO BASSO E IOSHIO IMAKAMI

ELEIÇÕES REALIZADAS NO MUNICÍPIO DE PEABIRU

6ª LEGISLATURA **1.973/1.972**

DATA DA ELEIÇÃO **15/11/1972 LOCAL: FÓRUM**

COMPARECERAM **5.761** ELEITORES

CANDIDATOS AO CARGO DE **PREFEITO MUNICIPAL**

CANDIDATOS	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
ANTONIO MANESCO BASSO	ARENA I	2.665	ELEITO
JOSE CANDIDO MENDES	ARENA II	1.774	
NELSON PROENÇA	MDB I	1.047	
ANTONIO BASSI	MDB II	127	

CANDIDATOS AO CARGO DE **VICE PREFEITO MUNICIPAL**

IOSHIO IAMAKAMI	ARENA I		
-----------------	---------	--	--

CANDIDATOS AO CARGO DE **VEREADOR**

CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
FLAVIO MARIOT	ARENA	476	ELEITO
JORGE DA SILVA PINTO	ARENA	422	ELEITO
ELZA SARTORELLI	ARENA	356	ELEITO

WALTER HUGO FREITAG	ARENA	309	ELEITO
MOISES PEREIRA BAISE	ARENA	290	ELEITO
WILSON JARDIM CARVALHO	ARENA	277	ELEITO
ALBINO JOÃO PANTE	ARENA	254	ELEITO
WALTER CAMPANELLI	ARENA	253	ELEITO
NIVANDO A. SIMIONATO	ARENA	250	ELEITO
DR. ALCEU VENÂNCIO	ARENA	234	ELEITO
JONAS BASSI	ARENA	209	ELEITO
IDIMÃO SIMÃO	ARENA (de 08/1974 a 12/1976)	191	SUPLENTE

ANTONIO MANESCO BASSO foi eleito como Prefeito de Peabiru tendo como vice Dr. Ioshio Imakami. Nascido em Itapuí-SP, filho de Adélia e Cerilo Manesco Basso, chegou a Peabiru em 1962.

Da união com Carmem Perez Bazam Basso tivera os filhos Paulo Roberto, Dorney e Rosiney.

Agricultor, fora eleito pelo voto popular em 1972 para ser o sexto Prefeito de PEABIRU. Esteve representando a cidade em comitiva ao Japão a convite do então Governador do Estado Emílio Gomes, em Missão Econômica.

Como Prefeito fez mudanças importantes no município naquela época. Segundo Rubesn Bueno “Tive a honra de trabalhar com ele na prefeitura, como diretor do departamento da Fazenda, a quem devo a compreensão da gestão pública desde os primeiros passos.”

Antônio Manesco Basso, Faleceu aos 89 anos (1930 a 2020) em Rondonópolis-MT em Rondonópolis em 3 de agosto de 2020.

DR. IOSHIO IMAKAMI: BEM MAIS QUE UM DOUTOR, UM EXEMPLO DE AMOR

– Seu Ioshio passa lá no cartório, estamos vendo uma homenagem para você na Câmara!

Na sua humildade respondeu rindo ao Domingos do Cartório:

– Não faça homenagem em vida, espere eu ir primeiro (em risos).

E eis que é chegada esta hora. Homenagear um dos maiores homens que viveu em Peabiru-Pr.

Este era o espírito do Doutor Ioshio. Sempre enfrentando a vida de forma positiva, com paciência e muita sabedoria. Pelas placas dos carros frente a sua clínica, via-se que as mais longínquas cidades do Paraná vinham até ele. Um exemplo. Dr. Ioshio Imakami se formou em Florianópolis em 1957 e chegou em Peabiru em 1960. Mais de 50 anos, desde que, em 1957, ele descobriu que além da conclusão de sua formação nascia uma paixão pela odontologia. Ali em 1961 usou todo seu conhecimento e sabedoria para fundar sua clínica, a partir de onde sairia a inspiração, que passaria de geração para geração dando continuação a Clínica de Odontologia Imakami. Toda esta história é contada pela sua Esposa, Dona Cidália Imakami, personagens que construíram a história de Peabiru-Pr.

CIDÁLIA, QUANDO VOCÊS CHEGARAM A PEABIRU-PR?

Professora Cidália Imakami relata que “Eu e Ioshio chegamos em Peabiru em 16 de julho de 1961. Viemos casados de Nubia Paulista. Chegamos a Peabiru, não tinha dentista aqui. Ele foi dos primeiros dentistas. Se estabeleceu onde era o Hotel do Manelão (prédio da Eletrogás hoje, na Av. Dr. Didio Boscardini Bello). Depois Montou em madeira seu consultório onde

hoje está a Panificadora Master Pão. Depois ele comprou aqui, na Avenida Vila Rica, 69 e construiu esta casa. Na construção deixou 20 metros na frente para fazer o consultório. Confira a entrevista feita com a Professora Cidália:

– IOSHIO NASCEU NO ESTADO DE SÃO PAULO?

Sim. Ioshio era de segunda geração. Quando o Ioshio nasceu, em 03 de outubro de 1933 em Santo Antônio do Pinhal-SP, perto de Campos de Jordão, não tinha o pai dele. Ioshio Imakami era filho de Ioshiyuki Imakami e Tokae Imakami. De São Paulo fora estudar Odontologia em Florianópolis-SC. Se formou em 1957.

– A FAMÍLIA DO IOSHIO VEIO DO JAPÃO?

Mãe dele veio do Japão e já trouxe dois filhos, Joaquim e Paulo, depois tinha o Mario, o Júlio e irmã dele, eram em ao todo 6 filhos. Então o pai dos meninos veio do Japão, foi trabalhar na roça e pegou tuberculose e foi de Nubia se tratar em Santo Antônio do Pinhal. Mas o pai dos meninos morreu. Ioshio tem um irmão que é dois anos mais velho que ele e está vivo, é dentista e está com 92 anos. Mora em Nubia.

– QUE FEZ A MÃE VIÚVA COM DOIS FILHOS PEQUENOS?

Tempos depois, a minha sogra casou-se com o homem que seria o pai do Ioshio. O pai do Ioshio não veio de navio para cá, do Japão. Ele veio pelo Estados Unidos, era um Missionário. Meu sogro vivia lendo, os livrinhos de Japonês. Quando o Ioshio nasceu, os irmãos por parte de mãe dele, começaram a entrar em discórdia com o pai Ioshio. Até que o pai do Ioshio foi embora. Anos depois Ioshio foi atrás da certidão de nascimento dele no estado de São Paulo, e estava como declarante, o pai. Ou seja, o pai conheceu o Ioshio. Depois sumiu. Eu não gosto muito de ficar pensando no Ioshio, se eu pensar dói, por isso, tento não pensar.

– O QUE LEVOU AO IOSHIO SER DENTISTA?

O Ioshio estudou na faculdade em Florianópolis-SC por 3 anos. Ele gostava de matemática, engenharia, ele sabia muita matemática, física, química, até pouco tempo ele resolvia os problemas de matemática. O irmão dele, o Júlio estava fazendo odontologia e aí o Ioshio fez também. Na verdade ele gostava de Engenharia, mas era 5 anos e custaria muito caro. O Irmão dele formou-se em dentista em 1955, dois anos antes do Ioshio. Quem estudou o Ioshio e o Júlio foram os irmãos deles, Joaquim e o Paulo, custeando as despesas

– TEMPOS DEPOIS VOCÊS SE CONHECERAM E CASARAM-SE?

Nos conhecemos em Nubia Paulista. E o sou baiana, comarca de Macaúbas. Vim da Bahia para o estado de São Paulo em 1947. Eramos em 5. Pai, mãe, a irmã mais velha, a do meio e a caçula. As duas irmãs já são falecidas. Pais mortos, Francisco Domingues dos Santos e mãe Maria dos Santos. Tivemos 4 filhos. Alexandre Itiro, Rosângela Maria, Patrícia e Ricardo e adotamos a Irene. Temos 6 netos e 4 bisnetos.

– O CONSULTÓRIO PRÓPRIO VEIO LOGO?

Tínhamos três anos de casado, ele ganhou o dinheiro e fez o consultório aí na frente, na Avenida Vila Rica, 69. Aí a clientela cresceu e ele pediu pra mim um quarto da casa para fazer parte do consultório, de prótese, aí na frente e fez. Eu tinha três quartos, peguei e dei um pra ele fazer a sala de prótese e ele emendou o consultório.

– COMO ERA O IOSHIO DENTISTA?

O atendimento do Ioshio era clínico geral. Depois, ele era um bom profissional, assim, muito humano. Atendia pessoas que não tinham dinheiro, pessoas carentes,

– COMO ERA O IOSHIO PAI?

No dia a dia era uma pessoa muito controlada, calma, não estourava

por nada, ele era muito controlado. Ele nunca gritou aqui em casa.

Cidália fala com a Maria

– Pergunta para a Maria. Ela está aqui há 45 anos e nunca viu ele gritar. Você ouviu Maria?

Maria responde da varanda:

– Não, nunca mesmo!

– Maria quando ele queria falar alguma coisa como ele falava?

– Ele para reclamar era com educação.

Ele para os filhos dele nunca brigou com ninguém. Mas não brigava com ninguém, não era áspero.

– E O HOMEM IOSHIO?

O Ioshio era uma pessoa muito boa, não era muito religioso, mas ele tinha assim nele os preceitos de Deus. Não maltratava os outros, eu nunca ouvi ele falar um palavrão. Nada. Um homem exemplar. Ele era uma pessoa bem cautelosa. Ele sempre foi muito honesto, nunca enganou ninguém, Ioshio não arrumava encrenca com ninguém. Ele era desses que se emocionava, humano. Era uma pessoa muita sabida, inteligente, ele morreu e não ficou devendo nada. Ele não era de acumular dinheiro, o suficiente para cuidar da família. Tivemos um sítio e apartamentos numa época estávamos comprando telefone para alugar linha, era caro, mas depois acabou. Ele tinha as coisas dele tudo certinho de maneira, que antes de ele morrer ele passou em vida todos os bens, com escritura e tudo, para os filhos. Ele era muito organizado e sabido. Tinha seu dinheiro na popança de reserva.

– E COMO FOI O IOSHIO IMAKAMI FRENTE A POLITICA DA CIDADE?

Na Política ele foi Vice Prefeito do Antônio Basso (1972 a 1977). Na época que ele foi candidato a Vice Prefeito de Peabiru, eu trabalhei demais para o Ioshio, eu saía na rua fazer campanha. Uma coisa que gostei no Ioshio, ele foi numa reunião, Walter Campanelli, Antônio

Basso, Nivando. Nessa reunião falaram do Zezé Mendes sair a candidatura a Prefeito, o Zezé que antes ia sair a vice do Antônio Basso. O Prefeito de então Doutor Lari (Calixto Razzolini, prefeito de Peabiru de 1969 a 1972) fez a cabeça do Zezé que ele ganharia e aí fizeram a reunião e convidaram o Ioshio a ser Vice Prefeito do Antonio Basso. Ele não mexia com política. O Ioshio disse:

– Olha, eu não posso aceitar sem falar com minha mulher!

– O QUE VOCE RESPONDEU CIDALIA?

Que era para ele ir, pois eu gosto muito de política. Eu mesma fui vereadora em Peabiru-Pr. Em 2000, pelo PSDB fui eleita com 411 votos. E meu pai foi toda vida do meio da política, foi vereador em Núbia-SP. Aí veio a eleição e eles ganharam e o Ioshio virou Vice Prefeito. Se candidatou depois a Vereador na eleição que Jorge da Silva Pinto venceu (1977). Ele via a família em primeiro lugar, se a esposa não quisesse, ele não sairia.

– IOSHIO ATUOU NA COMUNIDADE TAMBÉM?

Em 1972 ele como Vice Prefeito foi Presidente da união do Clube dos Alemães com a ACERP (Associação Cultural, Esportiva e Recreativa de Peabiru-PR): desta união que nasceu o P.U.C –Peabiru União Clube. Ele foi o primeiro Presidente do PUC. Lembro que o Domingo do Cartório que era Presidente da ACERP e demorou a passar a documentação, até que o Ioshio pediu por escrito. Eu ajudava as entidades, com o Ioshio, a comunidade. Com o dinheiro dele, pois o meu salário de professora era pouco. A sede da Associação da Melhor Idade fizemos com muito trabalho e promoções, aos poucos. Nós também trabalhamos na Igreja Católica no Movimento Familiar Cristão.

– E VOCÊ ATUANDO COMO PROFESSORA NA CIDADE?

Foram 25 anos de aula no ensino fundamental municipal, e se aposentei. No dia do concurso No dia do concurso o Ioshio. Quando eu fiz o concurso e passei em primeiro lugar, corri para contar para o

Ioshio, feliz:

– Ioshio passei no concurso para Professora!

Ele respondeu:

– Não fez mais que a obrigação (risos).

Comecei a dar aula em 1969 no Felipe Silveira Bittencourt, Olavo Bilac, e fui até 1994.

– O IOSHIO DEU CHANCE A MUITA GENTE, EXEMPLO É HOJE O VE-READOR CLAUDINO E SEU IRMÃO CLAUDEMIR. ISSO?

Sim. A mãe do Claudino mãe veio trabalhar aqui em casa, antes ela trabalhava na roça. O Claudino vendia leite, arrancava feijão, com o Felão (pai da Cleusa da Farmácia). Pegavam o caminhão frente ao Baiano Macaco. Claudino nasceu sem pai, vieram de Ubiratã, a mãe e os filhos, ele com um mês de idade. O pai arrumou outra mulher lá e sua mãe arrumou as cosias e veio para Peabiru. Eles eram criados meio solto. Aí chamei ela para trabalhar aqui. A princípio o Ioshio não queria. “Esse menino eu não quero” (risos). Porque o Claudino quando engraxava sapatos aqui na frente fazia muita bagunça. (risos). Mas eu encampeei a ideia. Ioshio aceitou e sempre dizia ao Claudino: -Sim, Senhor e não senhor, aqui tem que ser assim.

– ENTÃO, O CLAUDINO ENTROU NOS CONFORMES?

Sim. (risos). Ele, menino de tudo, ficou limpando gesso, limpando o chão e graças a deus o Ioshio o encaminhou na vida junto comigo.

– UMA CHANCE, QUE FEZ DELES HOMENS DE BEM?

Sim. Pra você ver o Ioshio mantinha um time de futebol para crianças aqui, que o Guerra (José Lourival) dava treino. Isso em até 1984. Depois a escolinha foi assumida pela prefeitura de Peabiru. Na verdade o Claudemir veio primeiro, era mais velho. O Claudemir trabalhava na lojinha que montei, ele saiu. Ai Seu Pedro ia em Piquirivai tirar dente sábado e domingo e levava o Claudemir e depois o Claudino. O Clau-

demir entrou no lugar do Ci. Foram 26 anos do Claudino trabalhando aqui. O Claudemir tem quase 40 aqui.

– O DOUTOR TEVE SINTOMAS DE QUE ALGUMA COISA NÃO IA BEM COM A SAÚDE ?

Em 8 de março de 2020 o Ioshio acordou, reclamou da dor nas costas de dias. Ele não era de ir médico. Dizia que não podia fazer corpo mole, vai trabalhando que melhora. Ele reclamou para mim:

– Estou com uma dor nas costas, esse colchão é tão duro.

Eu disse:

– Que colchão que nada, toda vida você dormiu nesse colchão. Dorme no colchão do Ricardo!

Mas ele reclamou que o colchão era muito alto.

– AS DORES NÃO PARARAM? FOI PARA O HOSPITAL?

Ele saiu dia 08 de março as 14h para o Hospital. Ele acabou de almoçar sentou aqui e foi ao médico. Não voltou, Ficou 11 dias internado. Só que eu não sabia que era grave, nem imaginava, pensava que ele ia voltar. Eu fui lá no hospital. Nem imaginava. Ele saiu andando para o hospital. Eu liguei para o Jared, que é médico e quando ele viu os exames disse que o pulmão estava todo tomado. Ele chegou e já foi direto para a UTI. Não pensei que era tão grave. No hospital ele escreveu uma carta, como se soubesse que ele ia morrer, para os filhos lerem depois. Faleceu em 19 de março de 2022, na Santa casa de Maringá, de pneumonia.

– QUAL O LEGADO QUE O DR. IOSHIO IMAKAMI DEIXA PARA TODOS?

O legado que o Ioshio deixa para nós, para todos, é a honestidade, do bem. Todos empregados deles compraram casa e se estabeleceram. O Dr. Ioshio ajudou muito os funcionários. Calmo, nunca perdeu o controle. Um homem do Bem, sempre.

EXECUTIVO E LEGISLATIVO

PEABIRU 70 ANOS

1952-2022



**PREFEITO JORGE DA
SILVA PINTO**



**VICE PREFEITO
NIVANDO SIMIONATO
(camisa verde)**

1977

1982



**PRESIDENTES
DA CÂMARA**

**WALTER CAMPANELLI
ALCEU VENANCIO
CANDIDO MENDES**



JORGE DA SILVA PINTO E NIVANDO SIMIONATO

ELEIÇÕES REALIZADAS NO MUNICÍPIO DE PEABIRU

7ª LEGISLATURA **1.977/1.982**

DATA DA ELEIÇÃO **15/11/1976 LOCAL: FÓRUM**

COMPARECERAM **7.440** ELEITORES

CANDIDATOS AO CARGO DE **PREFEITO MUNICIPAL**

CANDIDATOS	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
JORGE DA SILVA PINTO	ARENA I	2.107	ELEITO
RUBENS BUENO	MDB I	2.221	
FLAVIO MARIOT	ARENA I	1.534	
NELSON PROENÇA	MDB I	1.376	

CANDIDATOS AO CARGO DE **VICE PREFEITO MUNICIPAL**

NIVANDO A. SIMIONATO	ARENA I		
----------------------	---------	--	--

CANDIDATOS AO CARGO DE **VEREADOR**

CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
IOSHIO IAMAKAMI	ARENA	332	ELEITO
ELIZEO ZACARKIM	ARENA	242	ELEITO

JOSÉ CANDIDO MENDES	ARENA	239	ELEITO
ALCEU VENANCIO	ARENA	218	ELEITO
AMÉRICO R. DOS SANTOS	ARENA	212	ELEITO
WALTER HUGO FREITAG	ARENA	207	ELEITO
JOÃO CARLOS KLEIN	MDB	320	ELEITO
JOSÉ ISMAEL DE SOUZA	MDB	261	ELEITO
BENEDITO LEME BELTRAME	MDB	248	ELEITO
LUIZ BILIBIO POZZOBOM	MDB	211	ELEITO
JOEL BATISTA DE MELLO	MDB (de 01/1977 a 03/1979)	194	ELEITO
HENRIQUE BASSI	ARENA	205	SUPLENTE
JEREMIAS ALVES PEREIRA	DE 03/1979	A 01/1983	SUPLENTE

JORGE DA SILVA PINTO nasceu a 24 de novembro de 1928 em Santo Antonio da Platina-PR, filho de Manoel da Silva Pinto e Etelvina Pinto. Casou-se com Lourdes Cândida Pinto tendo como filhos Maria Antonia, Solange, Jorge Filho, Walter e Lourdes. Chegou a Peabiru em 1962. Agricultor, foi Vereador em Peabiru de 1973 a 1976 e Prefeito de Peabiru de 1977 a 1982. O Terminal Rodoviário com 952,75 m² foi inaugurado em dezembro de 1977 por ele, que leva, hoje seu nome. No seu mandato, construiu dezenas de pontes, fez pavimentações, construiu o Estádio Municipal Ulisses França e o Ginásio de Esportes Ari da Silva. Jorge faleceu em 07 de julho de 2000.

1952-2022

PARA PREFEITO



RUBENS BUENO
MDB PEABIRU

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO ESTADO DO PARANÁ

JUIZO ELEITORAL DA 74ª ZONA

MUNICÍPIO DE PEABIRU - 74ª ZONA

Quadro estatístico.

Nº de seções.....	33
Nº de votantes.....	7.440
Nº que compareceram.....	1.956
Eleitorado.....	9.396

PARA PREFEITO MUNICIPAL

JOSÉ DA SILVA PIETRO.....2.107 ARENA I

Vice: Rivaldo Antonio Simionato.

Outros candidatos:

RUBENS BUENO.....2.221 MDB I.

Vice: Antonio Peron.

FLAVIO LARIOT.....1.534 ARENA II.

Vice: Jonas Bassi.

(Soma dos candidatos da Arena-3.641)

NELSON FROENYA.....1.376 MDB II.

Vice: Carmine Amato.

Soma dos candidatos do M.D.S.-3.597.

Soma dos votos dos candidatos.....7.238

Branco.....79

ELEIÇÕES DE 1976

1976

PEABIRU - PARANÁ

PARA PREFEITO

JOSÉ CANDIDO MENDES

VICE PREFEITO

GALIANO D. ARANHA

15 NOV 72

ARENA

Jose C. Mendes gov. Paraná de Souza

TITULO DE ELEITOR

1972



O PORTA TITULO NA CAMPANHA DE ZEZÉ MENDES PARA PREFEITO EM 1972

O CASUÍSMO POLITICO

Rubens Bueno, fora por vários mandatos Deputado Federal. Venceu, mas não levou a prefeitura de Peabiru nas eleições de 15/11/1976. No sistema de legenda, o eleito foi Jorge da Silva Pinto (ARENA I) o qual teve seus 2.107 votos somados aos votos de Flavio Mariot (ARENA II) com 1.534 votos, (total de 3.641) batendo os 2.221 votos de Rubens (MDB I) e os 1.376 votos de Nelson Proença (MDB II) (total de 3.597), na diferença de apenas 44 votos.

Antonio Gancedo relata que, “tenho lembrança do comício Rubens Bueno em Silviolandia ano 1976, quanto levei o povo da Região do Rio Arurãl, venda do Marinho Baiano e Fazenda Guardecida, hoje Salto Boicotó, ver o Comício do Rubens Bueno. ”

VICE PREFEITO NIVANDO SIMIONATO

Nascido em Santa Rosa-SP a 04 de junho de 1916 , dos pais Primo Simionato e Elide Testa Simionato, chegou a Peabiru em: 1953, trabalhando como Agricultor. Foi vereador em Marília-SP e Vice-Prefeito de Ocaçu-SP. Foi vereador em Peabiru por três legislaturas e Vice-Prefeito de 1977 a 1982 no mandato do Prefeito Jorge da Silva Pinto. Faleceu aos 69 anos, em 19 de março de 1985. O Conjunto Nivando Antonio Simionato localiza-se ao lado do Estádio Municipal Ulisses França.

Nivando Simionato tocava a Casa Aliança, para cima da Casa Rosa, onde hoje é o Seminário Menor dos Padres na Avenida Raposo Tavares. Estava de um lado depois passou para o outro, do lado do seminário.

Vindo da Família de Conceição (Conceição Antonio Da Silva) participou da colonização e abertura da cidade de Peabiru. Foi um dos primeiros comerciantes por aqui. Candidatou-se a vereador na primeira Legislatura, de 1952 a 1956. Foi eleito e exerceu o mandato de fevereiro de 1953 a dezembro de 1956. Fez parte da comissão de pró-construção do templo de madeira da primeira Igreja Católica, isso em 1948, juntamente com Deamiro Portela,

Vadico Barbosa, Braz Rodrigues Costa, Juvenal Portela, Valdemar Portela e Narciso Simão. Conceição Caldeira casou-se com Izabel Rita de Jesus e desta união nasceram os filhos João, Francisco, Sara, Benedita, Alice, Terezinha, Francisca e Ruth. Sua filha, Francisca Caldeira, Dona Chiquinha como é conhecida, casou-se com Nivando Antonio Simionatto, o qual nasceu em Santa Rosa-SP e era filho de Primo Simionato e Elide Testa.

Nivando Simionato foi vereador em Marília-SP e Vice Prefeito em Ocaçu-SP. Posteriormente foi vereador em Peabiru por três mandatos e Vice Prefeito de Peabiru na gestão 1977-1982, quando o Prefeito Municipal era Jorge da Silva Pinto. Do casamento entre Dona Chiquinha e Nivando, nasceram os filhos: Ademir, José Carlos, Renato, João Carlos e Francisco de Assis. Conceição Caldeira recebeu como homenagem póstuma, o nome dado ao Conjunto Habitacional na saída para a cidade de Araruna-PR, no qual se situa a Escola Municipal Princesa Isabel.

1952-2022

EXECUTIVO E LEGISLATIVO



PREFEITO NELSON PROENÇA

PEABIRU 70 ANOS

PARA VEREADOR



JOÃO CARLOS

VICE PREFEITO JOÃO CARLOS KLEIN



8ª LEGISLATURA 1983 a 1988

1983

1988

PRESIDENTES DA CÂMARA

OLAVIO SILVEIRA DA SILVA
ZEGMUNDO MROCEK
ELIZEU ZACARKIM



NELSON PROENÇA VENCE AS ELEIÇÕES DE 82

ELEIÇÕES REALIZADAS NO MUNICÍPIO DE PEABIRU

8ª LEGISLATURA **1.983/1.988**

DATA DA ELEIÇÃO **15/11/1982 LOCAL: FÓRUM**

COMPARECERAM **6.915** ELEITORES

CANDIDATOS AO CARGO DE **PREFEITO MUNICIPAL**

CANDIDATOS	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
NELSON PROENÇA	PMDB	2.197	ELEITO
MARIO CREMA	PMDB	1.852	
JOÃO L. G. WERNECK	PDS	1.662	
ANTONIO M. BASSO	PDS	644	

CANDIDATOS AO CARGO DE **VICE PREFEITO MUNICIPAL**

JOÃO CARLOS KLEIN	PMDB		
-------------------	------	--	--

CANDIDATOS AO CARGO DE **VEREADOR**

CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
FRANCISCO P.VITOR MENDES	PMDB	407	ELEITO
OLAVIO S. DA SILVA	PMDB	336	ELEITO

ABEL DE OLIVEIRA	PMDB	281	ELEITO
AMÉLIO M. DA SILVA	PMDB (de 01/1983 a 03/1986)	248	ELEITO
ODETE DA SILVA MAFRA	PMDB	248	ELEITO
ZEGMUNDO MROCZEK	PMDB	235	ELEITO
JOSE DE CARVALHO	PMDB (de 01/1983 a 07/1985 e de 11/1987 a 12/1988)	220	ELEITO
HELENA C. ARAUJO	PSD	282	ELEITO
WILSON J. DE CARVALHO	PSD	206	ELEITO
ELIZEO ZACARKIM	PSD	175	ELEITO
ADEMIR BASSO	PSD	164	ELEITO
FERNANDO DE PAULA XAVIER	PMDB (de 08/1985 a 12/1988)	215	SUPLENTE
OSCAR LEOPOLDO KLEIN	De 01/1986	A 11/1987	SUPLENTE

NELSON PROENÇA nasceu 27 de novembro de 1939 em Sertanópolis-PR, sendo filho de José Firmino Proença e Sebastiana Flausina de Jesus, casou-se com Magda Aparecida Franco dos Reis. Chegou a Peabiru em 1960.

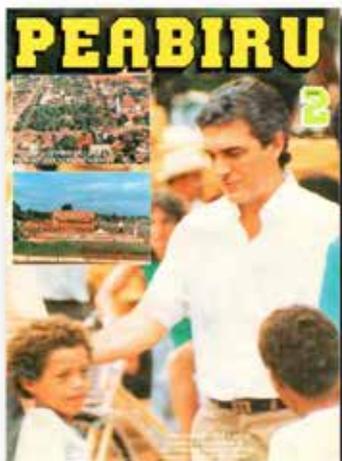
Ainda criança, mudou-se com a família para São Paulo. Trabalhava ajudando seu pai. Mas quando este faleceu assumiu a responsabilidade do sustento da família, como apoio de sua irmã Mercedes. Depois, revendedor de produtos agrícolas em São Paulo, veio a Peabiru para atender a COMCAM. Aqui ficou. Foi vereador em Peabiru de outubro de 1969 a janeiro de 1973. Prefeito de Peabiru de 1983 a 1988. Construiu a Casa da Cultura Nely Pinheiro e o centro de saúde, que na inauguração chamava-se Centro Social Urbano-CSU. **Tem como filha**, Jézika Luana dos Reis Proença. Nelson

Proença faleceu em 07 de novembro de 1993 e hoje batiza Conjunto Residencial da cidade. Antes, porém dava nome ao Centro Social Urbano (em 2022 funciona a escola Paulo Freire) edifício Público inaugurado em 1984 na Gestão do Prefeito Nelson Proença o qual o leva seu nome, pela Lei n.º 798/2010.

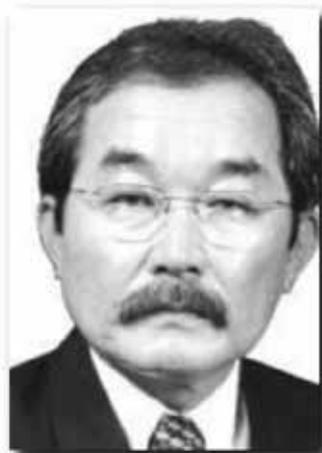
JOÃO CARLOS KLEIN nasceu em 29 de janeiro de 1954. Engenheiro Civil formado pela UEM, é irmão de Dirce e Oscar. Foi vereador na 7º legislatura do Município de Peabiru, entre os anos de 1.977 a 1.982; e depois foi eleito Vice-Prefeito do mesmo Município na 8º Legislatura, entre os anos de 1.983 a 1.988, futuramente seria eleito Prefeito na 10º, 13º e 14º legislatura do Município de Peabiru, entre os anos de 1.993 a 1.996; 2.005 a 2.008, e 2009 a 2012, respectivamente. Seu pai Darcy Klein trabalhou como contador e sócio proprietário na Empresa Laminadora do Oeste Ltda., de 1.974 a 1.990. Darcy foi corretor de seguros das empresas Protetora, Boa Vista, Sul América, entre outras companhias. Foi um dos fundadores da Igreja Evangélica Luterana em Peabiru, sendo membro ativo e sempre fazendo parte da diretoria da mesma. Darcy Klein faleceu em 1.994 Ilga Adélia faleceu em 2022, sendo sepultados no Cemitério Municipal de Peabiru.

EXECUTIVO E LEGISLATIVO

PEABIRU 70 ANOS



**PREFEITO ANTONIO
ELIO ZAGATO**



**VICE PREFEITO
JURCEU SAKUMA**

1989
1992



**PRESIDENTES
DA CÂMARA**

**ELIZEU ZACARKIM
MARIO CHICARELLI**



ANTONIO ÉLIO: PREFEITO DE PEABIRU-PR

ELEIÇÕES REALIZADAS NO MUNICÍPIO DE PEABIRU

9ª LEGISLATURA **1.989/1.992**

DATA DA ELEIÇÃO **1988 LOCAL: FÓRUM**

COMPARECERAM **7.889** ELEITORES

CANDIDATOS AO CARGO DE **PREFEITO MUNICIPAL**

CANDIDATOS	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
ANTONIO ELIO ZAGATO	PMDB	3.650	ELEITO
JORGE DA SILVA PINTO	PFL	2.218	
CUSTODIO F. CHAGAS	PTB	399	

CANDIDATOS AO CARGO DE **VICE PREFEITO MUNICIPAL**

JURCEU SAKUMA	PMDB		
---------------	------	--	--

CANDIDATOS AO CARGO DE **VEREADOR**

CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
JACOB NUNES BENEDITO	PMDB	343	ELEITO
ELIZEU ZACARKIM	PFL	312	ELEITO
MILTON PRUDENCIO DE BRITO	PMDB	297	ELEITO

MARIO B. CHICARELLI	PMDB	283	ELEITO
ALAERTE R. DOS SANTOS	PMDB	273	ELEITO
JOSE DOMINGOS CARVALHO	PMDB	246	ELEITO
FERNANDO DE PAULA XAVIER	PL	215	ELEITO
WILSON BAGINI	PFL	208	ELEITO
WILSON JARDIM CARVALHO	PFL	208	ELEITO
CLAUDIO BALBINO DA SILVA	PL	190	ELEITO

Em 1988 **ANTONIO ÉLIO ZAGATO** foi eleito Prefeito pelo PMDB com 3.650 votos; Jorge da Silva Pinto (PFL) ficou em segundo com 2.218 votos; Custódio Chagas teve 399 votos; A marca de seu mandato de 1989 a 1992 foi a construção de inúmeras casas populares, como o Conjunto 66, que leva o nome de sua mãe Dozolina Bassi Zagato.

ANTÔNIO ELIO ZAGATO é filho de Arlindo Zagato e Dozolina Bassi Zagato, irmão de Edson Roberto (Pai João, in memoriam); Humberto Luiz; José Augusto (in memoriam) e Newton Zagato (in memoriam).

Nascido em Coroados-SP em 27 de Janeiro de 1950 veio para Peabiru com 2 anos de idade, na cabine do caminhão. Segundo Antonio “havia em Maringá cerca de 200 familiares nosso. Só tinha o Maringá Velho. Mas o eldorado, a cidade de grande fama era após o Ivaí: a nossa Peabiru. Os familiares vieram para cá. Meu pai começou trabalhando com cerealista, mas ai descobriram que era alfaiate: montou sua alfaiataria onde hoje é o Despachante do Detran, do Pedrezini na Avenida São João. Também foi sócio da Rainha dos Calçados. Faleceu aos 96 anos, de forma tranquila e serena”. Antonio entrou a trabalhar na Prefeitura de Peabiru aos 17 anos de idade, no segundo mandato de Eleutério Galdino de Andrade na (1965-1968) como contínuo. Passou por diversos setores, um deles no Departamento de Fazenda, com o Angelo Brito quando o Lary Calixto Razzolini era prefeito (1969-1972). O gabinete do prefeito era no andar de cima onde funciona a contabilidade hoje. Tudo feito na máquina de escrever. Com o tempo, foi ocupando os cargos, como Diretor do S.A.A.E. por exemplo.

VICE –PREFEITO PROFESSOR JURCEU SAKUMA nasceu em Parana-vaí – PR a 23 de setembro de 1951. Filho de Hoshitsugu Sakuma e Hideyo Kaneko Sakuma, fora casado com Adelaide Toshiko Sakuma, teve os filhos Hugo Massao Sakuma e Rubens Eiji Sakuma.

Trabalhou como Professor da Rede Pública, foi Vereador por Peabiru em dois mandatos: 1997 a 2000 e de 2001 a 2004, sendo Presidente da Câmara neste último mandato. Foi candidato a prefeito no ano de 1992 para concorrer a 10ª Legislatura 93/96. Faleceu em 10 de julho de 2005, aos 53 anos.

A Câmara Municipal de Peabiru, instalada em 27/12/1952 realizou sessões nos Hotéis da Cidade, em casa de madeira na Av. Curitiba (onde hoje se localiza o Laboratório Santa Maria), no Pavimento superior da Prefeitura Municipal e no Anexo I. Estabeleceu-se na Rua Juvenal Portela, com sede inaugurada no dia 15 de novembro de 2004, pelo Presidente desta Casa de Leis, Vereador Jurceu Sakuma, no qual o plenário leva seu nome através da Lei Municipal n.º 469 de 22 de agosto de 2005.

1952-2022

PREFEITO JOÃO CARLOS KLEIN

VICE PREFEITO GETÚLIO FRANCISCO

1993
1996

10ª LEGISLATURA 1993 a 1996

PRESIDENTES DA CÂMARA | **WILSON CARVALHO**
ALAERTE RODRIGUES DOS SANTOS

JOÃO CARLOS KLEIN ELEITO PREFEITO

ELEIÇÕES REALIZADAS NO MUNICÍPIO DE PEABIRU

10ª LEGISLATURA **1.993/1.996**

DATA DA ELEIÇÃO **03/10/1992 LOCAL: GINÁSIO DE ESPORTES**

CANDIDATOS AO CARGO DE **PREFEITO MUNICIPAL**

CANDIDATOS	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
JOÃO CARLOS KLEIN	PDT	2.837	ELEITO
NELSON PROENÇA	PST	2.633	
JURCEU SAKUMA	PMDB	1.476	
FERNANDO DE PAULA XAVIER	PRP	547	

CANDIDATOS AO CARGO DE **VEREADOR**

CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
CLAUDIO BALBINO DA SILVA	PST	593	ELEITO
ALAERTE R. DOS SANTOS	PMDB	303	ELEITO
WILSON JARDIM CARVALHO	PFL	270	ELEITO
JAIR DOMINGOS SIMONELLI	PDT	258	ELEITO
ELIZEU ZACARKIM	PFL	240	ELEITO
MILTON PRUDENCIO DE BRITO	PMDB	197	ELEITO
OSMAR PEREIRA	PDT	181	ELEITO

GILDO APARECIDO CARVALHO	PDC	179	ELEITO
MARIO LUIZ SCARABEL	PST	165	ELEITO

JOÃO CARLOS KLEIN, nasceu em 29 de janeiro de 1954. Engenheiro Civil formado pela UEM, é irmão de Dirce e Oscar. Foi vereador na 7º legislatura do Município de Peabiru, entre os anos de 1.977 a 1.982; e depois foi eleito Vice-Prefeito do mesmo Município na 8º Legislatura, entre os anos de 1.983 a 1.988, futuramente seria eleito Prefeito na 10º, 13º e 14º legislatura do Município de Peabiru, entre os anos de 1.993 a 1.996; 2.005 a 2.008, e 2009 a 2012, respectivamente. Seu pai Darcy Klein trabalhou como contador e sócio proprietário na Empresa Laminadora do Oeste Ltda., de 1.974 a 1.990. Darcy foi corretor de seguros das empresas Protetora, Boa Vista, Sul América, entre outras companhias. Foi um dos fundadores da Igreja Evangélica Luterana em Peabiru, sendo membro ativo e sempre fazendo parte da diretoria da mesma. Darcy Klein faleceu em 1.994 Ilga Adélia faleceu em 2022, sendo sepultados no Cemitério Municipal de Peabiru.

GETULIO FRANCISCO nasceu em 13 de setembro de 1948 e faleceu em 30 de novembro de 2014, aos 66 anos de idade. Era um Apaixonado pelo futebol. Organizava campeonatos, bem como tinha amplo contato com as comunidades rurais. Na eleição seguinte, em 1996, candidatou-se a Prefeito pelo PTB e ficou em terceiro lugar com 824 votos.

EXECUTIVO E LEGISLATIVO

PEABIRU 70 ANOS



**PREFEITO JOÃO
BITTENCOURT**



**VICE PREFEITO
MIGUEL SANTANA**

1997
2000



**PRESIDENTES
DA CÂMARA**

**EDVALDO DANTAS
DE ANDRADE**



JOÃO BITENCOURT

ELEIÇÕES REALIZADAS NO MUNICÍPIO DE PEABIRU

11ª LEGISLATURA **1.997/2.000**

DATA DA ELEIÇÃO **03/10/1996 LOCAL: GINÁSIO DE ESPORTES**

CANDIDATOS AO CARGO DE **PREFEITO MUNICIPAL**

CANDIDATOS	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
JOÃO BITENCOURT	PDT	4.045	ELEITO
ANTONIO ELIO ZAGATO	PMDB	2.485	
GETULIO FRANCISCO	PPB	824	
WASHINGTON G. LOPES	PSDB	201	

CANDIDATOS AO CARGO DE **VEREADOR**

CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
WILSON JARDIM CARVALHO	PFL	410	ELEITO
RENATO SIMIONATO	PDT	391	ELEITO
DAVID GONÇALVES DIAS	PDT	345	ELEITO
MILTON PRUDENCIO DE BRITO	PMDB (faleceu em 07/07/1998)	330	ELEITO
ALAERTE R. DOS SANTOS	PFL	306	ELEITO
NELSON APARECIDO BASSI	PMDB	295	ELEITO
WILSON BAGINI	PFL	294	ELEITO

EDVALDO DANTAS ANDRADE	PDT	291	ELEITO
JOSÉ LUCIO PEDREZINI	PDT	241	ELEITO
JURCEU SAKUMA	DE 06/1998	A 12/2000	SUPLENTE

JOÃO BITTENCOURT nasceu em 25 de janeiro de 1954 em Peabiru-PR. Empresário, gerencia a Serraria do Norte em Peabiru. Filho de Aristides Bitencourt, pioneiro que nos deixou aos 94 anos (15 de novembro de 1925 a 08 de abril de 2020) e Maria Bitencourt (in memoriam) com a qual teve os filhos: José (Zeca), Marli, Lourdes, Luiz, Isabel, Mário, Helena (in memoriam), João Bitencourt e Severino, e estabeleceu-se trabalhando no ramo da serra-ria de madeiras. Conforme Aristides, o pai de João Bittencourt relata, “eu vim da cidade de Tubarão, Santa Catarina em 1953. Em outubro de 1952 cheguei aqui e fiquei até o fim do ano e no começo do ano novo de 1953 fui para Santa Catarina buscar a mudança. Vim, conheci Peabiru e voltei para buscar a mudança. Tinha um irmão, o José Acácio, que já trabalhava aqui no Vasco. Estavam montando, aumentando a serraria e fiquei trabalhando com meu irmão por três meses. De outubro de 1952 a janeiro de 1953. Nós chegamos aqui morando na casa do José. Nós com duas crianças e eles com duas menininhas já. Depois com ajuda do José construímos uma casinha para a gente entrar, aqui embaixo, onde era a Serraria do Vasco. Quando viemos para Peabiru tínhamos um filho homem e uma filha mulher com 4 meses. Cheguei a Peabiru e daí nasceu os outros filhos. Todos nasceram aqui. O João Bitencourt, o primeiro, que nasceu quando ia fazer um ano que estávamos aqui.”

MIGUEL DE OLIVEIRA SANTANA fora casado com Ana Nerges Carlos Santana, fora conhecido como “Miguel da Máquina São Roque”. Nasceu em 06 de julho de 1942 em Tanabi-SP, filho de Manoel Miguel Santana e Maria Euflasia de Oliveira. Comerciante/ aposentado veio de Florai para Peabiru. Aqui teve três filhos, Sandra Maria Santana, Miguel Luiz Santana e Edmundo Manoel Santana. Hoje é Diácono permanente da Igreja Católica, servindo na Paróquia São João Batista de Peabiru-Pr.

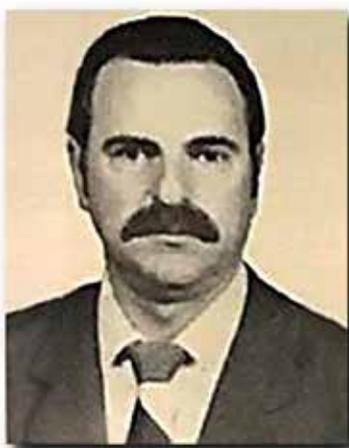
1952-2022

EXECUTIVO E LEGISLATIVO

PEABIRU 70 ANOS



PREFEITO MARCOS LOPES



**VICE PREFEITO
ELIZEO ZACARKIM**

2001
2004



**PRESIDENTES
DA CÂMARA**

**JURCEU SAKUMA
WILSON CARVALHO**



NOVO MILÊNIO: MARCOS LOPES PREFEITO

ELEIÇÕES REALIZADAS NO MUNICÍPIO DE PEABIRU

12ª LEGISLATURA **2.001/2.004**

DATA DA ELEIÇÃO **2000 LOCAL: GINÁSIO DE ESPORTES**

COMPARECERAM **8.002** ELEITORES

CANDIDATOS AO CARGO DE **PREFEITO MUNICIPAL**

CANDIDATOS	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
JOSÉ M. GONÇALVES LOPES	PPS / PMDB / PRTB	3.723	ELEITO
JOÃO CARLOS KLEIN	PST / PFL / PSDB	3.070	
CLAUDINEI A. MINCHIO	PT	570	

CANDIDATOS AO CARGO DE **VEREADOR**

CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
WILSON JARDIM CARVALHO	PFL	508	ELEITO
JOSÉ DURÃES DE SOUZA	PDT	435	ELEITO
CIDALIA MARIA IMAKAMI	PSDB	411	ELEITO
CLAUDIO BALBINO DA SILVA	PST	360	ELEITO
OSMAR PEREIRA	PPS/PMDB/ PRTB	337	ELEITO

SEBASTIÃO C. MARINHO	PPS/PMDB/ PRTB	272	ELEITO
EDVALDO DANTAS ANDRADE	PST	271	ELEITO
JURCEU SAKUMA	PPS/PMDB/ PRTB	267	ELEITO
MANOEL V. DE OLIVEIRA	PPS/PMDB/ PRTB	267	ELEITO
ALAERTE R. DOS SANTOS	PFL	296	SUPLENTE

Em 2000 **MARCOS LOPES** foi eleito como 12º Prefeito de Peabiru pela coligação PPS-PMDB-PRTB com 3.723 votos; João Carlos Klein do PST-PFL-PSDB-PPB teve 3.070 votos e Claudinei Minchio do PT teve 570 votos.

José Marcos Gonçalves Lopes nasceu em 17 de março de 1957, e casou-se com Luiza de Fatima Correa Lopes tendo quatro filhos, Marcos Jr., João Paulo, João Carlos e Juliana. Empresário do ramo da mineração, na empresa Pedreira Santa Helena de Peabiru-PR.

ELIZEO ZACARKIM nasceu em 05 de maio de 1944 em Palmeira, Estado do Paraná, filho de Martins Schilling Zacarkin e Mercedes Andrade Zacarkin, Casou-se com Geni Batista Zacarkin. Agricultor e foi responsável pela Junta Militar de Peabiru nas décadas recentes.

EXECUTIVO E LEGISLATIVO

PEABIRU 70 ANOS

1952-2022



**PREFEITO JOÃO
CARLOS KLEIN**



**VICE PREFEITO
CLAUDIO IAMAGAMIM**

**2005
2008**



**PRESIDENTES
DA CAMARA**

**WILSON CARVALHO
EDVALDO DANTAS DE ANDRADE**



JOÃO CARLOS KLEIN ASSUME

ELEIÇÕES REALIZADAS NO MUNICÍPIO DE PEABIRU

13ª LEGISLATURA **2.005/2.008**

DATA DA ELEIÇÃO **2004**

CANDIDATOS AO CARGO DE **PREFEITO MUNICIPAL**

CANDIDATOS	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
JOÃO CARLOS KLEIN	PPS / PMDB / PRTB	4.173	ELEITO
JOSÉ M. GONÇALVES LOPES	PST / PFL / PSDB / PPB	2.955	
CLAUDINEI A. MINCHIO	PT	845	

CANDIDATOS AO CARGO DE **VEREADOR**

CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
SEBASTIÃO C. MARINHO	PSC	649	ELEITO
ANTONIO PEDRO DA SILVA	PSC	544	ELEITO
WILSON JARDIM CARVALHO	PFL	470	ELEITO
MILTON BENTO DE SOUZA	PPS	468	ELEITO
JOSE DOMINGOS CARVALHO	PT do B	437	ELEITO
OSMAR PEREIRA	PSC	433	SUPLENTE
EDVALDO DANTAS ANDRADE	PDT	332	ELEITO
JOSE VALENTIM RODRIGUES	PSDB	329	ELEITO

ADALBERTO DIAS DE SOUZA	PL	267	ELEITO
JOSÉ DURÃES DE SOUZA	PSDB	262	ELEITO

JOÃO CARLOS KLEIN, nasceu em 29 de janeiro de 1954. Engenheiro Civil formado pela UEM, é irmão de Dirce e Oscar. Foi vereador na 7º legislatura do Município de Peabiru, entre os anos de 1.977 a 1.982; e depois foi eleito Vice-Prefeito do mesmo Município na 8º Legislatura, entre os anos de 1.983 a 1.988, futuramente seria eleito Prefeito na 10º, 13º e 14º legislatura do Município de Peabiru, entre os anos de 1.993 a 1.996; 2.005 a 2.008, e 2009 a 2012, respectivamente. Seu pai Darcy Klein trabalhou como contador e sócio proprietário na Empresa Laminadora do Oeste Ltda., de 1.974 a 1.990. Darcy foi corretor de seguros das empresas Protetora, Boa Vista, Sul América, entre outras companhias. Foi um dos fundadores da Igreja Evangélica Luterana em Peabiru, sendo membro ativo e sempre fazendo parte da diretoria da mesma. Darcy Klein faleceu em 1.994 Ilga Adélia faleceu em 2022, sendo sepultados no Cemitério Municipal de Peabiru.

CLAUDIO IAMAGAMIN, nasceu em 20 de julho de 1958 em Ribeirão do Pinhal-PR, filho de Taru Iamagamin e Albertina Olivia Iamagamin casou-se com Neide Rosa Iamagamim e tiveram dois filhos: Jader e Aline. Claudinho foi Presidente do Conselho de Esporte e muito atuante na Igreja Católica de Peabiru-PR, uma vez que no futebol representou a cidade nos campeonatos regionais. Foi candidato a Prefeito na eleição seguinte, em 2012, todavia ficou em segundo lugar. Faleceu em 23 de maio de 2014, em um acidente automobilístico na rodovia próximo a Arapongas-PR.

EXECUTIVO E LEGISLATIVO

PEABIRU 70 ANOS



**PREFEITO JOÃO
CARLOS KLEIN**



**VICE PREFEITO
MAURO BIANCHINI**

2009
2012



**PRESIDENTES
DA CÂMARA**

**ANGELO BRITO
ALAERTE R. DOS SANTOS**



JOÃO CARLOS KLEIN REELEITO

ELEIÇÕES REALIZADAS NO MUNICÍPIO DE PEABIRU

12ª LEGISLATURA **2.009/2.012**

DATA DA ELEIÇÃO **2008**

COMPARECERAM **8.455** ELEITORES

CANDIDATOS AO CARGO DE **PREFEITO MUNICIPAL**

CANDIDATOS	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
JOÃO CARLOS KLEIN	PMDB	3.359	ELEITO
CLAUDINEI A. MINCHIO	PT	3.072	
ELIZEO ZACARKIN	PPS	1.577	

CANDIDATOS AO CARGO DE **VEREADOR**

CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
ANGELO PRUDÊNCIO DE BRITO	PMDB	576	ELEITO
ALAERTE R. DOS SANTOS	PP	457	ELEITO
OSMAR PEREIRA	PPS	449	ELEITO
PAULO SERGIO AVANÇO	PP	432	ELEITO
ANTONIO PEDRO DA SILVA	PSC	372	ELEITO
CICERO SOUZA DA SILVA	PDT	357	ELEITO

JORGE L. D. FERREIRA	PT (licença de 27/03/2012 a 27/04/2012)	333	ELEITO
HELENA F. IZELLI	PSC	231	ELEITA
MANOEL DUQUE DA COSTA	PMDB	221	ELEITO
JOSÉ DURÃES DE SOUZA	PSDB	296	SUPLENTE
JOSÉ TARCIZO DONATI (PT)	DE 27/03/2012	A 27/04/2012	SUPLENTE

JOÃO CARLOS KLEIN, nasceu em 29 de janeiro de 1954. Engenheiro Civil formado pela UEM, é irmão de Dirce e Oscar. Foi vereador na 7^o legislatura do Município de Peabiru, entre os anos de 1.977 a 1.982; e depois foi eleito Vice-Prefeito do mesmo Município na 8^o Legislatura, entre os anos de 1.983 a 1.988, futuramente seria eleito Prefeito na 10^o, 13^o e 14^o legislatura do Município de Peabiru, entre os anos de 1.993 a 1.996; 2.005 a 2.008, e 2009 a 2012, respectivamente. Seu pai Darcy Klein trabalhou como contador e sócio proprietário na Empresa Laminadora do Oeste Ltda., de 1.974 a 1.990. Darcy foi corretor de seguros das empresas Protetora, Boa Vista, Sul América, entre outras companhias. Foi um dos fundadores da Igreja Evangélica Luterana em Peabiru, sendo membro ativo e sempre fazendo parte da diretoria da mesma. Darcy Klein faleceu em 1.994 Ilga Adélia faleceu em 2022, sendo sepultados no Cemitério Municipal de Peabiru.

MAURO BIANCHINI nasceu em 23 de abril de 1942 em Ibiporã-PR, filho de Pedro Bianchini e Daria Farfia Bianchini e casado com Ivone Bianchini. Atuante na Igreja Católica e empresário, proprietário da Granja Ouro Branco em Peabiru, inicialmente na Av. Curitiba, e depois na saída para Araruna.

EXECUTIVO E LEGISLATIVO

PEABIRU 70 ANOS

1952-2022



**PREFEITO CLAUDINEI
ANTONIO MINCHIO**



**VICE PREFEITO SEBASTIÃO
CARLOS MARINHO**

2013
2016



**PRESIDENTES
DA CÂMARA**

**OSMAR PEREIRA
WILSON CARVALHO**



CLAUDINEI MINCHIO ASSUME A PREFEITURA

ELEIÇÕES REALIZADAS NO MUNICÍPIO DE PEABIRU

15ª LEGISLATURA **2.016/2.020**

DATA DA ELEIÇÃO **02/10/2016**

COMPARECERAM **8.624** ELEITORES

CANDIDATOS AO CARGO DE **PREFEITO MUNICIPAL**

CANDIDATOS	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
CLAUDINEI ANTONIO MINCHIO	PT	4.603	ELEITO
CLAUDIO IAMAGAMIN		3.576	

CANDIDATOS AO CARGO DE **VEREADOR**

CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
JOSINEL PEZINI DOS SANTOS	PT	562	ELEITO
WILSON JARDIM DE CARVALHO		446	ELEITO
ANTONIO PEDRO DA SILVA		414	ELEITO
FELICIO PALMA JUNIOR		373	ELEITO
CICERO SOUZA DA SILVA		360	ELEITO
PAULO SERGIO AVANÇO		330	ELEITO
OSMAR PEREIRA		327	ELEITO

ANGELO PRUDENCIO DE BRITTO		322	ELEITO
CLAUDINO DE OLIVEIRA LINO		280	ELEITO

CLAUDINEI ANTONIO MINCHIO, elegeu-se Prefeito de Peabiru em 2012 pelo PT com 4.603 votos vencendo Claudio Iamagamin do PSDB, o qual ficou em segundo com 3.576 votos. Claudinei foi candidato a Prefeito nos anos de 2000 em 2004, 2008 e 2016 e candidato ao cargo de vereador em Peabiru-PR em 2020.

Minchio nasceu em Ribeirão Preto (SP) em 15 de abril de 1965 e formou-se em Agronomia na Unesp de Jaboticabal-SP, sendo Mestre Universidade Estadual de Londrina (UEL) e depois Doutor na área. Casou-se com Neusa Savaris Minchio, tendo duas filhas. Na memória, faleceu aos 56 anos, vítima da COVID-19, em 12 de junho de 2021. Após deixar a prefeitura e voltar ao serviço na Emater, foi transferido para Maringá-PR.

SEBASTIÃO CARLOS MARINHO, eleito como Vice Prefeito nasceu em 27 de agosto de 1974 em Peabiru-PR filho de João Carlos Marinho e Luzia Lopes Marinho. Casou-se com Elizabete Lamonica Marinho (in memoriam) tendo os filhos Nayara Lamonica Marinho e Nathan Lamonica Marinho. Atualmente é dono do Salão Marinho, em Peabiru, onde atende seus clientes. Foi eleito Vereador para o mandato de 2001 a 2004 com 249 votos pela coligação PPS/PMDB/PRTB e reeleito com mais votado pelo PSC com 649 votos em 2004.

EXECUTIVO E LEGISLATIVO

PEABIRU 70 ANOS

1952-2022



JULIO CEZAR FRARE
PREFEITO



MARIA JOSÉ DO NASCIMENTO
VICE-PREFEITA

2017
2020



PRESIDENTES DA CAMARA

JOSÉ DURÃES DE SOUZA
ALAEETE RODRIGUES DOS SANTOS



JULIO CEZAR FRARE: DE SERVIDOR A PREFEITO

ELEIÇÕES REALIZADAS NO MUNICÍPIO DE PEABIRU

13ª LEGISLATURA **2.016/2.020**

DATA DA ELEIÇÃO **02/10/2016**

COMPARECERAM **8.052** ELEITORES

CANDIDATOS AO CARGO DE **PREFEITO MUNICIPAL**

CANDIDATOS	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
JULIO CEZAR FRARE	PL	2.958	ELEITO
CLAUDINEI A. MINCHIO	PT	2.283	
JOÃO CARLOS KLEIN	PMDB	2.010	
WILSON CARVALHO	PP	801	

CANDIDATOS AO CARGO DE **VEREADOR**

CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
CICERO SOUZA DA SILVA	PMDB (licenciado em 21/08/2017 a 21/09/2020)	366	ELEITO
ALARTE R. DOS SANTOS	PMDB	364	ELEITO

PAULO SERGIO AVANÇO	PMDB (LICENCIADO DE 01/12/2020 A 31/12/2020)	346	ELEITO
ELIANDRO ANGELO DURÇO	PTN	325	ELEITO
CLAUDECIR ALVES DE SOUZA	PSD	294	ELEITO
JOSÉ DURÃES DE SOUZA	PSDB	261	ELEITO
FABIO ALEXANDRO SEXUGI	PT	232	ELEITO
ROSANA PANTE BITENCOURT	PP	205	ELEITA
FREDERICO FREITAG	PP	187	ELEITO
JOSÉ ALCIDES GASPAROTO	DE 21/08/2017 21/09/2017	De 01/12/2020 a 31/12/2020	SUPLENTE

JÚLIO CEZAR FRARE, nascido em 29/08/1969 na cidade de Campo Mourão-PR, filho de Antonio Frare de profissão pedreiro e carpinteiro e de Virma Bassi Frare, professora aposentada, tem como avós paternos Pedro Frare e Emília Vignoti Frare e avós maternos Ricieri Bassi e Delfina Liria Bassi, todos in memoriam. De religião católica apostólica romana, batizado e crismado na Paróquia de São João Batista de Peabiru onde também se casou com Izabel Cristina de Aguiar Frare, tem 03 filhos, Maria Beatriz De Aguiar Frare, Ana Carolina de Aguiar Frare e João Pedro De Aguiar Frare. Estudou nas Escolas Emílio de Menezes, Olavo Bilac e Colégio Estadual 14 de dezembro, formação acadêmica em Administração de Empresas com ênfase em comércio Exterior e MBA em Gestão Pública, trabalhou como engraxate, sorveteiro, ajudante na serraria do SR. José Candido Mendes e também como boia fria e com 16 anos entrou trabalhar nas Lojas Renascença como pacoteiro e ajudante de entregas.

Em 1986 foi morar em Maringá-PR para fazer o ensino médio onde também trabalhou como estagiário por um ano na empresa CETIL Informática no ano de 1989. Em 1990 retornou para Peabiru-Pr onde no dia 01/02/1990 começou a trabalhar na Prefeitura Municipal de Peabiru onde é servidor efe-

tivo. Membro da Loja Maçônica Rui Barbosa n.º 16, nos anos de 2013/2014 foi Presidente do Conselho Consultivo da Ordem Demolay, nos anos de 2015/2016 foi Venerável Mestre Da Loja Rui Barbosa. Colocou o nome para candidato a prefeito em 2016, primeira vez envolvido em política, foi eleito prefeito em 2016 e reeleito em 2020 tornando-se o prefeito mais votado da história de Peabiru.

MARIA JOSÉ DO NASCIMENTO nasceu em 22 de setembro de 1966, natural de Barbosa Ferraz-PR. Graduada em Letras, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guarulhos em 1994; Pós-graduada em Qualidade Total e Gerência de Pessoas; e MBA Executivo pela universidade Unisesumar. Mãe de 5 filhos: Samuel, Eymy, Ingrid, Ester e William e 5 netas. Filha de Sebastião Ventura do Nascimento e Zoraide Guerreiro do Nascimento.

Em 1977 seu pai e mãe mudou-se para São Paulo, com 6 filhos, buscando recomeçar, após geada de 1975. Entre 11 a 15 anos trabalhou como Babá e empregada doméstica no período da manhã e a tarde estudava. Viveu 18 anos em São Paulo e mudou-se para Peabiru, Fundando em 1995, a empresa KL do Brasil Componentes Elétricos Ltda, com ex-marido José Nildo da Silva, com o qual teve 4 filhos

Ganhadora do Prêmio Nacional Sebrae Mulher de Negócios 2008, vencedora após um longo processo seletivo.

Participou como Presidente de diversas entidades: ACEP; Lions Clube de Peabiru; Cacercopar/ CME; Sindimetal Campo Mourão; Diretora da Fiep; Vice-Prefeita na cidade de Peabiru, na gestão 2017/2020, sendo a primeira mulher a ocupar um cargo no Executivo Municipal durante a trajetória dos 70 anos de Peabiru.

Casou-se em 2020 com o empresário Abilio de Oliveira Santana.

"Sinto-me orgulhosa em fazer parte da História de Peabiru, contribuindo para o desenvolvimento local, estar empreendendo, juntamente com os meus filhos, gerando mais de 170 empregos diretos, e atendendo mercado Nacional. Somos felizes por fazer parte da família Peabiruense e Gratos a Deus pelas vitórias alcançadas".

EXECUTIVO E LEGISLATIVO

PEABIRU 70 ANOS



JÚLIO CEZAR FRARE
PREFEITO



BRUNO MELO
VICE PREFEITO

2020
2024

17ª LEGISLATURA 2020-2024



**PRESIDENTE
DA CÂMARA**

JOSÉ VALENTIM RODRIGUES



JULIO CEZAR FRARE REELEITO

ELEIÇÕES REALIZADAS NO MUNICÍPIO DE PEABIRU

13ª LEGISLATURA **2.020/2.024**

DATA DA ELEIÇÃO **02/10/2016**

COMPARECERAM **8.542** ELEITORES

CANDIDATOS AO CARGO DE **PREFEITO MUNICIPAL**

CANDIDATOS	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
JULIO CEZAR FRARE	PL	5.567	ELEITO
CLAUDECIR XELELÉU	PSD	1.146	
WILSON CARVALHO	PP	522	
JEAN FRANCESCO	PCdoB	128	
DANIEL SILVA	PDB	56	

CANDIDATOS AO CARGO DE **VEREADOR**

CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	SITUAÇÃO
FREDERICO FREITAG	PL	407	ELEITO
JOSÉ VALENTIM RODRIGUES	CDD	297	ELEITO
CICERO SOUZA DA SILVA	MDB	294	ELEITO
PAULO SERGIO AVANÇO	PSD	288	ELEITO
CLAUDINO DE OLIVEIRA LINO	CDD	269	ELEITO
IRINEU MANFRIN	PL	265	ELEITO

LUCAS MANOEL P. DE BRITO	CDD	261	ELEITO
ANTONIO PEDRO DA SILVA	MDB	249	ELEITO
BRUNO ALVES MIRANDA	PL	245	ELEITO

JÚLIO CEZAR FRARE, nascido em 29/08/1969 na cidade de Campo Mourão-PR, filho de Antonio Frare de profissão pedreiro e carpinteiro e de Virma Bassi Frare, professora aposentada, tem como avós paternos Pedro Frare e Emília Vignoti Frare e avós maternos Ricieri Bassi e Delfina Liria Bassi, todos in memoriam. De religião católica apostólica romana, batizado e crismado na Paróquia de São João Batista de Peabiru onde também se casou com Izabel Cristina de Aguiar Frare, tem 03 filhos, Maria Beatriz De Aguiar Frare, Ana Carolina de Aguiar Frare e João Pedro De Aguiar Frare. Estudou nas Escolas Emílio de Menezes, Olavo Bilac e Colégio Estadual 14 de dezembro, formação acadêmica em Administração de Empresas com ênfase em comércio Exterior e MBA em Gestão Pública, trabalhou como engraxate, sorveteiro, ajudante na serraria do SR. José Candido Mendes e também como boia fria e com 16 anos entrou trabalhar nas Lojas Renascença como pacoteiro e ajudante de entregas.

Em 1986 foi morar em Maringá-PR para fazer o ensino médio onde também trabalhou como estagiário por um ano na empresa CETIL Informática no ano de 1989. Em 1990 retornou para Peabiru-Pr onde no dia 01/02/1990 começou a trabalhar na Prefeitura Municipal de Peabiru onde é servidor efetivo. Membro da Loja Maçônica Rui Barbosa n.º 16, nos anos de 2013/2014 foi Presidente do Conselho Consultivo da Ordem Demolay, nos anos de 2015/2016 foi Venerável Mestre Da Loja Rui Barbosa. Colocou o nome para candidato a prefeito em 2016, primeira vez envolvido em política, foi eleito prefeito em 2016 e reeleito em 2020 tornando-se o prefeito mais votado da história de Peabiru.

BRUNO DA SILVA MELO nasceu em 12 de maio de 1986 em São Paulo-SP, filho Masisa Pereira da Silva de Melo. Empresário, na sua primeira candidatura elegeu-se a Vice Prefeito de Peabiru.

DADOS GERAIS DE PEABIRU-PR

Município de Peabiru, Estado do Paraná, Brasil	
Aniversário	14 de dezembro
Fundação	1952
Gentílico	Peabiruense
Localização	23°54'46" S 52°20'34" O
Estado	Paraná
Mesorregião	Centro Ocidental Paranaense
Microrregião	Campo Mourão
Municípios limítrofes	Campo Mourão, Engenheiro Beltrão, Araruna, Terra Boa, Fênix, Quinta do Sol, Barbosa Ferraz, Corumbataí do Sul
Distância até a capital	482 quilômetros
Características Humanas, Físicas e Econômicas	
Área	469, 495 km ²
População	14.007 hab. Cont. IBGE/2020
Densidade	27,7 hab./km ²
Altitude	524 metros
Fuso horário	UTC-3
Clima	Subtropical Cfa subtropical úmido mesotérmico, com verões quentes e geadas pouco frequentes, concentração de chuvas nos meses de verão, sem estação seca definitiva. As médias dos meses quentes são superiores a 22°C e a dos meses mais frios é inferior a 13°C.
IDH	0,736 PNDU/2000

RELEVO	Pouco movimentado com cerca de 30% apresentando característica suavemente ondulada, 50% é constituído de relevo com característica ondulado, 10% fortemente ondulado e 10% corresponde ao relevo montanhoso
HIDROGRAFIA	Pertence à Bacia Hidrográfica do Rio Ivaí, com rios de pequeno e médio porte, os quais se podem citar: Rio Mourão ou Rio da Várzea, Rio do Campo, Rio Claro, Rio da Areia, Ribeirão Lagoa, Rio 119, Rio do Jeca, Agua do Mandaguari, Rio Verde, Córrego do Agrião, Córrego do Faxinalzinho, Rio Arural
SOLO	Argissolo Vermelho, Latossolo Vermelho, Neossolo Rígido-lítico, Nitossolo Vermelho, brunizem avermelhado (rochas basálticas); terra roxa estruturada eutrófica; terra roxa estruturada destrófica; latossolo roxo 72 destrófico; areia: rodzólico vermelho amarelo equivalente eutrófico
VEGETAÇÃO	Vegetação primitiva era floresta do tipo tropical/sub-tropical entrelaçadas, com espécies de grande porte, folhosas e de cor verde escura (peroba, palmito, canela, figueira, etc.), contrastando com espécies de coloração mais clara de caráter subtropical (araucárias, samambaias, taquaras, etc.) Esta vasta mata que cobria o município e região na época de sua colonização, hoje praticamente não existe, com exceção de algumas reservas que ainda permanecem intactas. Têm-se hoje regiões de matas devastadas (terras periodicamente trabalhadas ou em menor escala cultivadas) e matas secundárias devastadas na região pluvial tropical do interior, substituídas por cafezais pastos e demais culturas.
ELEITORES	10.543
RODOVIAS	Rodovias de saída para outras cidades: BR 369 (saída para Campo Mourão e Maringá) e PR 465 (faz ligação com Araruna). PR 148

COMUNIDADES RURAIS:	São Roque, São Pedro, São José, Guanabara, Placa União, Venda Branca, Santa Lúcia, Bangu, Venda 4 / Lambari, Fuganti, Colônia Mineira, São Judas, Silviolândia, São Jorge, Santa Clara, Nove Faz. Boa Esperança, Vila Rural, Assentamento Monte Alto, Assentamento Marajó e Assentamento Santa Rita.
Distrito:	Silviolândia (18 Km Da Sede)
GRUPOS ÉTNICOS:	Descendentes de Italianos, Portugueses, Eslavos, Libaneses, Palestinos, Ucranianos, Alemães e Japoneses. Formação interna: nordestinos, paulistas, mineiros, catarinenses e gaúchos, Indígenas e Africanos
PRAÇA CENTRAL:	Eleutério Galdino De Andrade
DATAS COMEMORATIVAS	24 de Junho – Dia do Padroeiro São João Batista; 3º Domingo de Agosto – Prato Típico: Festa do “Carneiro ao Molho de Vinho”; 14 de Dezembro – Aniversário da cidade.
PONTOS TURISTICOS	Caminhos de Peabiru, Museu Caminhos de Peabiru, Feira Livre, feira do Artesanato e Culinária caminhos de Peabiru, Centro Histórico. Trilha pelos Caminhos de Peabiru

EXPOSIÇÃO

PEABIRU 70 ANOS

1952-2022



O FOTO ESTRELA DE
SEU NELSON ITO
E FAMÍLIA. GERAÇÕES
TIRARAM SEUS RETRATOS,
DE CASAMENTO E
NA CADEIRINHA.
MUITOS USARAM O
PRIMEIRO PALETO NA
FOTO 3X4 PARA RG



VAMOS TIRAR UMA FOTO?

1953-2023

PAROQUIA SÃO JOÃO BATISTA



70 ANOS

1955

O coreto ao lado da Igreja, os homens de chapéus, os veículos sobre a praça em terra vermelha, a festa.

EXPOSIÇÃO

PEABIRU 70 ANOS

1952-2022



A Avenida Raposo Tavares

DÉCADA DE
1950



Jorge Laos de Andrade e a riqueza agrícola de Peabiru-Pr



Por dois anos seguidos em 2017 e 2018 a Família Caminhos de Peabiru recebeu o Prêmio gestor Público Paraná na Assembleia Legislativa do Estado



1952-2022





FAMÍLIA PANTE
FAZENDA NATAL
PEABIRU-PR 1958



SIMONELLI-1952

1952-2022



Família Bassi



HOSPITAL SÃO LUCAS

DR. MIGUEL LEONARDO ESPINOLA MONTANIA

DR. MARIA IZABEL FARIAS DE ESPINOLA

AVENIDA VILA RICA, 416 — FONE. (0448) 26-1392

Dr. Miguel Leonardo Espinola Montania, Natural de Assunção-Paraguai. Formado pela Universidade Nacional da Assunção, onde graduou-se em 1968. Iniciou seus estudos de especialização em Cirurgia Geral e Proctologia no Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro. Fez a revalidação de seu diploma na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Participou de vários concursos médicos, e obteve o primeiro prêmio, Medalha de Ouro do IASEG com trabalho sobre "Endometrioses Umbilical", ganhou também medalha de Prata ao mérito da Residência Médica do IASEG, no ano de 1972. Possui diversos trabalhos científicos publicados na Revista Médica do IASEG — Instituto Assistência aos Servidores do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente trabalha como médico contratado da Secretaria de Saúde de Campo Mourão, responsável pelo Serviço de Toxicologia. Tem participado de diversos congressos médicos, e possui cursos de atualização em Cirurgia, Obstetrícia, Ginecologia. É casado com a Dra. Maria Izabel Farias de Espinola, dessa feliz união nasceu: Ediarão Miguel.

Sua esposa a Dr. Maria Izabel é nascida em Manaus, Amazonas formada pela Universidade Federal do Amazonas em 1971, possui curso de especialização em Anestesiologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e no Hospital do IASEG. Possui especialização também em Pediatria e Clínica Geral. Em Poábiru desde 1976 quando assumiram o Hospital São Lucas, do saudoso Dr. Dido Boscardin um dos pioneiros da Medicina no Município. O Hospital conta com corpo de enfermagem de alto padrão, e convênios com INAMPS. Atendem: cirurgia, clínica geral, pediatria, obstetrícia e ginecologia.



HOSPITAL SÃO JOSÉ

OPERAÇÕES - PARTOS - CLÍNICA GERAL PEDIATRIA



Rua Curitiba, 734 - Fones: 26-1436 e 26-1497 -

1952-2022



OS KOCH

ORGANIZADORES DA OBRA

Da ideia nascida da Primeira Dama Izabel Cristina de Aguiar Frare nasceu este livro, organizado pelos Historiadores:



ARLÉTO ROCHA, Geógrafo e Historiador, Mestre em História (UEM-PR), Membro da Academia Mouraõense de Letras-Campo Mourão-Pr, Membro do Centro de Letras do Paraná-Curitiba-Pr e Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente-SP.



WASHINGTON LUIZ HENRIQUES DA SILVA, Historiador, nascido em 16 de Junho no ano de 1997 na cidade de Peabiru. Formado também em Pedagogia, Pós Graduado em Educação Especial, Graduando em Agronomia, Músico e Cantor

COLABORADORES DA OBRA



**IZABEL CRISTINA
AGUIAR FRARE**



**JULIANO STEPH
SCARABEL**

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Jurandir Coronado. **Conquista Espiritual**. A história da evangelização na Província do Guairá na obra de Antonio Ruiz de Montoya, 2002. (1585-1652).

ALVES, Maria Aparecida; ANDRADE, José M. B.; CULTI, Maria Nezilda; DAMASCENO, Júlio C.; MORAIS, Johnnesley de; RODRIGUES, Franciele Santos; SOUZA, João Batista Da Luz; **Produção e comercialização do leite no assentamento. Santa Rita**. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

BASSI, L.; ROCHA, A.; KLEIN, J. C.; MAFRA, W.; **Histórias de famílias de Peabiru-PR**. Peabiru: Kromoset, 2012.

_____, **o Cara da Rua: História das ruas, praças e logradouros públicos de Peabiru-PR**. Peabiru: Kromoset, 2012.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, 191

BOND, **Os caminhos de Peabiru**. Campo Mourão: Kromoset, 2004

CABEZA DE VACA. A. N. **Comentários**. Curitiba: Coleção Farol do Saber. 1995.

CABREIRA, Maria Luiza Rogge; DA MOTTA, Enilda Rocha; FERMINO, Elza Rocha; SANTOS, Denise Ap^a Perón dos; TAKAHASHI, Iracilda Belini; XAVIER, Taiana Consuelo. **Conhecer e Viver Peabiru**. Imprensa Oficial do Paraná. Curitiba. Outubro/2002.

CAMARA MUNICIPAL DE PEABIRU. **Arquivos**. Peabiru, 2022.

CAMARA MUNICIPAL DE CAMPO MOURÃO. **Arquivos**. Campo Mourão, 2022.

CAPITULO PEABIRU N.º 60. **Jubileu de Pérola**. Ordem Demolay de Peabiru. N.º 01, junho de 2017.

CASEMIRO, Sinclair Pozza; **Estudos sobre o Caminho de Peabiru na COMCAM**. Compêndio sobre o Caminho de Peabiru na COMCAM, Campo Mourão, v. 2, p. 10- 25, 2005.

COSTA, Milton Couto; **O mataonça e outras histórias**. Editora Design, 2003.

CAXAMBU. Marcelo Galeazzi. Aspectos histórico-sociais de pequenas cidades da Microrregião de campo mourão - **Bol. geogr.**, Maringá, v. 32, n. 3, p. 69-93, set.-dez., 2014

DUARTE, Silvestre. **Campo Mourão**: da saga dos Pereiras ao eldorado Paraná (1897-1963) Curitiba: Imprensa Oficial, 2017.

IBGE. **Censo demográfico** : dados gerais, migração, instrução, fecundidade, mortalidade I Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. - Rio de Janeiro : IBGE, 1982-1983. 26 v. : tab. - (Recenseamento geral do Brasil 1980.

JÚNIOR, Jair Elias dos Santos. **Roberto Brzezinsky**: semeador de esperança. Curitiba: Edição do autor, 2011.

LARA, João Maria de. **Campo Mourão**: 100 anos de desbravamento (1903-2003) uma homenagem a família Pereira. Campo Mourão: Kromoset, 2003.

MERCER, Luiz Leopoldo. **Edmundo Alberto Mercer: Toca mercer**, um livro só para nós.1978 .

MOTA, Lúcio Tadeu. **As Guerras dos índios Kaingang**: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924). Maringá: EDUEM, 1994.MOTA, Lucio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva; (Orgs.).

PEABIRU. Prefeitura Municipal. **Plano Diretor Municipal de Peabiru**: avaliação temática integrada. 2020.

ONOFRE, Gisele Ramos. **O espaço geográfico mourãoense**: o tempo e sua construção 1 ed. Rio de Janeiro, Albatroz, 2019

PERISSATTO, Emília Bandeira; **Projetos de reforma agrária no noroeste do Paraná**: disparidades estruturais e impactos locais. Dissertação de Mestrado. Orientador : Prof. Dr. Elpídio Serra. Dissertação (mestrado) -

Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração: Análise Regional e Ambiental, 2009.

ROCHA, Arléto. **Caminhos de Peabiru**: história e memória. Dissertação de Mestrado UEM. Hellograph: Curitiba, 2020.

PEABIRU. **Peabiru – PR** - Um Progresso Constante. Prefeitura Municipal de Peabiru. 1979.

SANCHES NETO, Miguel; **Chove sobre minha infância**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

UNESPAR. **Diagnostico de potencialidade local no município de peabiru – paraná 2019**. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão: 2019.

XAVIER, Eolina de Paula. **Poeira Vermelha**. Editora Eletrônica, 2001.